



IHTRGS



FAHIMTB



ACANDHIS

AS BATALHAS DOS GUARARAPES

Descrição e Análise Militar



Cel. CLÁUDIO MOREIRA BENTO

FHE **POUPEX**
3ª Edição



Em consequência da política de responsabilidade socioambiental da Fundação Nacional do Exército, em parceria com a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, temos diante de nós a terceira edição do livro **AS BATALHAS DOS GUARARAPES – DESCRIÇÃO E ANÁLISE MILITAR**, de autoria do historiador Coronel Cláudio Moreira Bento.

Trata-se de um reconhecimento de que os nossos antepassados luso-brasileiros, vítimas de uma invasão estrangeira, venceram uma guerra justa que marcou, desde então, o espírito de luta de nossa Nação. Pela primeira vez a palavra Pátria se fez presente. Em Guararapes nasceu o Exército, que teve sua instituição forma na Constituição brasileira de 1824.

Nas inúmeras fases daquele conflito, especialmente na Insurreição Pernambucana, nossos antepassados demonstraram o propósito de uma nacionalidade de três etnias formadoras – a europeia, a africana e a indígena – unidas voluntariamente no desejo de autonomia e de manutenção de suas originalidades contrariadas por um invasor estrangeiro.

Tal união de propósitos parecia de impossível realização por que o invasor – Holanda (Países Baixos) – possuía elevada experiência militar nas guerra renascentistas da Europa e grande potencial econômico procedente da recém-criada Companhia das Índias Ocidentais. Ressalta-se que a Insurreição Pernambucana esteve em desacordo com a metrópole em Lisboa no período que se seguiu à dominação espanhola (1640) e desobedeceu a ordem para uma trégua de dez anos com o invasor. Assim, dentro das inúmeras contribuições daqueles heróis, podemos apontar a futura unidade nacional e sua integridade territorial, embora ainda sob os cuidados da metrópole, em visível diferença com o que ocorreu na América colonizada pelos espanhóis.

O espírito de Guararapes adquire grande importância em nossa história, permanecendo vivo ao longo dos séculos até os dias atuais. Esse espírito se fez presente quando o Exército participou dos momentos mais importantes da nossa história em todos os quadrantes do território nacional e no exterior.

No Brasil Colônia, defendeu o território de invasões que partiram do mar e construiu e ocupou fortificações para marcar a presença da Coroa portuguesa ao longo das mais distantes fronteiras terrestres.

Na Independência, posicionou-se a favor de um Brasil soberano, consciente da importância de os brasileiros conduzirem o destino da terra onde viviam.

Na Proclamação da República, mais uma vez, esteve ao lado da população no propósito de termos uma forma de governo mais representativa e adequada a um País jovem e sem tradição monárquica.

A jovem República passou por períodos turbulentos no século vinte e sempre contou com o Exército nos momentos mais críticos, com destaque para aqueles nos quais ameaçava à democracia, à liberdade e ao direito de conduzir o nosso destino se fez presente.

Nossos soldados não ficaram restritos ao território nacional. Combateram além das fronteiras. Estiveram na Guerra da Tríplice Aliança, no Teatro de Operações europeu e nas missões de paz sob a égide das Organizações dos Estados Americanos e das Nações Unidas.

Nos dias atuais, o Exército está pronto para a defesa da Pátria: realiza operações de Garantia da Lei e da Ordem, por determinação do Presidente da República, para enfrentar a crise da segurança pública que atinge o País; contribui com o desenvolvimento nacional e realiza ações subsidiárias de apoio à população, com destaque para a Operação Carro Pipa coordenado pelo Comando Militar do Nordeste (CMNE), que busca mitigar os efeitos da seca que atinge a população que vive no semi-árido nordestino.

O legado deixado por Guararapes estimula e impulsiona o Exército no cumprimento de sua missão, sempre atuando como instituição de Estado. O Exército é imprescindível para a existência de uma nação que deseja conduzir de modo soberano seu destino.

Agradeço a honra que me foi conferida pela Fundação Habitacional do Exército, presidida pelo General do Exército Eron Carlos Marques, de prefaciar esta edição.

Cumprimento e demonstro meu apreço ao Coronel Cláudio Moreira Bento, meu instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras, por ter realizado tão importante obra, pois conhecer a história do nosso País é uma obrigação de todos nós brasileiros e, sem dúvida, a riqueza de informações colocadas pelo autor torna mais efetivo este estudo.

Pátria!!!

General de Exército Artur Costa Moura
Comandante do CMNE

AS BATALHAS DOS GUARARAPES

Descrição e Análise Militar

Cláudio Moreira Bento

3ª Edição

Gráfica Drumond
Barra Mansa/RJ
2018

© do autor

1ª edição: 1971

2ª edição: 2004

3ª edição: 2018

Tiragem: 1000 exemplares

Composição da capa: Capitão de Mar- e -Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento. Grande Colaborador da FAHIMTB, IHTRGS e ACANDHIS. A 1ª capa tendo por fundo a pintura de Victor Meireles, e na parte superior os brasões da IHTRGS, FAHIMTB e ACANDHIS, sob cuja égide e publicada a presente edição, o título do livro, a logomarca da FHE-POUPEX, patrocinadora da obra, o nome do autor e 3ª edição. Na 4ª capa a Dinâmica da 1ª Batalha, com 7 quadros do autor da capa, para um vídeo de sua autoria premiado em concurso do Centro de Comunicação Social do Exército (CCOMSEx), em 1998, sobre as Batalhas dos Guararapes, e, os 6 patriarcas do Exército Brasileiro: General Barreto de Meneses, Mestre de Campo Fernandes Vieira, Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso, Mestre de Campo Vidal de Negreiros, Mestre de Campo AD Honor Henrique Dias, Governador dos soldados negros e o Capitão Mor Felipe Camarão, Governador dos soldados Índios, e atrás a igreja N.S. dos Prazeres, mandada construir pelo General Barreto de Meneses.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Avila

Revisão: Manoelina G. F. de Carvalho

Pedidos desta obra:

Academia de História Militar Terrestre do Brasil

AMAN - Av. Presidente Vargas, 442

Campos Elíseos - Resende - RJ - CEP 27542-570

Tel: (24) 3354 3355 r. 5051

email: ahimtbbrasil@resenet.com.br

www.resenet.com.br/users/ahimtb

CIP - CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL NA PUBLICAÇÃO

B4785 Bento, Cláudio Moreira

As Batalhas dos Guararapes: Descrição e Análise Militar. 3ª Edição. – Barra Mansa/RJ: Gráfica e Editora Irmãos Drumond, 2018.

294p.. + Mapas

ISBN: 978-85-63913-91-3

1- História Militar

2- Batalhas dos Guararapes

CDN 355.62

DEDICATÓRIA

À Nacionalidade e ao Exército Brasileiro que possuem suas mais fortes e profundas raízes históricas em Pernambuco, nos Montes Sagrados dos Guararapes, em 2004, ano do 10^o aniversário do Dia do Exército, criado por Decreto Presidencial de 24 de março de 1994, como sendo o dia 19 de abril, aniversário da 1^a Batalha dos Guararapes.

NOTA IMPORTANTE

Ao final do livro encontram-se os esboços das marchas dos exércitos para as Batalhas dos Guararapes, sendo três deles sobre o terreno das batalhas e mais onze sobre o desenvolvimento das batalhas. Os esboços podem ser consultados sempre que indicados no texto para tal, sem serem destacados do livro. Eles são adaptações dos esboços da 1ª edição, realizados inicialmente pelo Capitão de Fragata Carlos Norberto Stumpf Bento, filho do autor, para participar do concurso de sites sobre as Batalhas dos Guararapes, no qual foi colocado em 2º lugar, promovido pelo Centro de Comunicação Social do Exército em 1998, nos 350 anos da 1ª batalha.

Sumário

Abas à segunda edição 1994	XIII
Introdução à presente edição	XIV
Prefácio à presente edição	XVII
Comentário do Eng^o Israel Blajberg	XIX
Comentário do Cel Carlos Roberto Peres	XXI
Estímulo ao autor do Dr Pedro Calmon	XXII
Prefácio à primeira edição	XXIV
Prefácio à segunda edição	XXV
Introdução à primeira edição	XXVII
Alguns comentários à primeira edição	XXIX
Montes dos Guararapes: projeção histórica	XXXVI

Capítulo I

Antecedentes das Batalhas dos Guararapes.....**43**

Causas das invasões holandesas	43
Remotas	43
Imediatas	43
Objetivos dos holandeses	44
Sequência dos principais acontecimentos que antecederam às duas Batalhas dos Guararapes	44
Insurreição Pernambucana	45
Preparativos dos patriotas	46
Início da rebelião	46
Comentário	47

Capítulo II

Primeira Batalha dos Guararapes (19 Abr 1648).....**47**

Antecedentes imediatos	48
Terreno da batalha	48
Descrição	48
Observação	51
Campos de tiro	51
Obstáculos	52
Vias de acesso	52

Acidentes capitais	52
Localização do Boqueirão dos Guararapes.....	53
Comentário	53
Missão	56
Dos holandeses	56
Dos luso-brasileiros	56
Valor militar da decisão luso-brasileira (à luz da Arte Militar Mundial)	56
Bibliografia básica para a descrição da 1ª batalha	59
Forças em presença na 1ª Batalha	60
Holandesas.....	60
Luso-brasileiras.....	61
Análise das forças beligerantes	62
Luso-brasileiras.....	62
a) Organização	62
b) Armamento	62
c) Instrução	63
d) Logística	63
e) Moral (ânimo para luta).....	64
f) Recrutamento	67
g) Estratégia	68
h) Táticas.....	68
Holandesas.....	70
a) Organização	70
b) Instrução	71
c) Logística.....	71
d) Táticas.....	72
e) Moral	72
f) Estratégia	73
g) Armamento	74
h) Recrutamento	75
Marcha para o campo de batalha (Vide esboço Recife).....	76
Holandeses.....	76
a) 1ª Etapa - Dia 17 (Recife–Afogados)	76
b) 2ª Etapa - Dia 18 (Afogados–Leiteria)	77
c) 3ª Etapa - Dia 19 (Leiteria–Guararapes em 1h)	77
Comentário	78
Luso-brasileiros.....	78
a) 1º Conselho de Guerra no Arraial Novo - Linhas de ação	78
b) 2º Conselho de Guerra no Ibura - Linhas de ação ...	80
Descrição da 1ª batalha	82
Desdobramento holandês no Monte do Telégrafo (Esboço 1)	82

Atração dos holandeses ao Boqueirão (Esboço 2)	83
Ataque luso-brasileiro (Esboços 3 e 4)	83
Ataque de flanco holandês (Esboço 5)	84
Manobra luso-brasileira para conter o ataque envolvente holandês (Esboço 6)	85
Estabilidade da frente (Esboço 7)	86
Retirada holandesa	87
Baixas de combate	87
Holandesas.....	87
Luso-brasileiras.....	88
Percentual de baixas sobre os efetivos	88
Luso-brasileiros.....	88
Holandeses.....	88
Presas de guerra (tomadas aos holandeses)	88
Consequências da 1ª batalha	89
Para os holandeses	89
Para os luso-brasileiros.....	90
Primeiro cronista da batalha de 19 Abr 1648 (Lopes Santiago) ...	90
Ataque luso-brasileiro no Boqueirão e Monte Oitizeiro.....	90
Rechacado o 1º ataque holandês no Boqueirão e no monte Oitizeiro.....	91
Numerosos holandeses destruídos nos Alagados que formavam o Boqueirão	92
Ataque envolvente holandês sobre o monte Oitizeiro	92
Ataque de fixação holandês sobre o Boqueirão.....	93
Luta desesperada para manter o Boqueirão	94
Mártires luso-brasileiros no Boqueirão	94
Apesar do cansaço obstinação na defesa do Boqueirão.....	94
Ameaça de cerco dos luso-brasileiros no Boqueirão	95
Após cinco horas de luta os holandeses desistem do Boqueirão	95
Boqueirão após a batalha	95
Exércitos frente a frente	95
Preparação para receber nova investida holandesa	96
Holandeses retiram seus feridos para o Recife.....	96
Debandada dos tapuias aliados dos holandeses.....	96
Preparativos dos holandeses para a retirada noturna	96
Chuva rigorosa nos Guararapes após a meia noite.....	96
Retira-se o inimigo abandonando muitos feridos.....	96
Comentário.....	97
Análise da manobra luso-brasileira	99
Manobra, tipo e forma.....	99
Oportunidade da execução da manobra.....	100
Constantes da manobra de Ruptura.....	100

Variáveis da manobra de Ruptura	100
Falhas da manobra	101
Conclusões	101
Análise da atuação luso-brasileira em face dos	
Princípios da Guerra	102
Objetivo	102
Massa	103
Economia de Meios	103
Ofensiva	104
Segurança (Antes, durante e após a batalha)	104
Manobra	105
Surpresa	106
Unidade de Comando	107
Simplicidade	107

Capítulo III

Segunda Batalha dos Guararapes (19 Fev 1649).....108

Antecedentes imediatos à segunda batalha	108
Bibliografia sobre a segunda batalha	108
Forças em presença	109
Luso-brasileiras	109
Holandesas	109
Personalidades luso-brasileiras	109
Personalidades holandesas	111
Análise das forças beligerantes	111
Comentário	111
Luso-brasileiras	112
a) Armamento	112
b) Instrução	112
c) Táticas	112
d) Logística	113
(1) Alimentação	113
(2) Armamento e munição	113
Holandesas	113
a) Organização	113
b) Armamento	114
c) Estratégia	114
d) Táticas	114
e) Moral	114
f) Adaptabilidade	115

Terreno	115
Missão	115
Dos holandeses	115
Dos luso-brasileiros	115
Marcha para a batalha (Esboço do Recife)	116
Dos holandeses	116
Dos luso-brasileiros	116
Conselho de Guerra (Linha da Ação).....	116
Descrição da Batalha	117
Posições iniciais dos beligerantes no dia da batalha (Esboço 1).....	117
Dos holandeses	117
Dos luso-brasileiros.....	119
Início do retraimento holandês (Esboço 2)	120
Movimentos iniciais	120
a) Dos holandeses.....	120
b) Dos luso-brasileiros	120
Ataque luso-brasileiro (Esboço 3)	121
Desenvolvimento da batalha (Esboço 4)	121
Final de batalha (Esboço 4)	122
Confusão, desordem, pânico e deserção	123
Perseguição (Esboço 5)	123
Baixas de combate	124
Holandesas.....	124
Luso-brasileiras.....	126
Ato de bravura	126
Análise da manobra luso-brasileira	127
Manobra.....	127
Forma, oportunidade de execução da manobra	127
Conduta da manobra.....	128
Análise da atuação luso-brasileira à luz dos	
Princípios da Guerra	128
Objetivo	128
Massa	129
Economia de Meios	129
Ofensiva.....	129
Segurança (Antes e durante a batalha).....	129
Surpresa	130
Manobra.....	130
Unidade de Comando	130
Simplicidade	130
Comentário.....	131
Conclusão.....	131
Consequências da 2ª batalha	131

Restauração de Pernambuco	132
Queda do Recife	132
Consequências	133
O Espírito Sagrado dos Guararapes	134

Anexos

A) Restauradores de Pernambuco Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso	136
B) Estudo para a criação do Dia do Exército Brasileiro	145
C) A localização do Boqueirão dos Guararapes e a presença ou não em batalha de artilharia patriota	150
D) Recife 31 anos depois – Memórias	157
O Recife em 1970/71	157
O Recife em 2002	164
Novas instalações do Exército	165
Visitas culturais	166
Visita ao Museu da Cidade	170
Visita ao Museu do Homem do Nordeste	170
Impressões do Recife	170
Nossa participação na Imprensa de Recife	171
A apresentação do autor no Colégio Militar do Recife em 23 Mai 2002	173
Palavras do Presidente da Academia no Colégio Militar do Recife em 23 de maio de 2002	174
E) Decreto de 24 de março de 1994 - Institui o Dia do Exército Brasileiro	179

Bibliografia sobre as Batalhas dos Guararapes180

Considerações sobre a bibliografia consultada e numerada de 1 a 50	180
Um livro muito especial sobre Guararapes	185
Pinturas sobre as Batalhas dos Guararapes	186
Quadros sem datas de autores desconhecidos	186
Quadros com datas de autores desconhecidos	187
Bibliografia complementar de apoio (atualizada)	187

Posfácio

Posfácio da presente edição	188
Posfácio da 2ª edição	194

Índice das ilustrações

Foto do Monumento da Batalhas no CMB	195
Esboço marcha para as batalhas (Esboço do Recife)	197
Campo das batalhas dos Guararapes (Esboço s/n)	197
Esboços da 1ª Batalha dos Guararapes	199
Desdobramento holandês no morro do	
Telégrafo (Esboço 1)	199
Atração dos holandeses ao Boqueirão (Esboço 2)	199
Ataque luso-brasileiro (Esboço 3)	201
Ataque luso-brasileiro (Ruptura e envolvimento da ala	
esquerda holandesa) (Esboço 4)	201
Ataque de flanco holandês (Emprego da reserva	
luso-brasileira) (Esboço 5)	203
Manobra luso-brasileira para conter o ataque	
de flanco holandês (Esboço 6)	203
Fim da batalha (Estabilidade da frente) (Esboço 7)	205
Esboços da 2ª Batalha dos Guararapes	205
Posições iniciais dos beligerantes	
(na 2ª batalha) (Esboço 1)	205
Início do retraimento holandês (Esboço 2)	207
Ataque luso-brasileiro (Esboço 3)	207
Desenvolvimento e fim da batalha (Esboço 4)	209
Perseguição (Esboço 5)	209

Abas

À SEGUNDA EDIÇÃO 1994

A batalha dos Guararapes tem um significado impar na história do Brasil. É o alvorecer da identidade de um povo, do poder de uma ideia do nascimento de uma nação, do Brasil.

Nas batalhas dos Montes Guararapes, o Brasil português, africano e indígena se uniu em torno de um objetivo: expulsar os invasores holandeses e recuperar a nossa soberania no Nordeste.

Surge a primeira força genuinamente brasileira, fruto do nosso meio e das nossas convicções.

Com uma doutrina militar própria, derrotam o exército holandês em duas batalhas memoráveis, onde prevaleceu o elevado espírito de nacionalidade, por tudo isso, as batalhas dos Guararapes representam o surgimento do espírito patriota, de um exército nacionalista e de uma nação. A obra "As Batalhas dos Guararapes – Descrição e Análise Militar", de autoria do Cel Cláudio Moreira Bento, também tem um grande significado na história militar brasileira e no meu começo de vida como historiador militar. A descrição e análise das batalhas as suas interpretações à luz da Arte Militar (Princípios da Guerra, Manobra e seus elementos, etc.) pelo Cel Bento foi um marco pioneiro na nossa historiografia Militar. Foi a consideração desde autor como um dos grandes da nossa história, que contribuiu significativamente para o estudo e a divulgação de uma doutrina militar genuinamente nossa, vitoriosa nos Montes Guararapes, que ele consagrou como Guerra Brasília. As Batalhas dos Guararapes do Cel Bento, hora reeditada e ampliada, possui um significado especial também para a minha pessoa. Esta obra me chegou as mãos, pela primeira vez, nos finais de semanas calorentos da Califórnia, durante o meu pós-doutoramento na University of Califórnia – Riverside, nos anos de 2001—2002. Nas horas de folga, e enquanto esperávamos a chegada do nosso primeiro filho, Alexandre, a busca por conhecimento a respeito da nossa história militar era sempre prioridade.

Não foi difícil achar na biblioteca da faculdade, a 1ª edição desta obra, do então Major Cláudio Moreira Bento. Daí à leitura, a descoberta do autor na internet, à amizade distante e às longas chamadas internacionais, até o meu retorno ao país, o estreitamento de uma relação de ensino e de trabalho e o começo da admiração.

Deste modo, é com grande Satisfação e entusiasmo que dirijo algumas palavras para resumir a importância desta reedição cheia de significados, deste marco da nossa história militar contemporânea e do início da minha amizade com o Cel Bento.

Dr. Flávio Camargo

Acadêmico da FAHIMTB - Cadeira Gen Souza Docca

Introdução

À PRESENTE EDIÇÃO

Em, 1970, há 27 anos, como novel major de Engenharia, egresso da Escola de Comando e de Estado-Maior do Exército (ECEME) e estagiário no Comando do IV Exército, atual Comando Militar do Nordeste (CMNE), fomos incumbidos por seu então comandante, o Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca, e sem prejuízo de nossas funções, de coordenarmos e orientarmos providências para agilizar a ideia da criação do 1º Parque Histórico Nacional nos Montes Guararapes - empreendimento cívico-cultural em área que fora desapropriada pelo Presidente Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco para preservar os locais das memoráveis batalhas dos Guararapes que ali tiveram lugar em 1648 e 1649. E, complementarmente, produzimos pesquisa histórica sobre as mencionadas batalhas para orientar, com maior segurança, o balizamento daquele sítio sagrado para o Exército onde ele começou.

E pusemos, com muita emoção e paixão, mãos à obra, em empreendimento que a muitos parecia missão impossível. Usando as tardes sem expediente no Quartel General e com a colaboração de órgãos dos ministérios da Agricultura, da Educação e Cultura, do Interior e dos Transportes e dos governos de Pernambuco e Recife, desenvolvemos em equipes interdisciplinares notável trabalho. Este contou com 3 cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e o de universitários brasileiros, integrantes do Projeto Rondon dos Guararapes, vindos de todos os recantos do Brasil e, mais tarde, para a inauguração do Parque, trazendo as bandeiras de seus estados, as quais foram hasteadas juntamente com os pavilhões nacionais do Brasil e de Portugal.

Assim, em 19 de abril de 1971, o Parque Histórico Nacional dos Guararapes por nós coordenado, de fato, como delegado do Comando do IV Exército, foi inaugurado pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, grande entusiasta e apoiador da ideia, bem como lançada discretamente na cerimônia a pesquisa de que fomos incumbidos, na forma de livro intitulado **As Batalhas dos Guararapes, descrição e análise militar**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), 1971. 2v (texto e mapas), com os estimulantes prefácio do Gen Ex Arthur Duarte Candal da Fonseca, Comandante do IV Exército e comentário na 4ª capa de Luís da Câmara Cascudo, grande estudioso da Geografia do Brasil holandês, o qual aprovou o merecido destaque ao mais tarde



Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso, “quando os profissionais de história o esqueceram”.

O livro, com tiragem de 2000 exemplares, foi distribuído às autoridades que assistiram à inauguração e a bibliotecas e universidades brasileiras e estrangeiras da listagem da UFPE tendo sido muito bem recebido pela crítica, conforme os comentários transcritos na presente edição e feitos por sociólogos, acadêmicos brasileiros de letras, jornalistas e historiadores civis e militares de reconhecido saber no tema abordado. Acreditamos que a citada obra tenha provocado outras reações na forma de denominação do Bairro Guararapes da Academia Militar das Agulhas Negras, com os nomes de ruas que incluíram o até então pouco conhecido e muito menos cultuado Antônio Dias Cardoso; denominações históricas de unidades e grandes unidades; abordagem das guerras holandesas na **História do Exército Brasileiro**, em 1972, de que fomos encarregado como historiador convidado pelo Estado-Maior do Exército (EME); introdução do estudo crítico, à luz dos Princípios de Guerra e da Manobra e seus elementos, da 1ª Batalha dos Guararapes no ensino de História Militar na AMAN.

Acreditamos tenha a obra contribuído para a vitoriosa ideia de consagrar o dia 19 de abril, aniversário da 1ª batalha, como - Dia do Exército - e, em consequência, a atual revitalização de sítios históricos em Pernambuco, ligados à Insurreição Pernambucana: Parque Histórico Nacional dos Guararapes, Museu Militar do Forte do Brum, Arraial Novo do Bom Jesus etc.

Na inauguração do Parque também, discretamente, lançamos outro livro de nossa autoria **A Grande festa dos lanceiros**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971, relacionando os Parques Marechal Manoel Luís Osório, no Rio Grande do Sul, e o Histórico Nacional dos Guararapes, ambas ideias do Presidente Emílio Médici.

Ao Exmo Sr Ministro do Exército Gen Ex Zenildo de Lucena, filho de Pernambuco, coube a feliz iniciativa de propor a criação do Dia do Exército, em 19 de abril, aniversário da 1ª Batalha, aprovada por decreto do Presidente da República Itamar Franco, em 24 de março de 1994, bem como a atual revitalização de sítios e o culto de eventos e personagens históricas ligadas às guerras holandesas e em especial à Insurreição Pernambucana (1645-54), tudo em parceria com outras entidades locais, dentro do objetivo atual número 1 de sua administração do Exército do general Zenildo.

“Preservar, divulgar e cultuar as tradições, a memória histórica e os valores morais, culturais e históricos do Exército Brasileiro.”

A presente edição foi expressivamente aperfeiçoada com vistas a marcar os 350 anos da 1ª Batalha dos Guararapes, em 19 de abril de 1998 e, também, o 4º aniversário da criação do Dia do Exército, inspi-

rado naquela memorável 1ª batalha, na qual, segundo o consenso de estudiosos do processo histórico brasileiro, a vitória luso-brasileira foi o marco do despertar do espírito de Exército e da Nacionalidade Brasileira.

Da 1ª edição foram escoimados dados fora do atual contexto e seus enormes mapas, com apoio em levantamentos topográficos com curvas de nível de 10 em 10 metros.

Nesta edição, os mapas foram reduzidos, com os recursos da computação gráfica, a uma página cada, pela colaboração pessoal de nosso filho Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, então servindo na Diretoria de Hidrografia e Navegação da Marinha. Isto tornou possível a condensação dos 2 volumes da 1ª edição num só volume com capa a cores por ele também idealizada, tendo como foco a parte central da tela da pintura mais representativa das batalhas, feita pelo pintor catarinense Victor Meirelles em 1877, a qual popularizou o evento nacional e internacionalmente.

A edição da 2ª edição coube ao acadêmico Dr. Flávio Camargo e ao seu irmão Sgt Sandro Camargo (membro efetivo da AHIMTB), que reduziram os custos de sua publicação entregando-o à gráfica pronto para a impressão.

Dos acréscimos e supressões resultou um só volume, que representa condignamente o 10º aniversário, em 2004 da criação, do Dia do Exército em 19 de abril, aniversário da 1ª Batalha dos Guararapes e também como obra referencial que integra e relaciona a principal bibliografia e autores que trataram do tema nos últimos três séculos e meio.

A presente edição com algumas edições e reformulações, focaliza mais uma vez as batalhas onde o Exército Brasileiro nasceu.

Cel Cláudio Moreira Bento

Historiador militar e jornalista

Presidente e fundador da Federação de

Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB)

Prefácio

À PRESENTE EDIÇÃO



Sinto-me honrado em cumprir o agradável encargo, recebido do velho Amigo Coronel Bento, de prefaciar o livro de sua autoria sobre as batalhas dos Guararapes.

O simples ato de reler as páginas dessa notável publicação é suficiente para reavivar lembranças de um passado muito feliz. Refiro-me àqueles já longínquos dias do ano de 1979, quando meus colegas da Turma Marechal Juarez Távora e eu, então cadetes do 4º ano da Academia Militar das Agulhas Negras, bebíamos nas fontes do conhecimento transmitido por esse dedicado professor e ícone da historiografia militar brasileira. Os feitos dos patriotas nordestinos em Guararapes eram por ele utilizados como ilustração para incutir em nós os permanentes e universais princípios de guerra., ao tempo em que nos alertava para o caráter evolutivo da doutrina militar. Tenho lembrança clara dos ensinamentos do Coronel Bento, de sua ênfase na noção de que a guerra brasílica, travada contra o invasor holandês, antecipara o advento histórico da guerra total, o embate entre povos, que só viria a ser reconhecido como fenômeno capaz de afetar decisivamente a história da humanidade quase um século e meio mais tarde, durante a Revolução Francesa.

Os ensinamentos que nosso professor nos transmitia não eram mera decorrência do conhecimento teórico obtido em livros e enciclopédias ou em salas de aula convencionais. Longe disso, eram baseados na pesquisa de campo, no trato com fontes primárias, no estudo consciencioso e na análise meticulosa dos dados obtidos. Isso acrescentava à nossa formação o gosto pelo entendimento das causas ligadas aos fatos históricos e o estímulo à curiosidade, origem de todo crescimento intelectual autônomo e responsável – atributos essenciais a quem quer que se proponha ser um dia oficial do Exército de Caxias.

O livro “As Batalhas dos Guararapes”, agora em sua 3ª edição, continuará, certamente, a estimular em outras mentes sedentas de conhecer a história da formação da nacionalidade brasileira os mesmos sentimentos que as aulas do Coronel Bento e as duas edições anteriores dessa preciosa obra souberam despertar em seus cadetes.

No grave momento que vivemos, em que os vírus do desânimo e da desesperança, fortalecidos pela sequência de tantas frustrações e desenganos, dedicam-se a corroer o tecido da alma nacional, a leitura

do livro do Coronel Bento servirá como demonstração de que aos patriotas de hoje compete enfrentar com coragem e lucidez as dificuldades de nosso tempo, como fizeram outrora os heróis de Guararapes e da mesma forma que fizeram nossos bravos antepassados em tantos outros momentos difíceis que nosso país atravessou.

Sejam, portanto, minhas palavras a manifestação da gratidão sincera e da administração endereçadas ao autor e a sua obra – obra essa assentada não apenas nas páginas dos livros que escreveu e publicou, nos exemplos de vida que semeou, mas sedimentada sobretudo nos corações, mentes e vocações dos cadetes e alunos que tão bem ajudou a formar. Sejam elas também o veículo de minha humilde menção a tantos outros professores e instrutores que marcaram nossas vidas com o selo indelével do gosto pela cultura, pelo conhecimento profissional, pela história e pelas tradições gloriosas do nosso Exército e da nossa querida Pátria Brasileira.

General de Exército Décio Luís Schons

Comandante da Escola Superior de Guerra

Comentários

A VITÓRIA EM GUARARAPES E A BIO-ENERGIA DO BRASIL

(Comentário de Israel Blajberg acadêmico benemérito da FAHIMTB e Presidente da AMIMT-RJ federada a FAHIMTB)



Em uma perspectiva ampla, os aspectos militares de Guararapes se tornam ainda mais importantes se considerarmos o pano de fundo tecnológico da época. Muito já se escreveu sobre a batalha em si, assim faz-se oportuno abordar um aspecto colateral mas de grande importância estratégica, cujos reflexos são extremamente atuais, quase 400 anos depois.

Nos dias que correm, quando no horizonte já não tão distante o Mundo vê pender cada vez mais próxima, a espada de Dâmoçles da última gota de petróleo ameaçando a Humanidade, concluímos que Stefan Zweig tinha razão, e muita, ao escrever Brasil País do Futuro.

Sim, pois quem possui as maiores extensões de terras férteis do mundo? Quando secaram os campos de petróleo, uma nova OPEP de cana nascerá aqui. Junto com a água doce da Amazônia, a bio-energia vegetal da cana e o bio-diesel nos serão bênçãos divinas na Nova Canaã, ao passarem as últimas amostras do petróleo para os Museus de Ciência.

Já há quase 4 séculos a potência mundial da vez, Holanda, invadiu o Brasil em busca da mesma cana. Naquela época era tão estratégica como hoje, se não para produzir energia, mas até como remédio cobiçado pelo Velho Mundo gelado. Qualquer semelhança com as guerras do petróleo de hoje não é mera coincidência...

A casa de Orange se foi, mas os cristãos-novos, mestres na tecnologia do cultivo da cana e produção de açúcar aqui ficaram nos seus engenhos e prosperaram, com o resultado que todos conhecem. Mal imaginavam que um dia a cana poderia garantir o futuro do Brasil. A história da real contribuição dos cristãos-novos ao desenvolvimento deste país ainda está para ser contada. De como financiaram, construíram e operaram os engenhos de açúcar, comercializando as safras, além dos negócios do pau Brasil, algodão, couro e outros produtos coloniais.

A Inquisição os perseguia com os Visitadores, que vinham especialmente de Portugal. Quantos não foram levados daqui, para serem julgados no Tribunal de Lisboa, sem abjurar a sua fé. Ficou da "Santa Inquisição", o atraso que acarretou para o Brasil com a discriminação terrível, arrestos, confisco de propriedades, determinando a fuga de técnicos capazes, impactando severamente a economia brasileira, quase paralisando a produção e exportação de açúcar e o comércio entre Brasil e Portugal.

Os que ficaram, praticando secretamente a sua religião se espalharam por todo o Brasil. Até aqui perto em Columbandê, São Gonçalo, e na Baixada Fluminense ainda temos vestígios das suas plantações e engenhos de cana. Mas o tempo e o calor tropical os transformaram em cristão-velhos, de quem muitos brasileiros como qualquer um de nós descendem.

Hoje, quando aceleramos um carro flex, é também graças ao descortino daqueles pioneiros. Um monumento histórico em Recife, a antiga Maurícia, é a testemunha silenciosa de que a "Gente da Nação" - de que falava Gonsalves de Mello afinal venceu: a Sinagoga da Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus. Fechada há quase 4 séculos pela intolerância, foi reaberta em 2002.

Quantos hoje estariam cientes de que em suas veias corre um infinitésimo do sangue de um remoto antepassado cristão-novo? E que podem se orgulhar disso?

Um dia foi preciso pagar a peso de ouro com as nossas escassas divisas para trazer em enormes super petroleiros o petróleo que não tínhamos. Hoje somos autossuficientes graças a nossa Petrobras e suas plataformas no mar, e ao álcool da cana.

Não é sem razão que os estrategistas do Primeiro mundo olham para o Brasil. Eles, que nos tiraram a borracha, agora querem a cana... o nosso fato portador do futuro.

Mas a terra fértil e abundante, e a água doce da Amazônia não nos tomarão. Como no passado, nas Batalhas de Guararapes, sabemos defender nossas riquezas se for preciso.

AS BATALHAS DOS GUARARAPES: DESCRIÇÃO E ANÁLISE MILITAR. COMENTÁRIO SOBRE A REEDIÇÃO



É com grande satisfação que apresento este breve comentário sobre o livro “As Batalhas dos Guararapes – Descrição e Análise Militar”, de autoria do Coronel, historiador militar e jornalista, Cláudio Moreira BENTO, fundador e presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil e que chega à sua 3ª edição.

A obra ora reeditada retrata a epopeia de Guararapes, ocorrida na sequência da Guerra da Restauração, após a Restauração da Independência de Portugal em 1640.

A chamada Batalha dos Guararapes foi constituída por dois confrontos, que foram travados entre o Exército da Holanda e os defensores da Colônia Portuguesa no Morro dos Guararapes, na região do atual município de Jaboatão dos Guararapes, na cidade de Recife, estado de Pernambuco. O primeiro embate se deu em 18 e 19 de abril de 1648 o segundo em 19 de fevereiro de 1649.

As vitórias obtidas nos montes Guararapes são consideradas o fato marcante da Insurreição Pernambucana, que pôs fim às invasões holandesas no Brasil.

Em Guararapes surgiu a primeira força genuinamente brasileira, dotada de uma doutrina militar própria, onde prevaleceram as nossas convicções patrióticas de defesa do nosso território e da nossa Nação. Ali em Guararapes como fica bem claro no profundo trabalho de pesquisa do já consagrado autor, responsável por várias obras sobre a história militar terrestre do Brasil, está o berço da nacionalidade brasileira e o embrião do Exército Brasileiro, o Exército de Caxias, Braço Forte e Mão Amiga do Estado Brasileiro.

Assim, congratulo-me com o Coronel Bento por mais uma reedição dessa sua importante obra literária, que traz à luz, para todos os seus leitores, os feitos dos heróis de Guararapes, artífices dos valores da Pátria e do Exército Brasileiro.

Carlos Roberto Peres

Acadêmico e Vice-Presidente da
AHIMTB – Resende – Marechal Mário Travassos.

ESTIMULO AO AUTOR

DO DR PEDRO CALMON à 1ª EDIÇÃO DESTE LIVRO COMO PRESIDENTE DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO

“Ia mandar-lhe parabéns pelo feliz sucesso que foi a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, ao qual deu o melhor de seu primoroso senso patriótico e histórico, quando me chegam seus trabalhos, todos magistrais As batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar e mais A grande festa dos Lanceiros (de Cavalaria do Exército).

Envio-lhe com prazer, não somente o louvor de que é digno, como a palavra cordial de estímulo, para que prossiga neste útil afã.

Considero que já ninguém neste país poderia versar o tema batalhas dos Guararapes, sem lhe bater as portas, pedir-lhe contribuição e beber suas fontes de verdade, sobre o terreno das batalhas, inspirar-se nas suas indicações, abonar os seus critérios analíticos e concluir segundo sua clara e douta lição. Não seria tudo cercar a área, agir o Parque Histórico dos Guararapes, como lugar sagrado. Também se fazia mister iluminar com a luz forte da História este campo santo, o que o senhor fez com sabedoria e amor que honram a cultura e o Exército nacional”. Desejo congratular-me, por intermédio de V. Exa., co, o IV Exército por essa realização, que honra não só a cultura brasileira, como o espírito cívico das Forças Armadas, em comunhão com as glórias autênticas da Pátria. Fazemos votos para que a inauguração se faça com o esplendor adequado. Seria de desejar que houvesse indicações de natureza didática para que, em visita ao campo dos Guararapes, a juventude escolar aprenda no terreno a lição mais bela dos antepassados, na defesa do chão natal, reatando ao mesmo tempo o culto da tradição, sempre tão viva em Pernambuco. Para qualquer colaboração que desejem os organizadores, esta velha Casa se põe inteiramente à disposição. Antecipamos a V. Exa. os aplausos com que o plenário do Instituto tomará conhecimento do que nos informa; e nos servimos do ensejo para enviar-lhe, e à Coordenação incumbida dos trabalhos, atenciosos cumprimentos. Pedro Calmon.

Dou por recebida a sua importante comunicação de 10 do corrente. Muito nos alegrou que participasse do Concurso Nacional para a escolha do monumento a ser erigido nos Guararapes o nosso companheiro

Jordão Emerenciano, ao lado de José Antonio Gonsalves de Mello. Sem dúvida, e com muito prazer, a Revista Instituto se ocupa do tema que o Parque Nacional Histórico sugere e, neste sentido, aguardamos ansiosos o resultado das pesquisas de campo, que tratam sempre novos subsídios à conhecida verdade documental, quero, outrossim, cumprimentá-lo pelo brilhante estudo sobre o Gaúcho Primitivo. Junto ao seu precioso estudo sobre as batalhas dos Guararapes, recomenda o seu nome ao respeito dos especialistas da História pátria, a quem comenta falando das glórias do Norte e do Sul do Brasil, tal o serviço que tem prestado às letras históricas Pernambuco, sem deixar ao abandono as tradições do seu admirável rincão riograndense. Formulamos sinceros votos pela prosperidade de seus trabalhos, sobretudo pela beleza da inauguração do Parque, obra pioneira, que atendendo à história militar, sensibiliza a consciência cívica dos brasileiros. Acabo de vir da Bahia, onde o Governador Luiz Viana inaugurou a 8 de março outro Parque dessa espécie, também preconizado pelo Presidente Médici, o de Castro Alves. Ficou muito bom, na sua simplicidade. Constitui desde logo um modelo, para a comemoração de personagens ilustres do Passado. Já o dos Guararapes, nas suas vastas proporções, representa a gratidão dos Brasileiros pelas três raças que ali se arregimentaram para manter íntegro o país. Oxalá que a inauguração corresponda a esta expectativa, satisfazendo a quantos nela se empenharam, na primeira linha o Major Cláudio Moreira Bento, Coordenador Assistente da Construção. Queira aceitar as minhas renovadas congratulações e cumprimentos cordiais.

Rogo ver na minha História do Brasil, edição José Olímpio em 7 tomos, os capítulos alusivos aos Guararapes, pois os considero ótimas tentativas de restauração o da verdade, quanto a indumentária e a topografia, os desenhos de Watch Rodrigues que ilustram...’ (Dr. Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras. Carta Rio de Janeiro, 17 de maio de 1971 (há 47 anos).

Prefácio

À PRIMEIRA EDIÇÃO

O livro do Major CLÁUDIO MOREIRA BENTO, intitulado "AS BATALHAS DOS GUARARAPES", é de muito fácil apresentação, pois mostra ser um trabalho metuculoso e cuidado; seu autor tem elevada acuidade histórica, pouco comum em historiadores jovens.

O enquadramento das Batalhas, no quadro estratégico da época, é perfeito: o quadro tático e o desenrolar de cada batalha são judiciosamente descritos.

O estudo - introdutório às batalhas, do terreno, da missão, dos meios e da doutrina -, feito em moldes bem modernos e sob técnica atualizada, é muito objetivo e concludente; apesar dos naturais riscos de uma tal técnica, o estudo mantém intacto o sentido histórico e não incide em nenhum anacronismo de narração.

A análise crítica das batalhas, feita em moldes cartesianos, é sóbria, imparcial e convincente.

O ponto mais alto do livro é, acreditamos nós, o estudo do terreno das batalhas. A identificação do terreno das batalhas tem sido muito controvertida, com muitas discrepâncias entre os historiadores das duas Batalhas. O Major BENTO tomou a peito dirimir, de uma vez por todas, as numerosas dúvidas existentes e o conseguiu de forma magistral e irretorquível, após demoradas e cuidadosas pesquisas.

A par dessas características de técnicas histórica, o autor mostra, ao longo de sua narrativa, vazada em linguagem escoreita, uma intensa vibração patriótica: é um sulista que, vindo ao NORDESTE, se apaixona e se empolga, desde logo, pela epopeia vivida por nossos maiores, e procura, empenhando-se de corpo e alma, revivê-la, narrando as ações heroicas de luta contra o invasor.

É um livro de alto valor histórico e substancial contribuição ao culto do civismo de nossa gente.

Gen Ex Arthur Duarte Candal Fonseca

Comandante do IV Exército

Prefácio

À SEGUNDA EDIÇÃO



A história da humanidade é feita, pontualmente ou não, através dos acontecimentos mais importantes dos grupos sociais, dos povos e das nações em geral.

Assim, a história de cada grande nação é marcada por pontos de inflexão, ou seja, grandes acontecimentos em que o curso da sua vida política, econômica, psicossocial, militar e/ou tecnológica muda de direção. Geralmente são as aspirações do povo, ou das lideranças, ou de ambos, os agentes dessas transformações.

Muitos desses acontecimentos afetam o mundo todo, não ficando circunscritos às fronteiras do país cenário. Somente como exemplo, na fase da História Moderna, podemos citar o Descobrimento da América, a Era das Grandes Navegações, a Reforma Religiosa, o Concílio de Trento, a Independência dos EUA, a Revolução Francesa, a Era Napoleônica, a Revolução Industrial e tantos outros.

No nosso Brasil não foi diferente.

Ao lado do próprio Descobrimento, das Capitânicas Hereditárias, dos Governos-Gerais, da União das Coroas Ibéricas; da conquista da Amazônia por Pedro Teixeira; do Tratado de Madri, da Independência, da República, entre outros fatos importantes, temos as Guerras Holandesas, ou Guerra do Açúcar, tratada também como a nossa Guerra dos Trinta Anos, ocorrida entre 1624 e 1654 no Nordeste Brasileiro, contra a ocupação holandesa.

No contexto do conflito, no qual surgiu uma doutrina militar genuinamente luso-brasileira desenvolvida contra o invasor, a Guerra Brasília, destacaram-se dois eventos que caracterizaram um ponto de inflexão importantíssimo da nossa História: **as Batalhas dos Guararapes.**

Longe de significar somente vitórias militares, as batalhas tiveram uma dimensão muito maior. Representaram a libertação de um povo oprimido pela exploração econômica. Mas não apenas isso. Foi também uma luta pela raça e pela defesa da Fé Católica.

A vitória luso-brasileira nos Guararapes teve dimensão nos quatro campos do Poder: político, econômico, psicossocial e militar. No campo militar, significou a formação da primeira ideia de Força Armada genuinamente nativa, com a gestação de uma doutrina própria, a Guerra Brasília, que provou ser eficiente.

A projeção dessas vitórias ultrapassou os limites do nosso terri-

tório chegando, principalmente, à Europa, ainda um continente impregnado pela mentalidade colonizadora - exploratória.

Guararapes, em outras palavras, foi um brado ao mundo, anunciando que o chão já tinha dono. Neste aspecto, ultrapassou a subserviência à Metrópole, mostrando que a terra já tinha personalidade própria.

A presente obra, em sua 2ª edição, resgata os acontecimentos que precederam as batalhas, descreve e analisa, pioneira e militarmente as mesmas, com exatidão, à luz da Arte Militar (Princípios de Guerra, Elementos de Manobra, etc), e incursiona pelas consequências, destacando o papel dos personagens, nossos heróis de antanho.

Altamente significativos são os comentários, em relação à 1ª edição, de pessoas de sabida cultura histórica e de projeção cultural nacional, o que valoriza sobremaneira o trabalho do Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil, Cel Cláudio Moreira Bento.

Finalmente, o espírito de Guararapes é necessário na época atual, em que enfrentamos ameaças potenciais à outra região do país, a Amazônia. O mesmo denodo que houve nas Guerras Holandesas será necessário agora, e no futuro próximo. Com o espírito na Amazônia, não esqueçamos as lições de Guararapes, que foram recordadas pelo Visconde de Porto Seguro para motivar os soldados brasileiros que combateram na Guerra da Tríplice Aliança e, na 2ª Guerra Mundial, pelo General Mascarenhas de Moraes, o comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que, nos Montes Guararapes buscou inspiração e motivação para si e para seus soldados, antes de partir para a Itália, e que, ao retornar vitorioso, depositou os louros da vitória nos montes Guararapes.

Luiz Ernani Caminha Giorgis

Delegado da AHIMTB/RS

Delegacia Gen Rinaldo Pereira da Câmara

Introdução

À PRIMEIRA EDIÇÃO

Ao estudar-se a formação da nacionalidade brasileira e as unidades territorial e espiritual do Brasil, não existe, por certo, capítulo mais importante, significativo e decisivo de nossa história Pátria a contribuir para esta formação e unidades, bem como ser fonte eterna de inspiração do civismo nacional, do que o da Insurreição Pernambucana e, como parte dela, as memoráveis batalhas dos Guararapes, que serão tratadas com detalhes neste trabalho.

Sendo o civismo o vigor moral de um povo, neto da História e filho da Tradição, nada mais justo do que recordar à Nacionalidade e ao Exército Brasileiro as mensagens cívicas perenes que aquelas batalhas nos transmitem.

E a oportunidade de recordação surgiu quando o Exmo Sr. Presidente da República Federativa do Brasil, Emílio Garrastazu Médici, anunciou, em 10 de maio de 1970, em Osório- RS, por ocasião da inauguração do Parque Histórico Marechal Manoel Luiz Osório, seu desejo de inaugurar para breve o Parque Histórico Nacional dos Guararapes, "como ato de civismo", este, mais do que nunca, tão necessário ao Brasil.

Foi precisamente nas batalhas dos Guararapes que, no passado, o Visconde de Porto Seguro (Varnhagen), buscou inspiração para, através de um livro sobre a Insurreição de Pernambuco, levantar o moral nacional, abatido ante as dificuldades encontradas nos dois primeiros anos da Guerra do Paraguai.

No livro, o Visconde procurava mostrar à Nação que se mobilizava, quão maiores e ingentes foram as dificuldades e sacrifícios vencidos pelos desamparados patriotas do Nordeste, na luta contra o invasor holandês.

Igualmente, o então General Mascarenhas de Moraes, antes da partida para a Itália, durante a cerimônia cívica de transladação dos restos mortais de Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros para a Igreja de N. S. dos Prazeres, procurou motivar seus futuros comandados da FEB com o "Espírito de Guararapes". Ao retornar vitorioso da Itália, depôs os louros da vitória nos Guararapes.

As mensagens cívicas dos Guararapes, que inspiraram no passado o Brasil na guerra, deverão inspirá-lo na "Batalha do Progresso".

Neste trabalho é tentado, pela primeira vez, um ensaio de análise militar das manobras nas duas batalhas, bem como a análise destas à

luz dos “Princípios de Guerra”, consagrados pelo pensamento militar moderno, além de situá-las e estudá-las no contexto da História Militar Mundial.

Assim, procuraremos mostrar que elas contêm ideias militares precursoras que somente foram praticadas em toda a sua plenitude um século e meio após, por Napoleão, e codificadas por Clausewitz, além de, como guerra de patriotas, ter se verificado 144 anos antes da batalha de Valmy, que assinala, historicamente, “o fim da guerra dos reis e início da guerra dos povos” (Marechal Foch).

Constituiu preocupação metodizarmos o trabalho no texto e na parte gráfica, com visitas a torná-lo o mais acessível possível ao leitor não especializado em assuntos militares, para que este possa sentir em toda a extensão a grandeza e projeção destes feitos de armas memoráveis dos luso-brasileiros nas duas batalhas dos Guararapes.

As demais contribuições do presente trabalho, que o leitor interessado as conclua e as julgue.

Cláudio Moreira Bento

Comentários

ALGUNS COMENTÁRIOS À 1ª EDIÇÃO DAS BATALHAS DOS GUARARAPES

De historiadores militares brasileiros

“Li de um só fôlego e com apurado interesse o seu livro **As Batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar**. Penso que nesta obra o senhor se consagrou definitivamente como historiador militar. O livro é um primor de clareza e objetividade. As descrições são escorreitas e nítidas. A análise, sempre séria e bem fundamentada em sólidos conhecimentos históricos e profissionais. As conclusões, abalizadas e irrefutáveis!

Os esboços anexos fornecem uma ajuda extraordinária aos estudiosos de História Militar. São “esboços falantes” e ajudam a compreensão topo-tática das situações vividas. [...] A força de sua pesquisa meticulosa repõe na história, no lugar de destaque que ele ocupou nos acontecimentos, esse soldado regular, um dos poucos militares profissionais entre os tantos guerreiros formados na necessidade da luta o Sargento- Mor Antônio Dias Cardoso...”

(Carta do Gen Carlos de Meira Matos ao autor, de Natal-RN, em 10 Jun 1971 e então sede do Comando da Infantaria Divisionária da 7ª DI)

“Li com muita atenção e agrado a sua **As Batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar**. Apesar de se tratar de assunto que também já pesquisei, nele encontrei novos aspectos e imagens de muito interesse, que o seu espírito imaginoso e poder de dialética conseguiram configurar no quadro tumultuário, mas heroico, das lutas sustentadas pelos luso-brasileiros contra os holandeses.[...] Felicito-o pelo que já fez e espero que prossiga porque os seus trabalhos têm a marca inconfundível do talento e vocação do legítimo historiador militar...”

(Gen Antônio de Souza Junior, chefe da Sessão de História da FEB e autor do clássico Do Recôncavo aos Guararapes).

“Trata-se do mais completo trabalho histórico- militar sobre as duas Batalhas dos Guararapes. O autor soube valorizar as fontes pertinentes, analisou-as com critério e de modo cabal e interpretou-as devidamente, com lógica e boa fundamentação topo-tática e histórica. Elaborou para a boa compreensão de parte dos leitores uma coleção de esboços que enriquecem o trabalho e com apoio num levantamento de curvas de níveis de 10 em 10 metros que solicitou ao Ministério da Agricultura para a construção da Parque Histórico Nacional dos Guararapes cuja coordenação lhe esteve afeta.[...] O trabalho do Major Cláudio Moreira Bento está fadado a servir de base a um roteiro de turismo cultural, tendo por fim o conhecimento dos locais ligados aos dois grandes feitos das armas luso-brasileiras, em 1648 e 1649, destino que lhe atribuímos dada a objetividade de que a obra se reveste.”

(Parecer da Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército, em 29 Abr 1971, por seu presidente Cel Francisco Ruas Santos)

“...Como historiador e soldado de formação, muito apreciei o seu trabalho de trazer de tão longe no tempo, para o Brasil de nossos dias, como fruto de exata pesquisa, esse encontro do Rio Grande do Sul, do General Osório, com o meu Nordeste dos Guararapes em seus excelentes **A Grande Festa dos lanceiros** e **As Batalhas dos Guararapes**, lançados na inauguração do Parque Nacional dos Guararapes, em 19 de abril de 1971.

Nos montes Guararapes, onde combateu a figura de Vidal de Negreiros, paraibano de nascimento, assinou como pernambucano a Ata de Rendição dos holandeses na Campina do Taborba...”

(Gen Ex Aurélio de Lyra Tavares, Embaixador do Brasil na França, em carta ao autor, de Paris, em 30 Nov 1971)

“...Parabéns pelo seu belíssimo trabalho: **As Batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar**. Sinceramente penso que foi mais feliz de que todos os outros militares que abordaram o assunto no que se refere à organização, método e objetividade...”

(Major Fernando Maia Pedrosa, instrutor de História Militar da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, em carta de 31 Ago 1971)

"...**As Batalhas dos Guararapes** e *A Grande festa dos Lanceiros*, de autoria do Major Cláudio Moreira Bento, vieram engrandecer a Biblioteca do Batalhão por se tratarem de obras dignas dos maiores elogios e necessárias ao conhecimento da História Pátria ..."

(Ten Cel Virgílio Veiga, Comandante do 3º Batalhão de Engenharia de Combate, em Cachoeira do Sul, em ofício de 8 Jun 1971 à UFP)

De historiadores e intelectuais brasileiros

"...Ia mandar-lhe parabéns calorosos pelo feliz sucesso que foi a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, ao qual deu o melhor de seu primoroso senso patriótico e histórico, quando me chegam seus trabalhos, todos magistrais, **As Batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar** e mais **A grande festa dos Lanceiros**.

Envio-lhe, com prazer, não somente o louvor de que é digno, como a palavra cordial de estímulo, para que prossiga neste útil afã. Considero que já ninguém neste país poderá versar o tema batalhas dos Guararapes sem lhe bater à porta, pedir-lhe a contribuição e beber nas suas fontes de verdade, sobre o terreno das batalhas, inspirar-se nas suas indicações, abonar os seus critérios analíticos e concluir segundo a sua clara e doura lição. Não seria tudo, cercar a área, erigir o Parque Histórico dos Guararapes, como lugar sagrado. Também se fazia mister iluminar com a forte luz da História este campo santo, o que fez, com sabedoria e amor que honram a Cultura e o Exército Nacional ..."

(Dr. Pedro Calmon, Presidente do Instituto Histórico Brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras. Carta, Rio de Janeiro, 17 Mai 1971)

"...O Major Claudio Moreira Bento dedica-se a uma campanha de obstinação e patriotismo: divulgar os episódios históricos basilares de nossa personalidade coletiva na dimensão do Tempo; expor no turbilhão da hora presente (abril 1971), as raízes permanentes do Brasil real e vivo. Todos os elementos foram revisados pelo brilhante pesquisador (...) reassignando os fundamentos eternos do Povo Brasileiro. Não nos parecem suficientes as noções estudadas no curso

ginasial e apagadas na maturidade. É indispensável que algumas datas e fatos sejam presenças em nossas memórias, como os nomes dos pais e o local de nascimento. De quem viemos e onde nos incorporamos à amada Terra do Brasil. Não uma leve referência, mas uma consciência alta e nobre de nossa existência nacional. Ninguém vive sem a emoção nacionalista ou nativista. Quando não ama a sua Pátria, devota-se à Pátria dos outros! Confiar no Brasil é uma mentalidade decorrente de raciocínio e verificação. Nós descendemos de seus construtores. O Major Cláudio Moreira Bento bate-se na extrema dessa linha ofensiva. Com as armas da inteligência e do comunicante amor. Com tenacidade, alegria, esperança! Na presente obra **As Batalhas dos Guararapes -Análise e descrição militar**, estuda, com exaltação intelectual, com vibração gaúcha a serviço da Unidade Nacional, as batalhas de 19 de abril de 1648 e 19 de fevereiro de 1949. Se essas batalhas fossem perdidas pelo General Francisco Barreto de Menezes, a História do Brasil seria completamente diversa. Guararapes vale Aljubarrota!

(Luís da Câmara Cascudo, professor emérito da UFRGN, Grande Oficial do Mérito Militar. Transcrito da 4ª capa da 1ª edição desta obra)

“...Seu livro **As Batalhas dos Guararapes -Análise e descrição militar** vale pelo copioso material que acumulou e pela coordenação que lhe deu como escritor. A reconstituição dos ambientes e o ritmo dos acontecimentos dão a medida do que representou esta epopeia. Mesmo a parte técnica militar é animada de um sopro empolgante.

A sua longa pesquisa inovou o estudo, elucidando alguns pontos ainda obscuros desse monumental episódio de nossa história militar: As batalhas dos Guararapes. Cordialmente...”

(José Américo de Almeida, membro da Academia Brasileira de Letras e autor do clássico A Bagaceira. Carta de João Pessoa, 23 Jun 1971)

“... o major Claudio Moreira Bento -gaúcho pernambucano, pois vivendo pouco mais de um ano em Pernambuco, foi como se tivesse vivido mais de um século tal a sua integração nos temas de nossa história.[...] O seu estudo é minucioso, exato, metódico, e ilustrado

com 14 mapas. Todos os capítulos acham-se marcados pela chama do historiógrafo [...] que dando o maior apreço aos que o antecederam na reconstrução dos episódios, acrescenta a sua própria contribuição aos depoimentos deles, tanto na identificação do terreno das batalhas como na sua análise. E esse trabalho, **As batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar**, foi agora realizado pioneiramente em confronto com as diretrizes da guerra moderna...”

(Mauro Mota, membro da Academia Brasileira de Letras e dirigente da Fundação Joaquim Nabuco, em O Jornal, Rio de Janeiro, 3 Jul 1971)

“...No livro **As Batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar**, o autor fez um estudo completo, exaustivo, creio que mesmo definitivo da maneira como as três raças agiram de armas às mãos para derrotar o invasor. Não tínhamos uma força organizada, poderosa, como a que vinha da Holanda para sustentar um domínio que não condizia com a nossa índole.[...] O Major Cláudio Moreira Bento, com esboços esclarecedores, nos vai mostrando as sequências das duas batalhas memoráveis, analisando militarmente um fato que não é apenas histórico, porque traz consigo -no seu bojo -uma tática de guerra que foi o começo da nossa organização militar. Lendo o seu trabalho, que é magnífico, como os de Jordão Emerenciano, sente-se melhor, mais profundamente, o valor de nossa gente, a nossa imaginação, a nossa maneira de fazer diante da invasão que, de resto, se colocava nos melhores lugares, certa de que agia para vencer. Esta é uma esplêndida página de nossa arte de defesa. [...]O Major Bento historiador esgota a matéria. Seu livro deve estar nas bibliotecas, universidades: é uma cartilha cívica ...”

(Nilo Pereira, da Academia Pernambucana de Letras e Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico de Pernambuco, em Notas Avulsas do Jornal do Comércio, Recife, em 28, 29 e 30 Abr 1971)

“...Ao sensibilizar-me com as comemorações da Batalhas dos Guararapes -para cujo brilho concorreu o Major Claudio Moreira Bento, autor do bom estudo técnico das famosas batalhas [...] sensibilizou-se o povo rústico e mesmo analfabeto que tomou conhecimento ou

participou das comemorações. [...]As comemorações evidenciaram que antes de Pelé, Roberto Carlos [...] existirem houve Vidal de Negreiros..."

(Gilberto Freyre, orador na inauguração Parque Nacional dos Guararapes, no Diário de Pernambuco e Associados, em 30 Mai 1971)

"...Agradeço o bom proveito que fez de nossos modestos trabalhos sobre as Batalhas dos Guararapes, sobre os quais faltava um estudo analítico militar à luz da Arte da Guerra, feito por soldado profissional, o que o amigo realizou com competência e maestria, pioneiramente, manejando muito bem conhecimentos que aprendeu na Escola de Estado-Maior do Exército onde acabou de formar-se ..."

(Jordão Emerenciano, Diretor do Arquivo Público de Pernambuco, em carta ao autor de 30 Abr 1971)

"...**As Batalhas dos Guararapes - descrição e análise militar** é o título do excelente trabalho do major Cláudio Moreira Bento [...] pesquisador da melhor categoria, que pode ser considerado, hoje, um dos mais autorizados mestres de História Militar do Brasil, com especiais incursões sobre o passado do Rio Grande do Sul, de que é natural, e, de Pernambuco, objeto, ambos, do seu crescente interesse de historiador paciente e veraz. Li o seu trabalho sobre Guararapes com o mais vivo prazer espiritual, sentindo o quanto se dilatava o meu coração de brasileiro e de pernambucano, diante dos feitos daquele bravo e invencível Exército Libertador, que firmou, definitivamente, a Unidade Territorial e técnica do Brasil. O desenvolvimento das duas batalhas, contado por um honesto historiador, que também é soldado, que sobretudo soube amenizar as dificuldades militares de ordem técnica, com o relato claro, em estilo literário leve e ameno, o que tornou o trabalho realmente digno do mais profundo interesse do leitor leigo.[...] Aqui fica o aplauso de um brasileiro ao autor que tão bem entendeu aqueles homens duros e desajudados, que escreveram a mais alta página de brasilidade, neste vasto território brasileiro sob ameaça de se dividir em diversos brasis..."

(Leduar Assis Rocha, em "Crônica da Cidade", no Jornal do Comércio, Recife, 15 Jul 1971 e historiador membro dos Institutos Arqueológico Geográfico e Histórico de Pernambuco e Histórico e Geográfico Brasileiro)

“...O interior do Panteão Nacional por excelência, monumento maior, expressivo e valioso dos Guararapes - A Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres [...] está sendo o lugar mais adequado em que Pernambuco, através de crianças, jovens, estudantes e amigos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional viessem agradecer, em homenagem íntima, quase familiar, bem da alma pernambucana, a um bravo dos Pampas - o Major Cláudio Moreira Bento, autor de **As Batalhas dos Guararapes - Análise e descrição militar** e que além de tudo muitíssimo fez em favor da implantação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

O Sr. Major Bento foi a chama permanente que aqueceu e fez eclodir nesta obra já magnífica o ideal anteriormente sonhado por outros bons patriotas. A sua capacidade de mobilizar, convocar, congrega, selecionar e incentivar em nós o dever de reverenciarmos o “nosso passado”, enaltecendo os nossos heróis está aqui comprovada, de maneira indiscutível, na concretização deste Parque Histórico Nacional dos Guararapes e no seu livro **As batalhas dos Guararapes** citada ...”

(Parte de oração do Eng. Ayrton de Almeida Carvalho, chefe do 1º Distrito do Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional e historiador membro do Instituto Arqueológico Geográfico Histórico de Pernambuco, em 10 Jun 1971 no interior da Igreja, em presença de meninos e meninas pernambucanas; do historiador José Antônio de Mello Neto, presidente do IAGHPE; do Diretor da Escola de Arquitetura; do irmão Quiliano, zelador do Santuário; da professora Maria Elisa Vegas Medeiros, professores e crianças pernambucanas)

Das crianças pernambucanas

“...O sentimento ora imperante em nós tem o sabor moral e afetivo, carinhoso e terno, e volta-se para um homem do presente ligado a estes lugares pela sua capacidade de historiador, de mestre e, sobretudo, pela sua vocação de soldado brasileiro, consciente de seu verdadeiro papel de continuador das obras de Antônio Dias Cardoso e do Duque de Caxias, figuras exponenciais de soldado, cujas obras nobilitantes foram, integralmente tocadas pelo sentido de união e de paz. Aprendemos a conhecê-lo, na leitura de seu livro **As batalhas dos Guararapes** [...] feita ao lado de nossa professora Maria Elisa Viegas, cujos grisalhos cabelos não lhe impedem uma alma da idade da nossa [...] Foi assim que o descobrimos e o seu interesse e dedicação ao Par-

que dos Guararapes [...] Daí o nosso gesto em lhe homenagear, neste santuário votivo, penhor de fé que documenta a nossa glória de país livre[...]Obrigado por tudo, Mestre Major Bento, lhe dizem sinceramente todos os meninos e meninas de Pernambuco...”

(Oração do aluno Moisés, do Grupo Escolar Felipe Camarão, em 10 Jun 1971, às 16 horas, no interior da Igreja N. S. dos Prazeres dos Guararapes)

Montes dos Guararapes

(PROJEÇÃO HISTÓRICA)

“Estes montes Guararapes alcançaram perpétua fama e nome, assim nestes tempos como nos futuros, por suceder neles a batalha que iremos relatando, e pela que sucedeu daí a dez meses, as quais foram as maiores batalhas campais e de mais gente, e mais sanguinolentas que houve nestas capitanias de Pernambuco e Estado do Brasil, e se disser que na América, poderá ser que não me engane, porque outras muitas ocasiões tinham sucedido de maior importância, pois foram meios de sucederem estas que foram obradas com a mesma gente e cabedal.”

(Diogo Lopes Santiago. História da Guerra de Pernambuco - cronista contemporâneo das batalhas)

“Montes Guararapes até agora o lugar mais memorável na História Militar do Brasil”.

(Roberto Southey. História do Brasil.1862)

“...Vencedores dos holandeses que tinham vencido espanhóis, algum tempo os senhores de Portugal, os patriotas de Pernambuco sentiam-se um povo - um povo de heróis...”

(João Capistrano de Abreu)

“Os Patriotas venceram em toda a linha. Era este para Portugal um sério aviso, o fato de haver a colônia feito mais que a metrópole num ponto crucial como este, e haverem conseguido, praticamente abandonados pela mãe pátria, vencer a guerra que esta não pudera sustentar. Impavam de orgulho os colonos. Eram eles os vencedores e haviam provado serem iguais aos portugueses da Europa. No Brasil, nasceu e iniciou seu desenvolvimento um sentimento nacional...”

(Pandiá Calógeras, Historiador e ex Ministro da Guerra do Brasil)

“Nenhum lugar mais brasileiro, nenhum outro recanto em que o espírito militar se vincule mais à tradição da nacionalidade do que GUARARAPES, para a Força Expedicionária Brasileira apresentar, no regresso à Pátria, a sua saudação ao glorioso Exército, a que tem a honra de pertencer, aos camaradas da Marinha e da Aeronáutica a sua reverência ao Brasil.

Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da Nação Brasileira.

Daqui ela partiu e já atravessa mais de três séculos, passando vitoriosamente pelo Passo do Rosário, por Montes Caseros, lançando-se de Lomas Valentinas a Monte Castello, Castelnuevo, Montese e Fornovo.

“Na qualidade de Comandante da Força Expedicionária Brasileira, deponho no campo de Batalha dos GUARARAPES os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra as tropas germânicas, nos campos de batalha do SERCHIO, dos APENINOS e do VALE DO PÓ.”

(General Mascarenhas de Moraes - Comandante da FEB. Trecho de discurso pronunciado nos Montes Guararapes, em 9 de julho de 1945, de passagem pelo Recife, proveniente do Teatro de Operações da Itália)

“Os homens que se bateram na Guerra Holandesa e que tanto contribuíram para a grandeza territorial, unidade política e de língua e religião do Brasil de hoje, não podiam sequer pensar nas transformações mentais que o futuro impôs às sucessivas gerações de nativos, que se perpetuariam nas terras que estavam sendo disputadas a mão armada.

Os luso-brasileiros da Guerra Holandesa amaram a terra brasileira com o mesmo ardor com que hoje a amamos e por ela deram tudo de seu, até a própria vida...”

(Gen Francisco de Paula Cidade)

“Nas duas batalhas dos Guararapes, escreveu-se a sangue o endereço do Brasil: o de ser um Brasil só, e não dois ou três. O de ser um Brasil fraternalmente mestiço, na raça e na cultura, e não outra República Sul-Americana asperamente nativista ou agressivamente antieuropeia... Foi Guararapes a primeira de uma série de batalhas pela nossa definição e pela nossa sobrevivência, como tipo extra europeu, embora de modo nenhum antieuropeu, de cultura, e como um novo tipo de democracia não somente como principalmente social; e não somente social como étnica.”

(Gilberto Freire - Trecho de discurso pronunciado na Câmara Federal como Deputado Federal, publicado no Diário de Pernambuco, de 22 de abril de 1948)

“Em pleno século XVII, longe dos campos de batalha da Europa, já se fazia no Brasil guerra de destruição do inimigo, mercê da inteligência, vivacidade e intuição dos bravos chefes militares do Arraial Novo do Bom Jesus, que, durante quase dez anos ininterruptos de luta implacável, combateram, sem desânimo, e venceram, com honra, um dos melhores exércitos da época...”

(Gen Antônio de Souza Jr.)

"A Guerra Holandesa, além do surto de uma tática particular ao nosso terreno, forjou uma alma nacional evidentemente autônoma. Alma com características próprias e melhor definida. Merece destaque a fusão de raças que se processou e, sobretudo, a influência da mulher, que desempenhou, então, por seu heroísmo e estoicismo, não raro excepcionais, e pelos estímulos morais que emprestou, um papel relevante ainda não estudado a fundo..."

(Cel Cav João Batista Magalhães)

"Em Guararapes, confirma-se de modo irretorquível o valor dos processos de combate, já então fundamentalmente brasileiros, e resultados de longa interação da técnica europeia e da tática indígena. Mais ainda: venciam a notável agilidade, a provada bravura e a desnorteante flexibilidade dos que, nascidos e criados no meio brasileiro, com ele perfeitamente identificados, nele haviam se exercitado através da longa e cruenta luta contra os invasores. Finalmente, no dia 19 de abril de 1648, venciam homens que, ligados entre si por costumes, lealdades e sacrifícios mútuos nas lutas holandesas, continuavam, apesar de todas as disparidades e divergências, a caminhar unidos na mesma trilha que levava fatalmente ao BRASIL NAÇÃO..."

(Cap Francisco Ruas Santos em "Guararapes primeira vitória militar do Brasil", Revista do Clube Militar. n.88, 1948)

"Guararapes, nos seus montes sonoros, estende para longe, para 1630, o início da compressão que ali foi sublimada. Nos tambores, dizem as versões de Guararapes, nos tambores da História Civil e Militar, a batalha se reacende, viva e nobre, contra as invasões, o intruso, a violência do domínio material, a solução colonizadora, tornando os homens algarismos nos livros caixas duma sociedade anônima. Nos tambores rufos, de mobilização e alerta, de vigilância e de obstinação, perpassam pelos montes dos Guararapes. E eternas ficarão estas vozes despertas da NACIONALIDADE em seu povo fiel, como, na História, imóveis ficaram os montes evocadores do seu heroísmo e da sua beleza pernambucana."

(Luís da Câmara Cascudo. Revista do Arquivo Público Estadual de Pernambuco. 1949)

“Foi nos Montes Guararapes há trezentos anos. A maior das batalhas. O supremo desafio. O duelo mortal do invasor e do filho da terra, do estrangeiro e do nativo, da poderosa opressão e da liberdade heroica. Nestes montes, que têm a paisagem pernambucana o insólito relevo de uma fortaleza, predestinada ao choque dos exércitos, em verdade fixou e definiu ao luso-brasileiro o seu direito a terra. Tornou-se pela força das armas o seu dono. No próprio sítio da batalha, fez Francisco Barreto construir - monumental - “ex voto” - a igreja barroca e vasta da Senhora dos Prazeres de Guararapes, que eleva suas torres brancas sobre a vegetação desses montes, pondo no panorama áspero, que domina, a imprevista nota da religião e da arte.

Com o senso de posse inabalável que tinham os portugueses, o general vitorioso marcou assim o triunfo: associando o culto divino à glória militar, para que - não comemorasse efemeramente a gratidão dos contemporâneos, porém que durasse pelo tempo adiante na sucessão dos séculos, menos façanha de soldados do que benévola inseparável - proteção dos céus dispensada à sua bravura e à sua fé.”

(Dr. Pedro Calmon - Presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Revista do Arquivo Público de Pernambuco. 1949)

“A luta pela expulsão holandesa é obra muito mais de mazombos, brasileiros, brasis e negros, do que de força portuguesa. Foram os que se adaptaram ao Brasil e os que aqui nasceram que expulsaram o invasor...”

(José Honório Rodrigues)

“Ainda hoje se pensa que ganhar a guerra com Holanda foi apenas expulsar o invasor. Já não era pouco isto decerto, mas, para realçar ainda mais a expulsão, havia o sentimento de uma pátria nascente. Nascia (nos Guararapes) uma democracia étnica de que nos podemos orgulhar. Esta nossa democracia brasileira quanto mais precariamente política, mais admiravelmente racial. Quanto mais politicamente ameaçada, mais historicamente sólida. Até parecendo obra do milagre - o milagre dos GUARARAPES. O milagre que ainda hoje sustenta o país...”

(Nilo Pereira - Trecho de discurso no 101º aniversário do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano)

“Duas vezes fecundado pelo sangue dos heróis, Guararapes inspira respeito e naqueles montes deve-se estar sempre em atitude reverente. Guararapes deveria ser transformado em Panteon, não somente porque neles repousam Vieira e Vidal de Negreiros e outros cujos nomes se perderam, mas porque ali se decidiu o destino deste país que amanhecia cobiçado e desejado por aventureiros e estadistas, corsários e empresas mercantilistas. Ali, os flamengos perderam mais que duas batalhas. Perderam o Brasil, perderam a América do Sul...”

(João Emerenciano - Diretor do Arquivo Público de Pernambuco 1948)

“Montes Guararapes, palco duas vezes dos embates que mais de perto decidiram a UNIDADE TERRITORIAL DO BRASIL, encontram-se como há trezentos anos; nem o tempo nem o ecúmeno informam a sua autenticidade topográfica: guardam em si, o testemunho irrecorrível da suprema afirmação entre culturas: “A Batalha...”

(Ten Cel Lauro Alves Pinto - Revista do Arquivo Público de Pernambuco-1948)

“...O Exército Brasileiro nasceu nos Guararapes...”

(Gen Flamarion Barreto - Conferência na TV - Semana da Pátria, 1966, Rio de Janeiro)

“Não é exagero afirmar-se que se aprofundam até os tempos da Guerra Holandesa, já bem remotos, as raízes espirituais do nosso Exército. Ali se revelaram, na luta de guerrilhas e emboscadas, o heroísmo e o valor combativo do homem brasileiro. Ali surgiram e se consagraram os primeiros e grandes chefes brasileiros, à frente de tropas autenticamente brasileiras.

Na luta como soldados da mesma causa, confraternizaram e se uniram desde então, em cada vez mais íntima comunhão, as três raças

que formavam e defendiam, juntas, a nação brasileira.

O sentido eminentemente popular do Exército vem desde aí.

Foi sobretudo nesta formação democrática do Exército, e sob sua influência nos grandes momentos de nossa História, que se moldou o espírito da Nação...”

(Gen Ex Aurélio Lyra Tavares)

“... Na epopeia vitoriosa dos Guararapes, improvisadas milícias nativas, com imbatível desassombro e processos de combates originais, testemunharam ao invasor o espírito de sacrifício, a capacidade e a determinação dos brasileiros na defesa de seus direitos.

Nascia entre nós o sentimento de pátria. Ali germinava a semente do Exército, que cresceu e assumiu feição verdadeiramente nacional e regular, pelo mesmo caminho historicamente cristão em que o Brasil se formou e existe...”

(Gen Ex Orlando Geisel - Ministro do Exército - Ordem do Dia de 25 de agosto de 1971)

“Espírito de Guararapes é o espírito que inspira o Exército Brasileiro do presente e que desde Guararapes o vem inspirando em suas lutas pela Unidade Nacional, durante a Independência e Regência; pela Integridade e Soberania do Brasil nas lutas do Prata e, em especial, na Guerra da Tríplice Aliança; pela Paz Social e evolução política na Abolição e República; pela Liberdade e Democracia na campanha da Itália e, ultimamente atuando sempre, identificado e em sintonia, com as aspirações do povo brasileiro, do qual é parcela armada e dele emergiu durante a Insurreição Pernambucana (1645-1654)...”

(Major Cláudio Moreira Bento, 1971)

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES DAS BATALHAS DOS GUARARAPES

Com a morte do Cardeal D. Henrique, Rei de Portugal, em 1580, o Rei de Espanha, D. Felipe II, reclamou para si o reino de Portugal, por sucessão dinástica. Em consequência, Portugal, durante 60 anos e até 1640, tornou-se domínio espanhol.

Estando D. Felipe II em guerra com a Holanda, determinou ele que todos os portos de seus domínios fossem impedidos aos holandeses, que viviam de rendas obtidas com fretes do transporte de mercadorias de outros povos.

Para enfrentar esta situação, foi organizada, na Holanda, a potente Companhia das Índias Ocidentais, encarregada, após, de invadir o Brasil por duas vezes. A primeira invasão holandesa deu-se na Bahia, em 1624, de onde foram expulsos em 30 de abril de 1625.

A segunda invasão deu-se em Pernambuco, em 1630, e durou até 1654 (24 anos).

Causas das invasões holandesas

Remotas

- Insatisfação da Holanda com a Bula de Alexandre IV, que dividiu o mundo a descobrir entre Espanha e Portugal.

- Existência na Holanda, bem como em outros países de grandes capitais privados, pertencentes a judeus expulsos da Espanha pela Inquisição.

- Predomínio, na Holanda, do calvinismo, ramo protestante que dignificou o lucro e o juro, favorecendo a formação de grandes riquezas privadas e nacionais.

- Monopólios comerciais exercidos pela Espanha e Portugal, criando sérios embaraços ao pleno desenvolvimento das atividades comerciais da Holanda.

Imediatas

- União das coroas portuguesas sob Felipe II (1580-1640), envolvendo Portugal e, por extensão, o Brasil nas lutas religiosas que esse rei mantinha contra Inglaterra, França e Holanda.

- Lutas pelo domínio comercial do mundo.

- Fechamento dos portos luso-espanhóis aos holandeses que

viviam com as rendas obtidas dos transportes de mercadorias entre diversos países.

- Vitória da Companhia Holandesa das Índias Orientais, criada em 1602, que tirou, em 10 anos de atividades comerciais, o monopólio português no Oriente.

- Fraqueza militar do Brasil e área de grande expressão econômica, em razão da abundância de açúcar aqui produzido e que abastecia o mercado mundial, despertando assim a cobiça econômica.

- Excelência do Recife, como base naval para interferir no comércio espanhol e português, bem como ponto estratégico de irradiação de suas conquistas sobre toda a América do Sul.

- Desejo holandês de expandir o calvinismo no mundo.

Objetivos dos holandeses

Na invasão de Pernambuco, os holandeses visavam apoderar-se, economicamente, da enorme riqueza representada pelo açúcar e pau-brasil desta rica capitania, ao mesmo tempo que, baseados no Recife, ampliariam gradativamente suas conquistas, estendendo-as a todo o litoral nordestino. O Recife oferecia excepcionais condições defensivas contra um ataque partido de terra e, também, excelente porto para abrigar enorme esquadra, além de, geograficamente, estar em posição central no litoral nordestino do qual pretendiam apossar-se.

Estas condições elegeram o Recife como ponto estratégico chave do litoral nordestino.

A importância estratégica do Recife é ressaltada em relatório do Cel Waerdenburch à Holanda, decorridos dois meses da invasão.

“E esta é uma paragem (Recife) da qual se pode conquistar todo o Brasil. Porque daqui se pode dominar e manter o Brasil todo com poucos gastos, arruinar a navegação do inimigo (Portugal e Espanha) na costa e atrair os habitantes à mútua amizade e aliança.”

A análise estratégica foi correta, menos quanto à atração dos brasileiros à “mútua amizade e aliança” com o invasor.

Sequência dos principais acontecimentos que antecederam às duas Batalhas dos Guararapes

Em 15 de fevereiro de 1630, os holandeses, após se apresentarem no litoral pernambucano com poderosa esquadra, composta de 7.000 homens e 50 navios, desembarcaram na Praia de Pau Amarelo.

Com forças poderosas, logo ocupam Olinda e o Recife, defendidas por efetivo irrisório, mas que reagiu ao invasor, inicialmente, no rio Doce.

Após, Matias de Albuquerque, Governador de Pernambuco, orga-

nizou o Arraial do Bom Jesus (Velho), que resistiu durante cinco anos ao poderio militar holandês, até que sucumbiu, em 8 de junho de 1635, após três meses de sítio.

Para se opor ao invasor, foram organizadas as célebres companhias de emboscadas, destinadas a impedir que os holandeses, no Recife, avançassem impunemente pelo interior.

Em 1632, guiados pelo traidor Calabar, os holandeses apoderaram-se de Igarauçu e do Forte do Rio Doce.

Com a queda do Arraial, Matias de Albuquerque empreendeu penosa marcha rumo a Alagoas, escoltando 4.000 civis que não quiseram viver sob jugo holandês.

Ao passar por Porto Calvo, derrotou o inimigo e exigiu a entrega do traidor Calabar, que, condenado por sua traição, foi enforcado.

Em 1637, chegou a Pernambuco Maurício de Nassau, para governar os domínios de Holanda no Brasil.

Nassau fez uma excelente administração no Brasil e conseguiu manter a cooperação dos luso-brasileiros (Frei Calado do Salvador).

Em 1640, sob a liderança de D. João IV, Portugal libertou-se de Espanha.

Na impossibilidade de sustentar, por falta de meios suficientes, a luta ao mesmo tempo com Espanha e Holanda, D. João IV concertou uma trégua de 10 anos com a Holanda (1640-1650), com vistas a resolver por partes os problemas do reino.

Por dita trégua, a luta entre Portugal e Holanda ficava suspensa por 10 anos, e esta ficaria com a posse de seus domínios, não podendo, no entanto, ampliá-los no Brasil.

A Holanda não respeitou a trégua; ao contrário, ampliou seus domínios, conquistando inclusive Sergipe e o Maranhão, este pouco após restaurado por conta e risco dos patriotas maranhenses.

Insurreição Pernambucana

A seguir teria lugar a Insurreição de Pernambuco (1645-1654), motivada pelas seguintes causas:

- promessas não concretizadas, de D. João IV, por falta de recursos bélicos, de apoiar a insurreição;
- antagonismo de ordem religiosa (Catolicismo x Calvinismo);
- repercussão positiva da Restauração do Maranhão;
- espírito de revolta latente nos patriotas do Brasil;
- partida de Maurício de Nassau, administrador excepcional, que conseguira fazer um governo justo, de paz e progresso para os patriotas e Holanda;
- desmandos adotados pelo governo que lhe sucedeu, por adotar

medidas extorsivas e humilhantes para os luso-brasileiros, incluindo-se o exacerbamento da intolerância religiosa.

Sob inspiração da vigorosa pregação revolucionária de Vidal de Negreiros e liderança de Fernandes Vieira, tem início a conspiração.

Preparativos dos patriotas

Na Bahia, o Governador Geral Antônio Teles, impossibilitado de dar combate ostensivo aos holandeses, por ter de respeitar a trégua de 10 anos concertada entre Portugal e Holanda, decidiu apoiar discretamente o movimento e enviou para Pernambuco, secretamente, o bravo Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso, que lhe fora indicado por Vidal de Negreiros como sendo a espada capaz de organizar a reação armada.

Em Pernambuco, Dias Cardoso organizou e treinou os civis luso-brasileiros em íntima ligação com Fernandes Vieira, líder civil e catalizador do movimento.

Seis meses após a chegada de Dias Cardoso, período que gastou para organizar e adestrar um pequeno exército, Fernandes Vieira assinou secretamente um compromisso de honra, juntamente com 18 companheiros influentes.

Por este compromisso, decidiram restaurar a Pátria, a despeito mesmo de possível interferência de Portugal.

Dito compromisso data de 23 de junho de 1645, e nele é, pela primeira vez, escrita a palavra Pátria.

Início da rebelião

O grito de rebelião partiu da população de Ipojuca, que pegou em armas contra a guarnição holandesa local (13 de junho de 1645).

Em 3 de agosto de 1645, o pequeno Exército Restaurador (Célula mater do Exército Brasileiro), organizado, treinado e conduzido pelo Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso, impõe memorável e maiúscula derrota ao Exército Holandês no Monte das Tabocas. Esta batalha abriu a campanha militar da Restauração e mostrou sua viabilidade militar, além de provocar a adesão de outras províncias.

Em 17 de agosto de 1645, Antônio Dias Cardoso planejou e deu início à ação militar que culminou com outra brilhante vitória em Casa Forte, ultimada, ao que parece, por Vidal de Negreiros.

Após esta batalha, seguiram-se as derrotas holandesas no Cabo, Serinhaém, Pontal, Nazareth e outras.

O Rei de Holanda exigiu do Rei de Portugal o cumprimento da trégua assinada, e este ordenou a suspensão da luta iniciada pelos patriotas do Brasil.

Os patriotas luso-brasileiros não atenderam sua ordem e lhe responderam:

“Combateremos até o fim, e somente após expulso o invasor estrangeiro, iremos a Portugal receber o castigo pela nossa desobediência.”

E prosseguiu a luta dos patriotas do Brasil, agora na dupla condição de rebeldes.

Comentário

Presentindo Nassau, já na Holanda, a Insurreição Pernambucana em marcha, aconselhou a que os holandeses buscassem aliança militar com os índios potiguaras e tapuias. Acolhido seu conselho, no ano de 1645 realizou-se em Goiana a célebre Assembleia de Tapessirica, da qual resultou, segundo Fernando Pio, “ponto de partida para a formação do exército indígena holandês”. Comandaram este exército o índio Carapeba, de Goiana, o índio Pedro Poty, dos arredores do Recife e o índio Paraopeba, do Rio Grande do Norte.

Pedro Poty foi aprisionado e justificado por ocasião da 2ª Batalha. O índio Paraopeba, após a 2ª Batalha, fugiu e homiziou-se na serra Ibiapaba, no Ceará, com seu bando. Maiores detalhes sobre este assunto podem ser buscados em “*Convento do Carmo de Goiana*”, de Fernando Pio.

CAPÍTULO II

PRIMEIRA BATALHA DOS GUARARAPES (19 DE ABRIL DE 1648)

Antecedentes imediatos

Após continuados sucessos, os luso-brasileiros sitiaram, por terra, os holandeses no Recife.

Para aliviar a situação, aportou no Recife, em 18 de março de 1648, a esquadra de socorro holandesa, composta de 9 vasos de guerra, 4 iates e 28 navios carregados de suprimentos, bem como 6.000 soldados. Com este poderio, os holandeses decidiram romper o cerco terrestre do Recife e conquistar o interior pernambucano, em mãos dos patriotas do Brasil. Ao executarem esta decisão, teria lugar a 1ª Batalha dos Guararapes.

Os patriotas, apoiados numa linha de redutos e estâncias em torno dos atuais bairros do Recife e Santo Antônio, submetiam os holandeses a eficiente cerco e bombardeio de artilharia.

Ao iniciar-se o bombardeio de artilharia, foi atingida a cama do Presidente do Conselho Holandês do Recife, Schoonenborch, que acabara de levantar-se (Watjen). O canhoneio causou tal pânico que muitos holandeses, desesperados, procuravam abrigo, escondendo-se em túmulos (P. M. Netscher).

Combinado com o bombardeio, rondava os atuais bairros do Recife e de Santo Antônio o constante espectro da fome, atingindo inclusive as mais altas autoridades holandesas.

Antes da chegada da esquadra de socorro, as ratazanas, segundo cronistas da época, tornaram-se refeições muito disputadas

Terreno da batalha

(Acompanhar a análise e descrição militar pelo Esboço S/N, ao final do livro, "**Terreno das Batalhas dos Guararapes**".)

- Descrição

Foi a área dos chamados Montes Guararapes, hoje terras pertencentes ao Patrimônio da União e destinadas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

Os Montes Guararapes são três, a saber, e com base principalmente na análise e descrição feitas por Diogo Lopes Santiago na época das batalhas e, no século passado, pelo Padre Lino do Monte Carmelo.

“Monte atual da Igreja dos Prazeres, constituído de duas cotas gêmeas. Sobre a de oeste, situa-se a Igreja de N. Sra. dos Prazeres. Dito santuário foi mandado erigir, em 1656, pelo Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes, em ação de graças pelas duas batalhas dos Guararapes por ele vencidas”.

Este monte, segundo Lopes Santiago, era chamado, na época de Guararapes, vulgarmente, de Oitizeiro, e foi na baixa, em seu sopé, que acamparam, segundo o próprio Santiago, as tropas luso-brasileiras antes da 1ª Batalha, após haverem entrado pelo Boqueirão. (Interpretação do autor)

“Nossa gente entrou pelo Boqueirão quando se situou (acampou na baixa do monte atual da Igreja) e depois o defendeu (Boqueirão), como iremos relatando.

“Monte do Oitizeiro, o maior no sentido leste- oeste. Na sua extremidade leste, encontra-se o célebre Boqueirão, que será citado com frequência neste trabalho.”

Na época das batalhas, o Boqueirão era uma estreita passagem formada a leste por alagados, contendo mais ao sul uma restinga de mato (Lopes Santiago) e a oeste pelo sopé do monte (Oitizeiro), recoberto por árvores esparsas.

É presumível que o Boqueirão tenha resultado de uma picada aberta na mata, esta, estendendo-se, originariamente, desde os alagados até as faldas leste do Oitizeiro, mata que ia tornando-se permeável ao sair dos alagados até transformar-se em árvores esparsas no Boqueirão e encostas da garupa do Oitizeiro.

O Boqueirão era ponto obrigatório de passagem para quem, partindo do Recife, se dirigisse à Muribeca, ao Cabo, a Alagoas e à Bahia.

Atualmente ele coincide com a antiga BR-101, e suas extremidades são balizadas pela Fábrica Verlon, ao norte; e entrada para a Igreja dos Prazeres, ao sul. (Interpretação do autor)

O monte Oitizeiro recebeu este nome em virtude da abundância, em suas partes altas, do vegetal do mesmo nome.

O padre Lino assim o descreveu (nº 15 da *RIAGP*, Abr 1867). Lopes Santiago a ele refere-se na 2ª Batalha.

“Monte do Telégrafo é o que possui uma estação elevatória hidráulica, e sua denominação data do século passado.” Isto conclui-se do Padre Lino, na *RIAGP* citada. Segundo o padre Lino, este monte foi chamado de Barreiras

Deste monte ou de suas faldas, durante a primeira batalha, partiria um ataque da reserva holandesa, ao comando de Van den Brande, sobre a ala direita patriota, esta ao comando de Henrique Dias, ataque

que atingiu o atual monte da Igreja após desalojar Henrique Dias do monte Oitizeiro.

Descrição de Van den Brande (Interpretação do autor):

“Subi o monte defronte do inimigo (Telégrafo e o inimigo Henrique Dias no Oitizeiro), e de onde (monte Oitizeiro) nos fazia ele todo o mal, e de onde (Oitizeiro) éramos atingidos sem que os nossos pudessem fazer ao inimigo qualquer mal, o qual monte (Oitizeiro) consegui conquistar depois de muitas disputas (com Henrique Dias), escaramuçando com o inimigo até o terceiro monte (da atual Igreja), onde vi que chegara tão longe que tinha o grosso do exército inimigo à minha esquerda (no Boqueirão, no monte Oitizeiro)”, conforme conclui o autor.

Na interpretação desta descrição é que o autor principalmente se baseia para incluir o monte do Telégrafo e sua baixada como posição inicial e final do ataque holandês, e o Boqueirão, combinado com o Oitizeiro, como posição inicial e final dos luso-brasileiros.

Baseia-se também o autor em Lopes Santiago, quando escreveu (interpretação):

“Em resolução, no campo ficou pelos nossos (nossa posição ao final da batalha), NA FRENTE DESTE BOQUEIRÃO, e os holandeses no alto dos montes [no alto do Telégrafo e não no Oitizeiro, pois aí estariam na nossa retaguarda, além de não avistarem os luso-brasileiros, em razão, não só da garupa do Oitizeiro, mas das árvores que a recobriam, e Barreto de Menezes relatou: ‘O inimigo retirou-se a ocupar suas eminências à nossa vista (para o autor monte do Telégrafo), retirando-se para detrás dela (monte do Telégrafo) os feridos que mais perto lhe ficavam’] formando-se campos de parte a parte (luso-brasileiros na boca norte do Boqueirão e Oitizeiro e holandeses no monte do Telégrafo e sua baixada)”.

Em outra parte menciona Lopes Santiago:

“Tinha o inimigo entre os dois montes (Oitizeiro e Telégrafo - tropa em reserva do Cel Van den Brande - 1500 homens, segundo o próprio Santiago) quatorze bandeiras de gente que os nossos não viram, que serviam de abrigo e valhacouto, nos quais se amparavam aqueles que dos nossos iam fugindo (fugindo de Henrique Dias em posição no Oitizeiro)”.

Esta tropa aí tomou posição quando do primeiro ataque dos holandeses no Boqueirão e monte Oitizeiro, segundo o próprio Cel Van den Brande, em seu relatório de combate.

Estas, entre outras, são as razões documentais em que o autor se baseou para incluir o monte do Telégrafo como posição inicial e final dos holandeses na 1ª Batalha.

O próprio Von Skoppe em seu relatório escreveu: “Com presteza coloquei a minha gente defronte o inimigo (para o autor, no monte do Telégrafo, defronte a Henrique Dias e artilharia no monte do Oitizeiro) com o fim de flanquear o inimigo (flanquear através do monte Oitizeiro,

onde se encontrava Henrique Dias, com o grosso luso-brasileiro no Boqueirão) de modo que começamos com canhoneio de mosquetaria dos montes" (do monte do Telégrafo e de baixo da baixada fronteira à boca norte do que o autor considera Boqueirão).

Esta explicação tornou-se necessária por ser ponto controverso se o monte do Telégrafo está ou não incluído no campo da 1ª Batalha e será abordada em apêndice ao trabalho, com maiores detalhes.

Guararapes, em linguagem indígena significa: "Estrépito de golpe", segundo Ericeira, e "Tambores" (Lopes Santiago), em razão do ruído característico feito pelas águas caídas em suas ravinas, por ocasião de fortes chuvas.

Na época das batalhas, os montes possuíam árvores esparsas em suas ravinas e faldas, sustentadas pelo humus proveniente da erosão das elevações, estas, desde então estéreis e, em consequência, desprovidas de vegetação de porte. (Lopes Santiago).

Os coqueirais que cobrem atualmente a área são de data recente.

A leste e sudeste, os conjuntos dos Montes Guararapes eram envolvidos por alagados (pântanos - tremedais - alagadiços).

Ao sudoeste e oeste, eram envolvidos por árvores esparsas desde suas faldas até a planície contígua.

- Observação

O monte Oitizeiro atual permite visão profunda em todas as direções, por possuir o ponto culminante do conjunto (74 metros).

O monte atual da Igreja permite visão profunda e aproximada para o sul e oeste.

O monte atual do Telégrafo permite observação profunda e aproximada para o norte, oeste e nordeste.

Para o norte, noroeste e nordeste se estende enorme várzea.

- Campos de tiro

Dentro do alcance das armas de fogo da época das batalhas, todos os montes, a partir da crista topográfica, apresentavam excelentes campos de tiro para mosquetes e artilharia.

Ressaltava de valor neste aspecto o monte Oitizeiro, mais longo no sentido nordeste-sudeste e com menos vegetação em suas faldas bem como sendo o de maior dominância de fogos e de vistas em relação aos demais montes.

Foi o escolhido para o estabelecimento da posição defensiva luso-brasileira por ocasião da 1ª Batalha, em combinação com o Boqueirão, em sua base.

- Obstáculos

A área dos Montes Guararapes não apresentava obstáculos a sua transposição, e, sim, dificuldades ao movimento em suas ravinas e falhas, recobertas de árvores esparsas.

A transposição normal era condicionada ao Boqueirão - desfiladeiro que Southey chamou de "As Termópilas do Brasil".

Constituíam obstáculos ao homem a pé e a cavalo, e, principalmente, ao holandês, carregando pesado equipamento, os alagados que se estendiam contornando os montes pelo lado do mar e, dificuldades ao movimento, as árvores esparsas existentes na garupa do monte Oitizeiro, que formavam de um lado o Boqueirão, em combinação, de outro lado, com os alagados e restinga de mato neles situada (Restinga de Lopes Santiago).

Estas árvores serviam de obstáculo aos holandeses, que combatiam em formação cerrada, mas não aos luso-brasileiros, que lutavam dispersos e que, em sua tática de emboscada, sabiam tirar grande partido da vegetação.

- Vias de acesso

A principal via de acesso era a estrada através do Boqueirão, condicionando os movimentos norte-sul, e vice-versa.

Existiam ao oeste dos Guararapes desfiladeiros no sentido norte-sul, possibilitando o desbordamento dos Guararapes, embora com dificuldade (Arraial Novo - Ibura - Muribeca).

- Acidente Capitais

O Boqueirão, condicionando à passagem do norte para o sul e vice-versa.

O monte Oitizeiro, por sua dominância sobre os outros dois montes, impedia - bem ocupado militarmente - sua transposição, quer para o norte, quer para o sul, em combinação com o Boqueirão, em sua base.

Seguia-se em importância a linha de acidentes Boqueirão e Cotas Gêmeas do monte da Igreja, proporcionando a defesa no sentido sul-norte, além de favorecer o prosseguimento para o sul (Cabo - Alagoas - Bahia - Muribeca).

Esta linha não oferecia boa defesa no sentido norte-sul.

Ela foi ocupada pelos holandeses na 2ª Batalha, para enfrentar o adversário vindo do sul.

Este estudo do terreno baseia-se, além dos depoimentos já citados (Lopes Santiago, Padre Lino do Monte Carmelo e outros), nos

seguintes elementos:

- carta topográfica do Recife de 1/10.000 ampliada para 1/25.000, do Serviço Geográfico do Exército, e base dos esboços anexos ao presente trabalho, utilizada para a delimitação, em 1959, da área das batalhas por comissão nomeada para tal fim;
- planta topográfica da área desapropriada nos Montes Guararapes - Escala 1/2.000 - Ano 1966 - CROC/7.
- levantamento aerofotogramétrico escala aproxima 1/2000, realizada pela Força Aérea Brasileira, em setembro de 1970.

Estes elementos tornaram-se disponíveis somente a partir de 1959, sendo desconhecidos, portanto, dos estudiosos do assunto de antes desta data.

Localização do Boqueirão dos Guararapes

*(Ver ao final do livro, esboço S/N Campo das Batalhas dos Guararapes)
(Assunto de interesse do historiador)*

(Interpretação do autor à descrição de Lopes Santiago)

“Está ao pé deste monte (conjunto dos Guararapes) um alagadiço que o mesmo monte vai desbordando pela parte sul e tem somente uma baixa de cerca de 100 pés de largo, limitada pela água (alagadiço) e o monte (montes do Oitizeiro e atual da Igreja).

Nesta baixa, ao pé do monte, estava nossa gente situada, metendo-se no meio (cobrindo nossas forças das vistas inimigas) dos nossos e do inimigo para a frente uma restinga de mata e água (mato no interior do alagadiço) que do mesmo alagadiço nascia, que ficava parte de nossa gente encoberta (coberta das vistas inimigas), que não podia ser vista do inimigo, sem este chegar perto de um boqueirão grande que existe entre a restinga de mato e árvores e montes (árvores na base da garupa do Oitizeiro).”

Comentário

Para que o Boqueirão fosse formado, era necessário fosse limitado a oeste e a nordeste por árvores na base e sobre a “garupa” do monte Oitizeiro, do contrário, somente a garupa não condicionaria a passagem ao Boqueirão, pois ela desce suave em direção ao alagadiço.

A garupa recoberta de árvores protegia os luso-brasileiros das vistas do inimigo, de igual forma que a restinga de mato e, atrás de ambas, situava-se a baixa de cerca de 30 metros de largura (nossa interpretação).

Deve ter-se localizado a coberto pela restinga de mato, na 1ª Batalha, Felipe Camarão e, a coberto da garupa do Oitizeiro, o grosso luso-brasileiro.

Victor Meirelles, em sua pintura realizada no século passado, retrata estas árvores sobre a garupa do Oitizeiro que forma o Boqueirão.

Estas considerações sobre a localização do Boqueirão se fizeram necessárias neste trabalho por ser ponto há longo tempo controverso e impreciso.

Deste modo, daremos nossa opinião por solicitação do historiador José Antônio Gonçalves de Mello Neto. Cremos que Lopes Santiago denominou de Boqueirão a boca sul do que julgamos ser, militarmente, um boqueirão neste trabalho.

Boqueirão, entendido como uma passagem estreita que permitia o movimento livre, seria aquele formado de um lado por alagadiços, contendo em certa porção, mais ao sul, uma "restinga de mata" e, de outro, a base e encosta da garupa do monte Oitizeiro recobertas de árvores.

A passagem do Boqueirão devia ser bem estreita a deduzir-se pela baixa que Lopes Santiago referiu-se como sendo a única existente de cerca de 100 pés de largo (100 x 30,48 cm = 30,48 m).

Pela descrição de Lopes Santiago, conclui-se que o Boqueirão possuía uma parte mais importante que era sua boca sul, que de um lado era limitada pela "restinga de mato", no interior do alagadiço e, de outro, pelas árvores da garupa do Oitizeiro.

Esta importância ressaltava quanto ao aspecto - proteção das vistas e fogos inimigos-, pois os alagadiços à sua frente não podiam ser transpostos a pé, e os holandeses pagaram alto preço por isto quando tentaram atravessá-los.

"O Boqueirão que havia nos Montes Guararapes no tempo da guerra holandesa ou garganta que se encontrava no 'monte que olha para o nascente' (para o autor o Oitizeiro), isto é: uma faixa de terra firme entre o tremedal de uma lagoa (alagadiço de Lopes Santiago) que lhe ficava em frente (do monte que o autor considera o Oitizeiro) e o sopé da montanha (para o autor, o mesmo Oitizeiro ou precisamente a garupa do Oitizeiro), faixa que, estreita no começo, ia alargando proporcionalmente, contendo uns cem passos (para o autor, alargamento do norte para o sul até atingir a baixa referida por Lopes Santiago)."

Esta é a descrição do Padre Lino do Monte Carmelo (Revista nº 15 do **Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano**, de 15 Abr 1867, p. 118-19), transcrita na "1ª Batalha dos Guararapes", de Jordão Emerenciano.

O autor interpretou o Boqueirão aí descrito na forma de como fez constar no Esboço S/N, ao final do livro, Campo das Batalhas dos Guararapes ao presente trabalho, acrescido da restinga de mato mencionada

por Lopes Santiago.

Igualmente, o autor baseou grande parte da descrição dos Montes Guararapes na opinião do Padre Lino do Monte Carmelo.

Recorramos ainda a esse cronista religioso em outra descrição:

“Na época da invasão [...] os aguerridos generais do Exército Libertador, seguindo para os Montes Guararapes, procuraram o lugar que chamavam Boqueirão, como um baluarte, um antemural inexpugnável, para aí acamparem suas tropas, porque era justamente o Boqueirão uma faixa estreita entre o tremedal de uma lagoa e o sopé da ladeira” (para o autor, a garupa do Oitizeiro).

Em **“Relação da Vitória”**, traduzido pelo historiador J. A. G. de Mello, consta em certo trecho (interpretação do autor):

“Marchando até o Cabo” (para o autor, a garupa do monte Oitizeiro, que, por avançar mais nos alagadiços, lembrava um cabo, como acidente geográfico) dos outeiros dos Guararapes, onde ao pé do último anoiteceu (para o autor ao pé do monte da Igreja), e ali passaram a noite os patriotas.” (na baixa de Lopes Santiago).

Esta descrição, entendido o “cabo dos outeiros” como a garupa do monte Oitizeiro, coincide com a última descrição do Padre Lino. Roberto Southey assim descreveu o que entendo por Boqueirão. Onde a serraria (monte Guararapes) se aproxima mais do mar (garupa do monte Oitizeiro ou cabo de Relação da Vitória), passa o único caminho em terra firme, duns cem passos de largura, entre o sopé dos outeiros e um tremedal extenso (alagados, alagadiços), situação notavelmente semelhante ao Passo das Termópilas; e a entrada para este desfiladeiro (Boqueirão) é um lago que forma o pantanal e um bosque que vem descendo das montanhas (da garupa do monte Oitizeiro).

Termópilas é um importante ponto de História Militar Mundial. É uma passagem estreita entre o Monte Ett e o mar, na Grécia. Ali tornou-se eterna a memória dos feitos de Leônidas, primeiro Rei de Esparta, no ano 480 a.C., e no ano de 191, com a grande vitória romana sobre Anticho.

Ao desfiladeiro das Termópilas e ao Boqueirão dos Guararapes ligam-se, respectivamente, duas vitórias militares de memória eterna. O que o autor considera como Boqueirão, do ponto de vista militar, teria as seguintes dimensões: Largura: 100 passos (mais ou menos 60 m); comprimento: 400 m; área: $2400 \text{ m}^2 = 2,5$ hectares.

Os holandeses atacariam no Boqueirão com 3 regimentos de 500 homens. Cada regimento possuía uma frente normal de 300 metros - 300 piqueteiros dentro de suas táticas aqui descritas. Três regimentos ocupariam 600 m (2 em 1º escalão).

Daí conclui-se que os holandeses, a partir da boca norte do que o autor considera Boqueirão, foram obrigados a reduzir a frente normal de 600 m para 60 metros.

Em apêndice, o autor tecerá outras considerações sobre a localização do Boqueirão.

Missão

(Interpretação do autor)

- Dos holandeses

- romper o cerco em que se encontravam no Recife; fazer crer aos patriotas, através de uma finta, que seriam atacados no Arraial Novo do Bom Jesus.

- marchar em direção ao sul e apossar-se do Cabo e adjacências, a fim de conquistar bases de abastecimentos próximas, além de cortar os suprimentos e apoio aos patriotas vindos por terra e água da Bahia;

- bater por partes os patriotas em seus redutos, estâncias e Arraial Novo do Bom Jesus, submetendo-os à obediência do Conselho Holandês do Recife, ao final;

- ficar em condições de prosseguir, via terrestre, para operar na Bahia.

- Dos luso-brasileiros

- manter os holandeses cercados no Recife;

- aguardar com o Grosso, no Arraial Novo de Bom Jesus, a definição de direção de atuação do inimigo, em caso do rompimento de cerco;

- retardar o inimigo na direção de atuação por ele escolhida, com base nos destacamentos dos redutos e estâncias aí existentes;

- procurar travar uma batalha decisiva o mais distante possível do Recife, tirando o máximo partido do terreno e da surpresa, a fim de destruir o poder de combate do inimigo;

- defender o Arraial Novo contra uma ação diversionária inimiga;

- ficar em condições, após a batalha, de restabelecer o cerco do Recife e reconquistar Olinda.

- Valor militar da decisão luso-brasileira (à luz da Arte Militar Mundial)

Ao decidirem pela batalha decisiva, os luso-brasileiros evitavam ser batidos por partes.

Esta ideia precursora, por si só, recomenda que as batalhas dos Guararapes figurem na História Militar da Humanidade e sejam estudadas pelos historiadores militares junto com as grandes batalhas da História Militar Mundial da época em que tiveram lugar.

Os historiadores militares internacionais precisam descobrir o Brasil!

A primeira batalha, como veremos, constitui-se numa verdadeira sinfonia militar, resultante da judiciosa aplicação dos princípios de guerra, fazendo inveja aos grandes capitães da História Militar da Humanidade.

Junto com a manobra de flanco do Piquiceri, constituem-se as batalhas dos Guararapes nas mais belas joias da História Militar Terrestre do Brasil.

Elas trazem em seu bojo, precursoramente, a estratégia da guerra total, cuja transição da guerra limitada, vigente na época da 1ª Batalha, teria lugar na batalha de Valmy, em 20 de setembro de 1792, na guerra entre Prússia e França.

Nesta batalha, patriotas franceses enfrentaram e venceram profissionais do mais famoso exército da Europa.

O Marechal Foch comentaria, anos após, o significado da luta de 20 de setembro de 1792 entre patriotas franceses e profissionais prussianos:

“As guerras de reis chegavam a seu fim e tinham início as guerras dos povos.”

Goethe, que assistira à batalha de Valmy, voltou-se para um grupo de prussianos e comentou:

“Neste lugar e a partir desta data, tem início uma nova era da história universal, e todos aqui em Valmy poderão dizer que assistiram a seu advento.”

A 1ª Batalha dos Guararapes, que teve lugar 144 anos antes de Valmy, traz em seu bojo, como nos referimos, as ideias de guerra total e de guerras de povos contra guerras de reis, enunciadas pelo marechal Foch.

Nas batalhas dos Guararapes, vamos constatar, de parte dos patriotas luso-brasileiros, a observância do princípio da Unidade de Comando, definido por Napoleão, por volta de 1800, como a “necessidade primeira da guerra”.

Para Napoleão, este princípio consistia na reunião de todas as forças disponíveis, no Teatro de Operações, sob as ordens de um único general.

“A tendência de um governo fraco é dispersar suas forças para cobrir todos os pontos vitais.”

A observância rigorosa deste princípio por Napoleão, ao conduzir a guerra, enfeixando nas suas mãos o poder militar e político, foi a maior responsável por muitas grandes vitórias.

Os patriotas luso-brasileiros, precursoramente, e século e meio antes, observaram rigidamente e, por intuição, este princípio nos conselhos de guerra do Arraial Novo, ao reunirem todo o efetivo disponível e poder militar e político nas mãos do Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes e ao saírem à campanha para procurar uma batalha decisiva com o inimigo, dentro da estratégia direta.

Os holandeses foram derrotados pela surpresa decorrente da adoção desta estratégia pelos luso-brasileiros, a qual não figurava em seus tratados militares.

Eles esperavam, dentro do conhecimento militar vigente, que os

luso-brasileiros se dispersassem pelos diversos redutos e estâncias, onde seriam batidos por partes, reduto após reduto, estância após estância.

Os bravos patriotas, um século e meio antes, aplicariam, nas memoráveis batalhas dos Guararapes, os princípios de guerra definidos mais tarde por um dos maiores pensadores militares de todos os tempos, Carl Von Clausewitz (1780-1831), alemão que lutava em lado oposto a Napoleão.

Para Clausewitz, era impositivo que fosse buscada a batalha decisiva com o inimigo.

O sucesso na guerra para este grande pensador militar baseava-se no seguinte: fixar o objetivo da batalha.

Princípios Básicos: concentrar-se tanto quanto possível; agir o mais rápido possível.

Princípios Gerais: vencer e destruir as forças armadas do inimigo; apossar-se dos meios materiais de agressão; conquistar a opinião pública.

Princípios Complementares: empregar todas as forças disponíveis com a mínima energia; concentrar a força onde será lançado o golpe decisivo; não perder tempo; explorar o sucesso obtido.

Como o leitor interessado poderá observar, com justificada vibração cívica, os patriotas da Restauração de Pernambuco, 150 anos antes, aplicaram precursoramente e, com maestria, princípios de conduta da guerra que seriam aplicados e definidos por Napoleão, um dos maiores generais de todos os tempos, e codificados através de princípios pelo grande pensador militar Carl Von Clausewitz.

As regras e os princípios definidos, respectivamente, por Napoleão e Clausewitz são sintetizados, hoje, na forma de princípios de guerra.

Estes princípios, constantes e imutáveis, sob os quais serão analisadas as duas batalhas, foram assim sintetizados em **"A Conduta da Guerra"**, de J. F. C. Fuller, grande filósofo militar moderno:

Manutenção do Objetivo, Segurança na Ação, Mobilidade na Ação, Emprego do Poder Ofensivo, Economia de Forças, Concentração de Forças e Surpresa.

A rigorosa observância de todos estes princípios e sua hábil aplicação à determinada situação militar constituem meio caminho andado para a vitória.

No Brasil, estes princípios traduzem-se da forma seguinte:

Objetivo, Segurança, Manobra, Ofensiva, Economia de Forças, Massa, Surpresa, e mais o de **Unidade de Comando**, não incluído por J. F. C. Fuller, e definido por Napoleão como "A Necessidade

Primeira da Guerra” e o da **Simplicidade**.

Concluindo:

- As batalhas da Restauração Pernambucana foram manifestações precursoras da ideia de guerra total, surgida meio século após Valmy, em substituição à guerra limitada, batalha essa definida pelo marechal Foch como a da substituição da guerra de reis pela guerra de povos.

- Na Insurreição Pernambucana, desde a batalha de Monte das Tabocas, adota-se, 150 anos antes, a ideia estratégica de batalha decisiva, praticada de forma intensa por Napoleão, e definida por Clausewitz conforme nos referimos anteriormente.

- As ideias precursoras de guerra total, batalha decisiva, adotadas, intuitivamente, em Pernambuco, pelos patriotas luso-brasileiros, trazendo em seu bojo a judiciosa aplicação dos princípios de guerra, consagrados pelo pensamento militar moderno, são as grandes responsáveis pelos brilhantes feitos d’armas dos Guararapes.

- A estas ideias se opuseram mercenários holandeses com as ideias vigentes de até então, de guerra limitada e estratégia de batalha de desgaste, indireta, somente abandonada, historicamente, em Valmy, em 20 de setembro de 1792.

- E atento a estas considerações, pedimos que o leitor interessado nos acompanhe no estudo a seguir e sinta justificado orgulho cívico dos feitos memoráveis de nossos antepassados luso-brasileiros nas duas batalhas dos Guararapes.

Bibliografia Básica Para a Descrição da 1ª Batalha

1 - Relatório de Von Schkoppe, comandante dos holandeses na 1ª Batalha dos Guararapes, (**Do Recôncavo aos Guararapes**, do Major Souza Júnior).

2 - Relatório do Mestre de Campo general Francisco Barreto de Menezes, comandante luso-brasileiro nesta batalha (**A 1ª Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano).

3 - Relatório de Cornelis Van de Branden, comandante de um regimento holandês e líder do ataque envolvente sobre os luso-brasileiros (**Do Recôncavo aos Guararapes**, do Major Souza Júnior).

4 - Relatório de André Vidal de Negreiros, comandante da reserva luso-brasileira (**A Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano), transcrito *In* Rau Virgínia. Coimbra, 1955).

5 - Relatório de Filipe Bandeira de Melo (Tenente de Mestre de Campo

General do Brasil, José Antônio Gonçalves Mello Neto).

6 - Relação da Vitória - Tradução e Leitura Paleográfica de José Antônio Gonçalves de Mello (**A 1ª Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano).

7 - Lopes Santiago - "História da Guerra de Pernambuco" (**A 1ª Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano - transcrições).

8 - **Do Recôncavo aos Guararapes** -Major Souza Júnior.

9 - "A Guerra Expressão das Validades Culturais"- Ten Cel Lauro Alves Pinto (**Revista do Arquivo Público de Pernambuco** nº 9, 1949).

10 - *Aspectos militares da 1ª Batalha dos Guararapes* - Major Souza Júnior.

Do ponto de vista militar, o trabalho mais completo de descrição das duas batalhas é a da obra **Do Recôncavo aos Guararapes**, do Major Souza Júnior.

Seguem-se em importância, como fontes bibliográficas consultadas pelo autor para descrição militar das batalhas **A 1ª Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano e, do mesmo autor, **A 2ª Batalha dos Guararapes** (Revista do Arquivo Público - Ano 1949).

Documento básico, tem se constituído a **História da Guerra de Pernambuco**, de Diogo Lopes Santiago, contemporâneo das batalhas, até que fossem revelados outros documentos relativos a partes de combates.

Forças em presença na 1ª Batalha

holandesas	fonte
4.500 homens	Obra Netscher e Watjen
6.300 homens	Relatório Barreto de Menezes
7.400 homens	Obra de Lopes Santiago
8.300 homens	Obra de Ericeira
4.500 homens	Efemérides, Barão do Rio Branco
4.500 homens	Obra de Souza Júnior
7.100 homens	Carta de J. Nunes Canha (J.A.G. Mello)

Prefiro adotar o dado de 6.300 homens, baseado no relatório de Barreto de Menezes.

Isto se deve porque 4.500 homens representavam o corpo de batalha dos holandeses (9 Regimentos x 500 homens = 4.500 homens), formando uma brigada mais um regimento, segundo ao que parece, a organização holandesa no Brasil.

Este enorme efetivo, somam-se 300 índios tapuias combatentes, artilharia, alguns marinheiros e muitos índios encarregados do transporte da enorme tralha logística holandesa, com suprimentos para 8 dias de campanha (Varnhagen), justificando a expressão de Lopes Santiago: **“Os holandeses saíram do Recife como de casa mudada”**.

Lopes Santiago baseou sua informação em mapa da força dos holandeses, encontrado no bolso do Cel Van Elst, que fora feito prisioneiro após ter sido ferido.

“9 esquadrões (regimentos) com 7.500 soldados, afora setecentos carregadores, índios e tapuias em grande número”.

Segundo o mesmo cronista, o exército inimigo era composto em grande parte de mercenários de todas as nacionalidades (franceses, alemães, polacos, húngaros, ingleses e de outras nações da parte do norte da Europa) e o resto holandês. Todos possuíam experiência de combate, adquirida nas guerras de Flandres, Alemanha e outras províncias, e na Guerra de Trinta Anos.

Luso-brasileiros	Fonte
3.000 homens	Relatório Von SCHKOPPE
2.200 homens	Relatório Barreto de Menezes
2.200 homens	Relatório Bandeira de Mello
2.200 homens	Vidal de Negreiros
2.200 homens	Efemérides, Barão do Rio Branco
2.200 homens	Obra de Varnhagen
2.200 homens	Obra de Souza Júnior
2.400 homens	Wetscher e Watjen

Conclusão: 2.200 homens.

Análise das forças beligerantes

Luso-brasileiras

a) Organização

Organizavam-se em terços, grande unidade de combate à base de infantaria. Cada terço enquadrava vários troços.

Cada troço possuía um efetivo em torno de 100 homens e era comandado por um capitão. Um terço possuía de 300 a 1.200 homens e era comandado por um Mestre de Campo (equivalente a coronel).

Segundo relatório de Manuel de Queiroz Siqueira, publicado em **João Fernandes Vieira**, vol. II, de J.A.G. de Mello, as forças que combateram na 1ª Batalha possuíam aproximadamente a seguinte organização:

Infantaria de Pernambuco:

24 companhias de Fernandes Vieira	720	homens
5 companhias da Paraíba	160	homens
6 companhias de Igarauçu e Goiana	180	homens
Índios do Capitão-Mor Camarão	350	homens
Pretos do Governador Henrique Dias	300	homens
3 companhias de mulatos	<u>80</u>	<u>homens</u>
Total parcial	1.790	homens

Infantaria da Bahia:

16 companhias	<u>700</u>	<u>homens</u>
Total parcial	2.490	homens

Os homens da Bahia eram comandados, presumivelmente, por Vidal de Negreiros.

O relatório Queiroz Siqueira é anterior à 1ª Batalha, e as forças nele citadas, com pequenas alterações, foram as que dela participaram.

O troço, em razão da longa guerra de emboscadas, desenvolveu grande capacidade de combater isolado.

Esta organização seguia orientação geral lusa, mas com marca da influência brasileira, resultado de 18 anos de luta. Era a "**Guerra Brasília**".

b) Armamento

Em decorrência do bloqueio marítimo a que estavam sujeitos e mesmo a falta de apoio de Portugal, em razão de bloqueio, seu armamento de fogo era pouco e variável, obtido principalmente dos ho-

landeses nas batalhas anteriores: Monte das Tabocas, Casa Forte e diversas emboscadas.

Complementarmente utilizavam bordões, chuços, paus tostados utilizados à guisa de chuços e, fundamentalmente, a espada, na qual baseavam seu poder de choque e vindo a constituir-se na maior responsável pelas numerosas baixas holandesas nas duas batalhas, não só no embate inicial como, principalmente, no aproveitamento do êxito e perseguição.

Após a primeira descarga de mosquetes dos holandeses, os luso-brasileiros, tirando partido da dificuldade de remuniciamento e estreitamento da frente de combate do inimigo, carregavam à espada com todo o ímpeto ofensivo.

Em diversas atuações contra os holandeses, haviam se apossado de apreciável artilharia.

Esta artilharia era usada principalmente em seus redutos fortificados e, presumivelmente, a carregaram em campanha na 1ª Batalha, em número de 7 peças tracionadas a boi (Relatório Queiroz Siqueira - já citado).

Em Apêndice constam considerações sobre a artilharia.

A cavalaria foi presente em pequeno número na 1ª Batalha; sabe-se que Fernandes Vieira lutou a cavalo.

Comandou a fração de cavalaria o Capitão Antônio Silva.

c) Instrução

Foi desenvolvida em alto grau e durante o longo período de 18 anos de ocupação holandesa a técnica de ataque de emboscada.

Neste tipo de ataque, era fundamental a surpresa, a velocidade, a iniciativa, a coragem, o aproveitamento judicioso do terreno e o corpo a corpo à espada.

Sabe-se que o Sargento- Mor Antônio Dias Cardoso, atual patrono das Forças Especiais do Brasil e da Turma de 2003 egressa da AMAN, quando foi enviado secretamente a Pernambuco para organizar o Exército Restaurador, "Celula mater" do Exército Brasileiro, treinou durante seis meses os civis luso-brasileiros.

O resultado deste treinamento foi a maiúscula vitória que obteve no Monte das Tabocas.

Com a chegada da esquadra holandesa de socorro, os luso-brasileiros organizaram áreas de treinamento ao sul do rio Jaboatão (Forte Nazareth, Cabo e Muribeca), então área de retaguarda dos patriotas.

d) Logística

Em razão do bloqueio marítimo, abandono das atividades agrícolas para fazer a guerra e dificuldades de apoio logístico proveniente da

Bahia, os patriotas conheceram sérias aperturas logísticas.

Durante muito tempo, a ração diária de um soldado patriota constituiu-se de uma espiga de milho, ou de uma pequena ração de farinha de mandioca.

Para compensar esta crise de alimentos, eram frequentemente enviadas expedições logísticas à Paraíba, ao Rio Grande do Norte, à Bahia e ao norte e sul de Pernambuco, com a finalidade de obtenção de alimentos da população que apoiava o Exército Restaurador.

Este tipo de operação, destaca-se a figura do "**Abastecedor do Arraial**", Dias Cardoso, ao partir, com frequência e em longas viagens, a mando do Mestre de Campo General Barreto de Menezes, com a missão de comprar, ou apoderar-se de suprimentos holandeses, destruindo o que não pudesse transportar. (**Restauradores de Pernambuco**, J.A.G. de Mello).

Os patriotas suportavam estoicamente as privações alimentares.

Constituíam para eles grande humilhação o fato de serem obrigados a andar descalços.

Esta situação era compatível somente para escravos e índios, e o uso de calçados servia como indicador do status social do homem de então.

Para anular o efeito desta humilhação, a oficialidade democraticamente, e como exemplo, joga fora calçados e passa a andar descalça.

Isto solucionou o problema sociológico.

Do Relatório Queiroz Siqueira citado, conclui-se que a população de Pernambuco fornecia aos soldados de Pernambuco e Bahia 5000 rações diárias. Da mesma fonte, evidencia-se a "falta de carne para os patriotas, os quais haviam abatido todo o rebanho, poupando somente os bois destinados a tracionar artilharia, bem como falta de roupas e espadas, pólvora e balas.

As peças de artilharia eram em número de 7, e destinadas a qualquer ação, e dos seguintes calibres: 3 de 24", uma de 20" e três de 12".

e) Moral (ânimo para a luta)

O moral para luta era elevadíssimo, por tratar-se de patriotas defendendo o que eles julgavam pátria, a despeito da trégua concertada entre Portugal e Holanda e, em defesa do catolicismo, contra o calvinismo.

Os exemplos a seguir servem para ilustrar o alevantado moral destes bravos, duplamente rebeldes patriotas do Brasil.

Do Coronel Waerdenburch (holandês), em documento oficial:

"É difícil submeter pela força um povo constituído de soldados vivos e impetuosos, aos quais nada mais falta que boa direção, e que não são de nenhum modo como cordeiros."

Este coronel fez justiça aos soldados, mas subestimou os chefes que iriam dirigi-los, magnificamente, nas Batalhas dos Guararapes.

Resposta dos patriotas luso-brasileiros ao Rei D. João IV de Portugal, ordenando-lhes que cessassem a reação, em cumprimento ao tratado de trégua que assinara com a Holanda e referida anteriormente na obra:

“Não cessaremos a reação até a expulsão do invasor de Pernambuco e, somente após iremos até Vossa Majestade para pagar pelo crime de nossa desobediência.”

Esta dupla desobediência era um fator negativíssimo ao moral dos patriotas, mas, mesmo assim, entre dois fogos, eles não esmoreceram.

Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão usaram, como meio de desacreditar as promessas feitas pelos holandeses, vários argumentos:

Lembravam os fatos recentes dos holandeses terem cometido sacrilégios contra as imagens de uma igreja de Igarauçu, onde destruíram as imagens dos santos à espada.

Isto feria profundamente o arraigado sentimento religioso aqui existente e conseguido com a Santa Inquisição, conforme conclui-se das **Confissões de Pernambuco**, (1594-1595)”, 1ª Visitação do Santo Ofício, de José Antônio Gonçalves de Mello, hoje patrono de cadeira especial na Academia de História Militar Terrestre do Brasil..

E argumentavam os bravos restauradores:

“Quem aos divinos faz guerra, que pazes saberá guardar com os humanos?”

Foram lembrados episódios na Paraíba e no Rio Grande do Norte, nos quais alguns patriotas se renderam, sob a palavra do Príncipe de Orange de poupar suas vidas, sendo eles a seguir barbaramente trucidados por índios aliados dos holandeses e por ordem destes.

Não foram esquecidas as muitas violências sexuais levadas a efeito pelos holandeses contra indefesas mulheres luso-brasileiras, roubos e incêndios sistemáticos, vidas imoladas na defesa dos engenhos e fazendas, bem como os inumeráveis templos violados por protestantes calvinistas.

E finalizavam com este argumento:

“Se o inimigo, quando nos tinha submetido, cometeu barbáries de toda a ordem, o que dele poderemos esperar na condição de insurretos?”

Após a chegada da esquadra de socorro, os holandeses, descrentes do poderio e valor dos patriotas locais, promoveram grande campanha através de panfletos, visando minar o moral dos restauradores.

Dita campanha foi efetuada pouco tempo antes da 1ª Batalha

dos Guararapes e motivou as seguintes reações dos líderes restauradores (Lopes Santiago).

De André Vidal de Negreiros:

“Não conhecemos nenhuma inferioridade em relação a quem em breve venceremos”.

“Saíam à campanha, onde faz longo tempo os esperamos”.

“Estejais certos de que nossa máxima é vencê-los ou morrer.”

De João Fernandes Vieira:

“Não vos iludais, senhores: o Brasil não foi feito para vós.”

De Henrique Dias:

“Se vocês possuem armas, é desnecessário o lançamento de panfletos. Os meus soldados pouco entendem deles, e sim, e muito, dos numerosos e grandes mosquetes que possuem, e que manejam com muita presteza e valor, como os senhores a toda hora sentem.”

De Antônio Felipe Camarão:

“Não necessitamos de papéis, a não ser para o fabrico de cartucho para nossas armas, nas quais os meus soldados acreditam bem mais do que em simples papéis escritos. Saíam já para a campanha, que a descoberto nela os esperamos.”

Com esta reação patriótica de parte dos restauradores aos panfletos flamengos, o governo holandês do Recife escreveu decepcionado para a Holanda:

Apesar de suportarem quase diariamente revezes no mar e terem muita necessidade de vestuário, carne etc. e de viverem em contínuo sobressalto, rejeitaram o perdão que se lhes foi oferecido. Nenhum veio ter conosco. Eles persistem obstinadamente em sua rebelião.”

Era o alevantado moral dos restauradores resultante da religião e patriotismo, assim definido por D. Augusto Álvaro da Silva, que foi Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil (**Revista do Arquivo Público de Pernambuco**, 1949).

“Religião e patriotismo são dois conceitos irmãos; duas pulsações correlativas do mesmo coração.

Conceitos irmãos: aquela traz à mente a montanha das bem-aventuranças, este aponta o altar dos holocaustos; uma promete e garante o céu, o outro redime e santifica a Pátria.

Dois modos correlativos de pulsar o mesmo coração: aquela é a diástole mais forte da irradiação natural do ser humano, este é a sístole mais concentrada e decisiva da liberdade e da honra de um povo; uma eleva ao infinito ao prêmio da virtude, o outro condiciona ao presente a paz e a felicidade do futuro.

Sim, senhores, religião e patriotismo são conceitos irmãos, modos diferentes de pulsar o mesmo coração.”

O aspecto religioso, católico apostólico romano, foi um prepon-

derante aspecto agregador da unidade de pensamento e de ação dos patriotas.

Este sentimento poderá ser concluído das Confissões do Santo Ofício, em Pernambuco, do fim do século XVI, a que nos referimos.

Além da defesa da pátria diante do invasor, os patriotas defendiam seu Deus e santos ameaçados por protestantes.

A luta no Brasil assumia um aspecto de prolongamento das guerras religiosas da Europa, as quais culminaram com a Guerra de Trinta Anos (1618-1648).

Estes fortes argumentos anularam os efeitos da intensa guerra psicológica empreendida pelos holandeses, antes de deixarem o Recife, para serem batidos na 1ª Batalha dos Guararapes.

O relatório Queiroz Siqueira assim referiu-se ao moral dos patriotas ao Rei, antes de enunciar as dificuldades dos mesmos patriotas:

“O que não falta aos moradores do Brasil é um grande ânimo e valor para imolarem suas vidas a serviço de Deus, de Vossa Majestade e de sua Pátria, ao que estão muito dispostos e resolutos.”

f) Recrutamento

Chegada a esquadra de socorro inimiga ao Recife, os luso-brasileiros entregam-se céleres à mobilização de recursos humanos, bélicos e demais itens logísticos, para enfrentar do melhor modo o inimigo.

São despachados oficiais luso-brasileiros em todas as direções, para convocar os homens válidos para a guerra.

Por todos os locais eram deixados editais, proclamações, exortando o povo para o esforço de guerra.

Aos fugitivos da lei foi oferecido que se redimissem de suas dívidas para com a sociedade, pegando em armas contra o invasor.

Foi fortificada a linha ao sul do atual rio Jaboatão (que funcionaria como zona de retaguarda dos patriotas).

Atrás desta linha seriam organizadas novas unidades e treinadas com assiduidade.

Estas providências surtiram muito efeito, e os patriotas conseguiram mobilizar, em armas, da ordem de 3.000 homens para operarem na zona de combate da Várzea, subúrbio do atual Recife.

Estas tropas eram integradas por homens de todo o atual Nordeste e, principalmente, de Pernambuco, Bahia e Paraíba.

Para a Bahia foi despachado o Capitão Paulo da Cunha com o objetivo de pedir apoio em armas, munições e outros suprimentos.

Combateriam lado a lado contra o inimigo, além dos luso-brasileiros, italianos, bem como vários holandeses que, rendidos em combate, principalmente no Pontal, haviam aderido à causa dos patriotas.

Entre os holandeses destaca-se Francisco Bra, filho do carcereiro

de Barreto de Menezes, que facilitou a fuga deste do Recife e o seguiu à campanha, vindo tornar-se mais tarde, em 1659, Capitão-Mor em Sergipe.

Francisco Bra, após converter-se ao catolicismo, foi batizado e agraciado com o hábito de Cristo.

Atingiu o posto de Sargento-Mor de um terço da Bahia, onde contraiu segundas núpcias com D. Polônia Araújo Góis, viúva sem filhos do Sargento-Mor Rui de Carvalho Pinheiro, com a qual teve numerosa descendência.

Pedro Calmon forneceu a Jordão Emerenciano os seguintes dados: "Francisco Bra, natural de Rotterdam, filho de Jacques Bra, da mesma cidade, e de Anna Bra de Nantes. Falecido em 7 novembro de 1662".

Cooperou muito com os patriotas o francês João Voltrin, que vivia entre os holandeses no Recife sitiado.

Em reconhecimento aos serviços prestados à Insurreição de Pernambuco, foi agraciado com o título de cidadão português (3 de dezembro de 1652).

O diploma que lhe conferiu esta honraria menciona o reconhecimento por seu auxílio na fuga do Recife do Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes e por tê-lo auxiliado em suas vitórias com informações valiosas.

Disto concluímos que a rede de informações dos luso-brasileiros se estendia no seio das forças holandesas.

g) Estratégia

A estratégia luso-brasileira, conforme salientamos anteriormente, era a estratégia direta, pela qual se busca, através duma batalha decisiva, a destruição do inimigo ou de sua vontade de combater.

Esta estratégia seria utilizada em toda a sua plenitude 150 anos após, com Napoleão Bonaparte.

De início, na fase incipiente da Insurreição, por não possuírem poder de combate suficiente, usaram a estratégia indireta ou do desgaste, através da guerra de emboscada (guerra de guerrilhas). Seu objetivo: prolongar a guerra, aumentando despesas da Companhia até sua falência.

h) Táticas

Das táticas utilizadas pelos patriotas, depreendemos ser sua origem predominantemente nativa e com pouca influência de Portugal.

Os próprios lusos que combateram ao lado dos brasileiros deixaram-se influenciar por estas táticas nativas, as quais desenvolveram-se e aperfeiçoaram-se de acordo com a realidade brasileira.

A influência da tática nativa brasileira foi preponderante no sucesso militar da Restauração, e a sua marca é assinalada pelas técnicas de emboscada, cerco e ciladas”, segundo refere-se o Major Souza Júnior, em **Do Recôncavo aos Guararapes**.

Após a 1ª Batalha dos Guararapes, assim escreveu o Conselho Holandês do Recife à Holanda, em 9 de julho de 1648, sobre as táticas dos patriotas, que constituíam a Guerra Brasílica, uma doutrina genuinamente brasileira.

“Eles (os patriotas) resistem muito bem ao ataque e, logo que descarregam suas espingardas, atiram-se sobre os nossos para se baterem corpo a corpo.

Sabem também armar emboscadas em lugares e passos apropriados e vantajosos e fazer ataques dentro da mata e em geral produzir muito mal aos nossos.

Quanto às armas, estão bem munidos, sabem muito bem servir-se delas e, no tocante a suas qualidades físicas, excedem muito em agilidade e disposição nossos melhores soldados.

Além disto, sabem melhor do que os nossos se submeter às privações, tais como a falta de víveres, enquanto que os nossos soldados têm de carregar sempre os embornais, ou, então, transportar os víveres logo à retaguarda.”

Os célebres capitães de emboscadas, que trouxeram uma grande contribuição à doutrina militar da guerra brasílica, eram cabos de esquadra que mais se distinguiram em valor combativo no serviço ao Rei.

Desenvolveram em alto grau a técnica de emboscadas, passando a causar grande pavor aos holandeses, como hoje causam pavor aos combatentes as minas e armadilhas. (**Revista do Arquivo Público de Pernambuco**,1849).

É a célebre rusticidade (endurance) - capacidade de suportar privações - qualidade importante na guerra revolucionária, e arriscaríamos mesmo dizer: a rusticidade é um princípio de guerra revolucionária.

A inobservância deste princípio por parte de exércitos ricos, que tendem para a comodidade excessiva, traz graves reflexos à judiciosa aplicação dos princípios de guerra, da manobra (rapidez, flexibilidade), ofensiva, segurança e surpresa, nos quais reside a maior força dos exércitos rústicos com moral elevado.

A rusticidade de um exército pobre poderá derrotar a comodidade de um exército grande e rico, quando aliada à terreno contra-indicada para a batalha convencional.

Este tipo de terreno ,no Brasil, atinge mais de dois terços do território. E a Amazônia se enquadra neste conceito.

A tática luso-brasileira-repetimos - era de influência genuína-

mente brasileira, e a ela tiveram que adaptar-se os lusos.

O exército luso-brasileiro que atuou no Nordeste do Brasil datava de 1624 (Invasão Holandesa da Bahia), enquanto que o luso fora organizado em Portugal, em 1640 ao término do domínio espanhol sobre aquele país, após 60 anos de quase desativado por questões de segurança.

Holandesas

a) Organização

A organização do exército holandês baseava-se nos ensinamentos colhidos das vitórias de Gustavo Adolfo, rei da Suécia, durante o período da Guerra de 30 anos (1618-1648).

As tropas eram formadas de regimentos constituídos de batalhões e estes, por sua vez, em companhias.

O Regimento era a unidade tática.

Maurício de Nassau introduziu, no entanto, muitas reformas no Exército, tornando-o poderoso instrumento de emancipação da Holanda e, posteriormente, valioso e eficiente instrumento de expansão de seus territórios de além-mar, ao serviço das companhias de comércio holandesas.

Nassau introduziu o princípio da reiteração de esforços, princípio que se constituía na formação de três escalões de combate:

1º Escalão

2 Batalhões em linha reta, lado a lado, e a 100 passos do segundo.

2º Escalão

4 Batalhões lado a lado, em forma de meia lua. Suas extremidades desbordavam as alas do 1º escalão, assegurando-lhe proteção de flancos.

3º Escalão

2 Batalhões em Reserva, distantes, 400 passos do segundo, e em condições de intervir no combate para decidir a batalha ou, em caso de insucesso, cobrir a retirada.

Esta era a formação típica de uma brigada para o combate.

A defesa e a ofensiva eram conduzidas pelos dois escalões dianteiros, apoiando-se mutuamente.

Os holandeses, aqui no Brasil, ao que parece, deram o nome de regimentos aos batalhões da reforma de Nassau e adaptaram um pouco a tática às condições locais.

Os holandeses apresentaram-se na 1ª Batalha com 9 regimentos (1 brigada mais um regimento). $9 \times 500 = 4.500$ homens de combate, afora um contingente de 1.800 homens, composto de 500 marinheiros, 700 tapuias e uns 400 ou mais índios, encarregados, em sua maioria,

do transporte logístico para todo o exército.

Esta formação era excelente para o combate nas planícies europeias, mas não se prestava para fazer frente aos patriotas do Brasil. Estes procuravam a batalha em locais confinados que não permitiam a tomada desta formação clássica, por exigir amplo espaço para manobra.

Em marcha, o dispositivo de uma brigada era o seguinte: Vanguarda: 2 batalhões; Corpo de Batalha: 4 batalhões; Retaguarda: 2 batalhões.

Para o combate, a vanguarda transformava-se em 1º Escalão, o Corpo de Batalha em 2º Escalão e a Retaguarda em 3º Escalão ou Reserva.

Grandes exércitos ainda hoje cometem o erro de transportar para teatros de operações, em diversas partes do mundo, tropas treinadas e reveladas excelentes para as planícies do norte da Europa.

O importante fator da decisão -terreno, condicionando os meios -não tem sido levado em muita conta. Os holandeses pagaram alto preço por isto no Brasil.

Em combate, o regimento formava em duas linhas: 1ª linha (300 piqueteiros); 2ª linha (200 mosqueteiros). Estas linhas totalizavam 500 homens.

b) Instrução

O Contingente holandês, chegado com a Esquadra de Socorro, juntamente com o já existente no Recife, era treinado por Von Schkoppe, porém, confinado, e em condições bem diversas da realidade do inimigo e terreno que iriam encontrar fora da área do Recife.

A falta de exercício físico e a conseqüente vida sedentária que levavam, combinadas com o clima tropical a que muitos não estavam acostumados tiravam dos soldados holandeses a resistência física e a agilidade, tão necessárias a dar combate aos ágeis, lépidos, resistentes e velozes patriotas do Brasil.

c) Logística

A logística do holandês era baseada, principalmente, em suprimentos vindos da Europa, através de sua esquadra.

Eram complementados por excursões logísticas por mar, despachadas em todo o litoral do Nordeste, do Maranhão à Bahia, em especial no Recôncavo.

Houve ocasiões, segundo cronista da época, principalmente após as duas batalhas, em que até lenha era enviada da Holanda.

Mas, exército constituído à base de mercenários, para sustentá-lo eram necessários muita bolacha e outros tipos de alimentos mais requintados.

Não se conformavam, como os patriotas, a comer a sua espiga de milho ou a ração de farinha de mandioca, quando estes gêneros existissem.

Consumiam muitos caranguejos do Capibaribe.

d) Tática

No combate, os mosqueteiros avançavam e descarregavam o mosquete, após o que tomavam posição atrás dos piqueteiros, para remuniciamento.

Nesta situação, o combate era travado à arma branca pelo piqueteiro, armado de espada e de um pique (pequeno bastão para aparar golpes de espada do inimigo).

A exploração do poder de fogo era crítica, pois um mosqueteiro levava uma hora entre um tiro e outro, o qual, disparado, caso não falhasse, atingiria, sem precisão um alvo a cerca de 100 metros.

Deste momento crítico, os patriotas aproveitavam-se, com todo o ímpeto, para desferir violentos ataques à espada, sobre os piqueteiros e os mosqueteiros em remuniciamento.

Eles se ocupavam, aos magotes, em romper vários pontos da linha defensiva dos holandeses e penetrar por eles, criando, assim, diversos flancos.

A formação rígida de combate holandesa não permitia que os piqueteiros corressem em auxílio dos demais e, sentindo-se envolvidos, o caminho era a retirada, a confusão e a desordem.

Neste momento, os patriotas entregavam-se ao aproveitamento do êxito e à perseguição. Atuando com bastante iniciativa, audácia e rapidez, eliminavam grande número de adversários em fuga desordenada.

A maior vulnerabilidade da tática holandesa era a formação rígida de seus batalhões, desaconselhável para ser utilizada em faixas estreitas de terreno e mesmo interior de bosques. Essa formação era condizente com as planícies do norte da Europa, tipo de terreno que influenciou a organização de seu exército, como influencia até hoje os exércitos mais poderosos da Europa e o dos Estados Unidos. Os comentários sobre a organização holandesa complementam a análise da tática.

e) Moral

O moral holandês nesta batalha era bom, até a surpresa luso-brasileira no Boqueirão.

Von Schkoppe alevantou o moral de seus soldados antes da batalha, contando-lhes, por certo, suas fáceis vitórias sobre o Governador-Geral Teles, da Bahia.

O General Von Schkoppe, ao sair com toda a pompa do Recife, tocando tambores e fazendo disparar canhões nos Afogados, acreditava e fez crer a seus soldados que aquela expedição se resumia numa simples marcha até o Cabo, onde, pelo caminho seriam encontrados objetivos compensadores para saque, os quais satisfizessem seus soldados mercenários, já parcialmente satisfeitos, pois, antes da saída do Recife, já haviam recebido o que os levava ao combate: o soldo, atrasado de um mês.

Segundo Frederico, o Grande, os soldados na Europa eram recrutados em grande parte da escória da sociedade, e a honra não tinha significado para eles.

Os soldados, então, deviam temer mais seus oficiais que ao próprio inimigo.

Para que não desertassem, eram obrigados a combater cerrados, sob as vistas dos oficiais, pois tão logo tinham qualquer oportunidade desertavam. Em consequência, Frederico, o Grande, tomara diversas medidas para evitar a deserção.

Deveriam ser evitadas marchas noturnas, e os soldados destacados a serviço longe da tropa, acompanhados de oficiais.

A perseguição ao inimigo deveria ser evitada, pois, da dispersão resultante, muitos soldados em perseguição aproveitavam-se para desertar.

Nas duas batalhas dos Guararapes, a deserção entre os holandeses foi muito grande, principalmente na segunda.

O peso das baixas nas duas batalhas recairia sobre a oficialidade.

Na segunda, a baixa de oficiais representou cerca de 10% das baixas holandesas, incluindo-se o próprio chefe da expedição (Cel Van Brinck).

Dias Cardoso, o organizador do Exército Restaurador e vencedor do Monte das Tabocas, respondeu assim a um oficial holandês, por ocasião da troca de mortos e feridos, após a 2ª Batalha, e com muita autoridade e realidade.

“Se vocês combaterem dispersos na próxima batalha, melhor, pois, para cada soldado holandês disperso, necessitaremos de um capitão, enquanto cada soldado nosso disperso representa um capitão.”

O oficial holandês havia dito que seus soldados venceriam da próxima vez os patriotas do Brasil combatendo dispersos, como eles.

Aí residia a grande diferença entre o soldado patriota da guerra dos povos e o soldado mercenário das guerras de reis.

f) Estratégia

Era a estratégia indireta, na qual não se evitava, com o inimigo, um encontro decisivo.

Segundo J. F. C. Fuller, em **A Conduta da Guerra**, recorria-se, então, à estratégia do desgaste, não a de destruição do inimigo, mas a de esgotá-lo ao invés de matá-lo. Os objetivos normais eram o de atacar a linha de suprimentos do inimigo, suas fortificações e fontes de recursos.

E neste ponto, os holandeses, com domínio do mar, atacaram por diversas vezes socorros marítimos enviados aos patriotas para suas fortificações e redutos na várzea e no litoral do Nordeste, bem como fontes de suprimentos dos patriotas no Recôncavo, Paraíba e Rio Grande do Norte.

De janeiro de 1647 a dezembro de 1648, aprisionaram 249 embarcações portuguesas (José Antônio Gonçalves de Mello).

Nesta batalha, procuraram cortar a linha de suprimentos com a Bahia, por terra e por água, em Tamandaré.

Em 1667, o Conde Orrey definiu a estratégia ainda em voga na Europa e que fora utilizada pelos holandeses no Brasil poucos anos antes: "Fazemos a guerra não como leões, mas como raposas".

Então, era considerado uma vitória estratégica viver no território inimigo, sustentando-se com seus recursos.

Até a 1ª Batalha dos Guararapes, esta estratégia ia vencedora, quando os patriotas adotaram, de surpresa, a estratégia direta "destruição do inimigo através de uma batalha decisiva".

Os holandeses esperavam dos patriotas a adoção de estratégia semelhante, que os conduziria, fatalmente, à derrota por partes.

g) Armamento

Os holandeses usavam arcabuzes, clavinhas, mosquetes, pistolas, piques, chuços, lanças e espadas como armamento individual.

Nas duas batalhas dos Guararapes, levaram meia dúzia de peças de artilharia, o que faz crer ser a dotação de um brigada de então.

Sua artilharia foi usada durante a 1ª Batalha, mas, atacando dispersos os luso-brasileiros, seus efeitos foram quase nulos sobre estes.

O tipo de armamento utilizado pelos holandeses pode ser concluído do seguinte documento:

"Inventário das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco", armas e petrechos devolvidos após, em grande parte, por força de tratados.

O mosquete mais aperfeiçoado da época era de carregar pela boca, pesava mais de 5 kg e o projétil alcançava 150 a 200 metros.

Segundo o Major Souza Júnior, em **Do Recôncavo aos Guararapes**, os suecos eram considerados os mais exímios atiradores, pois, durante uma batalha, conseguiam disparar cerca de 7 tiros em 8 horas.

Era gasto muito tempo no resfriamento da arma, carregamento

e, por vezes, no ajustamento da bala ao cano da arma, além de um complexo ajustamento da pontaria, subordinado a um deficiente sistema de detonação da arma, processo não instantâneo.

h) Recrutamento

Os grandes efetivos de mercenários que a Holanda conseguiu transportar para o Brasil no período (1624-1654) parece encontrarem a explicação a seguir.

Em período quase coincidente com a Guerra de 30 anos contra os holandeses no Brasil (1624-1654), lavrava na Europa a cruel, mortífera e arrasadora Guerra dos 30 Anos (1618-1648). Dito conflito envolveu a Europa Central e, segundo J. F. C. Fuller, em **A Conduta da Guerra**, assumiu a forma de "arrasa quarteirão" no período (1632-1648), coincidente com a Dominação Holandesa de Pernambuco até a 1ª Batalha dos Guararapes. Esta batalha coincidiu, aproximadamente, com a Paz da Westphalia, já com a Europa Central em ruínas.

Nesta guerra, estima-se que 8 milhões de pessoas morreram, sendo 350 mil em combate.

Na Boêmia, das 35.000 aldeias, somente cerca de 5.000 continuavam habitáveis, e sua população diminuíra de dois milhões para 700 mil habitantes.

A fome grassava e conheceu-se o canibalismo.

O povo mergulhou na superstição, e, segundo ainda J. F. C. Fuller, o Bispo de Wurtzburg, em nome da Santa Inquisição, fez queimar 9 mil pessoas por feitiçaria.

Com este quadro revoltante e hediondo de guerra, jamais repetido na história da humanidade, guardadas as devidas proporções no tempo e no espaço, é natural que mercenários viessem com boa vontade para o Eldorado Pernambuco, para enfrentar o que julgavam um bando de revoltosos mal armados.

No Recife, dentro da estratégia indireta, teriam melhor oportunidade de fortuna e de vida longa, protegidos pelos rios Capibaribe e Beberibe e, se tudo corresse bem, teriam um dia seu engenho ou fazenda, ou mais provavelmente se tornariam abastados comerciantes do Recife.

Para que o leitor tenha uma ideia da nacionalidade dos componentes do exército holandês, cito os nomes dos oficiais que exerciam funções de comando no Regimento do Ten General Von Schkoppe, por ocasião da 2ª Batalha: Cel Hans, Ten Cel Claer, Capitães Thya, Huninca, Buterman, Sholier, Wertwoot, Schrickembero, Rogier Jonhss, De Roetz, Bergen Coeck Mae, Byma, Du Milot, van Walderen, Hubbelding, Sic Kema e Harc Kema (**Revista do Arquivo Público de Pernambuco, 1949**). O General Von Schkoppe era alemão.

Marcha para o campo de batalha

CARTA DO RECIFE (Em Anexo ao final do livro)

- Holandeses

a) - 1ª Etapa - Dia 17 (Recife - Afogados)

O anoitecer, sob o comando do Ten General Von Schkoppe, os holandeses dão início à marcha na direção sul: Afogados - Barreta - Guararapes.

Saem do Recife na maior euforia e alarde.

A marcha é acompanhada pelo som de trombetas e tambores, mais parecendo um desfile militar do que uma marcha para o combate.

Feriram o princípio de guerra da Surpresa.

Com esta providência, os holandeses visavam obter efetivos psicológicos:

- Sobre os luso-brasileiros: minar-lhes o moral, por fazê-los crer da inutilidade de enfrentar um exército tão poderoso.

- Sobre os holandeses: por criar-lhes a confiança na vitória certa e superioridade militar incontestável sobre os patriotas.

O entusiasmo holandês era consequência de intenso trabalho psicológico feito sobre os soldados nos três dias que antecederam sua saída para campanha.

Segundo Lopes Santiago, nestes três dias, além de penitência religiosa a que eram obrigados os holandeses, foi-lhes assegurado abundante saque, minimizado o valor dos patriotas do Brasil e exortados a que não dessem quartel ao inimigo.

Aos índios tapuias, seus aliados, foi ordenado que matassem à vontade, não respeitando sexo e idade; enfim, adotar a política de ar-rasa quartirão.

Esta política foi muito usada pelos patriotas, no tocante à destruição de recursos materiais, sempre que obrigados a abandonar posições ou engenhos e fazendas aos holandeses.

Os russos lançaram mão deste recurso e, em gigantescas proporções, quando Napoleão invadiu a Rússia.

Este expediente obrigava os holandeses a suprirem-se na Holanda.

Von Schkoppe baseava-se nos sucessos anteriores obtidos na Bahia e esta era a imagem do que de pior iria encontrar pela frente.

A primeira etapa terminou na fortaleza holandesa dos Afogados, situada do outro lado do rio Capibaribe.

Neste local, foram recebidos, festivamente, ao som de trombetas, tambores, vivas e com uma salva de todas as peças de artilharia da fortaleza.

Neste ponto, os holandeses procuravam fazer crer aos luso-brasileiros numa ação militar sobre a Várzea, procurando fixá-los no Arraial

Novo, enquanto eles prosseguiriam, tranquilamente, para o sul. Pernoitaram na fortaleza.

b) - 2ª Etapa - Dia 18 - (Afogados - Leiteria) (Boa Viagem)

Às 7 horas, os holandeses retomaram o movimento e atravessaram o rio Capibaribe para a ilha do Nogueira, hoje Bairro do Pina.

Von Schkoppe deixou nos Afogados, à sua retaguarda, um regimento ao comando do Cel Hans, para dar a impressão de que iria atacar o Arraial Novo.

Executaria sua finta para poder marchar comodamente para o sul.

Na ilha, incorporou-se ao grosso duas companhias de mosqueiteiros, que transportaram por água, desde o Forte de Cinco Pontas, a artilharia holandesa de campanha.

Na Barreta, antigo sangradouro existente entre o Pina e Boa Viagem, situava-se uma estância ou reduto luso-brasileiro, defendido por 100 homens, em sua maioria de Ipojuca.

Obedeciam ao comando do bravo Capitão Bartolomeu Soares Canha.

Os holandeses, utilizando-se de índios tapuias e duas companhias de mosqueteiros, deram combate aos bravos do Cap Bartolomeu Soares da Canha, que resistiram com um denodo sem precedentes, retardando-os em seu avanço.

Os tapuias conseguiram cercar uma fração de 40 homens ao comando de dois alferes, degolando-os barbaramente.

Soares da Canha, no comando do restante de sua força, bateu-se leoninamente, com invulgar bravura. Aprisionado, foi poupada sua vida, em reconhecimento a seu posto e bravura de soldado.

Submetidos a interrogatórios, os prisioneiros patriotas revelam que existem somente 200 ou 300 homens luso-brasileiros no Engenho Guararapes, no caminho de Muribeca.

Esta falsa informação seria fatal aos holandeses, nos Montes Guararapes, ao serem atraídos ao Boqueirão por cerca de 200 homens ao comando de Dias Cardoso, pois julgaram ser a única fração existente na direção em que atuavam.

Eufóricos com a vitória na Barreta, os holandeses aguardam, na Leiteria (Boa Viagem), que a retaguarda, ao comando do Cel Hans, se juntasse ao grosso, após cumprida, até por volta do meio dia, sua finta nos Afogados: fazer crer que atacariam o Arraial Novo.

Em razão do atraso da retaguarda, os holandeses dormiram na praia, numa faixa de terra entre o mar e os alagados.

c) - 3ª Etapa - Dia 19 - (Leiteria - Guararapes) (1 hora)

Pela manhã, os holandeses reiniciam a marcha, esperando alcançar o Engenho Guararapes em duas horas.

Com menos de hora de marcha toparam com elementos de segurança luso-brasileiros, na crença de tratar-se de uma pequena fração dos 200 ou 300 homens existentes em sua direção de atuação.

Após algumas escaramuças teria lugar a batalha.

Comentário

Os holandeses, através de uma finta feita pelo Cel Hans nos Afogados, pretendiam fixar o grosso luso-brasileiro no Arraial Novo, enquanto se adiantavam com o grosso do Exército rumo ao sul.

Sabedores, por informações de prisioneiros feitos na Barreta, da existência de somente 200 ou 300 luso-brasileiros na sua direção de atuação, permitiram-se desperdiçar tempo, descansando na Leiteria, por uma tarde, e onde passaram a noite.

A demora holandesa nos Afogados nos parece fazer parte da finta holandesa, pela qual se esperava que os patriotas acreditassem num ataque sobre o Arraial Novo, o baluarte do sistema defensivo luso-brasileiro.

Assim procedendo, esperavam fixar os luso-brasileiros no Arraial, enquanto eles prosseguiriam incólumes para o sul.

Os toques de tambores, clarins, cornetas e salvas de artilharia parecem pertencer ao plano de finta holandês.

Na crença de ter conseguido ludibriar os luso-brasileiros, o Cel Hans, por volta do meio dia de 18, deixou Afogados. Incorporou-se à tardinha ao grosso na Leiteria.

Com o enorme espalhafato da marcha e desperdício de tempo precioso durante o deslocamento, feriram de morte os princípios de guerra da **Surpresa, Manobra** e o da Segurança (informações), esse, por não confirmarem a veracidade das informações que lhe foram prestadas pelo inimigo e despreocupação em saber como reagiriam os luso-brasileiros no Arraial.

- Luso-brasileiros

Através de excepcional sistema de informações, os luso-brasileiros tomaram conhecimento, ainda na noite de 17, de que os holandeses deixavam o Recife.

- 1º Conselho de Guerra no Arraial Novo (Linhas de Ação)

No continente, o Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes convocou um conselho de guerra, em razão do pouco conhecimento que possuía da campanha de Pernambuco e táticas de combate do patriotas do Brasil, que seguiam padrões predominantemente brasi-

leiros (Lopes Santiago).

Barreto de Menezes, até pouco tempo atrás, fora prisioneiro dos holandeses no Recife, de onde fugira, espetacularmente, auxiliado por Francisco Braz, filho do carcereiro.

Neste conselho de guerra, participaram do processo decisório Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Antônio Dias Cardoso, Filipe Bandeira de Melo e Antônio Freitas da Silva.

Filipe Camarão encontrava-se em seu reduto no atual Bairro de Estância.

Em conselho de guerra, foram postas em discussão e analisadas três linhas de ação (alternativas).

(Interpretação do autor)

- **Linha de ação nº 1** - Adotar a defensiva apoiada em suas estâncias, redutos, trincheiras e Arraial Novo, combinada com pequenas ações ofensivas (emboscadas).

- **Linha de ação nº 2** - Adotar a ofensiva, procurando travar uma batalha decisiva, na qual fosse destruído o inimigo pela aplicação do fraco poder de combate patriota, combinado com o seu judicioso aproveitamento militar do terreno, da surpresa e do ímpeto ofensivo.

- **Linha de ação nº 3** - Retirada para o cabo de Santo Agostinho, onde seria organizada a resistência.

Após a análise das linhas de ação, com base nos pareceres de Barreto de Menezes, Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira e Antônio Dias Cardoso, ficou decidido pela adoção da **Linha de ação nº 2**:

- "Procurar travar uma batalha decisiva com o inimigo, tirando partido do terreno, em local estreito e recoberto de matas" (Lopes Santiago).

Contra a adoção da linha nº 1, houve opinião geral, porque implicaria em fazer-se o jogo do inimigo e, em consequência, seriam batidos por partes de forte em forte, até a derrocada final.

A linha de ação nº 3, retirada para o cabo Santo Agostinho, foi defendida por Antônio Freitas da Silva, recém chegado da Bahia, aonde fora buscar recursos para a luta (Lopes Santiago).

Contra esta linha de ação, argumentou-se que sua adoção implicaria na entrega pura e simples da principal parte da campanha e do baluarte do Arraial Novo. Enfim, uma derrota sem reação.

Como argumentação favorável à linha de ação adotada, ressaltaram:

- Em caso de vitória, seriam incalculáveis as consequências para a causa da Restauração.

- Em caso de derrota, ter-se-iam imolado a serviço de Deus e da Pátria, e a glória consequente seria imortal (Lopes Santiago).

Tomada a decisão, assinaram um compromisso de cumprir fielmente o acordado.

A seguir, decidiram, complementarmente, reunir o grosso de suas tropas no Arraial, aguardando a definição da direção de atuação do inimigo, ocasião em que sairiam a seu encontro, à procura da batalha decisiva.

Barreto de Menezes incumbiu o vencedor do Monte das Tabocas, o bravo Dias Cardoso, da missão de esclarecer a direção de atuação que o inimigo tomaria.

Após, Barreto de Menezes confiou a Fernandes Vieira e a Vidal de Negreiros a disposição da batalha, em razão do seu pouco conhecimento do terreno, bem como das táticas predominantemente brasileiras, conforme já nos referimos.

Às 14 horas do dia 18, Dias Cardoso chegou ao Arraial com a notícia de que os holandeses haviam definido a sua direção de atuação para o sul e que marchavam na volta da Barreta (referia-se por certo ao Cel Hans).

Com esta notícia, chegou, também, a do degolamento, na Barreta, de 40 patriotas, em sua maioria de Ipojuca, local de onde partira o primeiro grito de revolta que abriu a campanha da Insurreição de Pernambuco.

Incontinente, o exército luso-brasileiro marchou para o sul, com muitos soldados interrompendo o consumo de sua ração de farinha e outros sem se alimentarem.

Sem alimentação, alguns; e outros, com fraca alimentação, os soldados luso-brasileiros, nas seguintes 24 horas, não conheceriam qualquer tipo de comida **“a não ser água com açúcar em pequena quantidade ao final da batalha”** (Lopes Santiago).

Apesar disso, enfrentariam a longa marcha forçada do Arraial ao local da batalha e venceriam os holandeses, estando aqueles com os estômagos completamente vazios, contrariando a máxima napoleônica: **“Os exércitos marcham sobre seus estômagos”**.

Esta é uma forte razão para admirar-se o acendrado patriotismo e raça destes bravos artífices do **“espírito de nacionalidade brasileira”**.

Foi despachado à frente, e a toda velocidade, um ajudante, com 20 homens, com a missão de destruir uma ponte no rio Jaboaão (Jan-gada), no caminho do Cabo.

- 2º Conselho de Guerra no Ibura (Linhas de Ação)

Nos campos do Ibura (atual Aeroporto), em razão de pontos de vistas diversos, sustentados por Vidal de Negreiros (atacar em campo aberto) e Fernandes Vieira e Dias Cardoso (atacar nos Guararapes),

acordam em fazer alto e aguardar o Mestre de Campo Barreto de Menezes, para que o assunto fosse debatido em conselho de guerra.

Formado o conselho de guerra, foram postas em discussão duas linhas de ação (alternativas).

(Interpretação do autor)

- **Linha de ação nº 1:** Atacar os holandeses na Leiteria (Boa Viagem) em campo aberto.

- **Linha de ação nº 2:** Atacar os holandeses no Boqueirão dos Guararapes, em terreno confinado, que lhes tolhesse a liberdade de manobra e os obrigasse a reduzir a frente de ataque.

Iniciado o Conselho de Guerra, Fernandes Vieira, em defesa de sua ideia, solicitou o testemunho e opinião do intrépido Dias Cardoso "na qualidade de soldado mais prático e experiente em tudo" (Lopes Santiago).

Dias Cardoso confirmou ser militarmente certo o ponto de vista de Fernandes Vieira. E completou mais ou menos nestes termos:

"Ao atacarmos no Boqueirão, compensaremos a nossa inferioridade numérica, por tirarmos o máximo partido do terreno. Com isto, obrigaremos o inimigo a combater dentro de nossa tática e impediremos que tirem proveito de sua potência de fogo e capacidade de manobra pelas alas, por obrigá-los a reduzir drasticamente a frente de ataque. Além disso, obrigaremos o inimigo a combater mais distante de sua base de operações, o Recife, e em local onde existe água abundante para nossas tropas" (Lopes Santiago).

"Ao atacarmos o inimigo na direção da Barreta, enfrentá-lo-emos dentro de suas táticas, próximo do Recife e em local difícil de obter-se água para nossas tropas".

Havendo concordância geral sobre a conveniência de atacar-se o inimigo nos Guararapes, Barreto de Menezes decidiu que a batalha decisiva fosse procurada naquele local.

Sem perda de tempo, fez marchar o exército para os Guararapes, que ocuparam no maior sigilo até às 22 horas.

Durante a noite, discutiram o melhor dispositivo a adotar para enfrentar o inimigo no dia seguinte.

Para compensar a falta de alimento, os soldados patriotas devem ter sido aconselhados a dormir, a fim de enfrentar o inimigo na manhã seguinte nas melhores condições.

O acerto militar da decisão defendida por Dias Cardoso no Conselho de Guerra do Ibura poderá ser melhor entendido quando analisadas as táticas de combate de ambos os beligerantes.

O dispositivo adotado pelos luso-brasileiros foi o seguinte:

O grosso, composto pelo terço de Fernandes Vieira, formaria ao sul do Boqueirão, seguido da reserva formada pelo terço de Vidal de Negreiros.

Nas alas, seriam colocados os terços de Henrique Dias (ala esquerda sobre o monte Oitizeiro) e de Felipe Camarão (ala direita sobre a faixa e atrás da Restinga de Mato (Lopes Santiago)).

Os luso-brasileiros devem ter iniciado o movimento em torno das 15 horas, levando 7 horas para chegar aos Guararapes, após percorrerem 18 Km (3 léguas) através de campos, e atravessarem o Tejipió e Jequiá (vel. 2,5 Km/h, sendo 3 h de marcha diurna e 4 à noite).

O seu rendimento de marcha foi muito bom, se considerarmos que muitos estavam sem alimentação desde a manhã de 19, e todos mal alimentados, devido à escassez de alimentos no Arraial.

A alimentação básica era a farinha de mandioca, que, na época da batalha, era escassa.

Desde à noite, foi confiada a missão ao intrépido e valoroso Antônio Dias Cardoso, **"o mestre da emboscada"**, no sentido de vigiar se os holandeses marchavam à noite e executar o plano de atração dos holandeses à emboscada no Boqueirão.

Nesse sentido, ele despachou ainda na noite de 18 para 19 vinte homens com a missão de observar a movimentação holandesa.

Esta força chocar-se-ia com a vanguarda holandesa que a repeliu em direção ao Boqueirão.

Descrição da 1ª Batalha

Desdobramento holandês no Monte do Telégrafo

ESBOÇO Nº 1 (Ao final do livro)

Após o retraimento da pequena cobertura luso-brasileira para o Boqueirão, o tenente general Von Schkoppe, pressentindo algum perigo à frente, ordenou o desdobramento de seu exército no monte, hoje denominado do Telégrafo, e na sua baixada leste.

Sua vanguarda ocupou as alturas do dito monte, e o corpo de batalha ocupou a baixada ao longo da estrada.

A retaguarda ainda marchava pouco distante, regulando a marcha pelas bagagens, trens, tralha do exército, a qual proporcionava proteção.

O Mestre de Campo Barreto de Menezes a tudo observava, mantendo o seu dispositivo escondido na linha Alagados-Boqueirão-Monte Oitizeiro (ver esboço nº 1) (Interpretação: Relatórios Von Schkoppe, Van der Branden, Barreto de Menezes).

Atração dos holandeses ao Boqueirão

ESBOÇO Nº 2 (ao final do livro)

Mantendo o seu dispositivo escondido, Barreto de Menezes faz avançar através do Boqueirão, sobre os holandeses, 200 a 300 homens, ao comando do Sargento- Mor Dias Cardoso, para atraí-los a uma grande emboscada, por fazer crer ao inimigo que somente uma pequena força lhes disputava aquela importante passagem para o sul.

A reação de Von Schkoppe não se fez esperar. Ordenou que uma força composta de seu regimento e dos regimentos dos coronéis Van Elst e Keervaen atacasse com presteza a pequena força luso-brasileira e conquistasse o Boqueirão.

Desfechado o ataque, muitos holandeses, dada a frente estreita do Boqueirão, foram obrigados a progredir com grande dificuldade através dos Alagados, que julgavam solo firme, para envolverem pela esquerda a força pequena ao comando de Dias Cardoso.

A ala direita holandesa em posição no monte do Telégrafo (atual) iniciou a progressão com vistas a desbordar os luso-brasileiros, através de um ataque envolvente pela direita. Tinham os holandeses caído na grande emboscada que os luso-brasileiros lhes haviam preparado.

A ala direita, progredindo em direção ao monte Oitizeiro, ficara dissociada do grosso por árvores esparsas, na falda leste de dito monte que, com os Alagados, formava o Boqueirão, estreita passagem de 100 passos em linha seca e desprovida de vegetação.

Ataque luso-brasileiro

ESBOÇO Nºs 3 e 4 (ao final do livro)

Naquele exato momento, o Mestre de Campo Barreto de Menezes ordenou um ataque geral a espada dos luso-brasileiros, que se mantinham com o grosso de suas forças, a coberto, pelo monte Oitizeiro e restinga de mato nos Alagados.

No Boqueirão, foi incumbido de atacar o dispositivo inimigo o Mestre de Campo Fernandes Vieira, que tinha por Sargento-Mor o bravo Dias Cardoso.

Atacaria cobrindo seu flanco direito e, através dos Alagados, o terço de Felipe Camarão.

Fixaria o inimigo no monte do Oitizeiro o terço de Henrique Dias.

O terço do Mestre de Campo Vidal de Negreiros constituiu-se

em Reserva, deixada na direção do esforço principal, este, a cargo de Fernandes Vieira.

Ordenado o ataque geral, após algumas trocas de tiros que poucas baixas causaram, foi desfechado violento ataque a espada nos holandeses, na estreita faixa do interior do Boqueirão a que foram atraídos os inimigos.

Este impetuoso ataque surpreendeu os holandeses progredindo ainda em organização de seu dispositivo de ataque e pensando que iriam enfrentar uma pequena força inimiga.

O ataque principal, desfechado com toda a violência, logo rompeu o grosso holandês no Boqueirão, ultrapassou e envolveu a ala esquerda inimiga que progredia no interior dos Alagados.

Em consequência, logo se estabeleceu a confusão e a desordem no dispositivo holandês, provocando a deserção de muitos de seus soldados.

Ao darem as costas aos luso-brasileiros para retrain, muitos holandeses foram abatidos à espada.

Nesta situação, verificou-se o maior número de baixas, pois, no acodamento da fuga, abandonavam o armamento para escaparem com maior velocidade.

Os numerosos holandeses envolvidos nos Alagados encontraram a morte ali mesmo, principalmente abatidos a tiros, lanças, à espada, provavelmente pelas forças de Felipe Camarão, por certo habituas a deslocarem-se nos Alagados.

Muitos holandeses, no interior dos Alagados, na pressa de fugirem, deitaram fora seus armamentos, o que facilitou a destruição, perseguidos pelos ágeis índios de Camarão.

Progredia pelos Alagados, ao que parece, o Regimento do Cel Keervaen.

Henrique Dias, após rechaçar um ataque sobre sua posição, era auxiliado pela artilharia, que causava grandes estragos no grosso e na reserva holandesa, disposta entre os montes Oitizeiro e Telégrafo (Cel Van der Branden).

(Não há certeza histórica da existência de artilharia patriota).

Ataque de flanco holandês

ESBOÇO Nº 5 (ao final do livro)

Percebendo os holandeses a franqueza da ala esquerda luso-brasileira, resultante do abandono da posição por muitos homens de Henrique Dias (**Relação da Vitória**), para tentar silenciar a artilharia

inimiga no monte Oitizeiro, decidiram empregar a sua Reserva num ataque de flanco (Regimento de Van der Branden).

Este ataque também visava envolver o grosso luso-brasileiro no Boqueirão, aí, então, fixado por um ataque secundário comandado por Von Schkoppe.

O Cel Van der Branden, com sua base de partida no atual monte do Telégrafo, atacou com dois batalhões o fraco dispositivo de Henrique Dias, no monte do Oitizeiro, além de silenciar a artilharia luso-brasileira aí colocada. Progressivamente recalcou na direção do monte da Igreja dos Prazeres atual as tropas de Henrique Dias (Relatório Van der Branden).

O Mestre de Campo Barreto de Menezes, apercebendo-se do perigo de desbordamento, empregou parte de sua Reserva, constituída de 560 homens, ao comando do Capitão Cosmo do Rego, para reforçar Henrique Dias, que se retraía sob forte pressão inimiga (Relatório de Barreto de Menezes).

A tropa que mandou em reforço a Henrique Dias não cumpriu fielmente suas ordens e adotou outra direção de atuação, resultando ficar separada da tropa que iria apoiar, pela tropa de Van der Branden (ver detalhe Esboço 5). O Capitão Cosmo Rego logo a seguir retornou e incorporou-se ao grosso.

Neste ínterim, os holandeses atacaram no Boqueirão, sendo ferozmente batidos e obrigados a recuar, levando ferido o comandante da expedição, Tenente General Von Schkoppe, atingido por dois projéteis numa das pernas.

Eliminada esta ameaça, prosseguiu avançando o ataque de flanco, retardado bravamente por Henrique Dias (ver detalhe Esboço 5). O restante da Reserva, Barreto de Menezes a empregara no Boqueirão, para aumentar o ímpeto ofensivo do ataque, com a vanguarda ao comando, agora, de Vidal de Negreiros (Relatórios Barreto de Menezes e Vidal de Negreiros).

Manobra Luso-brasileira para conter o ataque envolvente holandês

ESBOÇO Nº 6 (ver ao final do livro)

Eliminada a ameaça no Boqueirão, Barreto de Menezes deixa-o ocupado com 200 homens, possivelmente ao comando do Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso.

Com o restante, deu meia volta, abandonou o Boqueirão e tomou posição nas faldas leste do atual monte da Igreja N. S. dos Prazeres,

coabrindo-se na direção de atuação de Van der Branden.

Pensando encontrar o Boqueirão abandonado, os holandeses enviaram uma fração para dele apossar-se; entretanto, ao perceberem que estava ocupado por 200 homens, retornaram para suas posições.

Van der Branden atingiu o monte hoje da Igreja N. S. dos Prazeres acompanhado de perto pelas tropas de Henrique Dias, que evitavam um engajamento cerrado.

Ao atingir este ponto, sua tropa estava exausta e sem munição.

Gastou algum tempo, segundo seu depoimento, com uma peroração, concitando seus homens a prosseguirem no ataque, utilizando as espadas.

Nessa ocasião, Van der Branden recebeu ordens de Von Schkoppe, informando-lhe encontrar-se ferido e com o seu Exército "bastante batido", na baixada.

Ordenou-lhe que assumisse o comando e que não prosseguisse no ataque, por ter fracassado na baixada do Boqueirão o ataque secundário de fixação.

Ordenou-lhe, outrossim, que retraísse para o atual monte Telégrafo, onde deveria reorganizar o restante do Exército e, tão logo chegasse a noite, retirar-se para Leiteria, hoje Praia da Boa Viagem. (Interpretação do autor, com apoio em **Relação da Vitória** e relatório Van der Branden)

Estabilidade da frente (Exércitos frente a frente)

ESBOÇO Nº 7 (ver ao final do livro)

Após uma luta que durara 4 horas (Barreto de Menezes), levando à beira da exaustão muitos de seus soldados, os holandeses retornaram às suas posições no atual monte do Telégrafo, e os luso-brasileiros ficaram no Boqueirão e crista topográfica do monte do Oitizeiro.

Até à noite, os dois exércitos ficaram frente a frente, trocando insultos e disparando por vezes suas armas, ao mesmo tempo que aproveitavam para reorganizarem-se e recolherem os mortos e feridos mais próximos das posições.

Logo após o violento ataque de ruptura luso-brasileiro, os holandeses desviaram parte de seus efetivos para o transporte de feridos para o Recife, o que veio desfalcar ainda mais seus já desfalcados efetivos (mortos, feridos, deserções).

Houve, logo de início, muitas deserções holandesas, principalmente dos índios tapuias, seus aliados, tão logo perceberam a violência de um ataque convencional.

Com a consciência pesada pelos degolamentos de bravos patriotas na Barreta, os tapuias puseram-se em fuga desordenada e embrenharam-se em matas longínquas, temendo represálias.

Retirada holandesa

Enquanto os luso-brasileiros se recompunham do grande desgaste do dia, ao mesmo tempo que se reorganizavam para o combate no dia seguinte, os holandeses, aproveitando-se da noite, bateram silenciosamente em retirada para a Leiteria (Boa Viagem), debaixo de enorme aguaceiro que caiu durante a noite.

Dito aguaceiro apanhou nossas tropas em posição em campo aberto, castigando-as e impedindo um sono reparador, ao mesmo tempo que agravou o sofrimento dos feridos.

Pela manhã, foram lançados reconhecimentos na direção holandesa e feitos prisioneiros alguns sentinelas que desconheciam a retirada de seu Exército.

O Cel Van der Branden retirou-se com 3200 homens de seu Exército, ou 50% do efetivo inicial, de vez que os restantes 3200 tombaram em combate, desertaram, esconderam-se nas matas próximas ou foram encarregados do transporte de feridos.

Lutando em campo aberto, à moda europeia, este efetivo ainda poderia causar sérios danos aos luso-brasileiros.

Baixas de combate

- Holandesas:

15 mortos e 523 feridos (Supremo Conselho do Recife);

470 mortos e 523 feridos (Netscher e Watjen);

300 mortos e 500 feridos (Handelmann);

900 mortos deixados no campo (Vidal de Negreiros);

900 mortos e feridos deixados no campo (Mestre de Campo B. de Menezes);

900 mortos e feridos deixados no campo (Felipe Bandeira de Mello).

É possível que os holandeses tenham computado as baixas referentes ao seu Exército, omitindo as baixas entre os índios tapuias e mais índios encarregados de transportar a impedimenta, (bagagem) e que em seu total poderiam atingir 900 mortos e feridos deixados no campo de batalha.

Ao aceitar o número 1038 baixas de combate, segundo o depoimento do Supremo Conselho do Recife, é de admitir-se que as deser-

ções atingiram números bem superiores a 500 homens, pois o próprio Von Schkoppe, em seu depoimento, referiu-se a 1.500 claros em sua tropa, após o primeiro embate com os luso-brasileiros.

Na **Relação da Vitória**, constam numerosas baixas, por morte, entre coronéis, majores, capitães, ajudantes e alferes holandeses.

Consta, também, que somente escaparam com vida ou de caírem prisioneiros o Ten Gen Von Schkoppe (ferido) e dois dos seis coronéis: Van der Branden e Brinck.

No mesmo documento consta a morte dos coronéis Hans, Van Elst e Hauthyn e o aprisionamento do Cel Peter Keerwaen, e, como mortos, o Ten Cel Pistor e Santwoort, bem como o Major Claes.

Os nomes dos coronéis Van Elst e Hauthyn aparecem na segunda batalha, bem como o do Maj Claes.

É um ponto que exige maiores dados para esclarecimentos que se fazem necessários.

- Luso-brasileiras:

0 mortos e 400 feridos (Mestre de Campo Barreto de Menezes);

70 mortos e 350 feridos (Filipe Bandeira de Mello);

84 mortos e 400 feridos (Lopes Santiago);

80 mortos e 400 feridos (Vidal de Negreiros).

Percentual de baixas sobre os efetivos

Tomando-se como base os dados de Barreto de Menezes acerca dos luso-brasileiros e os do Conselho do Recife acerca do inimigo, de ambos os beligerantes, as baixas de combate representaram as seguintes percentagens sobre os efetivos em presença:

- luso-brasileiros:

Mortos - 3,63%

feridos - 18,10% sobre 2.200 homens 21,73%

- holandeses:

Mortos - 8,15%

feridos - 8,30% sobre 6.300 homens

16,40%

Relação de mortos: 515/80 - 6,43 x 1 luso-brasileiro

Relação de feridos: 523/400 - 1,30 x 1 luso-brasileiro

Deixemos as conclusões ao leitor interessado.

- Presas de guerra:

33 bandeiras das 60 carregadas pelo Exército holandês, incluindo-

-se o estandarte principal das Províncias Unidas e uma com a legenda: "Amigos de Deus, Inimigos dos Traidores";

- duas peças de artilharia (bronze);
- copioso armamento e munição;
- despojos holandeses (equipamentos e dinheiro que traziam na algibeira e cofres);
- cinco trombetas;
- uma botica (farmácia) com medicamentos;
- um barril com algemas e grilhões.

"O Estandarte dos Estados de tafetá carmesim e azul possuía esculpidas e bordadas as armas de Holanda e da Companhia das Índias Ocidentais e, no mesmo carmesim, um leão rompante coroadado estendendo suas garras" (Lopes Santiago).

Consequências da 1ª Batalha

Para os holandeses:

A destruição de grande parte de seu poderio militar, com a consequente perda de sua capacidade ofensiva estratégica terrestre para atuar na campanha de Pernambuco;

- adoção da defensiva estratégica terrestre em Pernambuco conservando, porém diminuída, a ofensiva estratégica marítima através de sua esquadra, desfechando ataques em diversos pontos do litoral do Nordeste e principalmente na Bahia.

A morte, atingido grande número de oficiais, numa época em que o mercenário devia temer mais o seu oficial do que o próprio inimigo, trouxe graves reflexos para manutenção da disciplina dos soldados holandeses no Recife.

Com a chegada da esquadra de socorro no Recife, os holandeses pretendiam estabelecer bases de suprimentos próximas, além de submeter os patriotas e ampliarem suas conquistas até a Bahia; isso não ocorreu, e o pior, ficaram submetidos, com a retomada de Olinda, a um cerco no Recife, mais apertado e agressivo do que antes.

Acreditando a Holanda contar com recursos locais para o abastecimento de suas tropas, diminuiu sensivelmente o fluxo de víveres remetidos ao Recife, dando motivo a sérias reclamações e, ao mesmo tempo, gerando a indisciplina entre os sitiados.

Esta escassez de víveres no Recife sitiado foi assim descrita, respectivamente por With e Cornelis Van der Branden:

"O Recife sitiado é e continua a ser a cidade da fome."

"Nós holandeses aqui vivemos como bestas e morremos como porcos."

Companhia de Comércio das Índias Ocidentais sofreu rude golpe ao ver destruído o caríssimo exército de 9.000 homens que aprestara na Europa para submeter os patriotas de Pernambuco e, após, conquistarem a Bahia e outros pontos do litoral, incluindo-se o próprio Rio de Janeiro.

Isto pôs por terra os sonhos de grandes lucros comerciais da Companhia das Índias Ocidentais e acelerou, mesmo, seu processo de falência.

Em resumo, a 1ª Batalha dos Guararapes foi o começo do fim do domínio holandês no Brasil, e que se convenceu da inutilidade da organização e estratégia em voga na Europa, em face das adotadas pelos patriotas no Brasil. Por esta razão, decidiram adaptar-se para um próximo confronto, à luz da doutrina militar dos patriotas, predominantemente brasileira, conforme tivemos oportunidade de analisar quando tratamos deste assunto, e que ganharia grande renome em Portugal e Europa como doutrina militar da **“Guerra Brasileira”**.

Para os luso-brasileiros:

Vitória maiúscula da doutrina militar Guerra Brasileira contra a doutrina militar em voga na Europa, posta em confronto na América do Sul;

- submissão dos holandeses a um cerco mais rigoroso no Recife, além de reconquistarem Olinda;

- reforço de seus meios materiais, com os copiosos petrechos que tomaram dos holandeses na batalha;

- os patriotas passam a ser admirados, respeitados e recebem mais ajuda de Portugal em razão do grande feito militar;

- a sensível diminuição da capacidade ofensiva estratégica da esquadra holandesa, por falta de aguadas e víveres, tornou possível uma expedição partida do Rio de Janeiro, nucleada pelo atual Batalhão Sampaio, burlar o bloqueio marítimo e recuperar Angola das mãos dos holandeses, na primeira operação brasileira transcontinental.

- a situação da esquadra, com as dificuldades de víveres e aguadas, beneficiou todo o litoral nordestino, pois diminuíram as incursões inimigas em toda a orla marítima.

Primeiro cronista da Batalha de 19 de abril de 1648

Feita em a **História da Guerra de Pernambuco**, de Lopes Santiago
(ver comentário ao final)

(Divisão em subtítulos, realizada pelo autor)

- Ataque luso-brasileiro no Boqueirão e no monte Oitzeiro
(Interpretação do autor)

"Aguardam os nossos duas espantosas cargas de mosquetarias e artilharia sem da nossa parte se atirar nenhum tiro, indo caminhando para os holandeses e estando já perto. Neste tempo por todas as partes disparou a nossa infantaria, toda a um mesmo tempo sobre seus esquadrões, que receberam mui grandíssima perda; logo os dois mestres de campo meteram mão às espadas apelando a que todos investissem a ela, o que fizeram os mais capitães e soldados, como leões no esforço, e de corrida investiram ao inimigo sem serem rebatidos pelos chuceiros flamengos. E desta sorte romperam seus esquadrões, começando a matar e fazer destroço no inimigo por espaço de meia hora; e os soldados se deram tal pressa, que, à custa de muitas vidas dos holandeses, os fizeram desocupar o alto dos montes (monte Oitizeiro), retirando-se por eles abaixo, seguindo-se os nossos com as valorosas espadas com talhos e estouradas, cortando pernas, braços, cabeças, uns matando, e outros ferindo encarniçadamente, ficando pelo campo corpos sem braços, troncos sem cabeças. Qualquer soldado alentado, com a espada na mão, por meio dos esquadrões, rompe os inimigos apinhados, dando golpes a uns e a outros morte, mostrando a espada tinta de sangue, esquecendo-se de qualquer perigo. Os dois mestres de campo, João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros (no Boqueirão), aquele como o valoroso Trasíbulo de Atenas com a espada para libertar a pátria e este pelo mesmo efeito, qual lusitano Aníbal, por entre os esquadrões contrários iam obrando maravilhas, de um talho deixam a um desacordado, de um revés a outro sem sentido, prostram aos pés a um alentado, outro lhe cai ferido a destro e a sinistro. Por qualquer lado, com a fúria de Marte, derramam muita cópia de sangue pelo campo, em vários lances de diversas sortes fizeram, como tão valorosos que eram, dando mortes a uns e a outros com fama eterna e nome honroso, dando famoso exemplo aos animosos capitães e mais oficiais de guerra e soldados, que os acompanhavam; este dos inimigos lhes cai aos pés e vão pisando com os cavalos acelerados, embebendo noutros as espadas, a outros que lhes fogem, arremessando os cavalos, os seguem e atravessam, dando com alento calor ao vencimento crescendo nos seus o ânimo e braveza, no acometer, abrindo pela gente caminho e braveza reveses e estoiradas, cortando corpos e encurtando vida, ficando o campo coberto de corpos mortos (no Boqueirão).

- Rechaçado o 1º ataque holandês no Boqueirão e no monte Oitizeiro

"Havendo-se o inimigo retirado, fugindo e descendo no monte a seu pesar com mais presteza e agilidade do que subira (monte Oitizeiro), valendo-se da ligeireza dos pés do que de defenderem suas próprias vidas, os que com ela escaparam daquele conflito se juntaram

e incorporaram na campina (defronte à boca norte do Boqueirão) com os outros, com quem andava pelejando com sua gente André Vidal de Negreiros, unindo-se juntamente com ele João Fernandes Vieira, como sempre, em amizade com seu terço, e todos juntos com a pouca cavalaria com que se achou o capitão e cabo dela Antônio da Silva, que avançou com muito valor ao inimigo com seu tenente Domingos Gomes de Brito, foram sobre os esquadrões que vieram socorrendo os outros já destruídos e destroçados, com tanto ímpeto, que, rotos e desbaratados fizeram pôr em fugida (para defronte à boca norte do Boqueirão e faldas sul do monte do Telégrafo) os holandeses, ganhando-lhes a bagagem, com que se detiveram muitos índios do Camarão e parte da gente de Henrique Dias, por serem muitos os despojos; também foi ganha nesta investida a artilharia, à qual mandou pôr sentinelas o Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso por mandado de seu mestre de campo, e se não mandou logo retirar pelo tempo não dar lugar, porque somente procuravam alcançar a vitória que tanto à vista levavam.”

- Numerosos holandeses destruídos nos Alagados que formavam o Boqueirão

Vendo-se o inimigo tão oprimido de nossas espadas, com ser tanto em número, desesperado, se deitou parte do alagadiço de que atrás os iam seguindo, deram uma carga de arcabuzaria aos que se tinham arrojado ao alagadiço, com que mataram a muitos, seguindo outros dos nossos aos que ao redor dele pelo pé do monte (no Boqueirão) se iam recolhendo, que parece cousa incrível haver homens que tanto aturassem a correr após do inimigo, e o que mais é, mortos de fome, o que na verdade se pode atribuir a milagre superior e grande auxílio divino. Outros, não reparando no grande cansaço e fadiga, e no perigo a que se punham, como andavam engolfados na matança, se deitavam ao alagadiço, que em parte dava pelos peitos, do qual não se podiam arrancar sem muito trabalho; assim que, andavam mesclados os holandeses e portugueses, estes já tão cansados que não podiam matar, aqueles tão amedrontados que não tratavam mais de se arrojamem bem ao alagadiço, o qual lhes fez também acérrima guerra, submergindo e afogando muitos que das mãos dos nossos escaparam.”

- Ataque envolvente holandês sobre o monte Oitizeiro

“Como naturalmente de soldados experimentados na guerra é terem gente de reserva e refresco para socorrerem a seus companheiros, tinha o inimigo entre dois montes (entre Oitizeiro e Telégrafo) quatorze bandeiras de gente, que os nossos não viram, que lhes serviam de abrigo e valhacouto, dos quais se amparavam aqueles que dos nossos iam fugindo, tendo lugar de se fazerem e reformarem, havendo-lhe

também chegado naquela manhã o socorro do Recife com seu coronel Henrique Hus (Haus). E quando os nossos, posto que cansados o que o inimigo bem advertiu, cuidavam que levavam tudo vencido, por terem por duas partes cortado o inimigo, (no monte do Oitizeiro e Boqueirão) então avançou com as quatorze bandeiras e com a gente de Henrique Hus (Haus), (enquanto os outros acabavam de refazer) pela baixa e pelo monte (no Boqueirão e monte do Oitizeiro) com tanta pressa e furor que não pôde Henrique Dias Cardoso, não por não ser valente soldado, mas por ter a sua gente, além de pouca, muito cansada, ter mão com os seus. Os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, vendo a fúria e ímpeto com que o inimigo vinha avançando pelo monte (monte Oitizeiro) fazendo retirar a Henrique Dias, lhe mandaram de socorro algumas companhias, para que, dando-lhe calor, divertissem o ímpeto violento dos flamengos; mas os soldados, como estavam já tão cansados, não puderam subir o monte com a presteza que convinha, e assim foram rebatidos do inimigo, vindo-se retirando, seguindo-lhes, ele apressando bem os passos, dando e recebendo grandes cargas.”

- Ataque de fixação holandês sobre o Boqueirão

“Os mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros se puseram a pelejar com os que vinham pela campina (Boqueirão) postos no maior perigo, como tendo animosos com seus soldados, travando-se a peleja outra vez com as armas de fogo e à espada, sendo uma confusão notável que uns aos outros se não conheciam com a grande fumaça de mosquetaria e artilharia que tornava o ar caliginoso e escuro. Quem vira neste tempo aos dois mestres de campo postos em tão grande risco e perigo de suas vidas, pelejando como leões, cada qual como alentado Marte, cada qual como um raio que vai percorrendo pela região etérea, fazendo notável estrago no inimigo, metendo-se por entre os holandeses que parecia, estarem já tão cansados de pelejar, que começavam a cobrar novo alento, forças e espíritos, empenhando valor e valentia, pendenciando com tanto ânimo e esforço; quanto impossível poder eu com hipóboles de encarecimentos, engrandecer, louvar e escrever, como convém e particularizar tão grandiosos feitos? Neste recontro e arremetida pegou um holandês na rédea do cavalo ao mestre de campo João Fernandes Vieira, mas ficou o atrevido pagando seu ânimo, digo, seu atrevimento, porque a-seu-pesar lhe fez largar e com uma bala lhe feriram a orelha do cavalo. A André Vidal de Negreiros deram uma pelourada no cavalo em que andava, e saltando em outro que foi apresentado, depois ao ferido matou uma bala de peça; as balas parece que lhes obedeciam e lhes davam salva, porque sendo tão inumeráveis e vastos, não lhes tiravam mais que nos vesti-

dos; e andavam tão engolfados e empenhados na pendência, que com o estrondo das armas, com o rumor dos tiros, com o denso e espesso fumo, confusas vozes, sonoras caixas e instrumentos bélicos, e outra confusão horrenda.”

- Luta desesperada para manter o Boqueirão

“Pelejava-se no Boqueirão, que ocupava a nossa gente com grande valor e constância, e houve uma pendência mui renhida e sanguinolenta, apertando o inimigo como estava de refresco e com tanto poder com os nossos, que estavam mui cansados de matar tão copioso número de holandeses; de tal sorte que, vendo-se oprimidos, viraram sobre eles, investindo outra vez a espada, com grande ânimo que parece que o céu ministrava novas forças e alento; e enquanto parte da gente foi a espada sobre o inimigo, defendendo o Boqueirão, que quase o inimigo teve ganhado, e alguma parte dela foi por outra parte sobre ele, que pretendia com grande fúria e ímpeto ganhá-lo. Os dois mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros o defenderam com grande repugnância e valentia, reprimindo por algumas vezes os holandeses que o procuravam ganhar com grande instância, exortando-os. Sigismundo e os coronéis que ali estavam com muitas promessas a que o ganhassem, porque, apoderados dele, tinham a vitória certa; faziam notável força por deitarem aos nossos soldados fora dele, os quais com novos espíritos e alentado brio, vendo o muito que faziam os dois mestres de campo na defesa dele, começaram a pendenciar com o inimigo; e aqui começou de novo a pendência, que a passada parecia sonho.”

- Mártires luso-brasileiros no Boqueirão

“Aqui se assinalam muitos capitães e soldados dos terços dos mestres de campo, fazendo heróicas proezas, que, se houvessem de particularizar, cada qual de per si, fora necessário escrever um grande e imenso volume. Aqui morreram os capitães João Rodrigues e Domingos da Costa, do terço do mestre de campo João Fernandes Vieira, ficando outros mais feridos. Nesta contenda, uns perdem a vida, outros caem mortos, digo maltratados do dano, topam as balas muitos peitos valentes e esforçados, por toda a parte cresce o furor e sobra a repugnância. Pelejava o inimigo valorosamente por ganhar o Boqueirão, insistindo com notável fúria, que, como conhecia que a nossa gente estava cansada, lhe parecia fácil ganhar a vitória.”

- Apesar do cansaço, obstinação na defesa do Boqueirão

“Porém os nossos, posto que mui fatigados e lassos do cansaço, como temos advertido, pelejavam obstinadamente por não deixarem lograr ao inimigo seu intento.”

- Ameaça de cerco dos luso-brasileiros no Boqueirão

“Não advertiram nas cargas que davam os do monte, antes imaginavam que o inimigo que pelo monte vinha descendo era gente nossa que os vinha socorrer, e, posto que viam as bandeiras, lhes pareciam ser das que ganharam os nossos ao inimigo das quais traziam muitas arvoradas, e, quando os nossos conheceram os holandeses, foi já tão perto que, virando sobre eles, deram e receberam cargas, metendo as armas às caras uns dos outros, rebatendo muitos dos nossos soldados com espadas as clavinas do inimigo, vendo-se melhorando de posto, pendenciando sempre cara a cara com o inimigo com grande disposição que da nossa parte havia, suportando todas as cargas de artilharia, que da nossa não havia”.

- Após cinco horas de luta, os holandeses desistem do Boqueirão

“Cinco horas havia que a horrenda batalha durava sem cessar, e os nossos soldados não podiam aguardar nas mãos as armas por estarem notavelmente esquentadas, e faltando já a muitos a pólvora, se aproveitaram de dois caixões de cartuxos que haviam tomado ao inimigo, o qual, não podendo já sofrer o rigor de nossas armas, e pela grande perda que recebia, se retirou um pouco atrás, ficando os nossos permanentes à vista dos holandeses, cobrando algum alento porque de cansados apenas podiam falar.”

- Boqueirão após a batalha

“Formaram-se os campos de parte a parte, à vista um do outro a tiro de pistola, no Boqueirão de que temos feito menção, comunicando-se de palavras; e estava já neste tempo toda a campanha coberta e juncada de corpos mortos e toda tinta de sangue do inimigo, que era um espetáculo horrendo ver tanta mortandade e estrago; e o Alagadiço(Alagados) parece que corria purpúreo e vermelho com o muito sangue que nele se tinha derramado aos holandeses a quem serviu de sepultura, e o Boqueirão de boca da morte fatal e rigorosa, que tantos devorou nestes conflitos e reencontros.”

- Exércitos frente a frente

“Em resolução, o campo ficou pelos nossos na frente deste boqueirão, que dissemos em que ficaram, e os holandeses no alto dos montes (no Telégrafo) formando-se os campos de parte a parte; e os nossos guarneceram o posto, pondo sentinelas à fala com as do inimigo, o qual, com a grandíssima perda de gente, de que estava toda aquela campanha coberta, como temos dito, determinou, na noite que se seguiu ao dia, retirar-se para a Barreta, e daí para o Recife.”

- Preparação para receber nova investida holandesa

“Ignorando-se em nosso exército a muita perda que o inimigo havia recebido, imaginaram todos que tornaria a cometer à tarde; para o que os mestres de campo mandaram formar outra vez os nossos soldados em troços aos quais **deram de razão muito pouco açúcar, que, desfeito em água**, beberam, tornando a dar por ordem que, dada a primeira carga, investissem à espada.”

- Holandeses retiram seus feridos para o Recife

“Os Holandeses se deixaram estar em seus esquadrões formados, mandando muitos feridos que os nossos não viram, por irem por entre montes e matos para a Barreta e dela, os estiveram levando em cinco barcas para o Recife. E eram tantos que não bastavam estas a carregá-los; e sendo quase pelas quatro horas da tarde, vendo os nossos mestres de campo que o inimigo não atacava, o provocarem à peleja, tocando-se da nossa parte muitas caixas, trombetas e charamelas perto de seus esquadrões, que não se moveram no lugar que ocupavam até a noite.”

- Debandada dos tapuias, aliados dos holandeses

“E os tapuias fugidos e todos os mais índios, que levaram consigo em grande número, assim para pelejarem, como para serem executores das mortandades que determinavam fazer, os quais tanto que foi ocasião, e viam aos nossos investir à espada, foi tão grande o medo e temor que neles entrou, que sem mais aguardarem um ponto, todos se puseram em fugida, deixando os holandeses na pendência, e tomaram o caminho do sertão, imaginando que ainda lá não estavam seguros dos nossos.”

- Preparativos dos holandeses para a retirada noturna

“E vendo-se juntamente Sigismundo ferido e o coronel Autin (Hautyn) que foi passado pelo pescoço, mas escapou da ferida, determinaram de se retirarem de noite para fazerem mais a seu salvo, e não serem seguidos da nossa gente; tanto que anoiteceu, mandaram mil homens a fazer emboscadas por umas grutas e matos, para assim segurarem melhor a retirada com as suas sentinelas.”

- Chuva rigorosa nos Guararapes após a meia noite

“... e tanto que foi pela noite, que foi toda rigorosa, por a muita chuva que caiu, se mandou picar com vinte homens o inimigo.”

- Retira-se o inimigo, abandonando muitos feridos

“O Sigismundo e os mais coronéis, que escaparam da batalha,

vendo a muita gente que lhes haviam morto e ferido, e bandeiras que tinham perdido e a bagagem que lhes faltava, que, imaginando iam os nossos todos sobre ele, se pôs sem nenhum rumor à fugida, deixando duas peças de artilharia, muitas armas e o restante da bagagem, deixando juntamente as sentinelas nos postos por não ser sentido; e tal foi o medo, que largaram muitos feridos dos que levavam.”

Comentário

Segundo José Antônio Gonçalves de Mello, em **Restauradores de Pernambuco**, é pouco conhecida a identidade de Diogo Lopes Santiago e não existe certeza tratar-se de um pseudônimo ou nome, se era militar ou professor de gramática, bem como se português do Cabo ou se natural de Pernambuco.

É certo, no entanto, que residiu próximo do Arraial Novo Bom Jesus.

A Lopes Santiago, contemporâneo dos épicos acontecimentos, deve-se o mais completo trabalho sobre as Batalhas dos Guararapes.

Seu manuscrito incompleto, segundo ainda José Antônio Gonçalves de Mello, foi encontrado na Biblioteca Municipal do Porto, e publicado pela primeira vez nos anos de 1871 a 1886, pela revista do **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**.

Lopes Santiago foi o primeiro cronista das Batalhas dos Guararapes e, segundo conclusão de análise de José Antônio Gonçalves de Mello, foi calcado na obra de Santiago, que o Frei Rafael de Jesus, Dom Abade do Mosteiro de São Bento de Lisboa e cronista-mor do Reino, escreveu o **Castrioto Lusitano**, publicado em Lisboa, em 1679.

É presumível que Lopes Santiago tivesse vindo para o Brasil na condição de professor de gramática, mas que, sobrevinda a guerra, foi obrigado a prestar serviços militares à causa.

Durante a guerra, era difícil, senão impossível, dedicar-se ao ensino da gramática, pois mesmo as atividades econômicas haviam diminuído bastante.

Mesmo em guerra, o local mais indicado para o ensino da gramática seria ao sul do rio Jaboatão - Zona de Retaguarda-, e não próximo do Arraial Novo, onde disse que morava, e considerada Zona de Combate.

Em certo trecho de sua obra, Santiago refere-se à falta de alimentos no Arraial, antes da 1ª Batalha, em razão do abandono do local de parte de seus moradores civis, temendo ataque iminente dos holandeses.

Se Lopes Santiago tivesse também, como civil, evacuado a área próxima do Arraial e não tivesse como militar de emergência seguido as

tropas para as batalhas, dificilmente as poderia reconstituir em todos os seus lances, como o fez com grande perfeição, isenção e método, além de revelar excelentes conhecimentos militares.

Esta descrição perfeita não a conseguiram fazer todos os chefes de ambas as facções juntos, em suas partes de combate, nas quais revelaram aspectos particulares da contenda, além de omitirem aspectos essenciais e, no caso dos vencedores, exagerarem um pouco os feitos d' armas, e, no caso dos vencidos, procurarem negar a surpresa que sofreram, aliás, defeitos inerentes à natureza humana.

A descrição de Lopes Santiago permite, por si só, reconstituir todos os lances da batalha, além de possuir um sabor literário épico.

As partes de combate servem para confirmar a descrição de Santiago, e esta àquelas, para reduzir às devidas proporções falhas motivadas por entusiasmo do vencedor e desculpas de derrotas dos vencidos, recursos, como disse, normais à natureza humana.

Santiago não só descreve com isenção de ânimo as dificuldades dos holandeses no Boqueirão, como também as nossas.

Era um historiador autêntico, sem preocupação de ligar o nome à sua obra. - Deus sabe quem foi Diogo Lopes Santiago, a quem a nacionalidade brasileira deve uma grande gratidão, por ter-lhe descrito sua origem.

Creio que Santiago, aqui chegado como professor de gramática, por sua altas qualidades evidenciadas em seu trabalho, se tenha tornado soldado, bem como participado ativamente da luta, e, em reconhecimento, foi-lhe confiado, ao final da luta, o comando do importante forte da Barreta, conforme mencionou Pereira da Costa ao pesquisar o "Inventário das armas e petrechos bélicos deixados pelos holandeses em Pernambuco", segundo José Antônio Gonçalves de Mello, em sua obra já citada (Referência a um Diogo Santiago).

Coerente com Camões, em "Os Lusíadas", quando escreveu "que a disciplina militar prestante não se aprende senhores na fantasia, senão vendo, tratando e pelejando...", Lopes Santiago, por certo, como professor de gramática transformado em militar de emergência, dispôs de nove anos de Insurreição Pernambucana para aprender a disciplina militar prestante.

Parece ter sido uma reedição de Camões, o poeta soldado.

Os patriotas pernambucanos, em sua maioria, eram civis dedicados a tarefas econômicas e transformados em militares por contingências da situação.

A rigor, a Batalha do Monte das Tabocas foi uma vitória do civil pernambucano em armas, treinado, enquadrado e conduzido à vitória por um profissional militar, o bravo Sargento- Mor Antônio Dias Cardoso, enviado secretamente da Bahia na função hoje, de uma Força Especial, dos, quais foi consagrado o patrono em nosso Exército. Enviado

então pelo Governador Geral para auxiliar o líder civil do movimento João Fernandes Vieira, até então próspero comerciante e senhor de vários engenhos. João Fernandes Vieira, de civil, tornou-se em breve destacado militar com o posto de mestre de campo.

O fato de Lopes Santiago residir próximo ao Arraial Novo não exclui a possibilidade de ter ele sido militar.

Era normal, nos fortes, residirem a soldadesca e, os oficiais, próximos, com suas famílias, e estes só procuravam a proteção do forte na iminência de perigo.

Para que Lopes Santiago tivesse tanta intimidade com os fatos militares, necessariamente privava da intimidade da cúpula e participava dos combates.

Ao autor dá impressão de que, durante a 1ª batalha, Lopes Santiago estivesse inicialmente junto a Filipe Camarão e, após, no Boqueirão.

A inclusão do trecho de Santiago neste trabalho é a homenagem do autor a este grande historiador.

Os patriotas, por ocasião do cerco do Recife - em razão de dificuldades logísticas consequentes do domínio marítimo exercido pela Holanda -, foram obrigados a estabelecer, na linha de cerco, estâncias- redutos, nas quais dividiam o tempo entre lavar a terra para obterem o alimento e a luta contra o inimigo.

Após a primeira batalha, os holandeses passariam fome no Recife, havendo caso, segundo cronistas da época, de mortes por inanição, ocasião em que foram consumidos cavalos, gatos, cães e até ratos, e os escravos foram vistos desenterrando restos de cavalos mortos e os oficiais apanhando caranguejos no Capibaribe.

Sofriam igualmente os sitiados de enorme sede, pois os poços que abriam eram de água salobra.

Análise da manobra luso-brasileira

- Manobra:

Os luso-brasileiros, em face de uma inferioridade numérica próxima de 3x1, acrescida de flagrante inferioridade de fogo, escolheram um local de batalha condizente com seus meios, organização e táticas de combate da doutrina militar brasileira nascente (**Guerra Brasileira**).

Através de um aproveitamento judicioso do terreno, atacaram com o grosso, em estreita faixa de terra, situada entre o monte Oitizeiro e os alagados.

Economizaram meios nas alas e nelas colocaram, na falta de cavalaria, tropas compostas de índios e pretos que apresentavam mobilidade relativa apreciável.

Ao atraírem os holandeses para o combate na faixa estreita do Boqueirão, impediram que estes tirassem partido de suas principais características: força do poder de fogo dos mosquetes e amplas manobras de alas, mais condizentes com o combate conduzido em largas frentes, na planície.

Com vistas a manter o ímpeto defensivo e ofensivo no combate no Boqueirão e mesmo a intervir numa ala ameaçada, os patriotas mantiveram forte reserva eixada na direção do esforço principal, e que foi empregada, parte numa ameaça de ala, parte para manter o ímpeto ofensivo no Boqueirão e, ao final, para substituir o escalão do ataque principal.

- Tipo de Manobra:

Manobra Estratégica

- Forma de Manobra:

Manobra Central (Ruptura), seguida de envolvimento da ala esquerda inimiga (lançamento dos holandeses contra os Alagados).

Ruptura: foi realizada no centro holandês, no Boqueirão.

Envolvimento: foi realizado após a ruptura e sobre a ala esquerda holandesa que progredia através dos Alagados.

- Oportunidade da execução da manobra:

Quando a força holandesa foi lançada na direção do Boqueirão e, através deste e dos Alagados, em perseguição da fração luso-brasileira despachada do Boqueirão para atrair os holandeses a uma emboscada e após desferir-lhes violento ataque surpresa com o grosso.

- Constantes da manobra de Ruptura:

Os luso-brasileiros desfecharam vigoroso ataque no centro do dispositivo holandês, combinando com ações de fixação nos flancos.

Obedeceram uma só direção de ataque - a do esforço central.

Repartiram judiciosamente as forças em largura e profundidade e mantiveram no Boqueirão, **acidente capital chave desta batalha**, meios suficientes para a frente e eixados em reserva, para lançá-los no momento decisivo e com ímpeto avassalador, tão logo sentissem o ponto fraco holandês.

- Variáveis da manobra de Ruptura:

Durante a ação de ruptura do centro holandês, o centro luso-brasileiro destacou uma fração que envolveu e destruiu a ala holandesa que, atuando através dos alagados, procurava cair na retaguarda do grosso de nossas forças no Boqueirão.

Esta ação foi em combinação com a da ala direita.

- Conduta de manobra:

Os holandeses empregaram forte reserva sobre a nossa ala es-

querda, ao perceberem seu enfraquecimento, em decorrência do abandono do posto por parte de vários homens de Henrique Dias, que desceram do monte do Oitizeiro para pilharem holandeses mortos.

Este ataque pôs em sério risco de envolvimento todo o grosso luso-brasileiro no Boqueirão.

Em consequência, Barreto de Menezes reforçou Henrique Dias com 560 homens da reserva.

O capitão Cosmo Rego, comandante desta fração, por iniciativa própria, escolheu outra direção de atuação e não conseguiu cumprir a missão.

Continuando a ameaça de envolvimento e eliminada a central, Barreto de Menezes determinou que o grosso retraísse do Boqueirão e se cobrisse na direção do atual monte da Igreja, deixando no entanto forças suficientes nesta célebre passagem, estas capazes de desencorajar qualquer ataque sobre ela, como de fato aconteceu (Conclusão do relatório Von Shkoppe).

- Falhas da manobra:

Esta batalha, os luso-brasileiros cometeram dois erros que poderiam ter posto o combate em sério risco, após ter sido praticamente ganho:

1º - abandono da posição na ala esquerda de parte de alguns homens de Henrique Dias para espoliarem os mortos holandeses na baixada (Lopes Santiago).

2º - não obediência por parte do capitão Cosmo Rego, no sentido de reforçar Henrique Dias, atuando em direção diferente à que lhe foi determinada, tendo como resultado o não cumprimento da missão, além de pôr em sério risco o êxito da batalha (Barreto de Menezes).

- Conclusões:

Inferioridade luso-brasileira de 2,86x1 combinada com inferioridade de poder de fogo não impôs a adoção da defensiva.

Foi adotada a ofensiva.

Não existindo flanco exposto no início da batalha, este foi criado após a ruptura e completamente envolvida a ala direita.

Nesta manobra ficou evidenciado que uma tática de ruptura poderia conduzir o defensor a uma operação de ala desde que o atacante não fixasse, convenientemente, o defensor no restante da frente.

E o exemplo foi o ataque do Cel Van der Branden.

A irresponsabilidade de alguns homens de Henrique Dias, abandonando a ala para espoliar o inimigo morto antes do término da batalha, foi judiciosamente aproveitada pelos holandeses.

O momento decisivo da batalha surgiu quando os holandeses se lançaram através do Boqueirão e dos Alagados em perseguição de uma pequena força que julgavam ser toda a tropa inimiga que tinham pela frente (conclusão com base no relatório Von Schkoppe e depoimento do Cel Keerwaen).

Análise da atuação luso-brasileira em face dos princípios da guerra

- Objetivo

O objetivo era travar uma batalha decisiva com os holandeses que destruisse seu poderio militar.

E a esta tarefa entregaram-se os luso-brasileiros com grande determinação, ocasionando 1.500 baixas iniciais entre os holandeses e eliminando em combate, por morte ou prisão, quatro dos seis coronéis, além de dois tenentes-coronéis e muitos capitães, tenentes e alferes.

Além disso, passaram para mãos luso-brasileiras grande parte dos recursos logísticos, consistentes de armamentos de toda a ordem, farta munição, dinheiro, roupas e víveres, pois os holandeses, ao deixarem o Recife, segundo Lopes Santiago, "**Saíram para a campanha de casa mudada**".

No objetivo de destruir o inimigo, tão logo os holandeses retornaram ao Recife, o Mestre de Campo Barreto de Menezes determinou que se ocupassem as estâncias fronteiras ao Recife e retornassem Olinda dois dias após a batalha.

Na retomada de Olinda, os holandeses sofreram pesadas baixas no seu efetivo de 600 homens e foram obrigados a confinar-se no Recife, deixando em mãos dos luso-brasileiros copioso material logístico, incluindo-se cinco peças de artilharia. Os holandeses derrotados em Olinda entraram no Recife aos gritos de: "Dinheiro! Dinheiro!".

Alguns cronistas têm criticado a inobservância total do princípio do **Objetivo** por parte dos luso-brasileiros e outros têm procurado justificá-lo com o enorme cansaço físico, decorrente da renhida batalha e o castigo de copiosa chuva caída sobre o campo de combate na noite que se seguiu à batalha.

Estas justificativas procedem mas não são as essenciais.

A razão tática que justifica a não perseguição residiu na própria decisão de enfrentar-se os holandeses nos Guararapes ao invés de em campo aberto na Barreta, onde estes poderiam tirar o máximo partido de suas principais características de combate.

Aqui convém lembrar que os efetivos holandeses, apesar de terem sofrido 1.500 baixas, ainda continuavam com o apreciável efetivo da ordem de 3.100 homens (Gen Van der Branden), contra um efetivo disponível luso-brasileiro, da ordem de 1.700 homens.

Acresce o fato de os holandeses terem-se reorganizado logo após a batalha e até à noite; persegui-los nestas circunstâncias seria expor-se a grave risco.

Concluindo, podemos dizer que o Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes aplicou, com raro brilho, intuitivamente e em toda

a sua plenitude, o princípio de guerra do **Objetivo**.

Não perseguiu o inimigo em retirada, o que seria uma temeridade, mas aproveitou judiciosamente o êxito ao retomar Olinda e reocupar estâncias fronteiras ao Recife, submetendo os holandeses aí a um cerco mais apertado que antes da chegada da esquadra de socorro.

- Massa

Este princípio o Mestre de Campo o aplicou de maneira brilhante antes e durante a batalha.

Antes da batalha, ao decidir procurar o encontro decisivo com 88% de seu poder do combate (2.200 homens).

Durante a batalha, por colocar no Boqueirão a maior e melhor parte de seus efetivos, com a dupla finalidade: defensiva, ao aparar o ataque principal holandês desfechado sobre esta posição; e ofensiva, após atrair os holandeses sobre este ponto e desfechar-lhes violento ataque de ruptura, seguido de ataque envolvente da ala esquerda, que destruiu muitos inimigos nos Alagados.

O fato de haver escalonado sua reserva ao comando de Vidal de Negreiros, provavelmente infantaria da Bahia, imediatamente atrás das forças de Fernandes Vieira, encarregada de aparar o golpe holandês e, em seguida, partir para violento ataque repercutiu na observância intuitiva, com brilho e inteligência, o princípio de guerra da **Massa**.

- Economia de Meios

Este é uma decorrência do emprego correto do princípio da **Massa**.

Seu judicioso emprego pode ser caracterizado antes e após a batalha.

Antes da batalha, ao deixar somente 300 homens encarregados da guarda do Arraial e de estâncias próximas, com o fito de assegurar-se contra alguma pequena ação diversionária holandesa partida do Recife.

Durante a batalha, ao destinar para as alas e ao comando de Henrique Dias e Filipe Camarão frações compostas de pretos e índios levemente armados, com deficiente enquadramento e instrução militar e, por isto, inadequados para ações de choque.

Estes elementos no entanto foram aproveitados para ações de fixação nas alas, dadas suas características de leveza de equipamento, de serem aptos a ações tipo escaramuças, bem como de combaterem em grande dispersão.

Pequena fração deles, mesmo usada em tais circunstâncias, quase comprometeu a batalha ao abandonar a ala esquerda para espoliar os holandeses mortos pelo fulminante ataque central.

Os índios tapuias, levados pelos holandeses, ao primeiro embate dum combate clássico, debandaram do campo de batalha.

Este princípio, intuitivamente, foi empregado de maneira judiciosa pelo Mestre de Campo Barreto de Menezes .

- Ofensiva

O pouco efetivo luso-brasileiro, agravado por deficiências logísticas de toda a ordem, conduziria os chefes luso-brasileiros à continuação de uma guerra de emboscada ao invés da procura da batalha decisiva.

Mas este não foi o comportamento luso-brasileiro, pois através de um estratagema tático (emboscada), criou-se o ponto fraco no dispositivo holandês, para em seguida lançar sua massa de manobra, com todo o ímpeto ofensivo, sobre esse ponto fraco, o centro holandês, rompendo-o e envolvendo a ala direita inimiga, causando cerca de 1.500 baixas no primeiro embate.

Quando os flamengos empregaram a reserva sobre nossa ala esquerda, combinando-a com um ataque central de fixação, mais uma vez passaríamos à ofensiva sobre o centro.

Após o primeiro embate violento, os luso-brasileiros, cansados e desorganizados, foram reunidos sob a liderança do Mestre de Campo Barreto de Menezes, que, na beira do regato, junto aos montes do Telégrafo (atual) e a garupa do Oitizeiro, presumivelmente, os exortou à arrancada derradeira.

Seu apelo de líder foi atendido!

E mais uma ação ofensiva teve lugar, obrigando os holandeses, após batidos, a retirar-se para o atual monte do Telégrafo, carregando ferido seu próprio comandante, Sigismundo Von Schkoppe.

Assim, podemos dizer que o Mestre de Campo Barreto de Menezes criou o momento ofensivo e o aproveitou espetacularmente, bem como um novo momento ofensivo ao final da batalha, quando fez presente sua ação de líder de combate ao reorganizar e conclamar para derradeiro esforço um dispositivo desorganizado e extenuado após a ofensiva inicial de três horas, além de estarem 24 horas sem alimentação.

- Segurança

A observância deste princípio pode ser caracterizada pelos seguintes fatos:

- Antes da batalha

Ao acionar sua rede de informantes que lhe dava contas, com precisão, dos movimentos e intenções do inimigo;

Ao manter-se com o seu dispositivo em expectativa no Arraial, somente movimentando-se, ao saber, através de sua rede de informações, a definição de atitude flamenga ao marchar para o sul, através do Boqueirão dos Guararapes;

Ao deslocar-se à noite para o local da batalha, livre de uma intervenção do inimigo;

Ao deixar, no Arraial e estâncias, 300 homens para atuarem diante de uma manobra diversionária do inimigo, além de o manterem informado acerca do que se passava na campanha;

- Durante a batalha

Colocação de uma força de cobertura além do Boqueirão para informá-lo dos movimentos e aproximação do inimigo;

Ao distribuir judiciosamente seus elementos e, ao deixar potente Reserva atrás do ponto mais sensível de defesa de seu dispositivo, para logo após empregá-la na direção por onde conduziu seu esforço ofensivo;

Ao colocar fracos elementos nas alas para fixar o inimigo no restante da frente de batalha;

- Após a batalha

Por não ter procurado combate com os flamengos em campo aberto, quando estes se retiravam em ordem para o Recife;

Por haver reiniciado as operações que culminaram com a retomada de Olinda após a campanha estar livre da ameaça holandesa;

O fato de, após haver batido em definitivo o centro holandês, retrair com grande parte do grosso, para cobrir-se de um ataque envolvente desferido do monte da Igreja, deixando, no entanto, no Boqueirão, elementos suficientes para desencorajar um ataque inimigo.

- Manobra

A correta e brilhante observância deste princípio pelos luso-brasileiros pode ser caracterizada pelos seguintes pontos:

Ao ser destacado do grosso luso-brasileiro no Boqueirão uma fração com vistas a atrair o ataque holandês;

Ao atacarem o grosso holandês, rompendo-o, para a seguir envolver e lançar a ala esquerda flamenga contra os Alagados;

Ao fato de o Mestre de Campo Barreto de Menezes empregar sua Reserva em reforço à ala esquerda, sob o comando de Henrique Dias, que se encontrava em sério perigo, sob forte ataque envolvente holandês, e que, em última instância, ameaçava mesmo o desfecho da batalha.

Manobra ordenada pelo Mestre de Campo, após haver obrigado o centro flamengo completamente batido a galgar o atual monte do Telégrafo, determinando que parte do grosso retraísse do Boqueirão e se cobrisse face ao atual monte da Igreja N. S. dos Prazeres, de onde vinha

a ameaça do ataque envolvente, que não chegou a concretizar-se.

Rapidez do deslocamento de sua massa de manobra do Arraial aos Guararapes e na execução das diversas manobras no campo de batalha.

- Surpresa

O fato de o Boqueirão estar ocupado pelo que os holandeses julgaram ser uma fração de 200 a 300 homens. Esta surpresa foi confirmada pelo Coronel Kerwan, feito prisioneiro nesta batalha.

O fato de partirem sobre o Boqueirão e, através deste e dos Alagados, em perseguição a uma pequena força que julgavam ser a única existente na direção de atuação, sofrendo logo a seguir, violento e avassalador ataque do grosso luso-brasileiro ali disposto, o que eles em absoluto não podiam esperar diante das informações disponíveis e da análise das possibilidades do inimigo.

Prova disto são os holandeses em debandada, abandonando seus armamentos, ocasião aproveitada pelos luso-brasileiros para realizarem a maior destruição possível, baseados na confusão generalizada no dispositivo holandês, completamente surpreendido.

O judicioso, eficiente e original emprego intuitivo do princípio de guerra da **Surpresa**, combinado com os de **Massa** e **Ofensiva**, foi o maior responsável pela brilhante vitória luso-brasileira nesta batalha.

- Unidade de Comando

A **Unidade de Comando**, definida por Napoleão como **"a necessidade primeira da guerra"**, seria observada rigorosamente pelos luso-brasileiros um século e meio antes, e da forma ideal expressa por Napoleão. **Unidade de Comando**, consistente na direção política e militar, encontra-se nas mãos de um único homem, e Barreto de Meenez dispôs desta condição ao assumir o comando político e militar de Pernambuco.

Ao contrário, os holandeses tinham a direção militar repartida entre o tenente general Von Schkoppe e o Conselho Holandês do Recife; e a direção política repartida entre o Conselho do Recife e o governo holandês distante na Europa.

Este mesmo princípio, sob a forma de comando único, atribuído a Caxias no Paraguai, foi um dos grandes responsáveis pela mudança de ritmo daquela guerra e as memoráveis vitórias conseguidas desde então.

À consecução deste princípio, nos tempos modernos, antepõem-se embaraços de toda ordem: militares, políticos, econômicos e sociais -, mas a observância dele continua sendo, conforme definiu Napoleão, **"a necessidade primeira da guerra"**. Do contrário, acarreta um processo decisório retardado, omissivo, inoportuno, em que é frequente o **"lava as mãos de Pilatos"**.

O princípio de **Unidade de Comando**, hoje decorre a necessidade dos comandos combinados, ao invés de conjuntos, mas de difícil concretização, embora altamente ideais, quando se trata de combinar exércitos de várias nações, ou mesmo forças singulares de uma mesma nação.

A responsabilidade da decisão militar na guerra deve concentrar-se nas mãos de um só chefe militar.

Em Guararapes, com Barreto de Menezes, e, no Paraguai, com Caxias, foi atendida "esta necessidade primeira da guerra", e os resultados, memoráveis vitórias.

Que estes magníficos exemplos de **Unidade de Comando** estejam sempre em mente nas Forças Armadas do Brasil e a inspirá-las no presente e futuro.

Para um estudo mais aprofundado sobre trajes civis e militares, sobre armamento então utilizado, consultar "Guerra: Expressão das Validades Culturais," do Ten Cel Lauro Alves Pinto (**Revista do Arquivo Público de Pernambuco, 1949**).

- Simplicidade

Foi atendida através de uma manobra simples, que consistiu-se de uma ruptura no centro inimigo, combinado com ataques de fixação nas alas.

CAPÍTULO III

SEGUNDA BATALHA DOS GUARARAPES (19 DE FEVEREIRO DE 1649)

Antecedentes imediatos da 2ª Batalha

Após a 1ª Batalha, os holandeses são confinados no Recife, de onde somente podiam sair por água, agora com mais dificuldades, em sua esquadra, que exercia o domínio do mar.

Em maio, o Almirante With desembarcou na Bahia e saqueou o Recôncavo, posteriormente, Van der Branden procedeu de idêntica forma.

No início de 1649, os holandeses decidiram sair por terra do Recife e pôr fim à humilhante situação de sítio em que se encontravam, ocasião em que se travaria a 2ª Batalha dos Guararapes.

Bibliografia sobre a 2ª Batalha

- **A 2ª Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano (Empresa Gráfica Revista dos Tribunais. Arquivo Público de Pernambuco - Ano 1949)
- **Do Recôncavo aos Guararapes**, 1949, do então Maj Antônio de Souza Júnior
- **História da Guerra de Pernambuco**, de Lopes Santiago (testemunho luso-brasileiro, contemporâneo da batalha)
- **Lutas com os holandeses no Brasil**, do Gen Flamarion Barreto.
- **Relatório de Michael Van Goch**, feito ao Conselho do Recife três dias após a 1ª Batalha (testemunho holandês)

Os testemunhos dos participantes desta batalha são desconhecidos até o presente, exceto o de Van Goch.

Forças em presença

- **Luso-brasileiras** - 2.640 homens, assim distribuídos:

Ração	Efetivo	Fonte
Terço Francisco Figueroa	Homens	
Terço Vidal de Negreiros	300	Lopes Santiago
Terço Diogo Camarão	320	
Terço Henrique Dias	330	João Fernandes
Terço Fernandes Vieira	1.350	Vieira. v II, de
Companhias de Cavalaria (Antônio Silva e Manoel Araújo)	40	J.A.G. de Mello

- **Holandesas** - 3.650 homens, organizados em 6 (seis) regimentos (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

- Personalidades luso-brasileiras:

Mestre de Campo General Francisco Barreto de Menezes - Comandante luso-brasileiro (veterano da 1ª Batalha);

Mestre de Campo João Fernandes Vieira - Comandou o ataque principal nessa batalha, levado a efeito através do Boqueirão (veterano da 1ª Batalha);

Mestre de Campo André Vidal de Negreiros (paraibano) - Comandou o ataque envolvente, levado a efeito sobre o flanco direito do inimigo (veterano da 1ª Batalha);

Governador Henrique Dias (pernambucano) - Comandou um ataque secundário e, ao final, juntou seus esforços ao ataque principal;

Diogo Camarão - Era sobrinho de Dom Antônio Felipe Camarão, Governador e Capitão-Mor dos índios brasileiros e, com a morte por doença do tio, um mês após a 1ª batalha, sucedeu-lhe em suas funções (veterano da 1ª Batalha);

Mestre de Campo Francisco Figueiroa - Havia chegado à Bahia em 1647, comandando um terço de 500 homens que recrutara por ordem de D. João, com a finalidade de socorrer Pernambuco (era madeirense e o único não veterano nessa batalha);

Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso - Atacou com quatro troços a retaguarda do regimento holandês que havia tomado posição no monte onde se situa a Igreja N. S. dos Prazeres.

Este bravo foi o organizador militar da Restauração Pernambucana e por esta razão recebeu o título inicial de Sargento-Mor e Governador das Armas.

Era um militar profissional aposentado, quando o foram buscar para organizar, militarmente, a Insurreição Pernambucana.

Ele comandou, na Batalha do Monte das Tabocas, com raro brilho militar, e enquadrados por alguns oficiais veteranos, 900 civis pernambucanos armados com 250 armas de fogo, chuços e paus tostados.

Com esta força improvisada, ele infligiu fragorosa derrota ao Tenente Coronel Hendrick Van Hans, que comandava 1.200 homens bem armados.

No combate da Casa Forte, coube a Antônio Dias Cardoso comandar a vanguarda, dispor as tropas e executar o ataque inicial que pôs em cerco os holandeses e culminou com o aprisionamento do Tenente Coronel Hendrick Van Hans, então, comandante- em- chefe dos holandeses no atual Nordeste.

Em termos militares modernos, Antônio Dias Cardoso atuou como um elemento de forças especiais, mandado pelo Governador Geral Teles, da Bahia, com finalidade de levantar o povo em armas e prepará-lo e conduzi-lo militarmente, o que fez com raro brilho. Hoje é o patrono das Forças Especiais do Brasil com apoio em elementos históricos que nos foram solicitados e encaminhada proposta vitoriosa ao Escalão Superior pelo comandante do COTER Gen Ex Alberto dos Santos Lima Fajardo, o qual em 1978 como coronel do EME havia nos apoiado na Cadeira de História da AMAN com recursos do EME para a edição de nosso **Como estudar e pesquisar a História do Exército** e a edição de **História da Doutrina Militar** e **História Militar do Brasil** bastante enriquecida e livros que desde 1979 servem de livros textos aos cadetes e inclusive aos da Turma de 2003 da AMAN Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso etc..

Em **Restauradores de Pernambuco**, o emérito historiador José Antônio Gonsalves de Mello, forneceu valiosos subsídios históricos, que fazem justiça histórica a Dias Cardoso, como o tático, o estrategista, enfim a espada e o arquiteto militar da Insurreição, além de outras qualidades.

Por motivos diplomáticos, não lhe foi reconhecida e premiada de direito sua decisiva participação na Restauração Pernambucana, pois era enviado pelo Governador Geral Teles para levantar em armas os pernambucanos, e o reconhecimento de sua atuação implicaria no reconhecimento de violação da trégua concertada entre Portugal e Holanda (1640-1650).

Mas, decorridos três séculos da expulsão dos holandeses, é justo que este bravo ocupe, de direito, um lugar de destaque na História do Brasil - como o "arquiteto militar da Insurreição Pernambucana" e, talvez mesmo o de "fundador do espírito do Exército Brasileiro, por sua ação no Monte das Tabocas (era veterano na 1ª batalha).

- Personalidades holandesas:

Cel Brinck - Comandante da expedição e de um regimento;

Cel Van der Branden - Comandante de regimento;

Cel Van Elst - Comandante de regimento;

Cel Hauthyn - Comandante de regimento;

Ten Cel Lobracht - Comandante do regimento de Carpenter;

Ten Cel Claes - Comandante do regimento do Ten Gen Von Schkoppe.

Observações:

- alguns relatórios sobre a 1ª batalha deram por mortos os coroneis Van Elst e Hauthyn que aqui aparecem, bem como o Ten Cel Claes;
- o Comandante-em-chefe dos holandeses era o Tenente General Sigismundo Von Schkoppe, que, ferido na primeira batalha, seria dispensado desta expedição;
- participaram desta expedição 250 marinheiros ao comando do vice-almirante Mathhifs Gillissen, secundado pelo Capitão de Marinha Cornelis Toelast, encarregados da impedimenta(bagagem) e do manejo de 5 peças leves de artilharia, estas, tomadas durante o combate por Fernandes Vieira (**João Fernandes Vieira**. vol II, de José Antônio G. de Mello).

Comentário

A composição étnica dos luso-brasileiros pode ser caracterizada pela descrição de Van Goch.

“Compõem-se de brasileiros, tapuias, negros, mulatos, mamelucos, gente toda do Brasil, e também de portugueses e italianos, possuem muita analogia com os naturais do país no tocante à sua constituição, de maneira que atravessam e cruzam matas e brejos, sobem os morros numerosos aqui, e descem tudo isto com rapidez e agilidade verdadeiramente notáveis.”

Esta é a raça e a gente que teve consciência de seu valor no Monte das Tabocas e afirmou-se e glorificou-se em Guararapes. Esta mesma raça, que constitui a maior “Democracia Étnica do Mundo”, herdou a sadia, humana e sobretudo tolerante convivência social do português, povo que sempre enxerga nos semelhantes, não o preto, o amarelo, o mulato, o caboclo ou o curiboca, mas sim e, fundamentalmente, o ser humano. Por isso penso: esteja fadada a um grande papel nos destinos da humanidade.

Análise das forças beligerantes

Comentário

As informações a seguir, complementam a análise das forças feita na 1ª batalha.

- Luso-brasileiras

a) Armamento

O armamento básico continua a ser a espada, em cujo manejo eram inexecutáveis.

Nesta batalha não fizeram uso de artilharia por não ser necessário na ocasião. Os oficiais usavam espada e um pequeno escudo.

Os escudos, ao que parece, possuíam uma carranca (Ver sobre capa de **João Fernandes Vieira**, de José Antônio Gonçalves de Mello).

Utilizaram-se bastante de mosquetes que, segundo os holandeses, possuíam maior alcance que os seus, conforme conclui-se de relatório de Van Goch.

Nesta batalha, usaram duas companhias de Cavalaria, que desempenharam importante papel como reserva móvel; inclusive, tirando de sérios apuros o Terço de Diogo Camarão. O efetivo total da Cavalaria era de 40 homens.

Grande parte dos pretos e índios era armada com chuços (varas tendo na extremidade um agulhão de ferro), bordões e paus tostados (paus tostados no fogo para eliminar a casca, e afilados numa das extremidades).

Utilizaram, também, muito armamento capturado dos holandeses na 1ª batalha e armamento mais moderno vindo da Bahia com Figueiroa.

b) Instrução

O grau de instrução tinha melhorado bastante desde a 1ª batalha.

c) Táticas

Tinham desenvolvido, em alto grau, o combate tipo emboscada, quando tiravam judicioso partido do terreno que conheciam muito bem, do corpo à espada e da surpresa.

O relatório de Van Goch diz bem da tática luso-brasileira na 2ª batalha.

“As tropas do inimigo, saindo dos matos, dos pântanos e dos outros lugares, tinham a vantagem da posição, atacavam sem ordem e em completa dispersão, e aplicavam-se a romper os diversos quadrados.

As tropas do inimigo são ligeiras e ágeis de natureza, para correrem para diante e para trás, ou para se afastarem, e por causa de sua crueldade inata são também temíveis. Disto resulta que eles, rompendo nossos batalhões e pondo-nos em fuga, matam-nos um maior número de soldados na perseguição, do que teriam feito no próprio combate.”

Os patriotas luso-brasileiros procuravam combater em frentes

estreitas, para anular, pela diminuição da frente de combate adversária, o poder desta, baseada no fogo. Nesta situação, os patriotas emmassavam-se e rompiam o dispositivo do inimigo à espada em diversos locais.

Quando obrigados a atacar em frentes largas, o faziam na maior dispersão possível, e em todas as direções, para evitarem tornar-se alvos da artilharia holandesa.

Nessa situação, tinham toda a liberdade de manobra e portavam-se com bravura, astúcia e inteligência e quando utilizavam armas de fogo, o faziam dentro do alcance útil.

O moral dos luso-brasileiros neste combate esteve melhor do que na primeira batalha, que consolidou o sentimento de nacionalidade brasileira.

Além de receberem reforços da Bahia, sabiam das dificuldades por que passavam os holandeses confinados no Recife, abandonados à própria sorte, após a 1ª batalha, e sem repletamentos de monta.

d) Logística

1) Alimentação

Era obtida de recursos locais da imensa área que dominavam, e na forma de gado, milho, mandioca e outros artigos.

Com frequência, organizavam expedições logísticas à Bahia, Paraíba e até o Rio Grande do Norte.

O apoio de Portugal era difícil, porquanto os holandeses dominavam o mar litorâneo.

2) Armamento e munição

Para esta batalha, receberam reforços da Bahia.

No entanto, a maior fonte de armamentos para esta batalha foram os próprios holandeses, nas diversas emboscadas, combates do Monte das Tabocas, Casa Forte, 1ª Batalha dos Guararapes, retomada de Olinda, etc.

Dos holandeses, obtiveram como presas de guerra várias peças de artilharia, nos ataques vitoriosos a seus fortes.

- Holandesas

a) Organização

Nessa batalha, eles procuravam uma maior dispersão, formando núcleos de regimento.

Derrotados durante a troca de mortos, travou-se um diálogo a que já nos referimos antes entre um capitão e o bravo Sargento- Mor Dias Cardoso.

Dias Cardoso, ao fazer uma observação sobre a maneira errada de combater dos holandeses, recebeu a raivosa e chorosa resposta: **"Doravante iremos lutar dispersos como vós."**, ao que Dias Cardoso respondeu: **"Melhor para nós, pois para os holandeses lu-**

tares dispersos com eficiência, será necessário que para cada soldado exista um capitão, enquanto para nós isto é fácil, porquanto cada soldado patriota é um capitão”.

b) Armamento

Continuou o mesmo da 1ª batalha, com a seguinte inovação: parcelas das tropas holandesas são armadas com chuços e lanças, com vistas a atenuar, no corpo a corpo, a ação mortal das espadas luso-brasileiras manejadas com invulgar maestria.

Levaram artilharia para esta batalha, a qual foi utilizada pelo Vice-Almirante Gielissen, que conseguiu colocá-la em posição no Boqueirão.

Durante a batalha, segundo expressão de Van Goch, as peças de artilharia tornaram-se verdadeiras charruas.

c) Estratégia

Nessa batalha, tentaram copiar a estratégia luso-brasileira, por procurarem uma batalha decisiva nos Montes Guararapes, tirando partido do terreno. Isto o leitor interessado será levado a concluir da descrição da batalha.

d) Tática

Obedecia aos padrões europeus e baseava-se precipuamente no poder de fogo.

Atacavam e defendiam em larga frente, emassados, procurando tirar o máximo proveito desta característica.

Nesta batalha buscaram adaptar suas táticas de combate às dos luso-brasileiros, procurando maior dispersão entre os regimentos.

Confinados no Recife, não possuíam terreno próprio para instruir-se adequada e realisticamente neste tipo de combate.

A vida sedentária, dentro dos limites de fortalezas, tirava a resistência dos holandeses, razão por que muitos foram alcançados em fuga, pelos luso-brasileiros, em completa exaustão física e moral.

e) Moral

O moral dos holandeses nesta batalha foi baixo, isto em decorrência dos seguintes fatos:

- condição de mercenários da soldadesca;
- distância da pátria;
- situação de cerco prolongado no Recife;
- derrota fragorosa sofrida na 1ª Batalha;
- abandono por parte da Companhia das Índias Ocidentais, sofrendo o Recife crise de alimentos;
- falta de liderança, pois grande número de seus oficiais foi morto

na 1ª Batalha;

- dificuldades decorrentes da tropicalidade do clima (verão);
- espera de um dia em posição nos Montes Guararapes, expostos ao sol causticante de fevereiro e com dificuldade de água, além de serem inquietados à noite por incursões dos luso-brasileiros.

A prova do baixo moral foram a desordem, a confusão e a deserção, que tiveram lugar quando do ataque de surpresa dos patriotas.

f) Adaptabilidade

Os holandeses não se adaptaram ao terreno, que pouco conheciam e do qual não sabiam tirar partido, bem como às condições climáticas de um Brasil tropical, ao contrário dos portugueses, provenientes de um clima que se aproxima ao do Brasil.

Terreno

É o mesmo da 1ª Batalha

- Conhecimento anterior

Os patriotas o conheciam bem desde a primeira batalha, incluindo-se os pântanos, matas adjacentes e desfiladeiros.

Os holandeses tiveram, antes desta batalha, a oportunidade de reconhecer durante meio dia, da área dos Montes Guararapes, menos as matas e pântanos das imediações, onde se camuflaram os patriotas.

Missão

(Interpretação do autor)

Dos holandeses:

- romper o cerco em que se encontravam no Recife, desde a 1ª Batalha;

- antecipar-se aos luso-brasileiros na ocupação do Boqueirão dos Montes Guararapes;

- atrair os luso-brasileiros a uma batalha decisiva em razão da ocupação vantajosa nos ditos montes e no Boqueirão (cópia da manobra luso-brasileira na 1ª Batalha);

- ficar, após a vitória, em condições de prosseguir para conquistar o Sul de Pernambuco, com a finalidade de isolar os patriotas, por terra, do apoio da Bahia e, por água, da Bahia e exterior, além de conquistarem bases de suprimento próximas do Recife e coincidentes com a Zona de Retaguarda do inimigo.

Dos luso-brasileiros:

- manter os holandeses cercados no Recife;

- procurar, em caso de rompimento de cerco, travar a batalha decisiva, tirando o máximo partido do terreno, surpresa, ofensiva e ficar em condições de restabelecer o cerco do Recife.

Marcha para a Batalha

Dos holandeses

Para não denunciar seus movimentos e atingir rapidamente os Montes Guararapes, o Exército holandês sai silenciosamente do Recife na noite de 17 para 18 de fevereiro e atingiu a Barreta ao alvorecer de 18.

Prossiguiu, em seguida, para descansar algum tempo na Leiteria (hoje praia da Boa Viagem).

Nesta mesma tarde, atingiu e tomou posse dos Montes Guararapes sem qualquer reação, após aproximadamente 16 horas de marcha forçada. Conseguiram os holandeses a surpresa.

O procedimento, por ocasião da 1ª Batalha, foi bem diverso, pois preocuparam-se em anunciar (uso de fanfarras) que saíam à campanha, além de despenderem aproximadamente 31 horas para atingir os Montes Guararapes, criando condições para os luso-brasileiros acompanharem seus movimentos e, após definida a direção de atuação, os precederem de 10 horas nos Montes Guararapes.

Dos luso-brasileiros

Às 10 horas do dia 18, o Quartel General do Arraial Novo do Bom Jesus teve conhecimento de que os holandeses saíram do Recife.

Avisos posteriores deram conta de que os holandeses rumavam para os Montes Guararapes com enorme contingente.

Reunido o Conselho de Guerra, ficou decidido que se buscasse travar uma batalha decisiva.

O Exército, ao comando do Mestre de Campo General Barreto de Menezes, rumou, ato contínuo, para os Montes Guararapes.

Chegando à tardinha, acampou nas faldas noroeste do monte Oitizeiro.

Accionando seus reconhecimentos, constatou que o Boqueirão e monte onde se ergue hoje a Igreja dos Prazeres estavam ocupados e bem defendidos.

Os pontos de observação do reconhecimento foram os altos do monte Oitizeiro.

Conselho de Guerra (Linhas de ação)

Reunido o Conselho de Guerra, são discutidas duas linhas de ação (alternativas).

(Interpretação do autor)

Linha de ação nº 1

Atacar na direção norte-sul como fizeram os holandeses, desastrosamente, na 1ª Batalha.

Linha de ação nº 2

Acampar e passar a noite nas trincheiras existentes no Engenho Novo, que barravam o acesso do invasor a Muribeca, deixando bem guarnecida a trincheira do Barrachos, no Engenho Guararapes, a fim de alertar e retardar o movimento holandês na direção do Cabo, através de Muribeca.

Nesta alternativa, era previsto o reconhecimento da posição inimiga durante a noite e manhã seguinte.

Os luso-brasileiros acampara, respectivamente, nos engenhos Guararapes e Novo e, neste, mantêm o grosso de suas tropas, e, no primeiro, as forças de cobertura.

Nesta mesma noite foram lançadas, a partir do Engenho Guararapes, diversas patrulhas sobre o dispositivo holandês nos Montes Guararapes, com a dupla finalidade de reconhecê-lo e mantê-lo alerta, para desgastar-lhes o moral e as energias.

Por desconhecerem pequenos desfiladeiros a oeste dos Montes Guararapes, os holandeses, não chegaram a ocupá-los. Disto aproveitaram-se os luso-brasileiros, para desbordar os ditos montes e colocarem-se defronte ao dispositivo holandês, barrando seus passos para o sul em trincheiras que possuíam nos engenhos referidos.

Deste modo, colocavam por terra o plano holandês, que procurava copiar de certa maneira o que haviam os patriotas adotado na 1ª Batalha, segundo a doutrina militar luso-brasileira (**Guerra Brasileira**).

Descrição da Batalha

ESBOÇO Nº 1 (Ao final do livro)

Posições iniciais dos beligerantes no dia da batalha

- Dos holandeses

Os holandeses esperavam que os luso-brasileiros se apresentassem pelo norte, através do Boqueirão; foram, porém, surpreendidos com o adversário surgindo ao sul e retaguarda de seu dispositivo inicial.

Esta surpresa frustrou por completo o combate que tinham planejado e sonhado durante longos meses no Recife e, repentinamente, vêem-se diante de uma conduta de combate.

Surpresos, reajustam seu dispositivo, mudando a frente do norte para o sul no Boqueirão e ao longo da crista do monte onde se encontra

atualmente a Igreja N. S. dos Prazeres.

Rebateram alguns regimentos em posição no Oitizeiro, próximo do Boqueirão, para o monte da Igreja N. S. dos Prazeres. Ao que parece, ficou no Oitizeiro uma parte da Reserva.

Ao longo desta linha, articularam seis regimentos (ver esboço nº 1).

Apoiaram o flanco leste nos Alagados e o flanco oeste no atual movimento topográfico onde se ergue, hoje, a Igreja Nossa Senhora dos Prazeres. Os holandeses passaram toda a manhã aguardando o ataque. O moral dos seus soldados começou declinar, por estarem expostos, em cima do monte da atual Igreja dos Prazeres, ao calor excessivo e sede mortificante, em razão da ausência de sombra e água nas partes superiores do dito monte.

A esta situação, eles não resistiriam por longo tempo; era preciso fazer algo. Convocado um conselho de guerra, foram discutidas e analisadas três linhas de ação.

(Interpretação do autor)

Linha de ação nº 1

Retrair à noite e em silêncio, rumando para Afogados, através da Várzea, fazendo toda a sorte de estragos nos domínios luso-brasileiros.

Contra esta linha de ação, argumentou-se: "A retirada à noite deporia contra a honra e reputação do Exército Expedicionário, porque seria interpretada como medo (Cel Brinck).

Linha de ação nº 2

Descer os montes durante o dia e retraindo para a Leiteria (Boa Viagem) onde passariam a noite.

Linha de ação nº 3

Prosseguir para o Cabo Santo Agostinho (Zona de Retaguarda luso-brasileira).

Ao êxito desta linha de ação, antepunham-se as diversas fortificações existentes na direção de ação e, principalmente, a travessia do rio Jaboatão, que estava fortificado.

Em caso de êxito, não teriam condições de manter a linha de suprimentos, por mar, através da Barra das Jangadas (rio Jaboatão).

No Conselho de Guerra de que participaram todos os coronéis, tenentes-coronéis e majores, ficou decidido pela adoção da linha de ação nº 2: retraimento diurno para a Leiteria.

Comentários

O Cel Brinck havia saído à campanha, baseado em informações recebidas através de dois italianos e alguns negros fugidos do Arraial.

Informaram eles que o Exército Restaurador estava fraco, por ter Barreto de Menezes dispensado muitos soldados por motivo de economia para irem cuidar de suas plantações (Lopes Santiago).

Sabedor Barreto de Menezes, através de sua rede de espionagem no Recife, da intenção holandesa, mandou pressurosamente reunir o máximo de soldados.

No Recife sitiado, gatos e cachorros tornaram-se apreciados (Nieuhof) e os oficiais foram obrigados a apanhar caranguejos nos mangues. Assim também a situação de alimentos no Arraial tornara-se crítica, obrigando o Exército Restaurador a rigorosas medidas de economia.

Barreto de Menezes foi informado da marcha flamenga pelo Capitão Francisco Barreiros, que comandava um posto próximo aos Guararapes.

A esquadra holandesa teve diminuída sua capacidade estratégica naval, desde a 1ª Batalha, por falta de aguadas e suprimentos. Isto permitiu que os luso-brasileiros, partindo do Rio de Janeiro, ao comando de Salvador de Sá, cooperassem na libertação de Angola já há sete anos nas mãos da Holanda, e sua principal fonte de braços escravos para o Brasil.

- Dos luso-brasileiros

De posse das informações fornecidas pelas patrulhas que se lançaram sobre o inimigo na noite de 18 para 19, e mais, as conseguidas na manhã de 19, após um estudo de situação em Conselho de Guerra, deram início à tomada de dispositivo.

Ocuparam posições, ao que parece, camuflados nos pântanos situados a SE dos Guararapes e matas abertas situadas ao S e SO de ditos montes.

Nesta situação, acompanharam de perto e, atentamente, a todos os movimentos do inimigo.

O grosso de suas forças, ao comando de Fernandes Vieira, foi colocado camuflado nos Alagados, frente para o Boqueirão, e outro grupamento importante, ao comando de Vidal de Negreiros, foi disposto no interior de matas abertas à frente e ao lado do monte em que se ergue a atual Igreja dos Prazeres, onde os holandeses haviam colocado duas peças de artilharia em posição.

Entre os extremos do dispositivo, camuflados nos Alagados e matas abertas, foram colocados os terços comandados por Diogo Camarão e Figueiroa.

Isto é o que é permitido concluir dos relatórios da época e análise da batalha.

É possível que no interior dos Alagados existissem várias restingas de mata como a que descreveu Lopes Santiago na 1ª Batalha, e que formava o Boqueirão do lado do mar.

Início do retraimento holandês

ESBOÇO Nº2 (Ao final do livro)

Movimentos iniciais

a) Dos holandeses

Após decisão de retraírem para o Recife, tomada pelo Conselho de Guerra Holandês, às três horas da tarde, iniciaram à mudança de dispositivo.

O Regimento de Carpenter, em boa ordem, saiu de posição e formou no Boqueirão com a frente para o Recife.

À sua retaguarda, formou a artilharia, protegida pelos flancos, por duas companhias de fuzileiros pertencentes ao Regimento do coronel Brinck.

Esta artilharia reagiria sob o comando do almirante Van Gielissen. Postada no Boqueirão, fez grandes estragos nos nossos até ser silenciada, e Van Gielissen morrer abraçado ao canhão.

A artilharia foi silenciada por tropas de Fernandes Vieira (Lopes Santiago).

Logo a seguir, entrou na coluna de marcha o próprio Regimento Brinck.

Assim disposto, este grupamento de marcha iniciou o movimento.

Enquanto isso, os regimentos do Tenente General Von Schkoppe, ao comando do Tenente Coronel Claes e o de Hauthyn, saindo de posição, marchavam sobre o monte Oitizeiro para integrar a coluna de marcha no Boqueirão e constituir a retaguarda em condições de transformar-se em Corpo de Batalha, em caso de ataque inimigo.

Os regimentos de Van der Branden e de Van Elst, em posição no monte da atual Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, tinham por missão, tão logo a coluna principal alcançasse distância de segurança, retraírem, retardando o inimigo, sucessivamente, através dos montes Oitizeiro e Telégrafo (atual), até serem acolhidos pela retaguarda da coluna em marcha.

b) Dos luso-brasileiros

De suas posições camufladas nos alagados e matas abertas ao sul dos Guararapes, acompanharam atentamente a movimentação holandesa, à procura do momento oportuno para o ataque. O capitão Franca foi encarregado de avisar o momento exato.

Este momento surgiu ao perceberem que a coluna de marcha no Boqueirão já havia abandonado este importante acidente capital, ao mesmo tempo em que os regimentos de Von Schkoppe e de Hauthyn marchavam na crista do monte Oitizeiro, em direção à entrada norte do Boqueirão, para formarem a retaguarda.

Ataque luso-brasileiro

ESBOÇO Nº 3 (Ver ao final do livro)

Caracterizada a fraqueza do dispositivo inimigo, dois regimentos na defesa e os restantes em deslocamento, o Mestre de Campo Francisco Barreto de Menezes ordenou o ataque, que seria conduzido até o final por iniciativa de seus comandantes subordinados, dentro de um quadro de aproveitamento de êxito, seguido de tenaz perseguição.

Desenvolvimento da Batalha

ESBOÇO Nº 3 (Ver ao final do livro)

Ao Mestre de Campo Fernandes Vieira coube, com rapidez ocupar o Boqueirão abandonado e combater a retaguarda do regimento do Cel Brinck, que tentou recuperá-lo. Nesta ocasião, os holandeses eram apoiados pela artilharia de Van Gielissen.

Comandando 800 homens de seu Terço, Fernandes Vieira atacou o inimigo, causando-lhe pesadas perdas. Lutaria cerca de três horas, na saída do Boqueirão, no local onde em 1971 hoje situava-se a fábrica Verlon, com os regimentos Brinck e Carpenter, estes apoiados pela artilharia de Gielissen.

Coube a Henrique Dias atacar o Regimento do Tenente General Von Schkoppe, então comandado por Claes. Ao perceber o ataque, este tentou recuperar o Boqueirão abandonado.

Com a impetuosidade do ataque de Henrique Dias, aquele regimento foi obrigado a recuar para o monte Oitizeiro e muitos de seus integrantes começaram a fugir, num prenúncio de grande confusão.

Pressionado com violência e em meio à completa desordem, referido regimento foi recalcado para a entrada norte do Boqueirão, misturando-se aos regimentos de Carpenter e de Brinck.

Coube a Diogo Camarão acometer o Regimento de Hauthyn, em deslocamento sobre o monte Oitizeiro.

O Regimento Hauthyn avançou sobre Diogo Camarão, após largar seus mosquetes e utilizar lanças, procurando assim anular a eficiência das espadas dos patriotas (lanças = alabardas, partazanas).

Diogo Camarão foi tirado da dificuldade em que se encontrava ao ser socorrido pela Cavalaria que, provavelmente, lhe enviou Vidal de Negreiros.

A Cavalaria atacou o Regimento Hauthyn e, após anular o efeito das lanças e chuços por eles usados, feriu o Cel Hauthyn, que foi obrigado a retrair sobre o monte Oitizeiro com seu regimento em desordem e em fuga. Assim, acossado por Diogo Camarão, juntou-se aos demais

regimentos holandeses na entrada norte do Boqueirão.

A Figueiroa coube atacar o Regimento de Van der Branden, em posição na cota gêmea daquela onde se ergue a atual Igreja dos Prazeres (local do monumento ao Gen Mascarenhas de Moraes, erigido em 1971).

Em combinação com esta ação, coube ao Sargento- Mor Antônio Dias Cardoso, o mestre das emboscadas, atacar o Regimento de Van Elst, pela retaguarda, numa emboscada.

Para isto, o bravo Dias Cardoso dispôs de quatro troços do Terço de Fernandes Vieira, do qual era Sargento-Mor (sub comandante). Estas tropas eram compostas presumivelmente de 550 homens, pois Fernandes Vieira ficara com 800 homens.

O Regimento de Van der Branden, ante a ameaça de cerco, foi obrigado a abandonar sua excelente posição e retrair, na mais completa desordem e confusão, para a garganta norte do Boqueirão.

Perseguido de perto por Vidal de Negreiros, Dias Cardoso e pela Cavalaria dos capitães Antônio Silva e Manoel de Araújo, o Regimento de Van Elst foi o que mais baixas sofreu.

Para a garganta norte do Boqueirão, onde em 1971 se situava a fábrica Verlon, convergiram na mais completa desordem todos os regimentos holandeses (interpretação do autor).

Final da batalha

ESBOÇO Nº 4 (Ver ao final do livro)

Na entrada norte o Boqueirão, teve fim a batalha. Os holandeses começaram a retirar-se para o Recife, sendo perseguidos por fortes elementos luso-brasileiros até a porta da cidade.

Após três horas de intenso combate em que percorreu grande distância, extenuado pelo grande esforço despendido, o grosso luso-brasileiro entregou-se ao recolhimento dos despojos de guerra abandonados pelos holandeses.

Sobre esta maiúscula vitória, assim escreveu o então Major Souza Júnior, em **Do Recôncavo aos Guararapes**:

“Mais uma vez os patriotas, inferiores em número, mas superiores como combatentes, derrotaram esmagadoramente os soldados de um dos melhores exércitos da Europa, da primeira metade do século XVII”.

O testemunho holandês, abaixo transcrito, dará ao leitor uma idéia da violência do ataque e os momentos dramáticos vividos pelos holandeses em debandada geral, perseguidos pelos luso-brasileiros.

Confusão, desordem, pânico e deserção

O Cel Claes, que comandava o Regimento do Tenente General (Schkoppe ausente da batalha) e o Cel Hauthyn, ao serem atacados, tentam reconquistar o Boqueirão abandonado”.

“Tiveram que recuar para o monte (Oitizeiro) por causa da excessiva força do inimigo, que veio com tanta impetuosidade sobre os nossos, que nossas tropas começaram a fugir e acharam-se logo na maior confusão, a tal ponto que nem palavras nem força puderam retê-las, apesar de todos os esforços dos oficiais e do abaixo assinado...

As nossas tropas, entregues à desordem, à deserção e à confusão, dispersaram-se aqui e ali, por diversos caminhos em direção ao mato e ao rio...

Muitos soldados ficaram no caminho por causa da fadiga e esgotamento, e o inimigo, em perseguição ao nosso exército em desordem, encontrando estes desgraçados, matou-os sem quartel...

A consternação e o pânico entre os nossos foi tão grande que, se o inimigo, ao invés de entregar-se ao saque, como provavelmente o fez, tivesse preferido continuar a perseguição, é indubitavelmente certo que o resto dos nossos se teria deixado matar e massacrar sem fazer a mínima resistência, porque fugiam sem voltar os olhos.”

Relatório de Michael Van Goch, participante da Batalha, feito em 22 fev. 1649, ao Conselho Holandês do Recife)

Este documento é a melhor fonte de reconstrução da 2ª Batalha, junto com o depoimento de Lopes Santiago. A sua tradução encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Sobre o que foi a batalha, cumpre destacar um trecho de Lopes Santiago:

“Aqui estavam uns clamando e implorando com humildes rogos misericórdia aos vencedores, ali se ouvia a turba dos que pediam bom quartel, em outra parte, em seu idioma dos que mal articulado com as ânsias da morte, queixavam-se de sua adversa fortuna, e muitos entre os mortos, fingindo-se que o estavam, queriam ainda dilatar a breve vida. Finalmente, infinitos precipitados, bem desejavam naquele apertado passo, outras asas de Ícaro e Dédalo, para voarem e não se fazerem pedaços naqueles precipícios e penhascos, correndo copiosa inundação de sangue por todos aqueles montes que era um espetáculo admirável”.

Perseguição

Sobre o que foi a perseguição aos holandeses, nada melhor que os depoimentos e comentários a seguir.

De Frei Rafael de Jesus, baseado no material de Lopes Santiago, que ele remanejou em **O Valeroso Lucideno**, segundo José Antônio Gonçalves de Mello, em **Restauradores de Pernambuco**.

“Ao inimigo não restou sequer a salvação de uma retirada em ordem. Nem mesmo na fuga tiveram sorte...

Parece que até o instinto de conservação desordenou-se, pois fugia sem voltar a cara...

Foi um desastre total e desonroso para as armas da W. I. C...

Abandonaram armas, bagagens, trem de artilharia munições, bandeiras e feridos. Despojaram-se de tudo que tolhesse a ligeireza da corrida...

“O pior da matança, o mais agravado do desastre, esteve justamente na fuga...

Os nossos levaram a perseguição até onde puderam, ou até onde lhes permitissem o cansaço, a sede e as sombras da noite”.

De Jordão Emerenciano:

Há muito findara o dia, e a nossa cavalaria continuava a levar a morte e a destruição aos últimos destroços dos soberbos holandeses, que saíram do Recife com tanto estrondo e decisão”.

E a perseguição não continuou conforme consta da **Relação da Vitória**, “cansados estavam todos, uns de fugir e outros de matar e vencer”.

E comentaria Von Schkoppe, que comandara na 1ª Batalha:

“a Cavalaria e a Infantaria se vieram lançar sobre os nossos regimentos. Causavam tal desordem que nem os oficiais, quer superiores, quer inferiores, nem os soldados, puderam resistir e cumprir seu dever. Isto provocou tal consternação entre os nossos, que a pena não poderia descrever (...) e a maior parte de nossas tropas se pôs a fugir, deixando-se matar sem resistência, como crianças”.

Baixas de combate

- Holandesas	
Mortos e prisioneiros	- 1.044
Feridos	- <u>500</u>
TOTAL	1.544

Este total representou 44% do efetivo holandês presente na batalha.

Não estão incluídas baixas ocorridas entre os 200 índios e pretos seus aliados, e os 250 marinheiros, o que elevaria bastante esta percentagem, a quase 50%.

Segundo documento existente no Instituto Histórico e Geográfico-

co Brasileiro (Documentos holandeses publicados em **Do Recôncavo aos Guararapes**, do Maj Souza Júnior), foram as seguintes baixas holandesas por regimentos:

	Oficiais	Praças	Total	Conclusão do autor
Ten Gen (Ten Cel Claes)	15	135		
	150			
	Enfrentou Henrique Dias			
Carpenter	2	214	236	Enfrentou Fernandes Vieira
Brinck	8	133	151	Enfrentou Fernandes Vieira
Van der Branden	2	232	254	Enfrentou Figueiroa
Van Elst	6	163	179	Enfrentou Vidal de Negreiros, Dias Cardoso e Cavalaria
Hauthyn		65	74	Enfrentou Diogo Camarão
	02	942	1044	

P. M. Netscher em Holandeses no Brasil fornece as seguintes baixas, com base em relatório que o Conselho do Recife apresentou aos Estados Gerais.

Mortos

1 Coronel
 4 Tenentes Coronéis
 4 Majores
 33 Capitães
 28 Tenentes
 43 Sargentos
 821 Soldados

934 mortos
 Total de baixas - 1.023

Feridos

2 Capitães
 4 Tenentes
 3 Alferes
 6 Sargentos
 2 Cirurgiões
 72 Soldados

89 feridos

E completou:

Não estão incluídos neste número, como mortos, o Vice-Almirante Gielissen e vários de seus marinheiros.

Dito relatório foi assinado por Schoonenborch, Van Beaumont e Van Goch (membros do Conselho do Recife).

Dos regimentos holandeses que se portaram com maior valor, cumpre destacar o do Cel Hauthyn e, principalmente, o do Cel Van Elst, que suportou todo o peso da luta no monte da atual Igreja Nossa Senhora dos Prazeres.

O ataque de Figueiroa sobre Van der Branden foi arrasador, bem como o de Fernandes Vieira sobre o Regimento Carpenter, a deduzir-se pelas enormes perdas sofridas pelos dois regimentos inimigos.

Nesta batalha, foi morto o coronel Van Brinck, comandante-em-chefe da expedição. Assim, não trouxe, simbolicamente, como prometera, a capa que Von Schkoppe perdera na 1ª Batalha, na confusão.

Segundo Netscher, em **Holandeses no Brasil**, "essas enormes perdas, desproporcionadas para o pequeno número de tropas presentes nesse combate, provam quanto ele foi encarniçado, constituindo, mesmo, o golpe mortal sobre o domínio holandês no Brasil."

- Luso-brasileiras

Mortos	-	45
Feridos	-	<u>200</u>
		245

Presas de guerra feitas pelos luso-brasileiros:

- 5 peças leves de artilharia (toda a artilharia);
- 5 bandeiras;
- quase toda a impedimenta (bagagem).

Ato de bravura

Na frente de atuação de Vidal de Negreiros, segundo Lopes Santiago, em dado momento, toparam com um esquadrão holandês emboscado.

Incontinente, Vidal de Negreiros ordenou aos bravos capitães de Cavalaria Antônio Silva e Manoel de Araújo que atacassem o inimigo.

Manoel de Araújo voltou-se para Antônio Silva e comentou:

"Quarenta cavalarianos é um número muito escasso para a empresa!"

E Antônio Silva respondeu-lhe:

"Fomos honrados com a escolha para aqui morrer."

Partindo para ação, Manoel de Araújo arrematou, olhando para os céus.

“Paciência, morramos com honra”.

E morreu bravamente nesta ação.

Desde o Alvará de 6 de novembro de 1642, a Cavalaria era primazia da nobreza.

Esta mesma Cavalaria, ao comando de Antônio da Silva, veterano da 1ª Batalha, tiraria de apuros o terço de Diogo Camarão, acossado por piqueteiros.

Análise da manobra luso-brasileira

- Manobra

Os luso-brasileiros, decidem em Conselho de Guerra não atacar os holandeses em posição nos Guararapes. Isto diante da posição dominante que o inimigo tomara nos Montes Guararapes, dispondo seus regimentos à distância de apoio mútuo, combinado com a superioridade inimiga de aproximadamente 1,4 para 1.

Acertaram, no entanto, manter a coberto das vistas do inimigo o seu dispositivo e efetivo. Isto ao camuflá-los nos alagados e matas abertas. E, tão logo o inimigo se dirigisse para o Recife, ou para o sul, deveriam ficar em condições de atacá-lo.

Através de um judicioso aproveitamento do terreno, dispuseram o grosso de suas forças repartido sobre as alas do inimigo.

Grande parte do Terço de Fernandes Vieira ficou defronte do Boqueirão, em condições de avançar sobre este acidente capital, em caso de retraimento do inimigo, como de fato aconteceu, ou de barrar o grosso inimigo em direção a Muribeca.

Outro grupamento de forças, ao comando de Vidal de Negreiros, ficou defronte à ala direita inimiga, em condições de barrar um avanço para o sul na direção de Muribeca, ou envolvê-lo, em caso de retraimento para o Recife.

- Forma de Manobra

Ataque foi desencadeado em toda a frente, com esforço nas alas, aproveitando-se da surpresa obtida sobre o dispositivo do inimigo, parcialmente organizado para marchar em direção contrária à do ataque, e já em movimento.

- Oportunidade da execução da manobra

A ação deu-se quando a coluna de marcha, formada por dois regimentos, já havia abandonado o Boqueirão e outros dois regimentos

deslocavam-se, ainda distantes do Boqueirão abandonado, para integrarem a retaguarda da coluna de marcha e outros dois ainda se encontravam em posição para cobrirem o retraimento.

- Conduta da manobra

Os luso-brasileiros lançaram sobre os holandeses, em curso de mudança de dispositivo, todo o seu poder de combate. Não mantiveram tropas em Reserva, a não ser, segundo Frei Rafael de Jesus, pequenos elementos de serviço e moradores do local, liderados por Barreto de Menezes.

Jogou Barreto, na luta, todo o seu poder de combate: grave decisão.

Os terços, ordenado o ataque, atuaram até o final da batalha com grade iniciativa, dentro de um quadro de aproveitamento de êxito seguido de perseguição. Por esta razão, o Mestre de Campo General Barreto de Menezes não teve oportunidade de intervir na manobra, pois ficara sem reserva compatível.

Durante a execução da manobra, no momento em que Diogo Camarão se sentiu em apuros, diante da ação do Regimento Hauthyn, armado de lanças, foi socorrido pela Cavalaria. Esta provavelmente enviada por Vidal de Negreiros - Cavalaria esta que funcionou, ao que parece, como um segundo escalão de batalha, pela presteza com que acudiu a Diogo Camarão, compensando assim a fraquíssima Reserva nas mãos de Barreto de Menezes.

A 2ª Batalha dos Guararapes não possui o classicismo da primeira, caracterizada por uma ruptura seguida de um envolvimento de ala, após criados flancos no dispositivo inimigo.

Ela se caracteriza mais como um aproveitamento de êxito seguido de perseguição, motivada pela surpresa obtida com o ataque sobre o inimigo, no momento em que este se encontrava mudando seu dispositivo de defensiva para coluna de marcha. E isto por acreditar na debilidade luso-brasileira, seguindo informações de fugitivos do Arraial.

Análise da atuação luso-brasileira à luz dos princípios da guerra

- Objetivo

Destruir o poderio do inimigo numa batalha decisiva.

O *objetivo* foi perseguido e colimado de maneira mais eficiente que na 1ª Batalha, em razão das numerosas baixas que impôs ao inimigo. Baixas que representaram 44% do seu efetivo total em combate, além da captura de numeroso equipamento, quase toda impedimen-

ta(bagagem) inimiga e toda a artilharia, abandonadas na fuga precipitada.

- Massa

Este princípio foi observado ao conduzirem as massas de manobra sobre as alas inimigas, no Boqueirão, dificultando sua recuperação, e sobre a cota da atual Igreja Nossa Senhora dos Prazeres.

Com esta medida, evitavam que o inimigo, contra-atacando por esta ala, viesse a envolver pela esquerda nossas forças no Boqueirão.

- Economia de Meios

Foi realizada no centro, ao contrário da primeira batalha, e caracterizada pelas forças de Figueiroa, Henrique Dias e Diogo Camarão.

- Ofensiva

Este princípio, combinado com o da *surpresa*, foi muito explorado pelos luso-brasileiros.

Ele pode ser caracterizado pelos fulminantes e rápidos ataques desfechados em toda a frente, pondo em debandada todos os regimentos inimigos, e por persegui-los até as portas do Recife.

- Segurança

a) Antes do ataque

Ao reconhecerem o dispositivo inimigo, decidiram não atacar na direção norte- sul conforme este esperava.

Ao decidirem infiltrar-se à noite, através de passagens existentes nos morros a W dos Montes Guararapes, rumo ao Engenho Novo.

Ao ocuparem à noite, com o grosso de suas forças, as trincheiras do Engenho Novo, cobrindo-se, à frente, pela ocupação de trincheiras no Engenho Guararapes.

Ao reconhecerem, na manhã de 19, judiciosamente, as posições ocupadas pelo inimigo.

Ao reconhecerem a superioridade do inimigo, se atacado em suas posições, e ao recusarem, sabiamente, enfrentá-lo nestas condições.

Ao ocultarem do inimigo o seu dispositivo, organização e valor, acobertados pelas matas e alagados existentes na frente inimiga.

Ao dosarem o esforço nas alas, evitando a possibilidade de envolvimento, manobra favorita do inimigo.

b) Durante o ataque

Ao lançarem-se no ataque no momento exato em que o dispositivo inimigo apresentou grande falha.

Ao socorrerem Diogo Camarão em séria dificuldade, com a tropa de Cavalaria do Cap Antônio Silva.

Ao manter Barreto de Menezes uma pequena reserva em sua mão, sendo a Cavalaria uma espécie de reserva móvel.

- Surpresa

Ao apresentarem-se no sul dos Guararapes quando eram esperados pelo norte.

Ao darem impressão aos holandeses de estar com um fraco dispositivo para o combate, fazendo com que estes decidissem retrain sem maiores cuidados.

Ao atacarem de surpresa, e em toda a frente, os holandeses no momento em que se organizavam para marchar, crendo eles que os luso-brasileiros não ousariam semelhante empresa.

Ao ser o inimigo atacado pela retaguarda, no local da atual Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, pelo Sargento-Mor Antônio Dias Cardoso.

- Manobra

Ao reunirem e deslocarem com presteza e rapidez sua massa de manobra para a área dos Montes Guararapes.

Ao deslocarem a massa de manobra do norte dos Montes Guararapes para o sul, infiltrando-se durante à noite pelos desfiladeiros situados a oeste daqueles montes.

Ao lançarem ainda na noite de 18 para 19, partidas sobre o dispositivo inimigo.

Ao tomarem o dispositivo de ataque a coberto das matas abertas e alagados situados a sul e a sudoeste dos Montes Guararapes.

Ao atacarem ao mesmo tempo, e no momento exato, em toda a frente.

Ao operar cada peça de manobra, durante a batalha, atacando em todas as direções, ora recuando, hora avançando, estabelecendo a maior confusão no rígido dispositivo defensivo de cada regimento inimigo.

- Unidade de comando

Este princípio foi observado até o momento do ataque, ocasião em que foi descentralizado por imposição do quadro de aproveitamento de êxito e de perseguição, e a cargo de cada comandante subordinado.

- Simplicidade

A manobra foi simples, vindo a constituir-se de um ataque em toda a frente, com um esforço mais acentuado nas alas, dentro de um quadro de aproveitamento de êxito e perseguição sobre o dispositivo inimigo em mudança de defensiva para o de coluna de marcha.

Comentário

O judicioso e brilhante emprego dos princípios de guerra da **Surpresa** e da **Segurança**, combinados com a aplicação eficiente dos princípios **Ofensiva**, **Objetivo** e **Manobra**, tornaram possível esta segunda vitória de um pequeno exército de patriotas, sobre um exército moderno, mais numeroso e bem equipado, mas sem motivação patriótica e religiosa, por ser constituído de mercenários.

Conclusão

Em 25 de janeiro de 1654, na Campina do Taborda, na atual cidade do Recife- PE, tiveram fim 30 anos de guerra holandesa. Para isto contribuíram, decisivamente, as vitórias da doutrina militar luso-brasileira dos Montes Guararapes,(A Guerra Brasília), a serviço da Religião Católica e do Espírito de Nacionalidade, este iniciado pelas armas no Monte das Tabocas e consolidado gloriosamente nas duas Batalhas dos Guararapes.

Consequências da 2ª Batalha

- Para os holandeses

Foi destruída a capacidade ofensiva estratégica terrestre dos holandeses no Brasil. Estes se limitaram, daí por diante, a golpes- de- mão sobre estâncias da Várzea e localidades do litoral.

O cerco ao Recife, base de operações dos holandeses no Brasil, ficou cada vez mais apertado, conforme pode ser concluído do seguinte depoimento holandês:

“O inimigo nos mantém aqui tão fechados, que a bem dizer está com a espada sobre nossos pescoços e conserva-se nas vizinhanças com todas as suas forças”.

Em consequência da derrota, lavraram no Recife sérias desavenças entre civis e militares, culminando com o recolhimento para a Europa de diversos oficiais, incluindo-se o Almirante With, que levou com ele dois grandes navios.

Isto veio agravar, ainda mais, a crítica situação dos holandeses no Brasil, além de reduzir-lhes a capacidade estratégica naval por falta de víveres e aguadas. A 1ª Batalha já havia diminuído a capacidade naval.

A Companhia das Índias Ocidentais, privada por longo tempo da exploração econômica do açúcar do Brasil, dia a dia caminha célere rumo à falência e não tem mais esperanças de recuperar o Brasil.

- Para os luso-brasileiros

Com a destruição de grande parte da força estratégica terrestre holandesa sediada no Recife, base de operações holandesas no Brasil, o litoral brasileiro, de S. Luiz ao Rio de Janeiro, e principalmente a Bahia, ficou livre, de uma vez por todas, de ataques navais holandeses partidos do Recife.

Durante o período da Insurreição Pernambucana, os holandeses, baseados no inexpugnável Recife, cercados por terra, desfecharam, no litoral do Nordeste e, principalmente, sobre a Bahia, violentas incursões marítimas.

Portugal, alentado com esta vitória, decidiu organizar uma esquadra, com a finalidade de recuperar os portos do Brasil e, assim tirar aos holandeses sua capacidade ofensiva estratégica marítima, bastante diminuída.

A vitória levantou o moral dos patriotas, que se convenceram de que a expulsão dos holandeses era uma questão de tempo. Por isto passaram a desfechar, contra o Recife, ataques cada vez mais audazes, além de clamarem pelo envio de uma esquadra para desfechar o golpe final no inimigo.

Vitória e repercussão na Europa da doutrina militar da guerra brasileira, que venceu a doutrina militar em voga naquele continente.

Restauração de Pernambuco

Durante três anos, os patriotas hostilizam os holandeses em torno do Recife, cabendo registrar o combate de 1º de maio de 1652, travado entre Afogados e Barreta, no qual o "Mestre de Emboscada", Antônio Dias Cardoso, comandando 400 homens, infligiu pesada derrota aos holandeses.

Derrocada militar - holandesa

Em 1653, teve início a derrocada militar holandesa no Brasil, em consequência, entre outros, dos seguintes fatos:

- o rigoroso cerco a que foram submetidos por terra no Recife;
- a Companhia, a cujo serviço estavam, entrou em grave crise econômica e deixou de enviar reforços ao Recife;
- a Inglaterra, em guerra com a Holanda, tirou-lhe a supremacia naval no litoral do Brasil;
- o envio de poderosa esquadra da Companhia Geral de Comércio de Portugal para auxiliar os patriotas no golpe derradeiro aos holandeses no Recife.

Queda do Recife

- A 14 de janeiro de 1654, teve início o assédio à praça forte do Recife.

- A 15 de janeiro, após um dia de luta, rendeu-se o Forte do Rego.
- A 17 de janeiro, caiu o reduto holandês de Altenar e, pela manobra, os fortes da Barreta, Afogados, Buraco e Parregis.
- A 22 de janeiro, caiu em mãos de Vidal de Negreiros e de Dias Cardoso o Forte Amélia.

Estando cercado o Pentágono ou Forte de Cinco Pontas, baluarte defensivo do Recife, seu comandante, a 23, pediu que fossem cessadas as hostilidades.

As discussões dos termos de rendição prolongaram-se pelos dias 24 e 25.

- Em 26 de janeiro de 1654, na Campina do Taborda, fronteira ao Forte das Cinco Pontas, foi assinada a rendição holandesa, que pôs fim a 30 anos de guerra contra a Holanda no Brasil. Guerra para cujo final honroso muito contribuíram as memoráveis Batalhas dos Guararapes, descritas e analisadas militarmente pela primeira vez neste trabalho.

- No dia 27, Recife e Maurícia foram ocupadas pelos patriotas e, no dia 28, o Mestre de Campo General Barreto de Menezes entrou triunfante no Recife, que estivera cerca de um quarto de século (23 anos) em poder dos holandeses.

Consequências:

Foi posto um fim, no Brasil, às invasões estrangeiras por motivos de conquista;

- foi mantida a unidade geográfica do Brasil, em razão do uso da doutrina militar da guerra brasileira, a serviço dos brasileiros, de Portugal e da Igreja Católica;

- foi mantida a unidade geográfica luso- espanhola na América do Sul, ameaçada pelos holandeses baseados em Pernambuco;

- foi mantida a unidade religiosa católica na América do Sul, com a expulsão do calvinismo de Pernambuco;

- surgiu a consciência de que o Brasil era algo mais que uma colônia, já uma nação, capaz de defender-se sem auxílio de Portugal. Era o sentimento de nacionalidade nascente, obtido através das gloriosas e memoráveis vitórias da doutrina militar da guerra brasileira, desenvolvida pelo povo em armas;

- surgiram os fundamentos da grande Democracia Étnica Brasileira, em consequência do irmanamento de brancos, índios, pretos, caboclos, mulatos e curibocas, em razão dos ingentes sacrifícios de quase 24 anos de lutas contra o invasor;

Este irmanamento se sublimou nos Guararapes - batalhas que, guardadas as devidas proporções no tempo, no espaço e na finalidade, significaram para a nascente raça brasileira uma grande afirmação perante o mundo.

- surgiu o espírito do Exército Brasileiro, emergido da doutrina militar da guerra brasileira, que venceu um dos maiores exércitos da Europa, comparável aos de França e Suécia de então. Doutrina Militar esta que passou a influenciar o exército português das colônias e do Reino e que, no Brasil, chegou ao 7 de setembro de 1822, impregnado pelo espírito de Guararapes e que, então, transmitiu esta chama ainda ao atual Exército Brasileiro que teve o seu dia consagrado como o dia 19 de abril, aniversário da 1ª batalha.

Estas palavras, do eminente Marechal Mascarenhas de Moraes, proferidas nos Guararapes, quando retornou vitorioso dos campos de Itália, dizem bem da projeção da doutrina militar da guerra brasileira aqui abordada.

“Nesta colina sagrada, na batalha vitoriosa contra o invasor, a força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nacionalidade”.

- é desbravado o litoral nordestino, particularmente do Recife a Sergipe;

- é estabelecido o sentimento de unidade nacional, motivado pela solidariedade à causa pernambucana de parte de outras capitânias, particularmente do Nordeste;

- são desenvolvidas técnicas açucareiras pelos holandeses o que melhorou a cultura da cana, e o Recife projetou-se no cenário econômico mundial;

- projetaram-se, no futuro, o nacionalismo verde-amarelo e o amor à “Liberdade Divina”, traduzidos, em Pernambuco, pelas tentativas de Independência e República de 1710, em Olinda, e, em 1817, no Recife; a tentativa de República de 1824, no Nordeste, com grande influência no Decênio Heroico Farroupilha (1835-1845), no Rio Grande do Sul, bem como de outros movimentos republicanos que tiveram lugar na mesma época.

E para completar citamos as palavras lapidárias de Pedro Calmon, presidente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro:

“Foi nos Montes Guararapes há trezentos anos.

A maior batalha. O supremo desafio.

O duelo mortal do invasor e do filho da terra,

do estrangeiro e do nativo da poderosa opressão e da liberdade heroica”.

O espírito sagrado dos Guararapes

Ao finalizar este trabalho, esperamos que todos os leitores tenham sentido, com justificado orgulho cívico, o espírito sagrado dos

Guararapes, bem como sido tocado por ele.

Prezados leitores!

A grandeza de um povo é resultado do seu civismo e de sua riqueza material.

O civismo é o vigor moral de um povo, é neto da História e filho da Tradição.

A História é a mestra das mestras: a mestra da vida.

A tradição é alma de um povo, e está para ele, como o perfume, para a flor.

Povo que não possui tradição ou não a cultua é espada sem têmpera que quebra ao primeiro embate, ou barco à deriva, sem bússola, na tempestade, que não sabe de onde vem, aonde está e nem para onde é que vai.

Civismo é fé nos destinos da Pátria, e esta fé removerá as montanhas de dificuldades do caminho do Brasil. E esta mesma fé inquebrantável, combinada com o trabalho constante, racional, objetivo e honesto de todos os brasileiros compensará na raça autêntica as nossas deficiências materiais.

As Batalhas dos Guararapes são um atestado eloquente do acendrado civismo de um povo pobre, sitiado pelo mar, mas que, inspirado por um grande amor à Pátria nascente e em Deus, enfrentou e destruiu frações expressivas de um dos mais ricos e melhores exércitos de então. Isto após indescritíveis sofrimentos de toda a ordem, padecidos durante os nove anos da Insurreição de Pernambuco.

O espírito dos Guararapes é o mais fino e raro perfume da tradição da nacionalidade brasileira. e do Exército Brasileiro.

O espírito dos Guararapes foi ontem a chama mais viva e radiosa que das heroicas terras de Pernambuco iluminou todo o Brasil no caminho dos seus gloriosos destinos.

As cinzas que ainda encobrem a chama do espírito de Guararapes devem ser removidas para todo o sempre, para que esta não bruxuleie jamais, e assim retarde de um só segundo este gigante brasileiro rumo a seu histórico e grande destino.

Espírito de Guararapes é o nacionalismo verde e amarelo, não o nacionalismo histórico, desagregador, inconsequente, fruto da paixão, do sonho utópico ou do Mito e não da História.

O espírito de Guararapes é o pavilhão invisível da nacionalidade.

Espírito de Guararapes é a fortíssima liga metálica da unidade nacional, territorial, espiritual e étnica do Brasil.

Espírito de Guararapes é a harmonia e a integração do caldeirão de raças brasileiro, que fazem do Brasil uma grande democracia étnica.

APÊNDICE A

RESTAURADORES DE PERNAMBUCO

Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso

(O estrategista e tático da Insurreição de Pernambuco, 1645-1654, no Tricentenário da sua morte no Recife)

Major Cláudio Moreira Bento

Me ocuparei em ajudar a resgatar um grande patriota do passado, intimamente ligado à origem das ideias de Exército e de Pátria brasileira, surgidas em Pernambuco, por ocasião da Insurreição Pernambucana, 1648-1654.

Refiro-me ao militar profissional, Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso que, após destacada participação militar contra o invasor holandês, faleceu no Recife em 1670.

Este bravo, até o presente (1970), não ocupara o lugar que de direito lhe cabia na História do Brasil e do Exército. Isto por ter sido o arquiteto e o condutor do Exército Patriota, nas memoráveis vitórias nas batalhas de Monte das Tabocas e Casa Forte.

Estas batalhas por ele vencidas, abriram a campanha da Restauração de Pernambuco e mostraram a Pernambuco, Bahia e Portugal a viabilidade militar da expulsão dos holandeses, sem interferência direta do último.

Na batalha do Monte das Tabocas, em que um sonho de sentimento de Pátria se tornou pouco a pouco um sentimento real, fortalecido através dessa vitória militar, dela estiveram ausentes os grandes restauradores Barreto de Menezes, Henrique Dias, Vidal de Negreiros e Filipe Camarão.

Esteve presente somente o líder civil do movimento, Fernandes Vieira, que, por não possuir habilitação militar, ficou encarregado de comandar a Reserva, constituída de bravos pernambucanos armados de bordões e de paus tostados utilizados à guisa de chuços (vara de madeira de até 6 metros).

No Monte das Tabocas, Dias Cardoso, com 900 civis pernambucanos, transformados num pequeno exército, e bem conduzidos militarmente dentro dos Princípios de Guerra, venceu apreciável parcela de um grande exército profissional europeu de 1.500 homens.

Aos holandeses armados com 1.200 modernas armas de fogo e comandados pelo Ten Cel Hendrick Haus, Comandante- em-Do Ten Gen (Ten Cel Claes Chefe dos holandeses no Brasil, Dias Cardoso se opôs com 250 armas de fogo das mais diferentes espécies e impôs sua vontade ao inimigo.

Dias Cardoso, segundo depoimento de André Vidal de Negreiros, foi por ele indicado ao Governador Geral do Brasil na Bahia, Antônio Teles da Silva, para ser enviado secretamente a Pernambuco, com a missão de organizar militarmente os pernambucanos num pequeno exército, isto em íntima ligação com Fernandes Vieira, o catalisador político da reação insurrecional.

A razão da escolha, segundo Vidal de Negreiros, prendia-se **“a sua competência militar, coragem invulgar, discrição, e profundo conhecimento de Pernambuco”**.

Munido de documento em que simulava ser desertor, Dias Cardoso, acompanhado de 4 companheiros, viajou 160 léguas da Bahia a Pernambuco. Enfrentou toda a sorte de privações e perigos de vida constantes, ao atravessar regiões dominadas por índios e pretos revoltados e ao atravessar a nado rios caudalosos, para evitar ser pressentido pelo inimigo.

Chegando a Pernambuco, apresentou-se a Fernandes Vieira, dando-lhe conta da missão e do dispositivo holandês ao longo do itinerário Salvador-Recife.

A seguir, escondido pelas matas e engenhos, pelo espaço de seis meses, entregou-se à tarefa de recrutar e treinar militarmente patriotas pernambucanos nas matas de Pau Brasil. Enfim, a dar corpo ao pequeno Exército Patriota ou Libertador que derrotaria o inimigo do Monte das Tabocas e Casa Forte.

Chegando Dias Cardoso a Pernambuco, foi elevado à condição de Governador das Armas. Pressentido pelos holandeses, estes moveram-lhe intensa caça, obrigando-o, segundo Fernandes Vieira, **“a viver escondido nas matas durante sete meses adestrando sua tropa”**, até que fosse decidido o levante restaurador, já na certeza do respaldo militar do Exército Libertador organizado por Dias Cardoso.

No levante decidido em 23 de maio de 1645, através de Compromisso de Honra firmado por Fernandes Vieira e mais 18 companheiros, constou pela vez primeira a ideia do Sentimento de Pátria através deste trecho:

“Nós abaixo assinado, nos conjuramos e prometemos em serviço da liberdade, não faltar em nenhum tempo, com toda a ajuda de fazendas (Engenhos) contra qualquer inimigo (incluía até Portugal) na restauração de nossa Pátria...”

Este momento surgiu o Sentimento de Pátria expresso aqui no

Brasil, respaldado na força militar que havia sido organizada e treinada nos seis meses anteriores a este Compromisso de Honra, por Dias Cardoso, sob intensa perseguição holandesa nas matas de Pau Brasil e engenhos do interior de Pernambuco.

E aqui cabe perguntar aos leitores à semelhança da célebre questão "Quem nasceu primeiro o ovo ou a galinha?". Quem nasceu primeiro, o sentimento de Exército Brasileiro ou o de Pátria Brasileira?.

O Sargento-Mor (major) Antônio Dias Cardoso, antes e após a batalha do Monte das Tabocas, na qualidade de militar profissional, "prestou assinalados e heroicos serviços militares."

Nascido no Porto, no início do século XVII, transferiu-se ainda jovem para o Brasil, terra que adotou como Pátria e que ajudou a aliar com seu valor militar como se verá.

Em 7 de fevereiro de 1624, assentou praça como soldado na Bahia. Participou ativamente da expulsão dos holandeses naquela parte da colônia, "Servindo à causa com muita competência e honradez".

Quando da invasão de Pernambuco, participou de diversos combates contra os holandeses nos arredores de Olinda e Recife.

Em 1630, na Campina do Taborda, tomou parte numa emboscada, sendo, então, um fator decisivo para a vitória, "ao enfrentar o inimigo em campo aberto e a espada, ferindo e aprisionando muitos".

Lutou com grande valor em Salinas, Olinda, Afogados e na Praia do Recife, e nesta, durante sete horas em campo raso, em pugna da qual resultaram muitos mortos e feridos de ambos os lados.

Após 11 anos, como destacado e valente soldado, foi galar-dado com o posto de Alferes, no ano de 1635.

Nesta ocasião se encontrava em Serinhaém, juntamente com o governador de Pernambuco, Matias de Albuquerque.

Com a perda do Arraial Velho do Bom Jesus e de Nazareth, 4000 habitantes da campanha foram obrigados a marchar para Alagoas, sob proteção militar. Dias Cardoso foi elemento fundamental nesta proteção. Nesta marcha participou com destaque, no ataque, cerco e rendição dos holandeses fortificados em Porto Calvo, ocasião em que foi preso e justicado o traidor Calabar.

Extinta sua companhia em 1636, ingressou na companhia do Capitão Sebastião Souto, o mais audacioso, temível e intrépido comandante de Pernambuco, considerado o mais extraordinário mestre em "Guerra de Emboscadas" e ataques de surpresa.

Em 18 de maio de 1638, vamos encontrar estes dois bravos defendendo a trincheira de Santo Antônio, em Salvador, ocasião em que foi morto o intrépido Sebastião Souto. Sucedeu-lhe no comando da companhia e à altura, o bravo Dias Cardoso.

Extinta esta destacada unidade, ingressou na do terço do Capi-

tão André Vidal de Negreiros, de quem pouco após seria ajudante.

Acerca de sua valiosa participação na luta contra os holandeses, no período de 1630-39, assim o elogiou um alta patente militar da época:

“Com assiduidade, cumpriu com valor seus deveres militares, quer por ocasião de combates com inimigo por terra e por mar, quer em outros serviços particulares que lhe atribuíram.”

Neste período, marchou com frequência muitas léguas à procura de combate com inimigo, à custa de muitos trabalhos, sofrimentos e riscos de vida, atento mais ao serviço do Rei que à sua própria sorte.

Trabalhou nas muitas fortificações que por aqui se fizeram, carregando terra e faxina para a construção das mesmas.

Antônio Dias Cardoso foi um dos que prestaram os mais relevantes serviços a Portugal naquela guerra”.

Em 1640, o Governador Geral do Brasil, sabedor do valor de Dias Cardoso, o enviou a Pernambuco. No comando de um barco, foi com a missão de espionar o dispositivo e intenção dos holandeses no Recife, correspondendo no resultado da missão, segundo o próprio Governador Geral, “de acordo com confiança que nele depositei”.

Pouco após seria reformado como capitão, situação em que se encontrava quando foi indicado ao Governador Geral Teles, por Vidal de Negreiros, como homem certo para organizar o Exército da Restauração Pernambucana, “Célula Mater” do Exército Brasileiro.

Após a batalha da Casa Forte, da qual foi o arquiteto incontestado, participou ao lado de Vieira, Henrique Dias e Camarão, da parte mais árdua e perigosa, no violento ataque à Vila da Conceição, na Ilha de Itamaracá.

Dias Cardoso foi o único comandante a penetrar no recinto fortificado e foi obrigado a recuar sob forte reação do defensor. Deixou em sua esteira os corpos de 67 compatriotas, incluindo-se 30 holandeses do terço flamengo, ao comando do Mestre de Campo Dirk Van Hoogstraten, que, após se renderem no Pontal, aderiram à causa luso-brasileira.

Segundo o próprio João Fernandes Vieira, Dias Cardoso participou de inúmeros ataques e contra-ataques nos Afogados, “ordenando e dispondo as forças de combate na maior ordem”.

Em junho de 1646, ao lado de Vieira e de Vidal de Negreiros, tomou parte da ação que culminou com o aprisionamento de três embarcações flamengas fundeadas entre Itamaracá e o continente, o que ocasionou o abandono holandês da “Cidadezinha de Schkoppe”, na referida ilha.

Depois foi encarregado de atacar e arrasar as fortificações da ilha de Itamaracá, no que procedeu com a eficiência e coragem costumeiras.

Da ilha, após ingentes sacrifícios, utilizando barcos, batéis e jangadas, fez transportar para o Arraial Novo do Bom Jesus e outros sítios 18 peças de artilharia conquistadas ao inimigo.

Com algumas destas peças, ele organizou redutos fronteiros à ilha de Itamaracá.

Na primeira batalha dos Guararapes, coube-lhe papel de destaque e decisivo, na qualidade de Sargento-Mor (sub-comandante) do Terço de Fernandes Vieira.

A este terço coube a parte principal nesta batalha, por ter conduzido o fulminante ataque principal, com uma manobra frontal, sobre os holandeses, através do Boqueirão, entre o monte do Oitizeiro e os Alagados.

Deste ataque resultou o rompimento do grosso do dispositivo holandês, seguido de envolvimento de sua ala esquerda sobre os Alagados, onde centenas de holandeses vieram encontrar a morte.

Fernandes Vieira era um líder civil e, embora não exista nada reconhecendo que o plano e direção do ataque no Boqueirão tenha estado a cargo do Sargento-Mor Dias Cardoso, é fácil de se deduzir, pelos brilhantes antecedentes militares deste bravo, que a destruição do Exército Holandês no Boqueirão dos Montes Guararapes teve o selo de seu valor militar, provado de sobejo no Monte das Tabocas e na Casa Forte, bem como de outras ações que relacionamos antes e nos referiremos a seguir.

Neste mesmo ano, ele foi mandado por Barreto de Menezes até Igarapé, com 200 homens do seu terço, para retirar de plantações abandonadas mandioca necessária ao Arraial Novo do Bom Jesus.

Nesta expedição ele armou diversas emboscadas. Prendeu 33 holandeses, e queimou três lanchas que lhe disputavam os mandiocais.

Um mês antes da 2ª Batalha dos Guararapes, este gigante da Restauração foi enviado por Barreto de Menezes à Paraíba, com a missão de distrair o inimigo e destruir-lhe as plantações e tropas de gado.

Dias Cardoso retornou vitorioso de sua missão, após marchar 25 léguas pelo sertão, abrindo caminhos novos pelas matas, e com um saldo de 11 inimigos mortos, além de copiosa presa de guerra em armamento e suprimentos.

Na 2ª Batalha dos Guararapes, coube-lhe importante missão: combinar com o ataque de flanco desfechado por Vidal de Negreiros, sobre um regimento inimigo em posição nas alturas da atual Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, um violento ataque de desorganização, levado a efeito por troços (frações de terços) a seu comando, sobre a retaguarda do dito regimento inimigo e duas peças de artilharia em posição no monte da Igreja.

No contexto de uma batalha convencional, Dias Cardoso empre-

gou uma ação de emboscada, tipo de manobra em que era reconhecido mestre.

Após a batalha, foi concertado um armistício para a troca de mortos e feridos. Dias Cardoso foi encarregado de representar os luso-brasileiros neste intercâmbio.

Na ocasião, ao fazer a um capitão holandês de clavineiros referências depreciativas ao modo de combater dos holandeses, estabeleceu-se entre os dois o seguinte diálogo:

Capitão holandês -raivoso e chorando: "Da próxima vez iremos combater dispersos como vocês o fazem."

Dias Cardoso: "Melhor para nós, pois, para cada soldado vosso combatendo disperso, necessitareis de um capitão, enquanto que cada soldado nosso, combatendo de igual forma, representa um capitão."

Era a sua guerra brasílica!

Em janeiro de 1651, foi enviado à Bahia para expulsar os holandeses de Penedo, no São Francisco. Percebendo o inimigo a sua aproximação, recolheu-se à sua base de operações no Recife.

Ao retornar, limpou a campanha, fez seus moradores retornarem aos lares e retomarem as atividades econômicas normais.

Retornou mais duas vezes ao rio São Francisco, de ordem de Barreto de Menezes, para adquirir mantimentos para os restauradores no Arraial Novo do Bom Jesus.

Em 20 de maio de 1652, por ordem ainda de Barreto de Menezes, marchou ao comando de 500 homens do Terço de Barreto e mais 100 índios e negros, em missão de guerra na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

Dias Cardoso devia destruir as lavouras e feitorias de pau-brasil que os holandeses possuíam nesses atuais estados e se apossar da fonte de abastecimento d'água da fortaleza inimiga Forte dos Reis Magos, atual, no Rio Grande do Norte e, assim, de posse da fonte de água, negociar a rendição do Forte.

A missão de destruição da fortaleza não foi colimada, em razão de os holandeses no Rio Grande do Norte terem recebido aviso de sua expedição.

A despeito disto, retornou carregado de víveres para o Exército Restaurador no Arraial Novo do Bom Jesus, além de 7 holandeses prisioneiros e outras presas de guerra.

Na fase final da guerra, Dias Cardoso se ocupou do comando de operações que culminaram com a queda, no Recife, do Forte do Rego e do Reduto Amélia.

Em 4 de fevereiro de 1655, foi-lhe concedido o título de Cavaleiro da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo e, a 12, encarregado de comandar o Terço de João Fernandes Vieira enquanto este governasse a Paraíba.

Em 12 de maio de 1656 foi nomeado Mestre de Campo, após 32

anos de excepcional carreira militar iniciada como soldado, na luta para expulsar o invasor da Bahia.

Durante alguns meses do ano de 1657, Dias Cardoso, nomeado por Vidal de Negreiros, assumiu o governo interino da Paraíba.

Sua última expedição militar, ao que parece, foi contra os quilombos negros dos Palmares.

Dias Cardoso faleceu no Recife, provavelmente em setembro de 1670, com a idade aproximada de 70 anos, no comando do Terço de Pernambuco, que fora de Fernandes Vieira, e de tão gloriosas tradições nas duas batalhas dos Guararapes.

Esta interpretação pioneira se baseou nos seguintes trabalhos, constantes da bibliografia ao final: **Os Restauradores de Pernambuco**, de José Antônio Gonsalves de Mello; **Do Rêconcavo aos Guararapes**, do Gen Antônio Souza Jr; **A 1ª Batalha dos Guararapes**, de Jordão Emerenciano e, em especial, na **História da Guerra de Pernambuco**, de Diogo Lopes Santiago, cronista testemunha dos feitos de Dias Cardoso com testemunhos em parênteses.

A José Antônio Gonsalves de Mello coube resgatar, em 1964, Dias Cardoso, através de profunda pesquisa documental intitulada **Os Restauradores de Pernambuco**.

A lembrança da data do tricentenário da morte de Dias Cardoso em 1970 foi oportuna, para que levássemos ao povo pernambucano o conhecimento sobre um personagem histórico digno de figurar, com realce, sem favor nenhum, ao lado de Barreto de Menezes, Fernandes Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias e Felipe Camarão, durante a épica campanha da Insurreição de Pernambuco. E a obra **Restauradores de Pernambuco** citada assim o incluiu.

O currículo militar do Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso, por sua bravura, intrepidez e liderança em combate, por sua origem popular, galgando os postos à custa de dezenas de ações vitoriosas, e pelo número de anos em campanha, muito se assemelha à carreira do Marechal Manoel Luís Osório.

A Dias Cardoso, não analisada a projeção de sua obra na formação da nacionalidade e na manutenção da integridade do Brasil, cabe entre outros os seguintes títulos: Precursor do Exército Brasileiro, Arquiteto Militar da Restauração Pernambucana, O Vencedor da batalha do Monte das Tabocas, O Mestre da Emboscada, O Abastecedor do Exército Restaurador, A Espada da Restauração de Pernambuco, e, por fim, O Organizador e primeiro Comandante do Exército Brasileiro, que nasceu em Pernambuco e venceu, sob seu comando, em Tabocas.

Contribuir para avivar, na memória do povo brasileiro e do Exército e de suas Forças Especiais, a lembrança de um grande herói, ligado intimamente a passado nacional, constitui-se para nós um agradável

dever cívico, principalmente por se tratar de um dos grandes arquitetos militares da Unidade e Nacionalidade Brasileiras.

Dias Cardoso tinha vivido até por volta de 1970 num cone de sombra pela seguinte razão:

Durante o período da Insurreição Pernambucana, fora seu nome proposto para ser elevado à condição de Mestre de Campo.

No entanto, Portugal, por razões diplomáticas, não atendeu o pedido, pois assim procedendo estaria admitindo que tinha desrespeitado o armistício concertado com a Holanda, ao reconhecer que tinha enviado um agente secreto especial para organizar militarmente os patriotas pernambucanos.

Contudo, estas razões não prevalecem mais hoje, e Dias Cardoso, decorridos 300 anos, ainda continua perseguido por elas: História é Verdade e Justiça!

Ao finalizar, apelamos ao Brasil para que faça justiça histórica a Dias Cardoso, restabeleça sua memória, o indique ao culto da Pátria Brasileira e se lhe preste as homenagens a que faz jus, como um grande arquiteto da Unidade e Nacionalidade do Brasil.

Comentários de Luís da Câmara Cascudo sobre o artigo acima transcrito.

“Major Cláudio Moreira Bento: – Tardio nos calorosos agradecimentos pelo seu estudo-homenagem ao esquecido Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso. Parabéns pela útil exaltação de Dias Cardoso, soldado do Rei em serviço do Brasil, numa legitimidade heroica, na tarefa inesquecível. Louvou-o muito bem, quando os profissionais de História o esqueceram. Seu estudo, incisivo e claro, denuncia o temperamento do historiador, vivendo a figura evocada, na solidariedade patriótica. Repito, Meus parabéns. Fui um velho professor de História. Seu admirador, Câmara Cascudo” (Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte).

Texto acima atualizado em 1971 e 2004 foi publicado no **Jornal do Comércio de Recife**, 13 Set 1970 e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano nº 18, 1971 e acaba de ser incluído em Artigos no site da AHIMTB no final de 2003 no site da AHIMTB www.resenet.com.br/users/ahimtb em “Caserna” no site www.resenet.com.br em razão de ser ele a denominação da turma da AMAN de 2003, o que nos encheu de satisfação por vê-lo reconhecido e cultuado;

Comentário Complementar

Ao escrever sobre o bravo Dias Cardoso, não pretendemos elevá-lo à posição histórica superior a dos bravos Fernandes Vieira, Vidal de

Negreiros, Henrique Dias, Felipe Camarão e Francisco Figueiroa, mas sim situá-lo ao mesmo nível desses bravos.

Dias Cardoso era a segunda pessoa do Terço de Pernambuco ao comando de Fernandes Vieira, terço que possuía cerca de 1200 homens, número superior a todos os demais terços, os quais, oscilavam cada um em torno de 300 homens.

Se considerado que Fernandes Vieira não era militar profissional e sim de emergência, cresce ainda mais o destaque militar de Dias Cardoso, sem no entanto desmerecer a Fernandes Vieira, líder e catalisador geral incontestado da Insurreição Pernambucana.

O leitor militar interessado, quando da descrição da 1ª Batalha, deve perceber a relevância militar do papel desempenhado por Dias Cardoso desde Arraial Novo. Participou do Conselho de Guerra, foi enviado para verificar qual a direção de atuação escolhida pelo inimigo. No Conselho de Guerra do Biurá foi chamado como "Soldado mais prático e experiente de tudo" para opinar sobre um grande impasse surgido entre Fernandes Vieira e Vidal de Negreiros, aos quais Barreto de Menezes confiara a condução da batalha, por não ser prático da campanha do Brasil e das táticas aqui usadas. Seu conselho foi certo e o adotado.

Mas não fica aí sua atuação, pois chegado aos Guararapes, foi-lhe confiada a atração dos holandeses e emboscada no Boqueirão, uma reedição de seu memorável feito na batalha do Monte das Tabocas por ele vencida, e que tornou possível chegar-se aos Guararapes.

A atração com pleno êxito, dos holandeses à grande emboscada no Boqueirão dos Montes Guararapes, reside o segredo da maiúscula vitória luso-brasileira na 1ª Batalha, Batalha dos Guararapes.

Na 2ª batalha, vamos encontrá-lo atuando independente, no comando de 550 homens, sobre a ala direita holandesa, apoiada no atual monte onde situa-se a Igreja N. S. dos Prazeres, e outra vez num quadro de emboscada.

As tropas que comandou numeravam quase o dobro das comandadas por Vidal de Negreiros, Francisco Figueiroa, Diogo Camarão e Henrique Dias.

Estas conclusões o autor as foi buscar principalmente na **História da Guerra de Pernambuco**, de Diogo Lopes Santiago, primeiro cronista das batalhas, e quase certo testemunha ocular das mesmas.

Acreditamos que a 1ª edição de nosso livro sobre as Batalhas dos Guararapes contribuíram para a criação do Bairro Guararapes da AMAN, onde Dias Cardoso foi consagrado numa de suas ruas. Quando instrutor de História Militar na AMAN 1978-80 introduzimos no curso síntese das Batalhas dos Guararapes que fizemos constar com esboços das batalhas e texto na publicação **História Militar do Brasil** da cadeia de História.

APÊNDICE B

ESTUDO PARA A CRIAÇÃO DO DIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

1. Finalidade

- Levantamento de dados com vistas à criação do "Dia do Exército Brasileiro", a ser comemorado em 19 de abril, data da 1ª Batalha dos Guararapes, travada em 1648, e da criação, em 1971, do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

2. Referência

- Enc nº 12 SG/3, de 28 Fev 94 e ordem verbal do Sr Secretário-Geral do Exército.

3. Exposição de motivos

a. Principais razões

1) O "Espírito de Guararapes" foi a gênese da nacionalidade brasileira. Em um momento histórico, quando Portugal, em vista da restauração de sua independência, em 1640, e da "Guerra dos Trinta Anos", na Europa, que levou católicos e protestantes (huguenotes) aos campos de batalha, fraquejava frente à Holanda, desejando mesmo negociar o Nordeste brasileiro junto àquele país, os patriotas firmaram um solene juramento. Tal compromisso de honra se verificou em 23 de maio de 1645, quando 18 chefes insurretos, das três raças formadoras de nossa gente, liderados por JOÃO FERNANDES VIEIRA, assinaram a seguinte proclamação:

"Nós, abaixo assinados, nos conjuramos e prometemos em serviço da liberdade não faltar a todo o tempo que for necessário, com toda a ajuda de fazendas e de pessoas contra qualquer inimigo, em restauração de nossa pátria; para o que nos obrigamos a manter todo o segredo que nisto convém; sob pena de quem o contrário fizer será tido como rebelde e traidor e ficará sujeito ao que as leis em tal caso permitam." (foi sublinhado)

Como se observa, surgia, em relação ao Brasil, pela vez primeira, a palavra PÁTRIA.

2) Já é fato assente na historiografia militar brasileira que as raízes do Exército Nacional (criado, oficialmente, por Decreto de 1º Dez 1824) se encontram fincadas em Guararapes, a partir da constituição

do "Exército Libertador", que venceu os batavos, naquele local histórico, em 1648 e 1649;

3) O "Exército Libertador" de 1648/49 foi a "célula-mater" do glorioso Exército Brasileiro.

A constituição do "Exército Libertador", forte de 2500 homens, se deu pela junção de quatro Terços (organização militar espanhola, substituída posteriormente, pelo batalhão sueco, de GUSTAVO ADOLFO), comandados por FERNANDES VIEIRA, VIDAL DE NEGREIROS, HENRIQUE DIAS E FELIPE CAMARÃO (o índio POTI), sob o comando geral do Ten Gen FRANCISCO BARRETO DE MENEZES; tal "Exército Patriota" impôs duas fragorosas e decisivas derrotas, nos montes Guararapes, ao adestrado Exército holandês, de 6200 homens, em 19 Abr 1648 (1ª Batalha) e em 19 Fev 1649 (2ª Batalha), combinando táticas de guerrilha e emboscada, utilizando meios expeditos de combate, como chuços, escudos de couro endurecido, paus afilados e tostados e aproveitando melhor e mais judiciosamente o terreno, através da rapidez, agressividade e espírito de iniciativa. Assim, ao vencerem um inimigo muito superior, numericamente, aguerrido e bem treinado, homens como DIAS CARDOSO, HENRIQUE DIAS, VIDAL DE NEGREIROS, FERNANDES VIEIRA e FELIPE CAMARÃO (que não participou da 2ª Batalha dos Guararapes, por haver falecido em Ago 1648, sendo o seu Terço comandado, naquela batalha, pelo sobrinho DIOGO CAMARÃO), além de "modeladores da nacionalidade brasileira", devem ser considerados como inovadores da Arte da Guerra, pois foram personagens determinantes para o enriquecimento de avançadas doutrinas militares da época, que se confrontaram na Europa, durante a "Guerra dos Trinta Anos" (1618-1648), a qual se refletiu em nosso país, na chamada "Guerra Brasília" (1624-1654), extensão da que se travava no continente europeu, defasada, entre nós, de seis anos, quanto ao seu início e término. E mais:

"Nascia, com os Guararapes, a doutrina militar brasileira, a guerra Brasília, desenvolvida em 24 anos de lutas contra o invasor, decisiva para a vitória e posterior expulsão dos holandeses do Brasil".

Isto como nos ensina o emérito historiador militar Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO, concluindo que, após Guararapes, "o Exército Patriota passou a dominar Pernambuco". Eis por que, com muita propriedade, o ilustre historiador Gen FLAMARION BARRETO afirma que "em Guararapes, nasceu o Exército Brasileiro".

4) A muito forte influência para a Força Terrestre do "Espírito de Guararapes". Destarte, não foi sem propósito que, em 1945, a Força Expedicionária Brasileira, ao retornar vitoriosa da Itália, depositou os louros da vitória nos montes Guararapes, onde se encontram as verdadeiras raízes do invicto Exército Brasileiro. Na ocasião, assim se

expressou o Gen MASCARENHAS DE MORAES:

“Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a Força Armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nação brasileira.”

5) A grande importância histórico- cultural da área dos montes Guararapes, tanto que o governo brasileiro criou, em 1971, o Parque Nacional dos Guararapes.

6) A não existência do “Dia do Exército”. Na verdade, o dia 25 de agosto é a data de comemoração do “Dia do Soldado” (e não o do Exército), instituída através do Aviso nº 366, de 11 Ago 1925, baixado pelo Ministro da Guerra, Gen SETEMBRINO DE CARVALHO. A comemoração da “Semana do Exército”, coincidindo com aquela de todo “25 de agosto”, é apenas uma tradição costumeira, sem respaldo legal, tradição essa também seguida pelas outras Forças singulares em relação às datas comemorativas dos respectivos patronos.

7) O estabelecimento de uma oportunidade ímpar de cultivar-se uma mui significativa data histórica, não só para o Exército como para a nação brasileira, máxime na atualidade, quando, infelizmente, fatos e valores das nossas mais caras tradições cívicas são vilipendiados e propositadamente deturpados por maus brasileiros.

8) Maior divulgação do Exército Brasileiro para toda a nação, que melhor conhecerá a bela história da Força Terrestre, a qual se confunde com a do País, pois ambas deitam raízes em Guararapes, berço da nacionalidade brasileira.

b. Manifestações do EME e da DAC

O EME e a DAC emitiram pareceres favoráveis à criação do “Dia do Exército” (na data de 19 de abril).

4. Parecer

- Em face dos argumentos anteriormente expendidos, este Centro é de parecer favorável à criação do “Dia (19 de abril) do Exército Brasileiro” e também da Semana da Força.

5. Considerações finais

a. Observações julgadas relevantes

1) Argumentos desfavoráveis à criação do “Dia do Exército Brasileiro”

a) A arraigada tradição de comemorar-se o “Dia do Soldado” (25 de agosto) e respectiva semana, considerando-se as efemérides como “Dia e Semana do Exército” (aliás, a semana de cada “25 de agosto”, apesar de não haver qualquer legislação a respeito, é amplamente denominada, mormente pelos meios de comunicação social, inclusive os do Exército, como “Semana do Exército”).

A propósito, a Marinha e a Aeronáutica comemoram as respectivas semanas, coincidentemente com as datas de seus Patronos (13

de dezembro, aniversário de TAMANDARÉ e 23 de outubro, dia em que SANTOS DUMONT alçou vôo com seu avião, o "14-bis").

b) A possibilidade de certo esvaziamento do dia do Patrono do Exército, o Duque de Caxias, tradicionalmente (desde 1923), vinculado às comemorações magnas do Exército.

c) A coincidência da data proposta (19 de abril) com as do aniversário do ex- Presidente Getúlio Vargas e da comemoração do "Dia Nacional do Índio", o que poderia servir para explorações políticas e maliciosas, dos eventos programados pelo Exército.

2) Neutralização dos argumentos desfavoráveis

a) Que seja desencadeada, por intermédio dos meios de comunicação, inclusive os da grande imprensa, ampla divulgação do fato, a fim de que se neutralizem as malévolas interpretações sobre o mesmo.

b) Que todas as Organizações Militares sejam instruídas acerca da criação das novas efemérides, de modo a que não se empane o brilhantismo das comemorações do aniversário do Duque de Caxias e respectiva semana.

3) Expedição de Decreto Presidencial e modificação de Portaria

- Caso seja acolhida a proposta, há necessidade de ser expedido pelo Sr Presidente da República um decreto que institua o dia 19 de abril como data comemorativa do "Dia do Exército Brasileiro". Outrossim, deve ser alterada a Port Min nº 129, de 24 de março de 1992, incluindo-se no título IV - "Datas Comemorativas", do Art 265 do RISG, o dia 19 de abril, como o "Dia do Exército Brasileiro", permanecendo o dia 25 de agosto, do título III - "Datas festivas", do precitado Artigo, como o "Dia do Soldado" ou "Dia de Caxias"; ainda sofreria modificações o "caput" do Art 266 do RISG, incluindo-se, no mesmo, a data de 19 de abril.

b. Sugestões

1) Que o dia 25 de agosto seja considerado tão somente como o "Dia de Caxias" (e respectiva semana), aliás, ideia do então Ministro da Guerra, Gen SETEMBRINO DE CARVALHO, que instituiu, em 25 Ago 1923, a "Festa de Caxias".

2) Que a principal solenidade do "Dia do Exército" (19 Abr) seja realizada no Parque Histórico dos Guararapes, devendo-se, na divulgação dos eventos, destacar sempre o liame da Instituição com a nacionalidade brasileira, ambas surgidas pela criação do "Exército Libertador", de 1648, fruto do pacto de honra firmado pelos patriotas, em 1645, quando aparece, em relação ao Brasil, pela primeira vez, o vocábulo PÁTRIA.

3) Que seja criada uma Organização Militar (Subunidade de Guarda) para a ocupação institucional do espaço do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Tal OM poderia receber a denominação histó-

rica de "Companhia JOÃO FERNANDES VIEIRA", um dos maiores chefes patriotas da Insurreição Pernambucana, a quem o Exército ainda não homenageou (diga-se que há organizações militares com a denominação de outros chefes libertadores, quais sejam: ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS, ANTÔNIO FELIPE CAMARÃO, ANTÔNIO DIAS CARDOSO, HENRIQUE DIAS e FRANCISCO BARRETO DE MENEZES).

MANOEL SORIANO NETO - Cel Inf QEMA
Chefe do C Doc Ex

APÊNDICE C

A LOCALIZAÇÃO DO BOQUEIRÃO DOS GUARARAPES E A PRESENÇA, OU NÃO, EM BATALHA, DE ARTILHARIA PATRIOTA

(Acompanhar pelos esboços
Campo das batalhas dos Guararapes)

O presente apêndice não interfere na análise e descrição das batalhas. Visa a precisar a posição do ponto focal das batalhas, o Boqueirão dos Guararapes, com o fim de apoiar mais cedo ou mais tarde algum dispositivo eletrônico para descrever com precisão o terreno das batalhas e desenvolvimento delas no mesmo para fins didáticos ou de demonstração a turistas em visita ao parque.

O autor, ao emitir opinião sobre a localização do Boqueirão dos Guararapes, incluir o monte do Telégrafo no campo da 1ª Batalha não pretende esgotar o assunto.

Da análise das partes de combates e depoimentos de contemporâneos, constatamos uma série de imprecisões naturais da época (pontos cardeais, acidentes geográficos, etc.).

Com respeito aos montes Guararapes, existem referências a outeiros, montes, morro e a um que mais se aproximava do mar. Este, segundo carta do Serviço Geográfico do Exército, escala 1:50.000, seria o monte do Telégrafo ou o do Oitizeiro e nunca o da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres.

Quanto ao Boqueirão de Lopes Santiago, alguns comandantes na batalha não fazem referência a ele como o caso de Barreto de Menezes.

Von Skoppe refere-se à passo e não a Boqueirão.

Uma das partes de combate refere-se a boqueirões dos Guararapes, ao que parece, generalizando, com esta denominação, toda a estreita faixa de terra firme que corria entre os montes e os alagados. É coerente!

É difícil precisar-se hoje o Boqueirão, pois a vegetação existente na época foi removida. Os alagados foram soterrados. As faldas dos montes junto à rodovia foram descaracterizadas por escavações.

Para uma determinação definitiva do Boqueirão, caberá a última palavra ao historiador, ao geólogo, ao botânico e ao arqueólogo, num trabalho interdisciplinar.

Algumas descrições do Boqueirão conduzem o raciocínio para localizá-lo no sopé da cota gêmea do atual monte da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres.

A análise da parte de combate de Cornelius Van der Branden conduz para a localização do Boqueirão no sopé da garupa do Oitizeiro (Ver esboço S/N).

Van der Branden referiu-se que atingira a um terceiro monte e viu que havia chegado tão longe, tendo o grosso inimigo à sua esquerda.

Se ele considerou a cota gêmea da Igreja como terceiro monte, a cota da Igreja como segundo e o Oitizeiro como primeiro, teria o inimigo à direita e não à esquerda.

Considerando o Boqueirão na garupa do Oitizeiro, Van der Branden, ao atingir a cota gêmea do monte da Igreja, teria o grosso luso-brasileiro a sua esquerda se tivesse ultrapassado o Oitizeiro.

Neste último raciocínio, se considerado como segundo monte a cota da Igreja e terceiro a cota gêmea, Van der Branden teria o grosso inimigo à sua frente, no Boqueirão formado pela garupa do monte Oitizeiro e não à esquerda, como mencionou.

Ao referir-se Van der Branden a um terceiro monte, isto se deu porque ele percebera que os Montes Guararapes eram constituídos de três montes distintos. E, portanto, não confundiria as duas cotas do monte de Igreja como montes distintos.

As referências apresentadas ao subir o monte do Oitizeiro e após atingir um terceiro monte, deram-se porque partira da base do monte do Telégrafo.

Aceitando estes detalhes como certos, as descrições dos demais comandantes ajustam-se ao raciocínio do Boqueirão na garupa do Oitizeiro.

O monte Oitizeiro, combinado com o Boqueirão, no sopé de sua garupa, constitui-se, até hoje, na melhor posição defensiva, por sua dominância sobre os demais e grande extensão. Isto, por ser adequado à atuação bastante dispersa dos patriotas, conforme já foi analisado neste trabalho.

Sendo o Boqueirão dos Guararapes na garupa do monte Oitizeiro, este possuía uma grande extensão estreita, ou em desfiladeiro, para nela ser canalizado o inimigo com drástica redução de frente. E mais atrás ainda mais espaço em desfiladeiro para retardar o inimigo com a frente reduzida, sem este poder desdobrar seu dispositivo e desenvolver suas táticas para combate em campo aberto.

A posição do Boqueirão, no sopé da cota gêmea, uma vez perdido, poderia permitir ao inimigo o seu desdobramento com o uso de táticas apropriadas.

Por estas razões, o autor acredita que os patriotas não abdica-

riam destas vantagens táticas proporcionadas por uma posição defensiva no monte Oitizeiro, combinado com o Boqueirão em sua garupa. O contrário, seria a cessão de duas importantes linhas de crista perpendiculares à direção de progressão do inimigo, e todo o desfiladeiro dos Guararapes.

Na baixada da garupa do Oitizeiro, passava um córrego conforme é assinalado no esboço S/N, anexo.

Sua nascente era a ravina entre o monte da Igreja e o Oitizeiro e conferia a sua garupa grande grau de umidade, que, combinado com o húmus que o córrego depositava ao sopé de dita garupa, tornava possível o crescimento de vegetação no local para formar o Boqueirão.

No presente, mesmo descaracterizado o terreno ao sopé da garupa do Oitizeiro, nota-se no levantamento aerofotogramétrico realizado pela Força Aérea Brasileira (Base Aérea do Recife), uma mancha mais compacta de vegetação, ao contrário da região defendida por alguns como Boqueirão, região que em época alguma foi irrigada por córregos.

Em carta topográfica 1/10.000, ampliação de carta do Recife de 1/25.000, do Serviço Geográfico do Exército, utilizada em 1959 pela Comissão Demarcadora da Área Histórica das Batalhas dos Guararapes, aparece assinalado como Boqueirão dos Guararapes o adotado pelo autor (Arquivo do Patrimônio 7ª R.M.).

Dita comissão era composta do Professor Jordão Emerenciano, Engenheiro Ayrton Carvalho, Coronel Lauro Alves Pinto e Professor José Antônio Gonsalves de Mello.

Por estas razões, adotamos como hipótese de trabalho o Boqueirão dos Guararapes no sopé da garupa do monte Oitizeiro, embora sem elementos históricos para, honestamente, afirmar como historicamente verdadeira a hipótese, sem um pronunciamento definitivo do botânico, do arqueólogo, do geólogo e mesmo do geógrafo.

Mesmo ser comprovado um dia que o Boqueirão fosse mais ao sul que o defendido pelo autor, o trabalho não seria invalidado na parte da análise e descrição das batalhas.

Artilharia luso-brasileira na 1ª Batalha

Quanto à existência ou não de artilharia luso-brasileira na 1ª Batalha e referida pelo autor, tendo ao lado, nos esboços anexos, um ponto de interrogação, é assunto controvertido.

Von Sckoppe mencionou em certo trecho de sua parte: "de modo que começamos a luta com o canhoneio e mosquetaria dos montes e de baixo, por mais de duas horas, ao que o inimigo não ficou atrás".

Van der Branden mencionou o fato “do inimigo à nossa direita, atira pesada e cerradamente, o que também trouxe grande alteração ao meu regimento”. Para atingir uma tropa em reserva, ao autor parece que ela somente estaria ao alcance da artilharia.

Watjen referiu-se em sua obra na existência de artilharia patriota na 1ª Batalha.

Conforme mencionado em trecho deste trabalho, com base no relatório Queiroz Siqueira, os patriotas possuíam sete peças de artilharia tracionadas por bois. Estes, até a data de seu relatório, haviam sido poupados no abate para consumo.

Lopes Santiago negou a existência de artilharia. Os comandantes luso-brasileiros não a mencionaram.

É possível que a pressa do deslocamento para os Guararapes, aliada à escassez de pólvora, tenha aconselhado os patriotas a deixá-la no Arraial. E mesmo, talvez, por terem sido obrigados a consumir os bois que tracionavam a artilharia, por ocasião de uma aguda crise de alimentos.

É um ponto que precisa ser esclarecido. Conta com o argumento contrário de Lopes Santiago.

Durante o bombardeio de artilharia do Recife pelos patriotas, no final de 1647 e início de 1648, os patriotas foram obrigados a diminuir a intensidade do mesmo pela falta de pólvora.

Isto é o que se conclui de capítulo da *História da Guerra de Pernambuco*, de Lopes Santiago, e até há pouco inédito. Foi velado ao Brasil por José Antônio Gonsalves de Mello Neto, em *Estudos Pernambucanos*.

Dito bombardeio foi conduzido de uma fortaleza que os patriotas construíram no atual Cais da Aurora, sem serem percebidos pelos holandeses.

Desta fortaleza, erguida no então sítio do Secá, eles atingiam os atuais bairros do Recife, Santo Antônio e barra do porto do Recife.

O erguimento desta fortaleza luso-brasileira, em menos de um mês, e junto aos bairros do Recife e Santo Antônio, constituiu-se num dos mais brilhantes e ousados feitos dos patriotas antes das Batalhas dos Guararapes, conforme salientou o próprio Lopes Santiago.

O bombardeio dos holandeses, cercados no Recife e Santo Antônio, obrigou a que Von Sckoppe retornasse célere da Bahia, onde havia conquistado a Ilha de Itaparica. Isto criou condições para que a esquadra portuguesa, ao comando do Conde de Aguiar, atingisse a Bahia, ileisa.

Ainda explicando nosso ponto de vista sobre a localização do Boqueirão, no sopé da garupa do Monte Oitizeiro, procedemos à análise de outros elementos disponíveis, em 19 de abril de 1971.

Da análise da declaração do Padre Lino Monte Carmelo sobre a

localização do Boqueirão dos Guararapes:

“O Boqueirão era a entrada estreita ou garganta que se encontrava no monte que olha para o nascente”.

O monte da Igreja, também chamado de Ferradura, no sentido de sua maior dimensão olha para o sul e sudoeste. No sentido de sua menor dimensão, parece-nos olhar para Sudeste.

O monte do Oitizeiro, que se aproxima mais do mar do que o da Igreja Nossa Senhora dos Prazeres, permite visão de sua garupa para o leste ou nascente. E prossegue o padre Lino:

“O Boqueirão é uma faixa de terra firme entre o tremedal de uma lagoa que lhe fica em frente e o sopé da montanha, o que apresentava um desfiladeiro”.

Da análise do terreno, em frequentes visitas que fizemos aos Guararapes, na qualidade de Coordenador da Construção do Parque Histórico, e com base em cartas topográficas e aéreas, verificamos que defronte à garupa do Oitizeiro era a parte do terreno com melhores condições de possuir um tremedal. Este alimentado por arroio existente entre os montes da Igreja e Oitizeiro. Arroio que após sair do seu vale, infletia em 90º graus para o norte, junto, e ao longo da garupa do Oitizeiro, até fazer junção com o arroio que descia do vale formado pelos montes Oitizeiro e Telégrafo.

Infletir para o norte em 90º, era devido, possivelmente, a depósitos de aluvião, que formaram através dos tempos “a Baixa e Restinga de Mato” de Lopes Santiago.

As águas destes arroios, naturalmente, procuravam a parte mais baixa junto aos Guararapes, que, indiscutivelmente, ficava mais entre os montes do Telégrafo e Oitizeiro.

Aí os tremedais seriam mais profundos, e não ao longo do sopé do monte da Igreja.

O Oitizeiro, através de sua garupa, era o que mais junto aos alagados estava. E, também, o mais próximo da confluência dos arroios que o contornavam.

A garupa do Oitizeiro, antes de ser descaracterizada, era a que mais apresentava características de desfiladeiro. O arroio que corria no sopé de sua garupa, já em seu baixo curso, conferia-lhe bastante umidade para o crescimento de árvores esparsas. E esta condição melhorava por não apanhar sol a tarde.

Ao contrário, a parte do monte da Igreja onde foi construído monumento em homenagem ao Marechal Mascarenhas de Moraes não era banhada por arroio e apanhava o sol todo o dia.

As cartas não revelam a existência de encosta íngreme no sopé do monte da Igreja. “Faixa estreita no começo ia alargando proporcionalmente, contendo mais ou menos de largura uns cem passos”.

Estando a confluência dos arroios que circundavam o Oitizeiro defronte a atual Fábrica Verlon, aí era mais baixo e, em consequência, o tremedal aproximava-se mais da garupa do Oitizeiro. E, à medida em que se remontava o arroio que corria em seu sopé, a altura ia aumentando, e o tremedal ia se afastando mais (alargamento da faixa estreita), até atingir-se uma baixa. Esta, para o autor, na altura da inflexão em 90º do arroio que descia entre os montes Oitizeiro e da Igreja e formada por aluvião que dito arroio transportava. Ele era, indiscutivelmente, o de maior quantidade de água.

Análise de outros elementos

Van Sckoppe referiu em certa altura de sua parte de combate:

“Encontramos o inimigo postado em uma planície entre um grande alagado e os montes”.

Esta descrição ajusta-se a uma planície de aluvião formada pelo arroio que descia entre os montes Oitizeiro e da Igreja, ao infletir em 90º para o norte e correr no sopé da garupa do monte Oitizeiro.

Referiu a planície entre os alagados e os montes e não “monte”.

Barreto de Menezes, após o primeiro ataque sem êxito e abraços com o ataque de flanco de Van der Branden, escreveu em seu relatório, em certa altura: “Com a derrota que havíamos feito ao inimigo, estavam os nossos mais desordenados do que os que rompemos. Me pus em um regato, que havia na campanha, onde, clamando uns e ferindo a outros de nossa infantaria, obriguei-os a fazer alto”.

Indaga-se que arroio foi este, onde Barreto de Menezes reagrupou suas forças, se não o que desce entre os montes da Igreja e Oitizeiro.

O relatório de Van Goch esclareceu que na segunda batalha as tropas holandesas acamparam na “grande garganta dos Montes Guararapes”.

Não se refere a último monte pelo sul, nem a outeiros, e sim Montes Guararapes.

Quanto à “grande garganta”, somente pode-se entendê-la como em comprimento. E deste modo trata-se da garganta ao longo do sopé da garupa do Oitizeiro.

Van Goch ainda esclareceu.

“O Exército desceu em boa ordem dos montes, seguindo ao largo do sopé dos montes até o mato”. Para o autor, desceu dos montes da Igreja dos Prazeres e Oitizeiro.

E o mato aqui referido, seria a restinga de mato de Lopes Santiago.

Pontos da descrição de Lopes Santiago

“Chegada dos patriotas ao pé do último monte, pelo Sul” (monte ao Sul dos Guararapes e não ao Sul do monte da Igreja ou Ferradura).

“Acampamento dos patriotas na baixa e planície ao pé do monte” (para o autor, baixada de aluvião situada entre o Oitizeiro e Monte da Igreja).

Informação prestada ao autor pelo Dr. Ayrton da Costa Carvalho, Delegado do 1º Distrito da Diretoria do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, assinalou que o último abade do Mosteiro de São Bento de Olinda, D. Bonifácio Jansen, historiador emérito e administrador dos terrenos dos Montes Guararapes, defendia o Boqueirão no sopé da garupa de Oitizeiro. E o córrego da batalha como sendo o arroio entre os montes Oitizeiro e Telégrafo. O poeta pernambucano França Pereira, em *As duas batalhas dos Guararapes*, constante de seu livro *Terra Patrum*, editado no Recife, em 1924, assinalou o Boqueirão na baixada do monte Oitizeiro. E mencionou Dias Cardoso como o executor da emboscada que atraiu, ao Boqueirão, os holandeses na 1ª Batalha.

França Pereira revelou profundo conhecimento da história pernambucana, além de imenso amor a seu Estado. França Pereira foi o fundador da Academia Pernambucana de Letras e seu presidente por ocasião da edição de sua obra há 74 anos passados.

Deste modo, penso haver esgotado as justificativas que me conduziram à localização do Boqueirão no sopé da garupa do monte Oitizeiro.

Nossa opinião não pretende esgotar o assunto. Poderei mudá-la tão logo me apresentem fundamentadas razões históricas e arqueológicas em contrário.

É preciso que esta questão fique definida, pois é básica para a realização do balizamento futuro da área do campo de batalha.

O assunto foi colocado em apêndice, dado o seu interesse limitado para o estudioso de história.

APÊNDICE D

RECIFE 31 ANOS DEPOIS - MEMÓRIAS

Cláudio Moreira Bento

Focalizamos no presente artigo memórias de nossa atuação cultural no Recife em 1970/71 e impressões culturais colhidas 31 anos depois, quanto retornamos ao Recife para presidir no Colégio Militar sessão da Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) de posses como acadêmicos do Cel José Fernando Maya Pedrosa e Frederico Pernambucano de Mello respectivamente nas cadeiras General João Pereira de Oliveira e Professor José Antônio Gonçalves de Mello

O Recife em 1970/71

Do início de 1970 até junho de 1971, egressos de curso na Escola de Estado-Maior do Exército, fomos designados para servir no Estado-Maior do IV Exército (atual CMNE) que possuía seu modesto e acanhado QG na rua do Príncipe, local hoje incorporado ao Hospital Militar do Recife e coberta a sua frente por um muro.

Residimos inicialmente numa casa alugada na rua Padre Landin na Torre e depois em apartamento no Edifício Vidal de Negreiros ,do Exército , Apto 301, na Avenida Agamenon Magalhães, defronte a um viaduto em construção e ao lado de uma base do Território de Fernando de Noronha .

Dois filhos nossos hoje capitães de Fragata estudaram no Colégio Militar do Recife, então no Derby.

No Comando do IV Exército exercemos inicialmente as funções de adjunto da Seção de Planejamento e mais tarde a chefia de fato da 5ª Seção destinada a mediar relações com o Público Externo. Seção que fomos em realidade o 1º Chefe e instalada em casa contígua a do QG, a qual até então servira como uma espécie de Hotel de Trânsito.

Entre diversas missões exercidas e em razão de nosso gosto por assuntos de História recebemos as seguintes complementares, sem prejuízo das missões normais:

Representar o IV Exército junto ao Arquivo do Estado, então chefiado por Jordão Emerenciano , na Comissão do VI Centenário de Goiana/PE.

E nela tomamos contato com diversos estudiosos pernambucanos e ao final recebemos uma artística miniatura do **Monumento Ja-**

pomin então construída e feita com madeiras retiradas de uma construção de 1570.

Fomos diplomado sócio correspondente do Instituto Histórico de Goiana que nos foi entregue pelo médico Dr. Lauro Raposo ex prefeito de Goiana. Foi o primeiro diploma por nós recebido. Mas como não foi confirmado nunca me considere membro do mesmo .

Outra missão foi a de tornar realidade o Parque Histórico Nacional dos Guararapes que estava na estaca zero e cujas providências iniciais foi traduzida por uma maquete do local das Batalhas, feita com apoio numa carta 1/50.000 que estava errada. Constatação que fiz ao compará-la com o terreno. A rigor, na maquete, as suas elevações correspondiam no terreno a vales e vice-versa.

A nossa primeira providência para dar cumprimento a ordem do General Comandante Arthur Duarte Candal da Fonseca de resgatar o desenvolvimento das batalhas sobre o terreno, foi solicitar ao INCRA, um levantamento topográfico do terreno de 10 em 10 metros. E feito isto, passamos a estudar e reconstituir as duas batalhas sobre a carta fiel resultante, e com base nas diversas partes de combate entre os contendores. E tudo para orientar o projeto de construção do Parque

Foi um trabalho de chinês até finalmente o traduzirmos na obra **As Batalhas dos Guararapes - análise e descrição militar**. Recife: UFPE, 1971. 2v., lançado na inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes ,em 19 de abril de 1971 pelo Presidente Emílio Garrastazu Médici, grande animador da ideia através do Ministro do Exército Gen Ex Orlando Geisel e do Chefe de Estado- Maior do Exército Gen Ex Alfredo Souto Malan (hoje patrono de cadeira na AHIMTB) que deu início a ideia do Parque .

Foi lançado igualmente nosso livro **A grande festa dos lanceiros**. Recife: UFPE, 1971. Obra resgatando a cerimônia de inauguração do Parque Histórico Marechal Osório, em Tramandai/RS e as providências que resultaram na construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

Obra que as p. 119/124 relacionou os integrantes dos 11 grupos de Trabalho que constituíram a Comissão Provisória de construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, presidida inicialmente pelo General de Exército Arthur Duarte Candal da Fonseca e coordenada de fato por nós.

Vale lembrar a construção da rodovia do Parque, integrando-o por completo e executada pelo 4º DRF/DNER chefiado pelo Dr. Marcílio Anacleto Porto e sob o estímulo do Cel Mário David Andrezza, Ministro dos Transportes. Ela hoje se encontra em excelente estado de conservação decorridos 31 anos e facilitando a fiscalização, as demonstrações históricas e a contenção das invasões.

Ao grupo de Trabalho n.º 6, integrado pelo Dr. Murilo Humberto de Barros Guimarães, Reitor da UFPE e o Professor José Antônio Gonçalves de Mello coube o estudo e proposta de obras relativas a Restauração de Pernambuco, nas quais incluíram os citados trabalhos de nossa lavra.

No grupo de trabalho n.º 8, constituído por D. Basílio Penido, Abade do Mosteiro de São Bento e o Dr. Ayrton Almeida de Carvalho, Delegado do 1º Distrito do DPHAN coube o projeto e execução de recuperação do Santuário N. S. dos Prazeres, que ora encontrei necessitando urgente recuperação, mas com suas dependências sociais para eventos muito melhoradas e ampliadas.

Lembro como se fora hoje, na véspera da inauguração o Dr. Ayrton, fiel às lições de Rodrigo de Mello Franco, seu ídolo e modelo, trabalhando humildemente e de joelhos no enceramento do piso do Santuário.

Ao grupo de Trabalho n.º 9, chefiado pelo Dr. Alexandre da Costa Rodrigues, Delegado Regional do INCRA, coube a importante tarefa do levantamento topográfico dos Montes Guararapes e o estabelecimento de uma cerca em torno da área, contendo em seu interior os montes, para conter as invasões em curso que já haviam tomado as baixadas da enorme área então desapropriada pelo Presidente Humberto Castelo Branco.

Do grupo de Trabalho nº 1, cuja missão era realizar um levantamento socioeconômico das casas existentes na área desapropriada destacou-se a professora Eugênia M. César de Medeiros da Fundação Joaquim Nabuco, respaldada com o decidido apoio de seu presidente Dr. Mauro Mota e mais do pesquisador Dr. Waldemar Valente com os quais muito aprendi e muito contatei.

De retorno a Recife 31 anos depois, constatei Mauro Mota consagrado numa sala do Hotel Beira Mar um hotel onde me hospedei e Waldemar Valente, prefaciador de nosso livro **A Grande festa dos Lanceiros**, hoje nome de uma sala no Museu do Homem do Nordeste que conheci como Museu do Açúcar e do Alcool e então dirigido pelo Dr. Luiz Pereira da R. Oiticica. Museu para cuja revista colaborei com artigo sobre o padre Antônio José Caldas, alagoano que teve grande influência na Proclamação da República Riograndense.

No grupo de trabalho n.º 3 destinado a projetar o revestimento florístico lembro do grande cientista professor Vasconcelos Sobrinho, com quem muito aprendemos e de quem pela primeira vez ouvi falar em preservação ambiental Figura ilustre que viria a prefaciar nosso livro lançado pela UFPE, **Símbolos do Rio Grande do Sul, subsídios para sua revisão histórica legal**. Recife: UFPE, 1971.

Lembro do Professor Vasconcellos Sobrinho falando na angústia

do rio São Francisco que não poderia a um só tempo servir a irrigação e a geração de energia e que estava em progressiva perda de seu volume de água em razão do desmatamento das margens de seu curso médio e do elevado grau de evaporação da água acumulada nas represas das hidroelétricas .Alertava para a progressiva desertificação do Nordeste, exemplificando com o que constatara na África. Propunha como solução a retirada temporária de bovinos, muares e caprinos das margens do vale do médio São Francisco por algum tempo para que o revestimento florístico fosse refeito e com ele o renascimento de nascentes de cursos d'água tributárias do São Francisco e afluentes. Iniciou a passar seus ensinamentos aos sertanejos atribuindo em cartazes com gravuras espalhadas no sertão como se os conselhos de preservação ambiental fossem do padre Cícero Romão Batista.

Creio que processo de comunicação informal mais eficiente foi o que ele passou a adotar depois de alertá-lo que suas razões acadêmicas não atingiam o povo do Nordeste que seria o principal agente da preservação ambiental. E passou a comunicar-se na linguagem do povo do Recife e do Sertão, convencido da tese do ilustre pernambucano Abelardo Barbosa o Chacrinha de" quem não se comunica se trumbica."

O Grupo n.º 11 destinava-se a organizar um concurso de âmbito nacional para selecionar anteprojeto para Monumento Principal dos Guararapes.

Integramos este grupo preparando e distribuindo subsídios históricos orientados pelos historiadores José Antônio Gonçalves de Mello, Nilo Pereira, Jordão Emerenciano (autor de livros sobre as batalhas) e arquitetônicos orientados pelos arquitetos Ayrton da Costa Carvalho, Augusto Carlos da Silva Telles, Roberto Burle Marx e Dr. Aldano Andrade Lima.

Julgado o concurso, presidido por Gilberto Freyre, nenhum projeto satisfaz a Comissão.

Contribui com ideias o Grupo de Trabalho n.º 10 encarregado de um plano paisagista do Parque que foi integrado pelo paisagista Abelardo Rodrigues, grande colecionador de imagens e que a certa altura das discussões contou-nos a seguinte história para conter ideias faraônicas de um membro da Comissão.

Conhecera no Recife um autor de uma peça teatral que estava profundamente decepcionado por não encontrar patrocínio para a sua peça. E seu interlocutor perguntou-lhe como ela seria. E recebeu como resposta:

"Seria aberta com cerca de 100 figurantes tocando trombetas e um desfile de expressiva quantidade de cães galgos." E prosseguiu com seus delírios impossíveis de mobilizar. Daí a recusa de encenação de sua peça.

A cargo do arqueólogo Marques Albuquerque foi realizada pela UFPE, com apoio de soldados da Polícia Militar de Pernambuco uma pesquisa arqueológica que noticiamos na imprensa de Recife, conforme a relação de artigos nossos ao final.

Lembro que por um acaso, ao ser removido um poste na frente do Santuário foram descobertas ossadas humanas tidas então como de mortos nas batalhas.

Nem todos os grupos cumpriram suas missões. Mas em 19 de abril de 1971, o Parque Histórico foi inaugurado oficialmente em 3 (três) estações: Inicialmente junto ao Monumento a FEB, depois na Igreja N. S dos Prazeres, e finalmente na área hoje do Mirante.

Registraram as cerimônias de inauguração com apoio em trabalho nosso e ilustrado, **O Caderno Moinho Recife nº 9** e a **Revista Asas do Nordeste** .mai/jun. 1971 .Nesta transcrevemos o discurso de Gilberto Freire, orador oficial da inauguração do Parque e sua foto no momento em que pronunciava seu histórico discurso. Discurso memorável depois editado em plaqueta pela UFPE da qual recebi exemplar do autor com este estímulo de reconhecimento ao nosso trabalho.

"Ao Major Cláudio Moreira Bento, organizador admirável de boa parte das memoráveis comemorações das batalhas dos Guararapes em 19 de abril de 1971. Gilberto Freire. Recife, 1971."

Antes , em artigo no **Diário de Pernambuco** de 20 Mai 1971, e difundido pelos Diários Associados sob o título – A propósito das comemorações dos Guararapes , iniciou com referências a nós e ao Dr Ayrton Carvalho:

"Ao sensibilizar-se, como se sensibilizou, para as comemorações dos Guararapes, para cujo brilho concorreram entre outros, o Major Cláudio Moreira Bento, autor do bom estudo técnico das famosas batalhas e o Dr. Ayrton Carvalho..."

Referia-se que o povo havia se sensibilizado com os heróis de Guararapes como se sensibilizava com Roberto Carlos, Pelé e outros ídolos populares do presente.

Mauro Mota através de artigo Batalhas dos Guararapes no **Diário de Pernambuco** de 20 de junho de 1971 comentou de modo estimulante o lançamento de nosso livro sobre as Batalhas assim o iniciando.

"O Major Cláudio Moreira Bento – gaúcho pernambucano, pois vivendo pouco mais de um ano em Pernambuco ,foi como se aqui tivesse vivido pouco mais de um século, tal a sua integração nos temas de nossa História..."

E mais adiante: **"O Major Bento tomou a peito dirimir de uma vez por todas, as numerosas dúvidas existentes e o con-**

seguiu de forma irretorquível e magistral, após demoradas e cuidadosas pesquisas..."

E concluiu seu artigo com as seguintes recomendações:

"O livro do Major Bento exige catalogação nas bibliotecas públicas, nos colégios nos ginásios, nos Cursos de História. É um livro que impõe a inclusão de seu autor nos quadros de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, como já o lembrou o historiador Pedro Calmon ."

Mereceu grande incentivo nossos livros de parte do intelectual amigo Nilo Pereira na sua coluna Notas Avulsas do **Jornal do Comércio** de 28, 29 e 30 de abril e de 1 e 2 de maio de 1971 .

O cronista social Alex do **Jornal do Comércio** muito nos ajudou a divulgar a ideia do Parque, desde 7 de junho de 1970.

No interior da igreja o Presidente Médici e sua esposa foram alvo de emocionante homenagem de três crianças de Pernambuco do Grupo Escolar Felipe Camarão, uma branca outra negra e uma terceira de ascendência índia, representando as raças que combateram em Guararapes. Falou por eles o aluno Moisés, hoje beirando os 40 anos.

Homenagem que mais tarde, em 10 de junho de 1971, no mesmo lugar fomos o alvo de surpresa, por iniciativa do Dr. Ayrton da Costa Carvalho e do historiador José Antônio Gonçalves de Mello.

Ao que recorde foi a nós doado um livro exemplar único da lavra da professora Elisa Vegas Medeiros e seus alunos mencionando nossa participação na concretização do Parque. A surpresa da homenagem e a emoção resultante do reconhecimento das crianças pernambucanas ali representadas, me levaram a chorar. Foi interprete da homenagem o citado aluno Moisés. E ali presente, agora muito afeiçoado a mim, o irmão Quiliano zelador do Santuário, depois de resistências iniciais a que se mexesse na igreja.

A última cerimônia foi no local onde se encontra hoje o Mirante, em cujo interior se encontram mapas ampliados retirados de nosso livro então lançado, **As Batalhas dos Guararapes** que orientam os visitantes a conhecerem e identificarem os locais e lances da Batalha.

Esta cerimônia consistiu no hasteamento das bandeiras do Brasil e de Portugal e a dos Estados. Estas trazidas por 31 estudantes que sob nossa coordenação haviam realizado o **Projeto Rondon nos Guararapes**. A de Portugal por um cadete da Arma de Engenharia do Exército de Portugal, a minha Arma.

O Projeto Guararapes do Projeto Rondon do qual participaram pela vez primeira, estudantes de outras áreas como História, Biblioteconomia, Sociologia foi constituído por 6 alunos de História, 6 de Biblioteconomia; 2 de Botânica; 4 de Sociologia; 2 de Arquitetura; 2 de Belas Artes; 4 de Serviço Social e 3 cadetes da Academia Militar das Agulhas

Negras atendendo a pedido nosso. Deles 15 eram nordestinos.

Formulamos para cada Grupo de Trabalho o que pesquisar. E como coroamento a SUDENE publicou trabalhos do mesmos sob o título **O Projeto Rondon nos Guararapes** e tudo graças ao empenho do Coordenador Regional do Nordeste do Projeto Rondon Estanislau de Oliveira.

Na cerimônia de hasteamento das bandeiras ,vivi um momento de grande emoção ao ouvir um conhecido locutor pernambucano ler trecho alusivo de nossa lavra sob o título O Espírito Sagrado dos Guararapes, mais tarde publicado no **Caderno 9 do Moinho Recife**.

O orador da cerimônia principal foi Gilberto Freyre cujo convite para tal, em nome do comandante do IV Exército, o Gen Ex João Bina Machado, foi realizado por mim e pelo Cel Ex Antônio Duarte Ribeiro, então comandante da Polícia Militar de Pernambuco.

Fomos recebidos com carinho e atenção pelo ilustre pernambucano e esposa em seu sítio no bairro do Apícuos onde residia desde 1940. E muito gentilmente mostrou-nos as instalações térreas de seu solar e serviu-nos um cálice de seu delicioso e famoso licor de pitanga. Me chamou a atenção o grande número de estatuetas de Santo Antônio na sala de estar, ao que fui informado gratidão de Gilberto Freyre por haver casado com sua esposa quando já era um solteirão.

Ao saber que éramos gaúcho mencionou que "éramos mais brasileiros que os demais, porque havíamos optado e lutado pela nacionalidade brasileira." E recordou alguns gaúchos que conhecera como Dante de Laytano e Moisés Velhinho e de suas colaborações na **Revista Província de São Pedro**.

Mais tarde em companhia do General Bina Machado, fomos visitar a Fundação Joaquim Nabuco, onde fomos fotografados com Gilberto Freyre, mais Mauro Mota numa "cadeira de conversar" que os 4 ocupantes podiam entreter uma conversação animada olhando-se nos olhos. Foto reproduzida em jornal local.

A visita foi para agradecer a muito solidária colaboração da Fundação Joaquim Nabuco para tornar o Parque dos Guararapes uma realidade e ao fato de Gilberto Freyre haver sido o orador na inauguração do Parque, representado o IV Exército.

Lembro como curiosidade uma foto de uma personagem do interior de Pernambuco mostrada por Mauro Mota para nós. Era um cidadão fardado com sua espada e em posição marcial e solene e sentado tendo a seu lado de pé, um homem negro humilde e na foto esta inscrição: "Eu e o meu Estado- Maior!"

Outra foto impressionante foi a de uma "mãe preta", tendo seu lado encostando confiante a sua cabeça na sua mãe preta um menino. Foto que ampliado reencontrei em visita ao Museu do Homem do Nordeste.

Lembro de havermos percorrido o Museu da Fundação guiados por Aécio de Oliveira, muito gentil e solícito.

Lembro que o jornal da UFPE publicou reportagem sobre as batalhas do Guararapes com dados retirados de nosso livro sobre as Batalhas e de iniciativa de Ariano Suassuna, com o qual não tive a felicidade de contatar.

E foi assim que privamos há 31 anos com Gilberto Freyre, José Antônio Gonçalves de Mello Jordão, Emerenciano, Nilo Pereira, Vasconcellos Sobrinho, Waldemar Valente, Ayrton da Costa Carvalho, Leduar Assis Rocha, Abelardo Rodrigues, Mauro Mota, Luiz Pereira da Rosa Oiticica, D. Basílio Penido, Marcos Albuquerque, etc Personalidades hoje falecidas em maioria, penso, e das quais guardo, em meu arquivo pessoal, gratas recordações.

O Recife em 2002

Retornamos ao Recife de 21 a 24 maio 2002 tendo como objetivo central presidir em seu Colégio Militar sessão solene da Academia de História Militar Terrestre do Brasil para empossar como acadêmicos o Cel José Fernando Maia Pedrosa, na cadeira General João Pereira de Oliveira, sergipano, e Frederico Pernambucano de Mello na cadeira especial Prof. José Antônio Gonçalves de Mello, recém falecido e com quem privamos intensamente em 1970/71.

Foi uma oportunidade para revermos, com vagar e com tempo, Recife e colher impressões sobre as mudanças ocorridas.

Antes havíamos passado por Recife em 1975, como aluno da Escola Nacional de Informações. E numa volta turística por Olinda um colega no ônibus perguntou para a guia algo acerca das Batalhas dos Guararapes e ele respondeu indicando-lhe o livro do Major Cláudio Moreira Bento. Foi surpresa para nós e mais para os colegas que me desconheciam, como historiador. Mas foi agradável ouvir que havia permanecido a nossa contribuição.

Estivemos no Recife nas comemorações dos 350 anos, em 1998, da 1ª Batalha dos Guararapes a convite de nosso filho Capitão de Corveta Carlos Norberto Stumpf Bento que foi classificado em 2º lugar num concurso de sites sobre as Batalhas dos Guararapes em que se baseou em informações retiradas de nosso livro **As Batalhas dos Guararapes**, lançado em 1971. O Prêmio lhe deu direito a passagem e hospedagem no Hotel Beira Mar com acompanhante.

Então vivemos duas grandes emoções. A primeira, cerimônia no Forte do Brum, onde assisti ele receber o prêmio a que fez jus das mãos do Ministro do Exército Zenildo de Lucena, pernambucano de São Bento da Una, que mais tarde se basearia em nosso trabalho – “Abreu

e Lima, o brasileiro que foi general de Bolívar”, publicado na **Revista A Defesa Nacional** n.º 725, Mai/Jun 1986 para consagrar o General Abreu e Lima como patrono da Companhia de Engenharia do Exército localizada em São Bento da Una.

Outra grande emoção foi assistir a inauguração do Mirante do Parque Nacional dos Guararapes tendo uma sala envidraçada contendo uma maquete e mapas reproduzidos de nosso livro **As Batalhas dos Guararapes**. Estando discretamente do lado de fora, foi emocionante ouvir do expositor, e como historiador e gaúcho, que os mapas ali expostos para mostrar aos visitantes o desenvolvimento das batalhas eram de autoria do Major Cláudio Moreira Bento, acidentalmente ali presente.

Em 2.000 fomos convocados mais uma vez, agora pelo comandante da 7ª RM/7ª DE, Gen Div R. Yog M. Uchôa, para em companhia do Cel José Fernando Maia Pedrosa e Frederico Pernambucano Mello, realizarmos no auditório da SUDENE palestras sobre em Guerras Holandeses, para a Guarnição do Exército, cabendo a nós falarmos sobre as Batalhas dos Guararapes, com apoio em mapas reformulados para a reedição condensada do livro sobre as Batalhas e recurso do Power Point.

No outro dia uma grande e inesperada emoção. Formada toda a guarnição Militar do Recife em torno do Mirante, a cerimônia teve início com um convite do General Uchôa para nós hastearmos o Pavilhão Nacional nos Guararapes, homenagem ao nosso pioneirismo, 29 anos, antes na ideia do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

Deixou-nos feliz e orgulhoso assistir os diversos grupos de oficiais colocados em diversos pontos do Parque demonstrarem detalhes da Batalha baseados em nosso livro, bem como o Gen Maynard Marques Santa Rosa, hoje comandante da 7ª RM/7ª DE, fazer, a partir do Mirante um giro do horizonte, também baseado em nosso livro, e assistentes e expositores nos procurarem para respondermos sobre dúvidas.

E todas estas visitas foram corridas, sem tempo para sentir a cidade e outros pontos de interesse cultural e turístico que conhecemos e vivenciamos há 31 anos.

Novas instalações do Exército

No dia 22 de maio conhecemos as modernas e primorosas instalações do Colégio Militar e 7ª RM/7ª DE e do CMNE, Esquadrão de Cavalaria e Brigada de Infantaria Motorizada, na periferia da cidade próximo da SUDENE e Universidade Federal de Pernambuco que havíamos frequentado amiúde em 1970/71. Instalações condignas que contrastavam com as singelas e acanhadas instalações que havia co-

nhecido da 7ª Região e IV Exército na rua do Príncipe, e hoje integrando o Hospital Militar. E mais as do Esquadrão de Reconhecimento que conheci aquartelado e exprimido, no Forte das Cinco Pontas. Aliás, fortificação por mim abordada com gravura pintada especialmente no nosso álbum **A História do Brasil através dos seus Fortes**: Porto Alegre: GBOEX, 1982.

Visitas culturais

Na tarde de 22 maio saímos a procura da Fundação Joaquim Nabuco e de repente por equívoco o motorista parou defronte a Fundação Gilberto Freyre, cuja existência desconhecíamos.

E adentramos o recinto e descemos do carro defronte a casa de Gilberto Freyre onde fomos recebidos junto com o Coronel Gabriel Ribeiro como referido anteriormente. E veio a nossa mente a lembrança da casa que conhecêramos, só que mais afetada pela ação do tempo.

E guiados por uma simpática funcionária adentramos a casa que se encontrava como a conhecêramos e inclusive as pinturas dos bisavós maternos e paternos e pais de Gilberto Freyre.

Ao adentrarmos na biblioteca e local de trabalho, levamos um pequeno choque ao deparar como se fora uma pessoa, um vulto sentado numa cadeira e escrevendo numa tábua. Logo identifiquei tratar-se de uma reprodução muito fiel, do mestre, sentado numa poltrona escrevendo numa tábua, encostado numa rede enrolada como calço protetor de sua coluna e com uma perna sobre o braço da poltrona.

Na sala de estar, ainda estão as várias estatuetas de Santo Antônio.

Visitamos no andar superior o quarto do ilustre casal que permanece como o deixaram, bem como os quartos do filho e filha. A sala de jantar permanecia como a conheci, com seus serviços de chá e as paredes decoradas com gravuras em azulejo proveniente de uma demolição em Portugal.

Em seguida passeamos em torno da casa, um jardim frondoso com algumas trilhas e muitos pés de pitanga e no fundo o Memorial construído em memória do mestre onde se encontram os seus restos mortais e de sua esposa. E ao lado um conjunto cultural com salas de aula, sala de exposição e um auditório para encontros sobre Tropicologia.

A seguir pensando estar na sede inicial da Fundação Joaquim Nabuco, entramos numa de suas repartições onde trabalha o Professor Frederico Pernambucano de Mello, então em missão em Nova York e que foi representada ali em sua posse pelo seu assistente Anco Márcio com quem trocamos ideias sobre a cerimônia da Academia no Colégio Militar.

Ali conhecemos estarmos na casa onde residiu Belmiro Gouvêa, um grande empresário pernambucano no início do século, construtor da 1ª usina hidrelétrica no rio São Francisco.

O dia 23 de maio foi dedicado a sessão solene no Colégio Militar de posse dos acadêmicos Cel José Fernando Maia Pedrosa e Frederico Pernambucano de Mello.

Ocasião que com a brilhante participação de um aluno e quatro alunas do Colégio foi realizado o cerimonial de posses de acadêmicos e enfatizado por nós e pela oração do professor Frederico ausente, o grande valor e expressão como historiador de José Antônio Gonçalves de Mello com quem muito privara e o visitara por mais de uma vez em seu apartamento na rua Aurora.

Ao final, usamos a palavra cujo texto reproduzimos em anexo e lido por uma neta de um ex Governador de Pernambuco, ao que me falaram depois.

No dia 24 visitamos pela manhã o Parque Histórico Nacional dos Guararapes e o Museu da Cidade no Forte de Cinco Pontas.

No Parque Guararapes, entramos pelo portão que abríamos com auxílio do DNER em 1971, como entrada secundária ou saída do circuito. Fomos direto ao Mirante, onde fomos apresentados a um cabo encarregado de fazer explanações aos visitantes. Como novidade um mapa da região em cimento com o Teatro de Guerra da Insurreição de Pernambuco, como preparação contextual dos visitantes para a exposição das batalhas e baseado em esboço por nós elaborado constante da **História do Exército Brasileiro 1972**, v. 1 p. 173.

Estranhou o cabo citado a ausência entre os heróis de Guararapes do Sargento-Maior (major) Antônio Dias Cardoso, cuja contribuição militar foi relevante para a vitória da Insurreição, conforme interpretamos do ponto de vista militar, com apoio em estudo profundo em **Restauradores de Pernambuco**, de José Antônio Gonçalves de Mello e que publicamos no nosso **As batalhas dos Guararapes...** com o aval ao final do mestre Luiz Câmara Cascudo que escreveu entre outras coisas o que vale transcrever nessa memória e a p.156:

"Major Cláudio Moreira Bento ... Parabéns pela útil exaltação de Dias Cardoso, soldado do Rei em serviço no Brasil, numa legitimidade heroica na tarefa inesquecível. Louvo-o muito bem, quando os profissionais de História o esqueceram. Seu estudo incisivo e claro, denuncia o espírito do historiador, vivendo a figura evocada, na solidariedade patriótica. Repito. Meus parabéns. Fui um velho professor de História. Seu admirador. Câmara Cascudo." (Prof. Emérito da UFRN).

Nossa abordagem sobre Dias Cardoso publicada na **História do Exército em 1972** em Guerras Holandesas e lançada pelo Estado-

Maior do Exército como contribuição ao sesquicentenário da Independência, publicou alegoria com apoio em seu busto existente em Vitória de Santo Antão. Desde então foi ampliada a gravura e cultuado pelas forças especiais Dias Cardoso como um modelo de atuação como eles doutrinariamente o fazem. Mais tarde foi solicitada a nossa presença no Batalhão de Forças Especiais do Exército para instruir historicamente proposta ao Escalão Superior para Dias Cardoso como denominação histórica do Batalhão de Forças Especiais, a qual aprovada. Se existirem dúvidas sobre figurar ou não entre os heróis de Guararapes e só realizarem leitura atenta de nosso citado livro **As Batalhas dos Guararapes** e nele sua biografia. Talvez a animosidade histórica justificada dos pernambucanos contra os portugueses tenha sido responsável pela exclusão política do português Dias Cardoso entre os heróis de Guararapes e feita a seleção por critério político-social e não critério militar. Ou um branco da ilha da Madeira, Antônio Fernandes Vieira; um mulato, André Vidal de Negreiros; um negro Henrique Dias e um índio Felipe Camarão. Este critério político social, em detrimento do militar social julgo, salvo melhor juízo, foi adotado no Exército na figura dos Patriarcas do Exército. Ainda é tempo de se fazer justiça a este grande profissional das armas e colocar sua gravura no Parque Guararapes.

Visitamos o Parque com vagar e emoção cívica e constatarmos vitoriosa a ideia pelo qual lutáramos e trabalhamos há 31 anos. Chamou-me atenção a construção de um centro esportivo a céu aberto, justo no meio de uma das vias de acesso usadas pelos patriotas na 1ª batalha, para desbordar o Boqueirão. Este hoje descaracterizado pela rodovia BR 101 e casario de ambos os lados. Notamos o crescimento no Parque da vegetação, inexistente em 1971 que permitia profunda visão do alto dos montes e dos vales entre os montes.

A entrada principal que conduzia direto à Igreja N. S. dos Prazeres estava completamente descaracterizada e tomada por casario, obrigando a recuar os portões de entrada, que estavam fechados não permitindo articular-se as duas entradas do parque. E as invasões da depressão atrás da igreja haviam aumentado consideravelmente. Em 1971 elas eram rarefeitas permitindo conviver com elas, então levantadas pela Fundação Joaquim Nabuco. Mas elas explodiram sem controle.

O mais triste foi constatar a falta da placa colocada no local onde ao retornar da FEB o General Mascarenhas de Moraes ali havia colocado simbolicamente os louros da vitória conquistada pela FEB. Placa inaugurada junto com Monumento a FEB, no 25º ano do Dia da Vitória, em 28 dezembro 1970, conforme documento em fotos no nosso livro sobre as **Batalhas dos Guararapes** entre as páginas 165/166. 1ª ed. Placa contendo os seguintes dizeres:

"Nesta colina sagrada, na Batalha vitoriosa contra o invasor, a

Força Armada do Brasil se forjou e alicerçou, para sempre, a base da nação brasileira. Na qualidade de comandante da Força Expedicionária Brasileira, deponho no Campo de Batalha dos Guararapes, os louros que os soldados de Caxias alcançaram contra as tropas germânicas nos campos de batalha do Serchio, dos Argentinos e do Vale do Pó.

General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB
Recife, 9 de julho de 1945"

Monumento que conseguimos que o Prefeito de Recife, Dr. Geraldo Magalhães, construísse em tempo recorde, em momento em que houve um certo desânimo em levar o Parque para frente. Providência esta que reacendeu a vontade política de levá-lo avante.

Visitamos a Igreja N. Sra. dos Prazeres, que encontramos necessitando reparos gerais mas, mais frequentadas como paróquia e bem equipada para casamentos e em cujo interior em 19 de abril de 1971, foram lançados informalmente, presentes altas autoridades da República nossos livros: **As Batalhas dos Guararapes** e **A grande festa dos lanceiros**, citados, que foram logo motivo de comentários positivos pelo Dr Nilo Pereira em sua Notas Avulsas do **Jornal do Comércio**.

Concluimos que as invasões se ampliaram nestes 31 anos ultrapassando as cercas construídas pelo INCRA em 1971. Cerca construída para conter as invasões da área desapropriada que comparada a bandeira nacional a cerca representaria o círculo da bandeira e no seu interior os Montes Guararapes e deixando em seu interior invasões rarefeitas na depressão entre os morros da Igreja e do Mirante, que foram levantadas por equipe da Fundação Joaquim Nabuco e não removidas então. Remoção na época só de uma casa pelo DNER para construir o acesso secundário, hoje acesso principal.

Entre os portões do hoje tumultuado acesso secundário muito lixo atirado que me fez lembrar a visita do Presidente Clinton à Mangueira no Rio, que na expressão de Jamelão "ele parecia um pinto no lixo".

E foi isto que me lembrou um pintinho preto feliz circulando no monte de lixo junto ao portão que impediu a articulação dos dois portões de acesso ao Parque.

Se não houver uma fiscalização atenta e continua e de esperar-se a ampliação das invasões. E acreditamos que o recuo das porteiros de acesso à Igreja dos Prazeres e de articulação com o acesso principal, se deva ao descontrolado crescimento da invasão da área na depressão atrás da Igreja e na frente do Mirante.

O resto da imensa área desapropriada pelo Presidente Castelo Branco foi invadida e creio sem recuperação pelo Patrimônio da União. Hoje o Parque é percorrido por soldados a cavalo para melhor protegê-lo.

Visita ao Museu da Cidade

Depois de demorada visita ao Parque fui visitar o Museu da Cidade no Forte das Cinco Pontas e que visitara várias vezes como caserna do Esquadrão de Cavalaria Mecanizada. Logo na entrada, à direita, deparamos com alegria com a Sala José Antônio Gonçalves de Mello que retrata fielmente a vida e obra do grande e modelar historiador pernambucano ,cuja cadeira especial com seu nome havíamos inaugurado no dia anterior no Colégio Militar do Recife e ocupado por seu sobrinho e filho de criação Frederico Pernambucano de Mello, segundo o Anco Márcio que representou o acadêmico Frederico em sua posse por estar em Nova York, em missão ligada ao retorno de valiosa peça histórica sacra do Brasil, para lá levada para exposição.

Visitamos demoradamente o Museu onde ampliamos o conhecimento do passado bem conservado do Recife. Estranhamos a posição das etiquetas informativas a uma altura que obriga o visitante a inclinar-se bastante para lê-las e de modo incômodo.

Uma guia muito simpática nos prestou informações singulares e desconhecia que ali havia sido fuzilado o Frei Caneca e os holandeses assinado a sua rendição em 1654.

Visita ao Museu do Homem do Nordeste

A tarde realizamos visita ao Museu do Homem do Nordeste que conhecêramos como Museu do Açúcar e do Alcool. Foi muito instrutiva. Conhecemos detalhes da lavoura canavieira e da produção de açúcar, sobre a escravidão no Nordeste, peças de ex votos, folclore, aspectos da vida no sertão e no litoral. Enfim sobre o Nordeste, lamentando não existir no meu Rio Grande do Sul um Museu do Gaúcho que resgatasse a vida no Campo e na Cidade. Vou tentar provocar esta iniciativa. Achei iniciativa louvável.

E em todo este complexo cultural hoje ampliado senti a presença espiritual e a orientação de Gilberto Freyre.

Impressões do Recife

Recife de 31 anos depois me deixou excelente impressão. O seu sky line, ou visão de seus edifícios, altos novos e de variado e moderno aspecto arquitetônico, me impressionaram positivamente. A praia de Boa Viagem que conheci com poucos edifícios e a sua retaguarda grandes vazios, está linda e moderna. Até a Brasília Teimosa está com uma via asfaltada e o antigo bairro do porto recuperado Caminhei em seu calçadão em três manhãs, a partir do confortável Hotel Samaroni.

E fiquei encantado com a sua beleza, a variedade de seu edifícios, junto a praia e atrás dela. O Shopping Recife uma maravilha de variedades e organização. Enfim poderia dizer satisfeito: Recife foi bom de rever !

A primeira vez que tomei conhecimento de Pernambuco foi no Curso Primário em minha cidade natal Canguçu/RS onde as professoras usavam a palavra Pernambuco com 10 letras, diferentes, para dar a nota aos alunos no exame oral sem que eles soubessem quanto e onde o 0 correspondia ao grau 10 o que causava certas confusões, como numa aluna aplicada que chorando dizia as colegas. Eu tenho certeza que respondi tudo certo e a professora me deu grau 0 (Zero).

Quando viajava num ITA, de Pelotas para Porto Alegre em 1950, para prestar exames na Escola Preparatória de Cadetes conversei muito com um simpático menino pernambucano que me descreveu com amor e saudades o seu torrão natal. E recorde da sua frase com forte sotaque, o perguntar-lhe como era Recife. Resposta que chamou-me a atenção e nunca mais esqueci: "**Recife é uma cidade pequena porém decente!**" Hoje eu poderia dizer **Recife é uma cidade grande, porém moderna e decente !**

Nossa participação na imprensa de Recife

Durante minha permanência no Recife em 1970/71 escrevi muitos artigos no **Diário de Pernambuco** e no **Diário do Comércio**, cuja relação declino a seguir por talvez um dia serem de utilidade cultural e mesmo para que este relato se incorpore as minhas **Memórias**.

Jornal do Comércio - Recife/PE

1 - Pernambuco na Revolução Farroupilha.....	21 Mai 1970
2 - Primeiro parque histórico do Brasil.....	11 Jun 1970
3 - Batalha Naval do Riachuelo.....	12 Jun 1970
4 - A brasileira heroína de dois mundos (Anita Garibaldi)...	14 Jun 1970
5 - Um grande ídolo popular do passado.....	19 Jun 1970
6 - Vim ver e vi a mão verde oliva.....	27 Jun 1970
7 - John Griggs - O líder do lanchão farroupilha "Seival".....	03 Jun 1970
8 - Um lanceiro farroupilha (Joaquim Teixeira Nunes).....	04 Jun 1970
9 - Os lanceiros negros e a Abolição.....	10 Jun 1970
10 - Garibaldi: o homem de ação de seu Século.....	06 Jun 1970
11 - Bagé homenageia o legendário lanchão farroupilha "Seival".....	13 Ago 1970
12 - Mallet patrono da Artilharia (mereceu voto de louvor da Câmara Municipal Recife).....	10 Jun 1970

- 13 - Arraial Novo do Bom Jesus..... 1º Nov 1970
 14 - Bombardeio do Recife holandês (abordagem inédita).... 22 Nov 1970
 15 - Heroínas de Tejucofapo..... 06 Dez 1970
 16 - Parque Histórico Nacional dos Guararapes..... 17 Dez 1970
 17 - Aniversário da 1ª Batalha dos Guararapes.....18 Abr 1971
 18 - Presidente Castelo Branco e os Montes Guararapes.....18 Abr 1971
 19 - Dia da Vitória (síntese esforço de guerra brasileiro II GM.. 08 Mai 1971
 20 - Como vai o Parque Guararapes..... 04 Fev 1971
 21 - A outra face do IV Exército (no Desenvolvimento)..... 21 Mai 1971
 22 - Parque Histórico Nacional dos Guararapes- realidade....04 Abr 1971
 23 - Parque Histórico Guararapes - marco da nacionalidade.14 Abr 1971
 24 - Programa Inaugural do Parque Guararapes.....18 Abr 1971
 25 - Montes Guararapes - berço da Nacionalidade.....18 Abr 1971
 26 - Gaúchos Homenageiam Pernambuco..... 21 Abr 1971
 27 - Aniversário da 2ª Batalha dos Guararapes..... 14 Fev 1971
 28 - Ossada humana descoberta nos Guararapes
 (junto a igreja)..... 21 Fev 1971
 29 - Um parque histórico a mulher brasileira
 (Em Tejucofapo)..... 10 Jun 1971
 30 - Vitória de Santo Antão quer Parque Histórico
 em Tabocas..... 11 Jul 1971
 31 - A Batalha de Monte das Tabocas
 (síntese de pesquisas)14 Nov 1971
 32 - Um sertanejo que foi um dos maiores generais
 do Brasil..... 16 Mar 1971
 33 - A guarnição federal do Recife há cem anos e seu
 comandante..... 15 Jun 1971
 34 - Caxias na pacificação da Questão Religiosa..... 04 Jul 1971
 35 - Caxias e a órfã de guerra do Paraguai..... 05 Out 1971
 36 - Jordão Emerenciano (necrológico)..... 06 Abr 1972
 37 - Projeto Rondon integra e preserva..... 16 Jan 1972
 38 - Mallet - Patrono da Artilharia..... 10 Jun 1972
 39 - A História, a Geografia e as aspirações do povo
 brasileiro..... 30 Jul 1972

Diário de Pernambuco - Recife/PE

- O Gaúcho primitivo: origens e evolução..... 08 Mai 1970
 O gaúcho a pé e o pernambucano a cavalo 21 Mai 1970
 Os lanceiros negros farroupilhas 20 Jun 1970
 Guararapes e a Revolução
 (A pedido de Gilberto Freire)..... 31 Mar 1971 p.3
 Ossadas humanas encontradas nos Guararapes..... 21 Fev 1971

Amanhã 323 anos da 1ª Batalha dos Guararapes..... 18 Abr 1971
A guarnição do Recife há 100 anos e seu comandante
Mallet..... 15 Jun 1971
Um parque histórico a mulher brasileira (Em Tejucofapo)....22 Jun 1971
General Osório - pensamento militar..... 4 Out 1979

Diário da Noite - Recife/PE

Uma brasileira heroína de 2 mundos 05 Jun 1970

Caderno Moinho do Recife

Colaboramos com artigo O Espírito Sagrado dos Guararapes no **Caderno Moinho do Recife** nº 9 nov 1971 alusivo a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, ao lado de Gilberto Freyre com o artigo O pan-brasileiro Assis Chateaubriand, de Jordão Emerenciano, com Guararapes e a Unidade Brasileira. E mais com o release Parque Histórico Nacional dos Guararapes, focalizando o histórico da construção do Parque e detalhes de sua inauguração. Caderno que distribuiu plaqueta de Leduar Assis Rocha sobre Otávio de Freitas, Fundador do Ensino Médico em Pernambuco.

Apresentação do autor no Colégio Militar do Recife, em 23 maio 2002, na sessão solene da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em que foram empossado acadêmicos Frederico Pernambucano de Mello e o Cel

José Fernando Maia Pedrosa.

Cel Cláudio Moreira Bento "Gaúcho natural de Canguçu-RS. É historiador militar brasileiro consagrado com cerca de 70 títulos publicados (álbuns, livros e plaquetas) e mais de 1000 artigos na imprensa do Brasil e EUA, e detentor de 7 prêmios literários e com artigos transcritos na Câmara Federal, assembleias de Goiás, Minas Gerais e Câmara de Resende. Há 6 anos fundou e preside a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), sediada em Resende, junto a Academia Militar das Agulhas Negras. Integra cerca de mais de 30 entidades de História, do Brasil, América do Sul e Europa. Integrou o Estado- Maior do atual CMNE em 1970/71 quando teve a seu cargo a coordenação do projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes em 19 abril 1971, quando ali foram lançados seus livros editados pela Universidade Federal de Pernambuco **As Batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar** e **A Grande festa dos lanceiros**. Este sobre a inauguração do Parque Histórico Marechal Osório. Como integrante da Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército teve a seu cargo, como historiador convidado,

o capítulo das Guerras Holandesas da **História do Exército: Perfil Militar de um povo**, em 1972. Durante sua permanência no Recife colaborou nos jornais **Diário de Pernambuco**, **Jornal do Comércio**, **Caderno do Moinho Recife**, **Revista Asas do Nordeste** etc com artigos sobre História das Guerras Holandesas em Pernambuco. Coordenou o Projeto Rondon nos Guararapes realizado por 31 estudantes universitários vindos de todo o Brasil e cadetes da AMAN, entre os quais o Coronel Armando, que foi chefe recente do Estado-Maior do Comando Militar do Nordeste.

Como instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras 1978-80, nela introduziu o estudo das Batalhas dos Guararapes que fez constar do livro **Brasil História Militar**, editado pela cadeira de História Militar e no manual de sua autoria **Como estudar e pesquisar a História do Exército Brasileiro**, editado pelo Estado-Maior do Exército em 1978 e ora por este órgão mandado reeditar e agora sob a égide da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.

Atualmente desenvolve o projeto História do Exército na Região Sul. E para a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército: **Brasil Lutas Externas e Internas**, nas quais Pernambuco ocupa local de destaque. Síntese de sua vida e obra constam no **Dicionário de Historiadores Brasileiros** do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro v.1 de que é sócio emérito e do **Dicionário Bibliográfico Gaúcho** de Villas Boas. Sua biobibliografia completa consta no site www.resenet.com.br/users/ahimtb. Entre suas condecorações se destacam Comendador da Ordem do Mérito Militar e J. Simões Lopes Neto pela Câmara de Pelotas e Conde de Resende pela Câmara de Resende. Reside em Itatiaia/RJ e seu endereço eletrônico é cmbento@resenet.com.br e o residencial Rua Florença 266 Bairro Jardim das Rosas - Itatiaia/RJ - CEP 27580-000."

Palavras do Presidente da Academia no Colégio Militar do Recife em 23 maio 2002

Hoje, decorridos 6 anos e 2 meses de fundada, em Resende, A Cidade dos Cadetes, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB) ela realizou a sua 1ª sessão neste Colégio Militar, celeiro de futuras lideranças pernambucanas.

Empossamos como acadêmicos o Cel José Fernando Maia Pedrosa, na cadeira General João Pereira de Oliveira e Frederico Pernambucano Mello, na cadeira especial José Antônio Gonçalves de Mello, o grande historiador de **Tempo de Flamengos** e de **Restauradores de Pernambuco**, abrangendo heróis militares que lutaram em Guara-

rapes onde despertou o espírito da Nacionalidade e o de Exército Brasileiro e onde segundo ainda discurso que José Antônio nos entregou e avalizou em que Gilberto Freyre afirmara como deputado federal em 1945:

"Que nos Montes Guararapes escreveu-se a sangue o destino do Brasil, o de ser um só e não dois ou três hostis entre si."

Como reflexão inicial vale lembrar aos jovens alunos deste Colégio Militar: Ser o passado uma enorme planície onde correm dois rios. Um reto e de margens bem definidas que é o rio da **História**. Esta fruto da razão e da análise isenta das fontes históricas autênticas, fidedignas e integras, à luz de fundamentos de crítica escolhidos.

O outro é um rio cheio de curvas e meandros e de margens indefinidas e por vezes com perigosos alagamentos. Este, é o rio do **Mito**. E este fruto das paixões humanas, das fantasias, das manipulações, das deformações, dos preconceitos e da injustiça etc. E, infelizmente predominante entre nós. Esta é uma importante lição para os jovens pernambucanos que nos assistem para que saibam exercer o seu espírito.

A História Militar Terrestre tem sido tradicionalmente nas grandes nações, potências e grandes potências mundiais, uma atividade nobre para soldados inativos e uma maneira de continuarem a contribuir para o progresso da instituição com a experiência que adquiriram. Aliás prática esquecida entre nós o que sugere análise profunda pela estreita ligação da História Militar com o desenvolvimento de uma Doutrina Militar. E neste objetivo vem se aplicando a nossa Academia num toque de reunir, de soldados inativos e ativos e de civis também historiadores militares em delegacias espalhadas pelo Brasil. E nos conforta muito a adesão a esta ideia dos acadêmicos Cel José Fernando Maia Pedrosa e do historiador também militar Prof Frederico Pernambucano Mello.

Dentre os objetivos que a Academia persegue registre-se o de resgatar, preservar e divulgar as obras de historiadores militares terrestres e com elas, expressivamente, a História Militar Terrestre do Brasil, indiscutivelmente o Laboratório da Tática, da Logística e da Estratégia terrestres brasileiras

Aqui vale lembrar o Marechal Ferdinand Foch que saiu da cadeira de História Militar da Escola Superior de Guerra da França para comandar a vitória aliada na 1ª Guerra Mundial e sob cujo comando lutaram 24 oficiais de nosso Exército e inclusive o paraibano, então Tenente de Cavalaria José Pessoa, patrono da Delegacia de Brasília e futuro idealizador da Academia Militar das Agulhas Negras, onde como comandante da Escola Militar do Realengo dinamizou o ensino de História Militar e introduziu o de Geografia Militar, como a Geografia do Soldado, a ser-

viço do maior esclarecimento nos mais diversos escalões do fator da decisão militar - O TERRENO. Falou o marechal Foch:

"Para alimentar o cérebro (entenda-se Comando) de um Exército na paz, para melhor prepará-lo para a indesejável eventualidade de uma guerra, não existe livro mais fecundo em lições e meditações do que o livro História Militar.

Esperamos que a abordagem deste assunto, contribua para aumentar nos alunos deste colégio a perspectiva e identidades históricas do Brasil e de suas forças terrestres. Isto para que em melhores condições, como militares e civis possam vir a contribuir para o desenvolvimento e liderança das Forças Terrestres no início do insondável 3º Milênio. E, também, tentar despertar novas vocações de historiadores militares terrestres, pois a categoria, se acha em fase de extinção, por razões várias, e em especial por invasões indébitas se sua função social por deformadores da História Militar com os mais variados e até inconfessáveis fins. Constatar é obra de simples verificação e raciocínio!

A História por seu poder de solidificar o patriotismo, o civismo, a auto estima de um povo e a identidade e perspectiva históricas do mesmo, penso, salvo melhor juízo, vem sendo atacada por parte da Mídia pelas estratégia do **Silêncio**, alternada com a estratégia da **Deformação** por duas forças poderosas convergentes. Cabe pois aos que nos ouvem e futuros líderes civis e do Exército, saber distinguir como foi assinalado a **História do Mito**. Deste hoje tem sido vítimas preferidas as nossas Forças Armadas e Auxiliares de parte de parcela de agentes da Mídia em especial.

E neste contexto procuram envolver a juventude estudantil do Brasil. Mas as falsidades e deformações de nossa História continuam produzindo seus efeitos como se verdadeiras, no seio da juventude que não teve contado com as Forças Armadas.

Disto resulta uma desorientação de parcela desta juventude que se entrega a prática de valores que confrontam e mesmo agri-dem os enumerados pela Sociedade Brasileira na Carta Magna. Fato diagnosticado por alguns analistas como falta de Religião e de História e do que decorre a falta de identidade e de perspectiva históricas. E nisto vem a Academia se aplicando em esclarecer manipulações que distorcem e comprometem a verdadeira imagem das forças terrestres com calúnias, deformações e manipulações que circulam com foros de pretensa História. Ou seja não se limita a AHIMTB a indignação pura e simples. Parte como ONG para o debate democrático defendendo a sua verdade!

Na peça Júlio Cezar de Shakespeare, Marco Antônio diz a certa altura a Brutus: **"As boas obras que os homens praticam são se-**

pultadas com os seus ossos. No entanto só o mal sobrevive."

Outro papel da Academia tem sido o desenterrar junto dos ossos as obras dos historiadores militares terrestres brasileiros, civis e militares e com elas, por via de consequência, o valioso patrimônio cultural militar terrestre brasileiro acumulado em quase 5 séculos de lutas e vigílias por várias gerações de militares de terra, os quais foram, em grande parte, responsáveis pelo delineamento, exploração, conquista, segurança e manutenção de um Brasil Continente que cabe as atuais e futuras gerações preservar e defender. E às gerações do 3º Milênio caberão responder aos graves desafios reservados à soberania do Brasil na sua Amazônia. E nesta defesa a Academia se engajou divulgando seus pontos de vista, defendendo a necessidade de ser desenvolvida uma História Militar Terrestre Crítica da Amazônia que não existe, mas que é fundamental para orientar o esforço de defesa daquela estratégica área.

E especial atenção tem dado a Academia ao resgate e culto das memórias de soldados terrestres que no curso do processo histórico brasileiro deram suas vidas em holocausto a pátria brasileira, os quais, segundo Péricles, que viveu em Atenas, cujo século V antes de Cristo levou o seu nome, por haver se constituído no apogeu da civilização grega e, com ela, da Democracia que ele ajudou a construir como chefe de Estado e estrategista pôr 14 anos:

"Aquele que morre por sua pátria, serve-a mais em um só dia que os outros em toda a vida."

O Exército em resposta as estratégias do **Silêncio** e das **Deformações** da História por criminoso campanha de contravalores que é desenvolvida por forças poderosas, de origem externa como abordado, hoje vivencia uma valorização sem precedentes da História do Brasil e a do Exército, traduzida pelas seguintes orientações em curso nesta força: Uma de contra-ofensiva a campanha de contravalores propagada pela Mídia e a outra de uso da História com ferramenta para a maior operacionalidade da força, na forma exaltada pelos grandes capitães da História Universal. Ou sejam:

1- Ser a História do Exército eleita objetivo atual nº 1 assim definido:

"Preservar, divulgar e cultuar as tradições, a memória histórica e os valores morais, culturais e históricos do Exército."

2- Plano em curso de Modernização do Ensino de História no Exército que potencializa o ensino existente em sua rede de ensino militar e o introduz na EsAO e CPORs. Projeto iniciado, sob direção com Chefe do Departamento de Ensino e Pesquisa do Exército do Exmo Sr Gen Ex, Gleuber Viera nosso 1º Presidente de Honra com apoio total do ilustre pernambucano General de Exército Zenildo de

Lucena quando Ministro.

E foi por mera coincidência que nossa Academia foi fundada neste tempo histórico tão promissor. E, assim, disposta a cooperar como entidade civil não governamental, com toda a sua experiência traduzida por seu acervo, representado pela experiência de seus patronos e acadêmicos e correspondentes. Experiências que está reunindo, em seu CENTRO DE INFORMAÇÕES DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL, ao lado da Casa do Laranjeira do 4º ano, em duas salas singelas pedidas e cedidas pelo comando da AMAN. Instalações modestas que procuram estar na altura da maior virtude do patrono da Academia e do Exército, o Duque de Caxias na definição do Capitão de Engenheiros Alfredo de Taunay - A SIMPLICIDADE NA GRANDEZA, ao falar pelo Exército junto ao túmulo do Pacificador por ocasião do seu sepultamento.

E com este potencial vem estabelecendo uma promissora parceria cultural militar com as Forças Terrestres e especial com o Exército.

Agradecemos a presença de todos quantos prestigiaram com suas presenças este encontro de gerações de jovens alunos, futuras lideranças civis e militares, com historiadores civis e militares e soldados terrestres da Guarnição de Recife.

Foi uma grande emoção retornar a este Colégio Militar onde estudaram há 31 anos 2 filhos hoje capitães de Fragata de nossa Marinha. Ocasão em que pesquisamos e divulgamos intensamente a História de Pernambuco em nosso livro **As Batalhas dos Guararapes – análise e descrição militar** e no capítulo Guerras Holandesas da **História do Exército** em 1972, como historiador convidado pelo Estado-Maior do Exército e, mais, a de haver coordenado o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. Missão bem cumprida na qual mantive estreito e fraternal contato com os seguintes intelectuais que cito em ordem alfabética; Abelardo Rodrigues, Airton Almeida de Carvalho, Gilberto Freire, Jordão Emerenciano, José Antônio Gonçalves de Mello, Leduar Assis Rocha, Luiz da Câmara Cascudo, Mauro Mota, Nilo Pereira, Dr Vasconcellos Sobrinho e Waldemar Valente, dos quais aprendi preciosas lições que levei em minha bagagem cultural, deixando para traz com orgulho como historiador e soldado nossa obra cultural traduzida pelo Parque Histórico Nacional dos Guararapes e a primeira interpretação das batalhas dos Guararapes à luz dos princípios de Arte Militar e ensinamentos da Escola de Estado-Maior do Exército.

Agradecimento especial da nossa Academia ao comandante deste Colégio Cel Gaudie Ley e a sua dedicada equipe, aos alunos e alunas que serviram de porta vozes e nos auxiliaram na condução desta seção.

APÊNDICE E

DECRETO DE 24 DE MARÇO DE 1994 (Institui o Dia do Exército Brasileiro)

O Presidente da República, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV e VI, da Constituição, e considerando:

- que as datas de 19 de abril de 1648 e 19 de abril de 1971 registram a 1ª Batalha dos Guararapes e a criação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, respectivamente;

- que o Exército Brasileiro possui suas raízes fincadas na Região dos Guararapes, fato consagrado pela historiografia militar do Brasil, Decreta:

Art. 1º - Fica instituído o dia 19 de abril como o Dia do Exército Brasileiro.

Art. 2º - Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.
Brasília, 24 de março de 1994. 173º da Independência e 106º da República

Ass:

Presidente da República ITAMAR FRANCO
Ministro do Exército Gen Ex ZENILDO DE LUCENA

Bibliografia sobre as Batalhas dos Guararapes

Considerações sobre a bibliografia consultada numerada de 1 a 50

Fonte 1 é a parte de combate do general luso-brasileiro vencedor das duas batalhas. As fontes 3 a 10 foram produzidas pelo autor, então major de Estado- Maior do Exército, quando preparava a obra **As batalhas dos Guararapes** e coordenava a construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes. A fonte 3 mereceu o seguinte comentário de Luís da Câmara Cascudo, em carta ao autor:

“...Major Cláudio Moreira Bento, tardio nos calorosos cumprimentos por seu estudo-homenagem ao esquecido Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso. Parabéns pela útil exaltação de Dias Cardoso, soldado do Rei a serviço do Brasil, numa legitimidade heroica na tarefa inesquecível. Louvou-o muito bem, quando os profissionais da História o esqueceram. Seu estudo, incisivo e claro, denuncia o temperamento do historiador, vivendo a figura evocada na solidariedade patriótica. Repito. Meus parabéns! Fui um velho professor de História. Seu admirador. Ass.: Câmara Cascudo...”

Fonte 13 foi produzida por um dos comandantes holandeses que lutaram nos Guararapes, o mesmo valendo para a fonte 38.

A fonte 21 foi produzida por um general que analisa algumas obras pertinentes as guerras holandesas como a fonte 16.

As fontes 29 e 30 foram produzidas por um padre beneditino e publicadas na RIAHGP (**Revista do Instituto Arqueológico Geográfico e Histórico de Pernambuco**).

A fonte 39 foi produzida por um bispo católico.

As fontes 44 e 45 e referidas nas fontes 13 e 38 foram produzidas por um então major de Estado- Maior do Exército, uma das grandes autoridades no assunto e que reuniu na fonte 44 valiosas e importantes fontes primárias sobre as duas batalhas.

As fontes 29 a 31 foram produzidas pela maior autoridade em guerras holandesas e que traduziu diversos documentos do holandês para o português. Foi o grande revelador documentalmente do Major Antônio Dias Cardoso, até então pouco conhecido e muito menos destacado em sua imensa projeção como profissional, devido ao culto que se fazia, salvo melhor juízo, baseado nos heróis locais representantes das três raças, sofrendo ele uma espécie de preconceito por ser português.

As fontes 25 e 26 foram produzidas pelo diretor do Arquivo Público de Pernambuco, entidade que produziu as preciosas fontes 19 e as constantes da **Revista do Arquivo Público de Pernambuco**, em

1949, comemorativa do 300 anos das batalhas.

A fonte 28, segundo José Antônio G. de Mello foi produzida por autor que nunca esteve no Brasil e que repetiu Lopes Santiago e com erros).

A fonte 16 aborda a guerra até 1646, antes das batalhas, e contextualiza o quadro geral onde as batalhas se inseriram.

A fonte 38 é de testemunha, importante e básica.

A fonte 16 é laudatória a Fernandes Vieira e seu uso deve ser feito ou precedido de profunda crítica histórica.

As partes de combate devem ser submetidas a crítica, pois possuem contradições. Bem criticadas em conjunto permitem uma boa aproximação de que como transcorreram as batalhas.

Bases das pesquisas e obras do Cel Cláudio Moreira Bento

1. ALBUQUERQUE, Cleonir Xavier de. **A remuneração de serviços na guerra holandesa**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

2. BARRETO, Francisco. Parte da 1ª Batalha dos Guararapes, **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. t.56, 1893, p.71-5.

3. BARLEUS, Gaspar. **História dos feitos recentemente praticados durante 8 anos no Brasil (...) sob o governo de João Maurício de Nassau**. Rio de Janeiro: MEC, 1940.

4. BARROSO, Gustavo. **História Militar do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938.

5. BENTO, Claudio Moreira. Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso: o estrategista e tático da insurreição. **Jornal do Comércio**. Recife, 13 set. de 1970. (Tricentenário de sua morte no Recife).

6. _____. Arraial Novo do Bom Jesus. **Jornal do Comércio**. Recife, 1 nov. 1970.

7. _____. Bombardeio do Recife holandês (inédito). **Jornal do Comércio**, Recife, 22 nov. 1970.

8. _____. Heroínas de Tejucoapapo. **Jornal do Comércio**. Recife, 6 dez. 1970.

9. _____. Como vai indo o Parque Histórico Nacional dos Guararapes. **Jornal do Comércio**, Recife, 4 fev. 1971.

10. _____. Aniversário da 2ª Batalha dos Guararapes. **Jornal do**

Comércio. Recife, 14 fev. 1971.

11. _____. Ossadas humanas nos Guararapes. **Jornal do Comércio.** Recife, 21 fev. 1971.

12. _____. O Parque Histórico Nacional dos Guararapes: uma realidade. **Jornal do Comércio.** Recife, 21 fev. 1971.

13. BRANDE, Cornelius van der. Parte de batalha. **In: SOUZA JUNIOR. Do Recôncavo aos Guararapes.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1942. p.226-7.

14. BOXER, Carlos R. **Os holandeses no Brasil.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1961.

15. BRASIL- Ministério da Educação e Cultura. **Documentos holandeses.** Rio de Janeiro, 1955.

16. CALADO, Manuel. **O Valeroso Lucideno e o triunfo da liberdade.** 4. ed. São Paulo: Edições Cultura, 1943.v. 2.

17. CALMON, Pedro. Guararapes: a aliança de dois destinos. **Revista do Arquivo Público de Pernambuco.** Recife, 1949.

18. CALÓGERAS, Pandiá. **Formação histórica do Brasil.** 2. ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1948.

19. CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia do Brasil holandês.** Rio de Janeiro: José Olímpio, 1949.

20. _____. Conferência. **Revista do Arquivo Público de Pernambuco.** Recife, 1949.

21. CIDADE, Francisco de Paula. **Síntese de três séculos de literatura militar brasileira.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1959.

22. COSTA, F. A. Pereira da. **Anais pernambucanos.** 2. ed. Recife: Arquivo Público de Pernambuco, 1965.7v.

23. _____. 19 de abril de 1648. **In: Anais pernambucanos.** Recife: Imprensa Oficial, 1952. v.3.

24. DELGADO, Luiz. **A Restauração Pernambucana.** Reci-

fe:[s.n.],1954.

25. EMERENCIANO, Jordão. **A primeira batalha dos Guararapes**. Recife: Imprensa Oficial de Pernambuco, 1948. (No tricentenário da 1a batalha).

26. _____. **A segunda batalha dos Guararapes**. Recife: Imprensa Oficial, 1949.

27. ESTADO DE PERNAMBUCO. **Inventário das armas e petrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco**. Recife: Imprensa Oficial, 1940.

28. FREYRE, Gilberto. Discurso na Câmara Federal. **Diário de Pernambuco**. Recife, 22 abr. 1948.

29. GOCH, Michel van. Relatório sobre a 2ª batalha dos Guararapes. **In: SOUZA JUNIOR. Do Recôncavo aos Guararapes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. p. 229-33.

30. GALVÃO. Expulsão dos holandeses de Pernambuco. **RIAHGPE**. Recife, 1915. p. 6-70.

31. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira**. São Paulo: Difusão Européia, 1960. v.3.

32. JESUS, Rafael de. **O Castrioto Luzitano**. Lisboa: [s.n.]1679.

33. LUNA, Lino de Monte Carmelo. Memória sobre a localização do Boqueirão dos Guararapes. **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco**. Recife.n.15.1869.

34. _____. Memória sobre os Montes Guararapes. **Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano**. Recife. n.17. 1870.

35. MELO, Francisco Manuel de. **Restauração de Pernambuco**. Recife:[s.n.], 1944.

36. MELLO, José Antônio Gonçalves de. **Restauradores de Pernambuco**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1967.

37. _____. **José Fernandes Vieira**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1967.

38. _____. **Tempo dos flamengos**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947. (Doc. brasileiros 54).
39. PINTO, Lauro Alves. A guerra: expressão das validades culturais. **Revista do Arquivo Público de Pernambuco**. Recife, 1949.
40. NETSCHER, Preter Marinus. **Os holandeses no Brasil**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1942.
41. POMBO, J. F. da Rocha. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1921.
42. RIBEIRO, João. O holandês no Brasil. **RIAHGPE**, n.23 (11/14): 89-98, 1921.
43. RODRIGUES, José Honório. **Historiografia e bibliografia do domínio holandês no Brasil**. Rio de Janeiro: Inst. Nacional do Livro, 1949.
44. SANTIAGO, Diogo Lopes. **História da Guerra de Pernambuco**. 2. ed. Recife: 1943.
45. SCHKOPPE, Segismund von. Parte da 1ª Batalha dos Guararapes **In: SOUZA JUNIOR, Antônio. Do Recôncavo aos Guararapes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1942. p.223-4.
46. SILVA, Augusto Álvaro. Religião e Patriotismo. **Revista do Arquivo Público de Pernambuco**. Recife, 1949.
47. SOUTHEY, Robert. **História do Brasil**. Salvador: Progresso, 1949. v.5.
48. SOUZA JUNIOR, Antônio de Souza. **Do Recôncavo aos Guararapes**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1942.
49. _____. Aspectos militares da 1ª batalha dos Guararapes. **Revista do Arquivo Público de Pernambuco**. Recife, 1949.
50. VANDER, Adrian Dussen. **Relatório sobre as capitânicas conquistadas no Brasil holandês-1639 e suas condições econômicas e sociais**. Rio de Janeiro: IAA, 1949.
51. VARNHAGEM, Francisco Adolfo. **História Geral do Brasil**. 2. ed.

São Paulo:[s.n.], 1949.

52. _____. **História das lutas com os holandeses no Brasil: 1624-54.** São Paulo: Cultura, 1943.

53. VIVEIROS, Invasão holandesa no Maranhão. **Revista do Arquivo Público,** Recife, 1949.

54. WATJEN, Herman. **O domínio colonial holandês no Brasil.** São Paulo: Cia Editora Nacional, 1938.

Um livro muito especial sobre Guararapes

MINISTÉRIO DO INTERIOR. *O Projeto Rondon nos Guararapes.*
Recife: SUDENE, 1971.

Obra que traduz uma parceria Exército/Projeto Rondon do MIC, sob nossa coordenação científica, levada a efeito sob a coordenação administrativa da Coordenação do Projeto Rondon do Nordeste e consistente numa pesquisa sobre as Batalhas dos Guararapes ,com vistas à construção do Parque Histórico Nacional dos Guararapes e executada por uma equipe interdisciplinar integrada por 3 cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras e estudantes civis de ambos os sexos de várias partes do Brasil, das áreas de História, Biblioteconomia, Botânica, Sociologia, Arquitetura, Belas Artes, Serviços Sociais e Arqueologia.

Os integrantes da equipe responderam a diversos quesitos formulados pela Coordenação científica a cargo do Comando do VI Exército, que podem ser resgatados da obra em tela com auxílio do Índice:

Agradecimentos, p.7; A maneira de prefácio, pelo Gen Ex João Bina Machado, comandante do VI Exército, p. 8: Uma introdução rondoniana de Estanislau Oliveira, Coordenador do Projeto Rondon no Nordeste p.11; Documentos básicos da Operação Rondon dos Guararapes, formulados pela Coordenação científica, p.14; A Insurreição pernambucana e suas causas p. 27; As batalhas dos Guararapes, p.41; Dois marcos na Nacionalidade (Igreja N. S. dos Prazeres e Arraial Novo do Bom Jesus) p.60; Botânica dos Montes Guararapes, restauração e problemas p.74; Futuro panorama do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, p.92; Iconografia das batalhas dos Guararapes (pinturas, esculturas, monumentos etc.) p.98 e Bibliografia sobre as Batalhas.

Foi uma experiência muito gratificante e talvez a única do Projeto Rondon neste tipo de problema.

Em 19 de abril de 1971, eles retornaram para a inauguração do Parque Histórico Nacional dos Guararapes, trazendo as bandeiras de seus estados, que hastearam em mastros reservados a cada estado

tendo ao centro as bandeiras do Brasil e a de Portugal. Esta hasteada por um cadete de Engenharia de Portugal especialmente enviado e também significando uma homenagem à arma do coordenador científico do Projeto Rondon nos Guararapes. Hoje creio que o espírito do Projeto Rondon é abrigado de certa forma pelo Programa Comunidade Solidária.

Esta experiência do Projeto Rondon nos Guararapes esteve presente ao fundarmos em 1º de março de 1996, em Resende - A Cidade dos Cadetes-, a Academia de História Militar Terrestre do Brasil, voltada principalmente para a juventude militar terrestre do Brasil.

No exemplar do coordenador científico, dentre as diversas mensagens dos participantes do projeto, destaco esta de uma estudante gaúcha.

“...As boas ideias se perpetuam por todo o sempre, e mais perenes do que o mármore. Os homens passam, mas as suas boas ideias ficam ...”

Pinturas sobre as Batalhas do Guararapes

- 1-1709 - Painel sobre madeira no Museu do Estado de Pernambuco.
- 2-1781 - Painéis sobre madeira na Igreja N. S. dos Militares - Recife.
- 3-1801 - Painel sobre madeira no Instituto Arqueológico Hist. Geogr. de Pernambuco.
- 4-1877 - Tela de Victor Meireles no Museu de Belas Artes - Rio de Janeiro.
- 5-1942 - Vitreau alegórico no Salão Nobre do Palácio Duque de Caxias -Rio e pintura originais doada pelo autor e Armando Vianna, em 1989, ao Arquivo Histórico do Exército, junto com outros originais dos vitreaux de cujo concurso foi o vencedor.
- 6- Quadro de E. Xavier, no Restaurante do Clube dos Previdenciários, Recife-PE.

Quadros sem data de autores desconhecidos

- 7- Afresco no teto do Museu Militar de Lisboa.
- 8- Painel no Museu Histórico Nacional Rio de Janeiro.

Quadros com data que não constam a autoria e por ser desconhecida

As pinturas de 1709 sobre as batalhas e mais uma sobre a batalha do Monte das Tabocas, para decorarem a Câmara de Olinda, seguramente contribuíram para animar as disposições nativistas do membros da Câmara, que no ano seguinte foram agentes da primeira tentativa precursora republicana no Brasil, na Guerra dos Mascates.

Bibliografia complementar de apoio (atualizada)

ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. **História Militar do Brasil**. Volta Redonda: Gazetilha, 1978. 2v (texto e mapas).

AZEVEDO, Pedro Cordolino, Cel. **História Militar**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1952;2v.

BENTO, Cláudio Moreira. **As batalhas dos Guararapes**, descrição e análise militar. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1971. 2v.

_____. As guerras holandesas. **História do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Sergraf-IBGE, 1972. v.1, cap.2, p. 98-195 (Historiador convidado pelo EME).

CASTRO, Therezinha de. **História da Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1982.

EME. **História do Exército Brasileiro**. Rio de Janeiro: Sergraf-IBGE, 1972. v.1.

GALANTI, Pe Raphael M. S. J. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Duprat e Cia 1913. t.4.

POMBO, Rocha. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

SERRANO, Jonathas. **História do Brasil**. Rio de Janeiro: Briguet, 1931.

SORIANO NETO, Manoel. O índio Poti -um modelo de bravura cristã e brasileira. **Letras em marcha**, fev. 1989.

VARNHAGEM, Francisco Adolfo, **História das lutas com os holandeses** no Brasil. São Paulo: Edições Cultura, 1943.

VIANNA, Hélio. **História do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 1962. v.4.

Posfácio

À PRESENTE EDIÇÃO



Acabo de receber do coronel Cláudio Moreira Bento, meu presidente da Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAH-IMTB), um convite para elaborar o posfácio da 3ª edição de sua magnífica obra "As Batalhas dos Guararapes – Descrição e Análise Militar". Extremamente honrado com a nímia deferência, afirmei-lhe que o convite era uma Ordem para mim. Apesar de cômico de não possuir cabedal suficiente para tanta responsabilidade, procurarei me desincumbir da missão recebida, na medida das possibilidades, eis que na minha longa vida de Soldado, sempre segui a parêmia, "Missão dada, Missão Cumprida!"

Antes, porém uma advertência preliminar: não me aterei à abordagem minudente de aspectos do consagrado livro, de vastíssima bibliografia, a não ser de escantilhão, haja vista tantas apreciações altamente encomiásticas exaradas por notáveis estudiosos e historiadores militares de todo (como as da lavra do grande historiador, Dr. Pedro Calmon, então presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao qual também pertence o eminente autor), que constam no início do fantástico escrito. Mas gostaria de deixar bem assinalado valor deste expoente-mor de nossa História Militar – a primeva das Histórias. Sim, pois o coronel Bento, como exsurge de seu invejável currículo, é o presidente da FAHIMTB e do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRS), oficial de Engenharia e Estado-Maior, que, dentre outras titulações, é, outrossim, um intelectual de superlativa expressão, conhecido nacional e internacionalmente, professor, jornalista, prolífico escritor, emérito historiador, polemologista, pensador militar e membro de inúmeros sodalícios histórico-culturais etc. Diga-se ainda, por relevante, que a sua extensíssima, diria até colossal produção "gutenberguiana", supera a dos demais historiadores e escritores militares pátrios, sendo, nesse aspecto, o mais gigante entre todos eles. Tal estupenda produção literária (inúmeros livros históricos e didáticos, revistas, monografias, plaquetas, artigos etc., etc.) é de extrema utilidade para a 'ciência e a arte' da guerra e para a História Militar, com os seus generais e batalhas, que são por ele analisados não apenas descritivamente, como era correntio, de antanho, mas de forma percuciente, crítica, didática, cartesiana e propedêutica para o estudo da Tática e da Estratégia. Tais ensinamentos não foram legados pelo excelso marechal Castello Branco, quando de seu retorno do curso de Estado-Maior nos Estados Unidos e metodizados, impende lembrar, pelos coronéis Ruas Santo e Bento.

O pensamento militar do coronel Cláudio Moreira Bento, no permanente trato de nosso marcial pretérito, marcou várias gerações de oficiais do Exército que estudaram na AMAN pelos saudosos livros – de cor azul – que ele sistematizou (e foram difundidos, inclusive no exterior) e pela assistência às suas aulas magistrais. Este escrevedor, que o teve como conspícuo orientador, em 1977, na cidade de São Paulo, quando de exitoso exame para a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME), ao tempo de instrutor/professor de História Militar na dita Academia, usou, didática e constantemente, tais publicações, prenes de inolvidáveis citações de grandes chefes militares nacionais e estrangeiros, que têm o condão de nos levar a profundas reflexões. E em meus múnus de chefe do CDocEX, por doze anos, muito me vali dos conhecimentos e da ajuda pessoal desse Oficial de elevadíssimos méritos, o maior polígrafo, não é demais repetir, de todos os tempos, de nossa historiografia castrense! Em vários de seus trabalhos, o coronel Bento, como moderno pensador militar, iterativa, atenta, original e perspicazmente, analisou e continua analisando a formação de nossos oficiais e a evolução histórica do Exército, em especial sob enfoques científicos e sociológicos, máxime ao enaltecer a nossa origem lusitana – injustamente detratada por deturpadores da História – e a fibra guerreira de nossos avoengos portugueses, cuja fama se perde distante no silêncio de tempos remotos (“De nada a forte gente se temia”, segundo Camões); ao abordar a fase da influência do positivismo, em que tivemos a deletéria clivagem entre oficiais ‘técnico-bacharéis’, e ‘prático-tarimbeiros’; também inexcusável foi a sua dedicação ao estudo das guerras internas brasileiras e ao resgate da memória de ínclitos chefes militares como Abreu e Lima, Jerônimo Coelho (meu tetravô), Manuel Marques de Souza 1º, o Conde D’Eu e tantos outros; com constante veemência, lutou e vem lutando contra distorções históricas de infame viés ideológico radical, particularmente em relação a alevisias assacadas contra a impoluta figura do Duque de Caxias, a quem cognominou de “Pioneiro da Abolição da Escravatura” (em face da manumissão que ele concedeu aos bravos e lendários ‘Lanceiros Negros’, das tropas farroupilhas, incorporando-os ao Exército Nacional); igualmente, persiste promovendo a defesa dos governos e dos ministros militares após a Contrarrevolução de 31 de Março de 1964, coerente com a sua bendita e constante litania, de que “História é Verdade e Justiça”; e, em excepcionais trabalhos de largo fôlego, empreendeu o benfazejo reavivamento e atualização do historial da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde se sedia a (FAHIMTB); e, dentre outras beneméritas iniciativas desse jaez, evidenciando o seu acendrado patriotismo em sempre ‘pensar Brasil’, procedeu, por meio de importante livro, à análise crítica, com rigor acadêmico, da História Militar Terrestre de nossa cobiçada Amazônia, de 1616 à atualidade. Ele, destarte, integra-se à ilustre linhagem de pensadores militares e polemologistas nacionais e é, sem favor algum, um dos pró-homens da rica

História Militar do Brasil, ombreando-se, “ad perpetuam rei memoriam”, com Augusto Tasco Fragoso, Francisco de Paula Cidade, Gustavo Barroso, Pedro Calmon, Francisco Ruas Santos e outros!

Ainda em complemento à minha preliminar advertência, gostaria de pedir a compreensão e paciência dos caros leitores, posto que desejo aduzir algo a respeito da instituição do Dia do Exército, alusivo à data da primeira batalha dos Guararapes – 19 de abril de 1648 -, há 370 anos, pois, pelo que terei de me tornar um tanto prolixo nessa tarefa que me foi dada, mas que muito se imbrica com o escopo do livro, escrito bem antes de 1994, quando se deu a citada instituição.

Todavia, não poderia deixar de ressaltar, na 3ª edição da obra, o relevantíssimo Estudo topotático dos sagrados Montes Guararapes onde foram travadas as duas célebres batalhas, realizado pelo então Major Bento e que serviu de base para considerações futuras acerca das precitadas batalhas, feridas no “lugar mais memorável na História Militar do Brasil”, consoante o magistério do preclaro historiador Robert Southey. Com espeque no Estudo, linha atrás referida foi construída uma gigantesca maquete, exibida publicamente, em 1998, quando dos 350 da comemoração da 1ª batalha nos veneráveis montes, evento ocorrido no Parque Nacional dos Guararapes (anote-se que o autor foi um de seus criadores e esteve presente na dita comemoração). Ainda para finalizar, digna de nota na obra em comento, é a mui precisa explanação sobre a “guerra brasílica”, de 24 anos – expressão cunhada pelo escritos, que também cunhou outra a respeito da semelhante singularidade da guerra irregular encetada por seus conterrâneos gaúchos – “guerra à gaúcha”. Para tanto, na epopéia da Insurreição Pernambucana, o papel do Mestre de Campo Antônio Dias Cardoso – hoje ‘Patrono das Forças Especiais’ de nosso Exército e um dos ‘Patriarcas da Força Terrestre’ – foi fundamental. Ele formou e adestrou, no interior das matas e dos canaviais, em terrenos cobertos por agressiva vegetação de caatinga, em táticas e técnicas de guerrilhas e emboscadas, um ‘pequeno Exército’ que daria origem ao futuro “Exército Patriota”, composto por quatro Terços (formação militar espanhola, à qual se sucedeu o batalhão de Gustavo Adolfo). Em tal treinamento, era feito largo uso de rapidez, das fintas, das negaças, da esperteza, dos ardis, do espírito de iniciativa, enfim, e de uma indomável bravura. Para tal, os luso-brasileiros se valeram de ‘meios de fortuna’, utilizando-se de rústicos armamentos e equipamentos, como velhos bacamartes, chuços, bordões, espadas, escudos de couro queimados e endurecidos, paus afilados e tostados, facas, facões, flechas, dardos, foices, etc. O agrupamento de tropas era formado pela harmoniosa integração de brancos, negros, índios, mazombos, mamelucos, curibocas e demais mestiços de todos os matizes, amalgamados pela fé católica e que souberam como ninguém, lutar pelo sacrossanto pólo pátrio. Eis por que, um dos mais honrosos epítetos de Antônio Dias Cardoso é o de “Organiza-

dor e Primeiro Comandante do Exército Brasileiro”...

Em fevereiro de 1994. Recebi determinação do ministro Zenildo para que procedesse, sem perda de tempo, a um Estudo para criação do Dia do Exército, referente à data de 19 de abril de 1648, a da 1ª batalha dos Guararapes. Apesar de haver ministrado este assunto aos cadetes, quando instrutor/professor de História Militar na AMAN, não me considerava um especialista no tema. Então, me vali de fontes históricas fidedignas para o cumprimento do encargo recebido. Dentre as várias publicações que compilei, sobrelevaram-se dois trabalhos que me serviram de Norte para a colimação do objetivo: a edição do EME, “História do Exército Brasileiro – Perfil Militar de um Povo”, RJ, 1972, no extenso capítulo ‘Guerra Holandesa, 1º, 2º, 3º e 4º períodos’, com foco nas batalhas dos Guararapes e o Livro “As Batalhas dos Guararapes – Descrição e Análise Militar”, Editora Universidade Federal de Pernambuco, em 1972, ambos de autoria do coronel Bento, e que fazem parte da bibliografia que apresentei após a conclusão do alentado Estudo a que me reportei anteriormente. Neste documento, quando da ‘Exposição de Motivos’, afirmei, no item 3), ‘ipsis verbis’: “Nascia, com os Guararapes, a doutrina militar brasileira, desenvolvida em 24 anos de lutas contra o invasor, decisiva para a vitória e posterior expulsão dos holandeses do Brasil”, como nos ensina o emérito historiador militar Cláudio Moreira Bento, concluindo que, após Guararapes, “o Exército Patriota passou a dominar Pernambuco”.

O ministro, sempre ufano de sua terra natal, se mostrou muito contente com toda a documentação que lhe apresentei e determinou-me a elaboração de uma minuta para o Decreto Presidencial que instituiu a data, refriso, de 19 de abril de 1648, para a celebração do Dia do Exército Brasileiro (tal Decreto foi sancionado em 24 de março de 1994). O general Zenildo me incumbiu ainda de escolher uma frase-síntese para ser exposta no Parque Histórico Nacional dos Guararapes e na parede lateral do Parque, que dá para uma importante avenida de Jaboatão dos Guararapes. Esse ‘slogan’ também encimaria a famosa tela de Víctor Meirelles, “Batalha dos Guararapes”, que, adaptada e emoldurada, foi distribuída para todas as Organizações Militares (Oms) da Força. Muito meditei e me louvei no trabalho hercúleo do inesquecível general Flamarion Barreto, que tanto contribuiu por meio de suas publicações – ‘os branquinhos’ – para com inúmeros candidatos (e aqui me incluo) aos exames de nossa Escola de Estado-Maior, que hoje ostenta o augusto nome do marechal Castello Branco. O general Flamarion afirmou categoricamente: “Em Guararapes nasceu o Exército Brasileiro”. De igual forma, muito me inspirou a ida do general Mascarenhas de Moraes aos montes Guararapes, em 1945, quando de seu retorno da Itália, onde, simbolicamente, ‘depositou os louros da FEB’ e proferiu uma antológica e comovente alocação. Eis um pequeno trecho da Oração: Citação – “Nestas colinas sagradas, na batalha vitoriosa contra o invasor, a

força armada do Brasil se forjou e alicerçou para sempre a base da nação Brasileira” – Fim da Citação. E surgiu-me o mote: “Guararapes: Berço da Nacionalidade e do Exército Brasileiro!”, que também é exibido em bronze e em letras versais, no majestático Monumento a Guararapes, existente no pátio central do Colégio Militar de Brasília (CMB), idealizado pelo general Arnaldo Serafim, presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – Academia Marechal José Pessoa, do Distrito Federal, integrante da Federação presidida pelo coronel Bento. Mas a missão teve continuidade, pois fui encarregado de mandar confeccionar estampas (iluminuras coloridas) do comandante do ‘Exército Patriota’ general Francisco Barreto de Menezes dos quatro Terços daquele ‘Exército’: João Fernandes Vieira, André Vital de Negreiros, Antônio Felipe Camarão (o ‘Índio Poti’). Henrique Dias, além do mestre de campo Antônio Dias Cardoso, já mencionado anteriormente. Para isso, recorri ao renomado pintor, 2º tenente reformado Ostervaldo Galdino da Silva, então subtenente servindo no Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias (EGGCF), que, de forma primorosa, pintou as gravuras daqueles legendários comandantes, com as especificações dos uniformes, cores e honorificências com que Portugal os agraciou, as quais lhe forneci. Esses patriotas foram consagrados como “Patriarcas da Força Terrestre” e as figuras, com os uniformes e as galas da época, fazem parte, atualmente, em todos os aquartelamentos do Exército de uma galeria (“Galeria dos Patriarcas”), logo abaixo da destinada aos Patronos das Armas, Quadros e serviços (também obra artística do tenente Galdino, a quem o Exército tanto deve!). O ministro ainda me mandou resgatar os nomes dos maiores que participaram da saga da Insurreição Pernambucana, das principais batalhas e de locais carismáticos da ‘guerra brasílica’ (termo que não é despidendo repetir, prelecionado pelo coronel Bento) e propô-los para determinações históricas de Organizações Militares, prioritariamente do Nordeste, afora as já existentes. Para que os leitores tenham uma ideia deste árduo labor, vou apresentar as denominações atuais (atualizadas até 2005, quando deixei o CDocEX) dessas Organizações, com as datas de concessão, observando-se que a grande maioria delas ocorreu na gestão (1992-1999) do general Zenildo de Lucena, e sempre com o suporte histórico-pedagógico, amiúde proporcionado ao Centro de Documentação, pelo autor desta obra. Ei-las: 14º BI Mtz – “Regimento Guararapes”, Jaboatão dos Guararapes (PE), em 1982; 15º BI Mtz – “Regimento Vidal de Negreiros”, João Pessoa (PB), em 1982; 7ª Bda Inf Mtz – “Brigada Felipe Camarão”, Natal (RN), em 1987; 7ºRM/DE – “Região Matias da Albuquerque”, 28º BIL – “Batalhão Henrique Dias”, Campinas (SP), em 1992; 10ª RM – “Região Martim Soares Moreno”, Fortaleza (CE), em 1993; 10ª Bda Inf Mtz – “Brigada Francisco Barreto Menezes”, Recife (PE), em 1994; 10ª Esqd C Mec – “Esquadrão Forte das Cinco Pontas”, Recife (PE), em 1994; 17ª GAC – “Grupo Jerônimo de Albuquerque”, Natal (RN), em 1994; 4º B Com – “Batalhão Arraial Novo do Bom Jesus”, Recife

(PE), em 1996; 35º BI – “Batalhão Luiz Barbalho Bezerra”, Feira de Santana (BA), em 1996; 4º BPE – “Batalhão João Fernandes Vieira”, Olinda (PE), em 1996; Esqd-Es Hipo/2ºRCGd – “Esquadrão Manoel de Araújo”, Rio de Janeiro (RJ), em 1996; 14º Log – “Batalhão Diogo Camarão”, Recife (PE), em 1998; 7º D Sup – “Depósito Campina do Taborda”, Recife (PE), em 2002; CRO/7 – “Comissão de Obras Batalha das Salinas”, Recife (PE), em 2003; Pq R Mnt/7 – “Parque de Manutenção Batalha de Casa Forte”, Recife (PE), em 2004 (observação: algumas dessas Oms podem ter mudado de designação militar e/ou se transferido de aquartelamento, mas permanecem, conforme legislação vigente, com as denominações históricas que lhes forem outorgadas).

Eis, portanto, em apertada síntese, o efeito altamente multiplicador, mesmo que parcial e indireto, do legado de “As Batalhas dos Guararapes – Análise Militar”, junto ao altaneiro, glorioso e invicto Exército de Caxias, que testifico, com inusitada ufania, como ex chefe do CDocEx, neste já assaz encorpado, mas ainda incompleto posfácio. Tal obra referencial, na lembrança de uma belíssima gesta, se compagina, à perfeição, com os cinco vetustos qualificativos que o invulgar escritor e tribuno romano Marco Túlio Cícero atribuía à História (que teve início com a História Militar!): 1) ‘Mestra da Vida’; 2) ‘Testemunha dos Tempos’; 3) ‘Luz da Verdade’; 4) ‘Vida da Memória’ e 5) ‘Mensageira do Passado’.

Assinale-se, por derradeiro, que esta admirável e soberba contribuição histórica, recheada de valiosos ensinamentos didáticos, imarcescíveis e prístinos valores cívico-patrióticos e indelévels lições atemporais nela entesourados, sempre robusteceu e segue robustecendo, de forma extraordinária, o magno e anímico sentimento de mais pura brasilidade, tão esquecido, desafortunadamente, nos dias hodiernos.

Que o labor deste livro, em sua terceira edição, da fecunda lavra do coronel Cláudio Moreira Bento, continue servindo de bom luzeiro aos que ama, de fato o Brasil, país-continente que não merece a canga de um destino mesquinho para o seu tamanho. E sempre na inspiração de amor-patrío, que nos ensinou o poeta-soldado Luiz Vaz de Camões: “Não me mandas contar estranha História. Mas mandas-me louvar dos meus a glória!” São Paulo (SP), julho de 2018.

Manoel Soriano Neto

Coronel de Infantaria e Estado-Maior, Reformado
Historiador Militar

Posfácio

À SEGUNDA EDIÇÃO

Honra-me, este admirável historiador, o Cel Cláudio Moreira Bento, para Posfacionar seu livro "As Batalhas dos Guararapes".

Depois das manifestações de tantos luminares sobre a obra, elaborada na década de setenta do século passado, e aperfeiçoada ao alvorecer do século XXI, é difícil não se repetir um ou outro.

O fantástico, na coordenação do Cel Bento, é que ele guia a garimpagem da obra abordando todos os ângulos, inteirando até o mais leigo dos consulentes. É um predestinado, e por isto tem o direito, que lhe conferimos, de ostentar o "arco-íris" da sua aura de conhecimentos. Ex-Combatente da FEB, Presidente da Regional Porto Alegre da ANVFEB há vinte e cinco anos e Membro Emérito da AHIMTB, por deferência do seu Presidente, o próprio Cel Bento, atenho-me a respeitar os luminares, exaltando o espírito de Guararapes que formou em 1648 o nosso Exército Brasileiro, e que, três séculos depois, veio comprovar definitivamente o valor da raça com o desempenho da Força Expedicionária Brasileira (FEB) nos campos de batalha da Itália, na II Guerra Mundial. A miscigenação da raça indígena, negra e branca, que compôs aquela Força, comprovou que ainda conservamos o mesmo sentimento pátrio.

No Vale do Serchio, nos Apeninos e no Vale do Pó, em jornadas heroicas, essa miscigenação, que circulava nas veias dos 25.334 soldados da FEB, comprovou de maneira insofismável que sabemos lutar pela nossa Independência e Soberania como Nação forte e decidida!

E, foi, sem dúvida, embalado por esse sentimento atávico que o Gen Mascarenhas de Moraes, saudoso Comandante da FEB, no seu retorno ao Brasil, portando as bandeiras da Vitória e da Democracia, ofereceu a primeira homenagem aos Guararapes, em Recife, em 9 de julho de 1945. Depositou, ali, os louros das Vitórias alcançadas nas sangrentas batalhas de Monte Castello, Montese e Fornovo de Taro, numa jornada de 239 dias em combate permanente, suportando frio, lama e gelo, do outro lado do Atlântico, em terreno extremamente montanhoso. Enfrentando costumes e língua diferentes, lutou com um inimigo considerado até então o melhor soldado do mundo em seu próprio terreno: a Europa.

Esta raça, misturada pelos lusitanos, "inspirados" por Deus, carrega o futuro, a riqueza do seu território, a exuberância da sua fauna, a imensa diversificação da sua flora e a vastidão da misteriosa Amazônia.

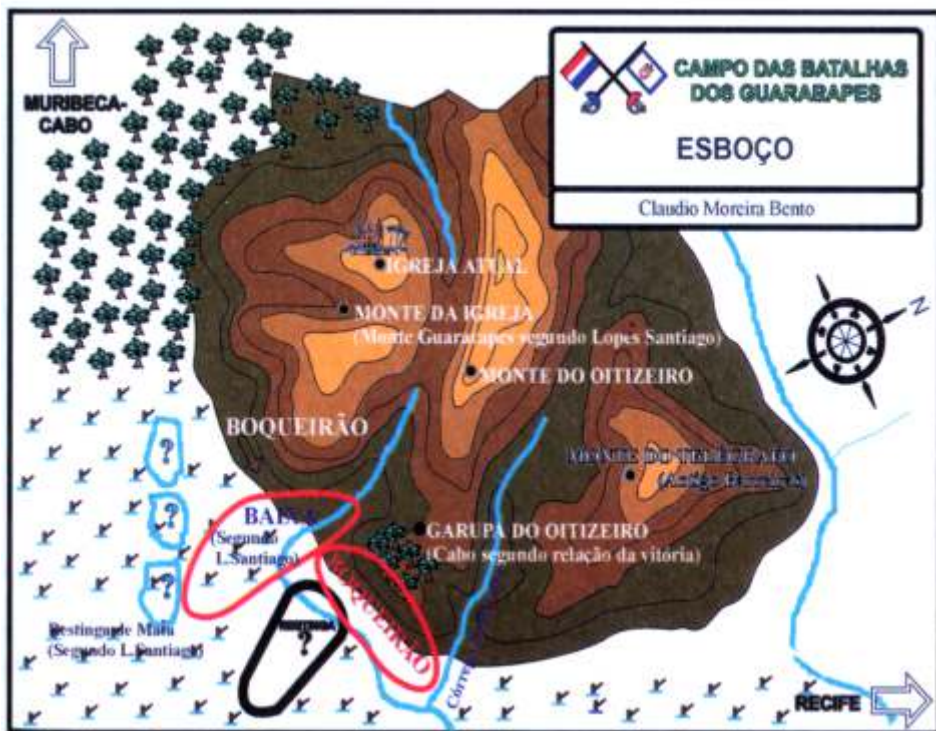
É, isto que, nas entrelinhas, o nobre historiador Cel Cláudio Moreira Bento nos passa na sua obra.

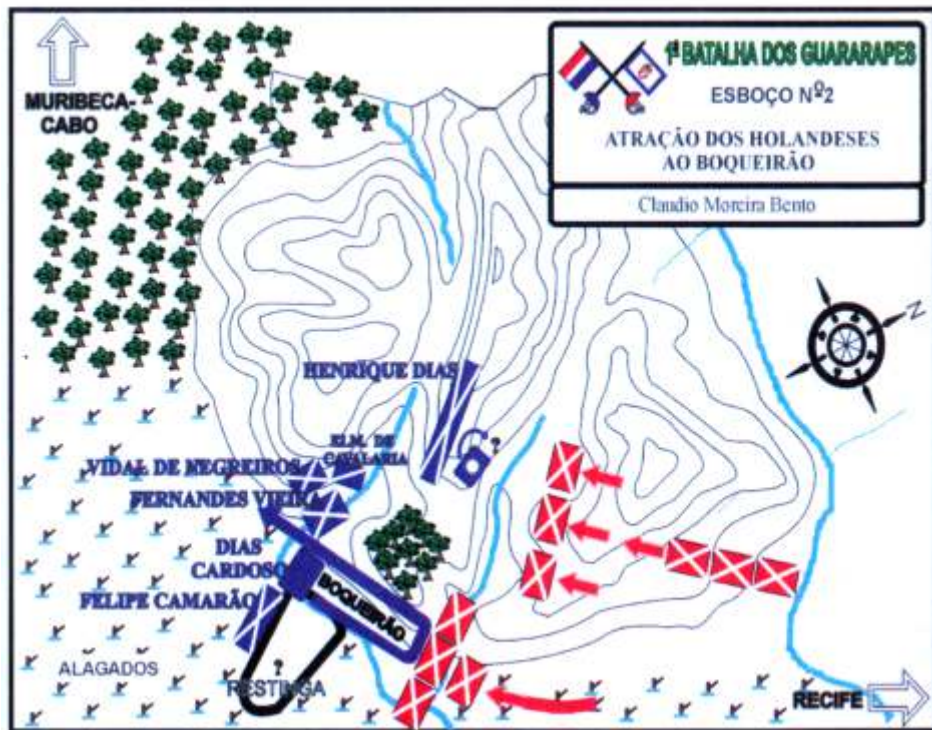
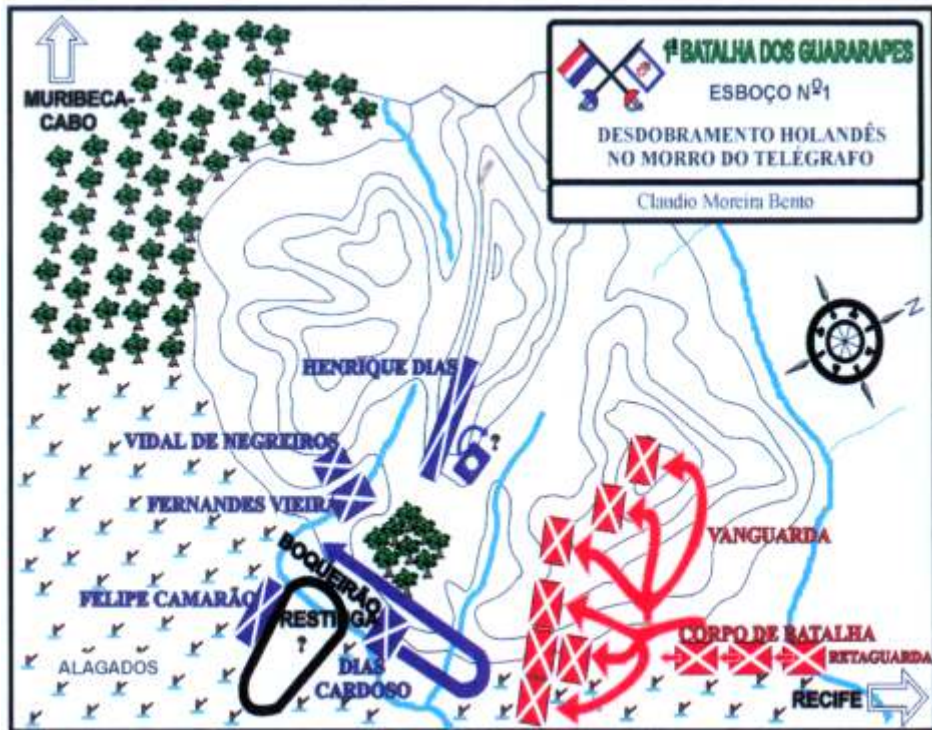
José Conrado de Souza

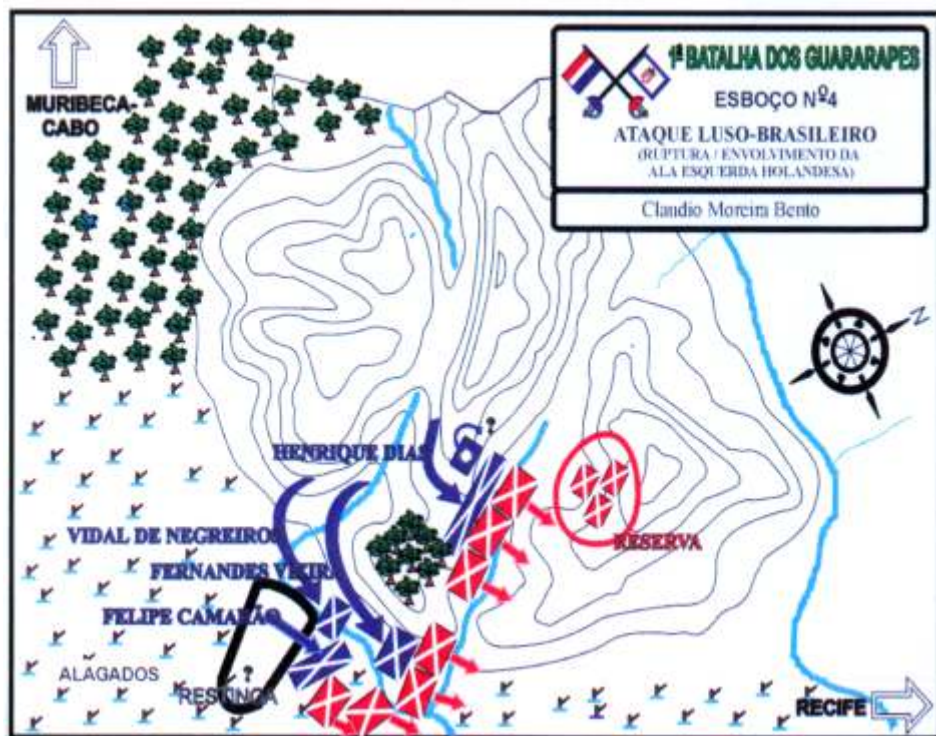
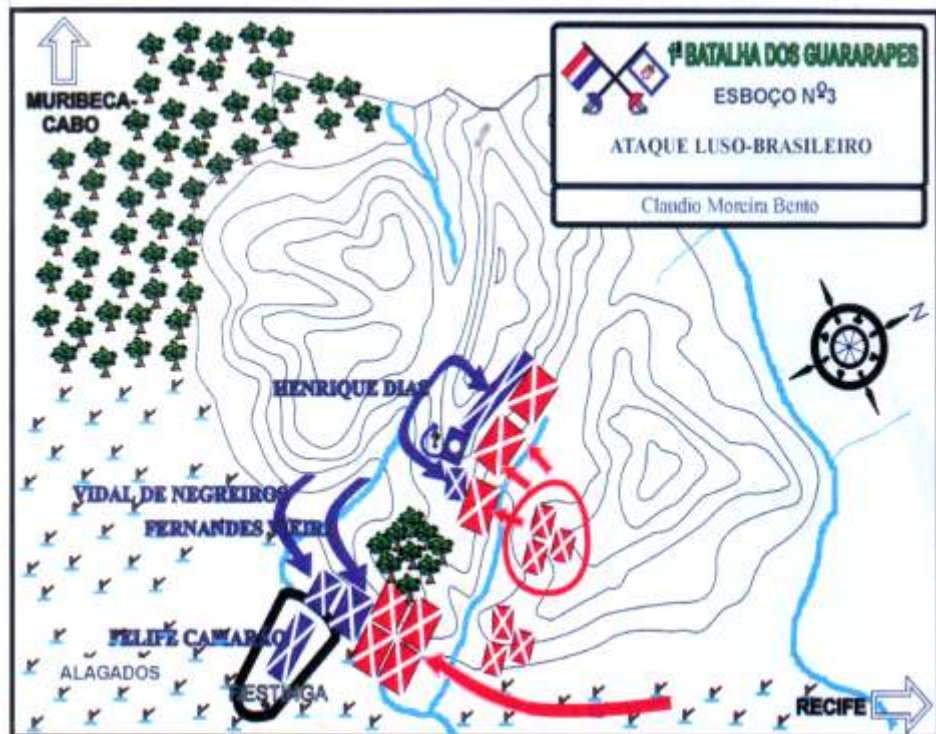
Ex-Combatente da FEB
Membro Emérito da AHIMTB

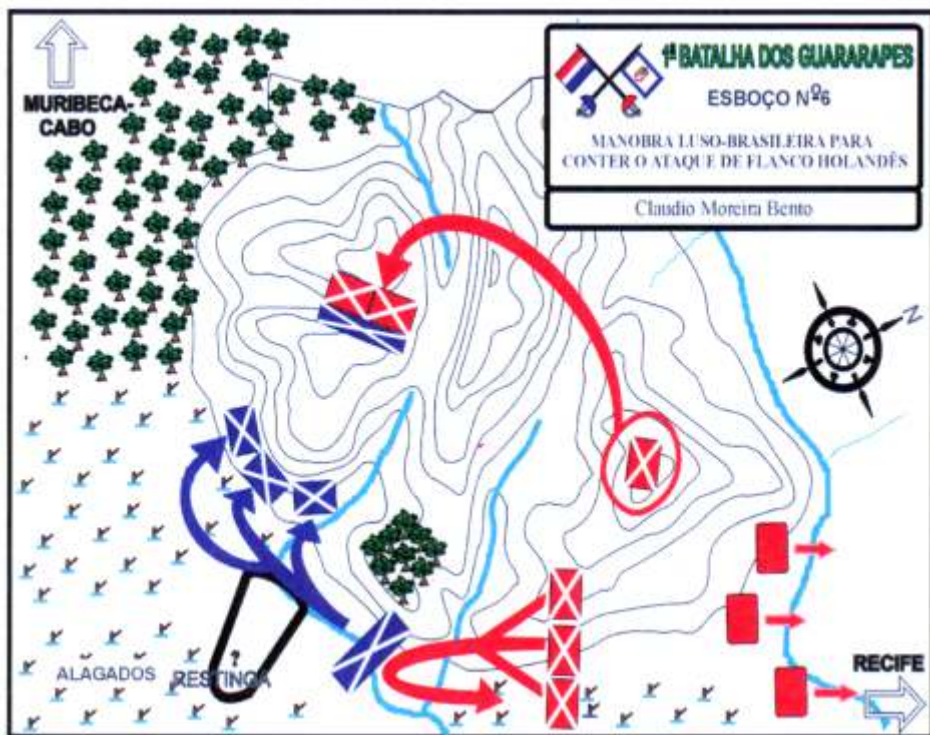
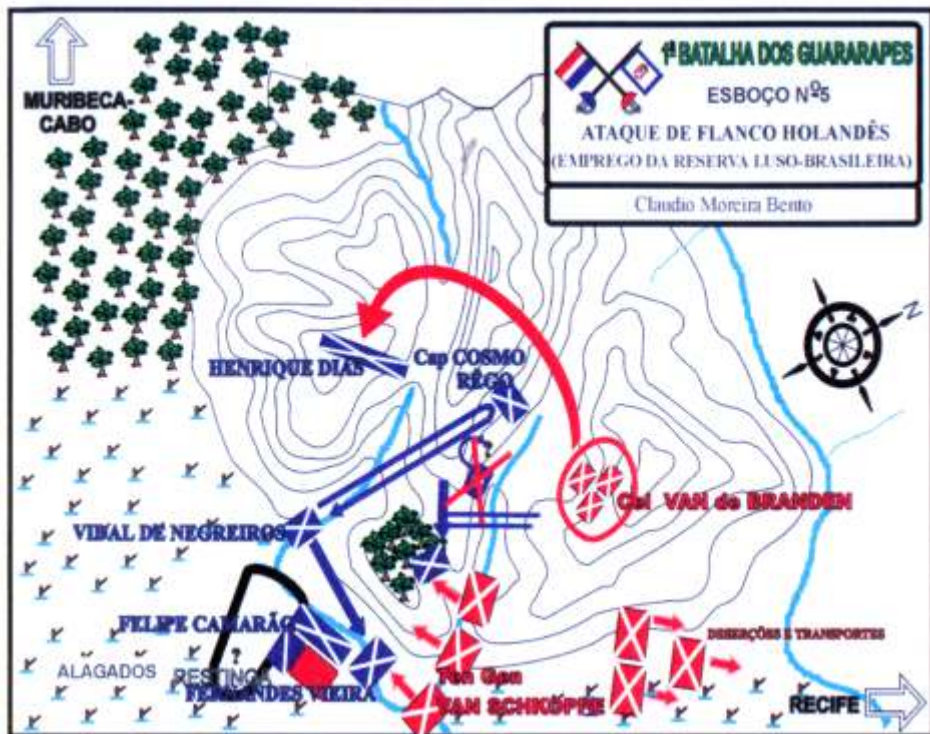


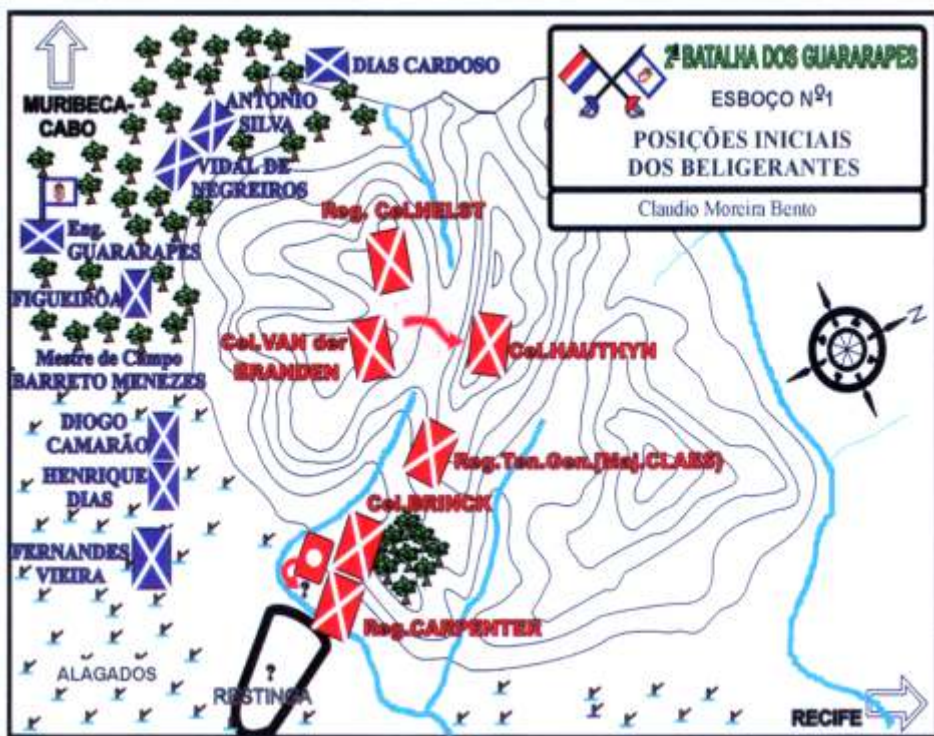
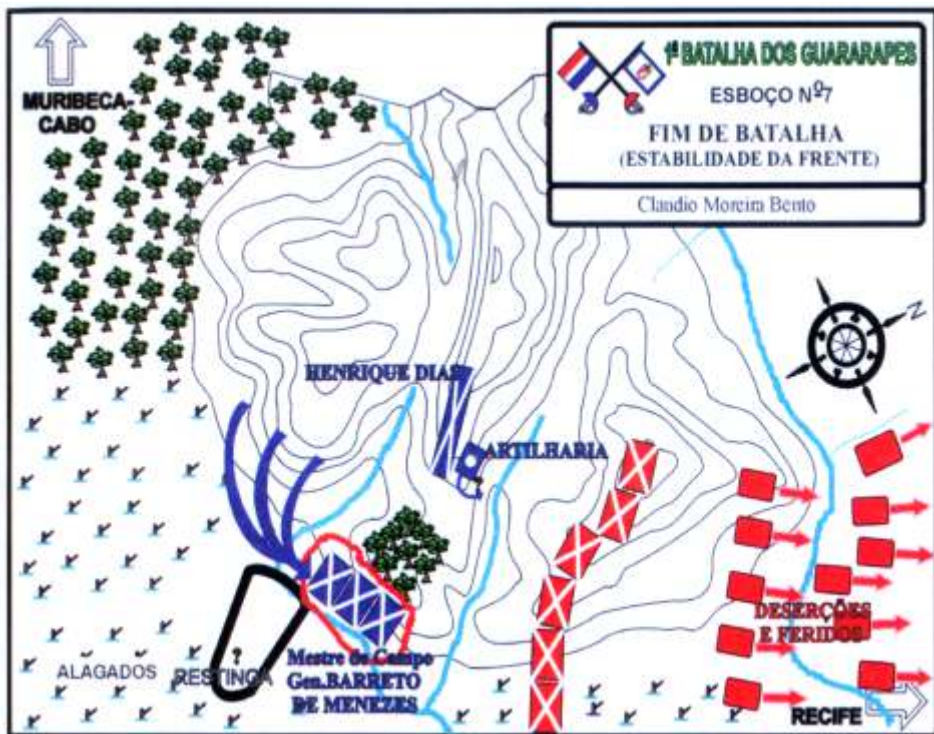
Monumento no Colégio Militar de Brasília em homenagem a Patriarcas do Exército Brasileiro, nas vitoriosas batalhas dos Guararapes, realizado pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, através de sua federada AHIMTB DF Marechal José Pessoa, sob a orientação de seu presidente e acadêmico e emérito Gen Div Arnaldo Serafim, com o patrocínio da FHE-POUPEX.

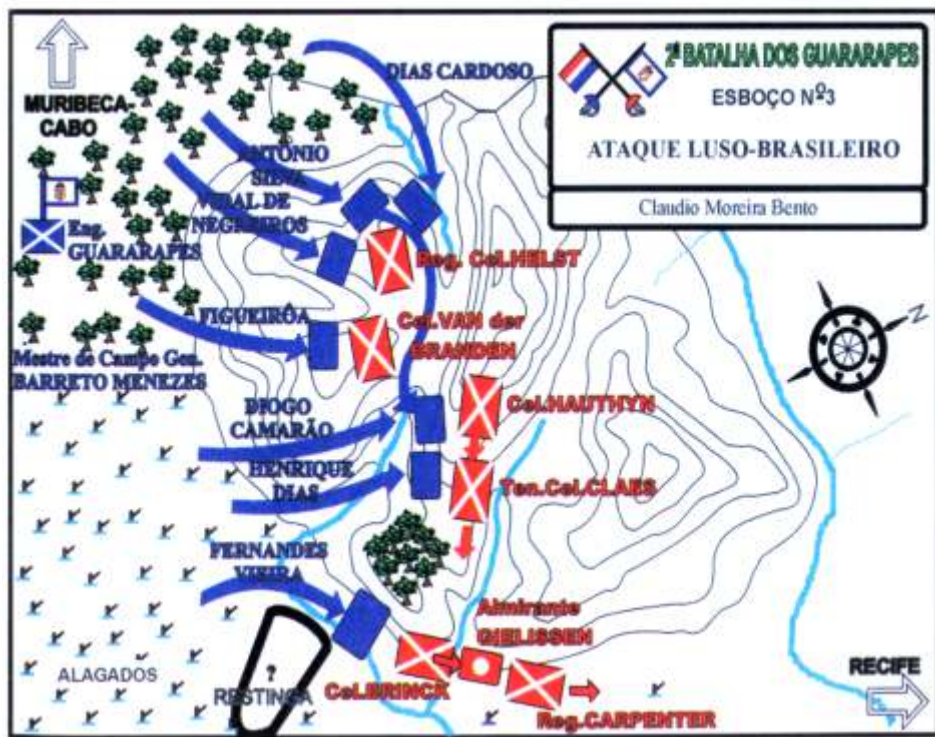


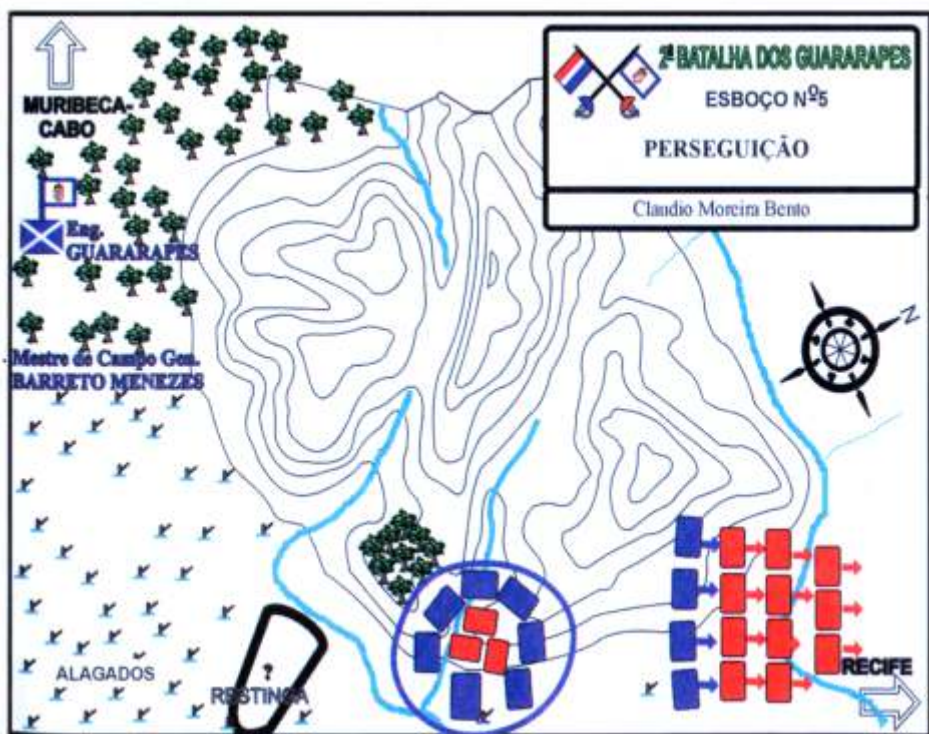
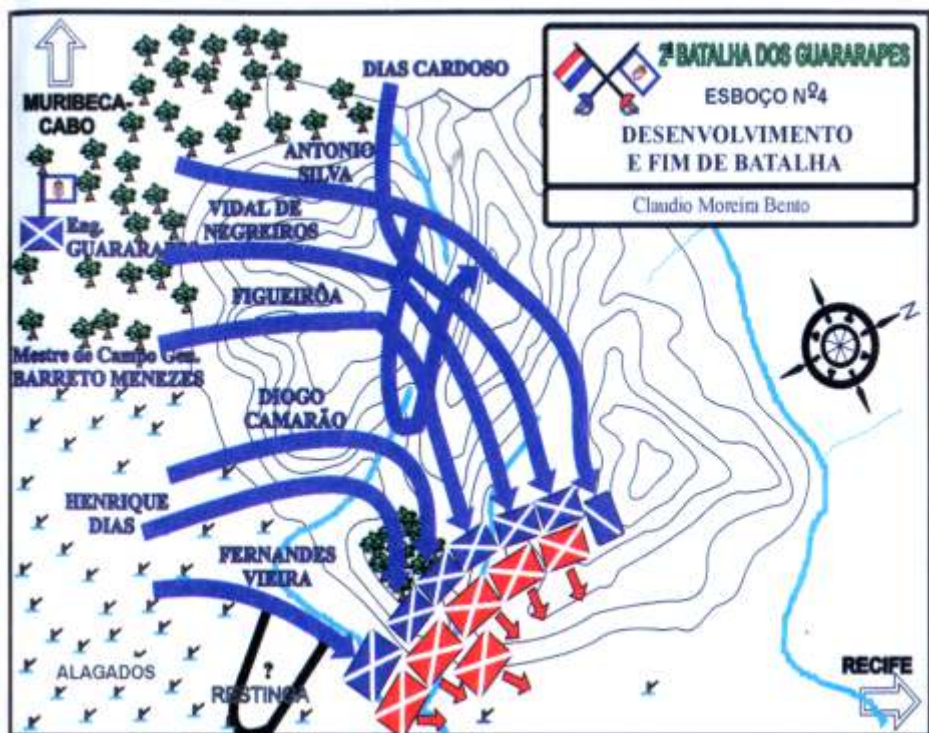




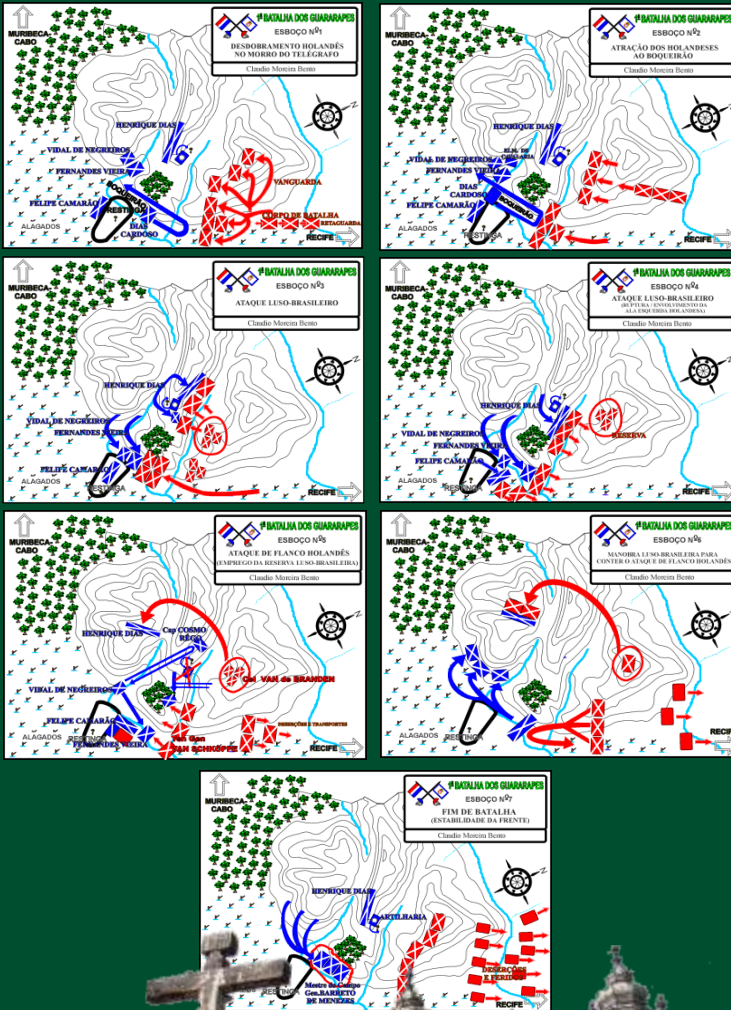








Dinâmica da Primeira Batalha



Os Patriarcas do Exército Brasileiro

ISBN: 978-85-63913-91-3